Orelha 8 cm

No Museu da Escola Catarinense encontramos materiais de escola sobretudo do início do século XX até os anos 70. O que se encontra em um museu gera um interesse que não se esgota na visualidade efêmera e isto não apenas do ponto de vista estético. Há outras implicações de natureza diversa: a informação e o conhecimento, os vínculos de subjetividade, inclusive identitários, que podem ser criados ou reativados, o exercício da imaginação. O que estes objetos nos dizem e de que forma nos dizem? Nos museus você pode encontrar coisas que serão capazes de trazer uma significação importante, em várias dimensões, para a sua própria existência. Funcionam como zonas de contato, espaços em que sujeitos que estavam separados no tempo e na geografia, por razões das mais variadas, têm a oportunidade de se encontrar.

PAINÉIS DE FORMATURA DO ACERVO DO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: **patrimônio histórico cultural do estado**

Relata o processo de preservação de um patrimônio histórico-cultural catarinense ligado à Educação e que se constitui em fonte de pesquisa, pois se tratam de materiais que não estão restritos aos suportes tradicionais de documentação histórica, mas estão repletos de histórias para contar. O problema central: apresentar um processo de documentação inicial de recuperação física dos painéis, indicando caminhos investigativos em aberto, a partir de uma pesquisa básica, bibliográfica e documental deste artefato da cultura material escolar. Os painéis de Formatura do acervo do Museu da Escola Catarinense constituem arquivos recentemente recuperados e salvaguardados que, como fontes, contribuirão para a História da Educação em Santa Catarina pois possuem capacidade de contribuir para configurar a cultura material escolar ao longo da primeira metade do século XX e, ao mesmo tempo, para descrever subjacentes lógicas institucionais.

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-8302-185-8
9 788583 021858

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE
MEC · UDESC

UDESC UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

PAINÉIS DE FORMATURA DO ACERVO DO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: patrimônio histórico cultural do estado

lombada 7 mm

PAINÉIS DE FORMATURA DO ACERVO DO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: **patrimônio histórico cultural do estado**

Sandra Makowiecky
Beatriz Goudard
Marli Henicka

EDITORA UDESC

Orelha 8 cm

Podemos alargar a experiência de vida e ver que o mundo pode ser compartilhado e apreendido com a biografia das coisas. O que nos dizem os painéis de formatura? Eles ressoam em nós. Por ressonância entende-se o poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocar em quem os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu. Se entendermos que os objetos possuem uma vida e uma "biografia", eles constroem sua identidade nesse percurso. O Museu é um espaço de fruição, é ainda lugar e oportunidade de devaneio, de sonhos, de evasão, do imaginário, que são funções psíquicas extremamente importantes para desenvolver capacidade crítica, reforçar e alimentar energias, projetar o futuro. Os painéis de formatura constituem arquivos em aberto, repletos de histórias para contar.

Orelha 8 cm

Sandra Makowiecky
Beatriz Goudard
Marli Henicka

PAINÉIS DE FORMATURA DO ACERVO DO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: **patrimônio histórico cultural do estado**

Florianópolis
2019

EDITORA UDESC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
REITOR Marcus Tomasi
VICE-REITOR Leandro Zvirtes
PRÓ REITOR DE ADMINISTRAÇÃO Matheus Fidelis
PRÓ-REITORA DE ENSINO Soraia Cristina Tonon Da Luz
PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO, CULTURA E COMUNIDADE Fábio Napoleão
PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO Antônio Carlos Vargas Sant`Anna
PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO Márcio Metzner
COORDENADORA DA EDITORA UNIVERSITÁRIA Márcia Silveira Kroeff
COORDENADORA DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA Luiza Kleinubing
COORDENADORA DO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE Sandra Makowiecky
AUTORAS Sandra Makowiecky, Beatriz Goudard, Marli Henicka

Este Trabalho recebeu apoio financeiro da UDESC.
Equipe: Sandra Makowiecky, Beatriz Goudard, Cassiano Reinaldin,
Cristina Roschel Pires, Patricia Anselmo dos Santos Lisowski, Marli Henicka
Fotografias: Acervo MESC e Carlos Pontalti (reprodução dos painéis)

Sandra Makowiecky
Beatriz Goudard
Marli Henicka

PAINÉIS DE FORMATURA DO ACERVO DO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: **patrimônio histórico cultural do estado**

EDITORA UDESC – CONSELHO EDITORIAL
EDITORA UDESC: Marcia Silveira Kroeff (presidente); CEPLAN: Nilson Ribeiro Modro (titular) e Delcio Pereira (suplente); CAV: Veraldo Liesenberg (titular) e Everton Skoronski (suplente); CCT: Janine Kniess (titular) e Ana Borges de Azevedo (suplente); CEART: Monique Vandresen (titular) e Edelcio Mostaço (suplente); CEAD: Roselaine Ripa (titular) e Soeli Francisca Mazzini Monte Blanco (suplente); CEAVI: Renan Thiago Campestrini (titular) e Dayane Dornelles (suplente); CEO: Rosana Amora Ascari (titular) e Cleuzir da Luz (suplente); CERES: Giovanni Lemos de Mello (titular) e Pedro Volkmer de Castilho (suplente); CESFI: Alexandre Magno de Paula Dias (titular) e Maria Ester Menegasso (suplente); ESAG: Rafael Tezza (titular) e Fabiano Maury Raupp (suplente); FAED: Silvia Maria Favero Arend (titular) e Divino Ignacio Ribeiro Junior (suplente); CEFID: Fernanda Simões Vieira Guimarães Torres (titular) e Sandroval Francisco Torres (suplente).

EDITORA UDESC

P147 Painéis de formatura do acervo do Museu da Escola Catarinense: patrimônio histórico cultural do Estado / Beatriz Goudard, Marli Henicka, Sandra Makowiecky. - Florianópolis: UDESC, 2019.
376 p. : il.

ISBN: 978-85-8302-185-8

1. Patrimônio histórico e artístico. 2. Patrimônio cultural. 3. Patrimônio histórico. I.Goudard, Beatriz. II. Henicka, Marli. III. Makowiecky, Sandra.

CDD: 341.349 - 20. ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Alice de A. B. Vazquez CRB 14/865
Biblioteca Central da UDESC

© das fotografias: fizeram-se todos os esforços possíveis para identificar e reconhecer os autores das reproduções. Qualquer erro ou omissão, será revisto em reedição futura. © dos textos: seus autores. Os textos dos artigos refletem a opinião dos seus autores e não são necessariamente compartilhadas pelos/as artistas.

A reprodução de imagens de obras nesta publicação tem o caráter pedagógico e científico amparado pelos limites do direito de autor no art. 46 da Lei no 9610/1998, entre elas as previstas no inciso III (a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra), sendo toda reprodução realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.

SUMÁRIO

009 INTRODUÇÃO

012 CAPÍTULO 1
Contexto e importância das Academias do Comércio no desenvolvimento econômico e social brasileiro

020 CAPÍTULO 2
Painéis de Formatura: registros da história e memória

026 CAPÍTULO 3
Painéis de Formatura do acervo do Museu da Escola Catarinense: patrimônio histórico cultural do Estado

034 3.1 – Escola de Comércio de Santa Catarina, Peritos Contadores de 1938

040 3.2 – Escola de Comércio de Santa Catarina (Instituto Livre), Contadores de 1939

048 3.3 – Escola de Comércio de Santa Catarina (Instituto Livre), Contadores de 1940

058 3.4 – Escola de Comércio de Santa Catarina (Instituto Livre), Contadores de 1941

070 3.5 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1942

084 3.6 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores, 1943

096 3.7 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1944

108 3.8 – Administração e Finanças, Bacharéis em Ciências Econômicas, 1945

118 3.9 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1945

140 3.10 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadorandos de 1946

154 3.11 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1947

168 3.12 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Técnicos em Contabilidade de 1949

180 3.13 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadorandos de 1950

198 CAPÍTULO 4
O Livro de Registro de diplomas e a facilitação ao processo de identificação de nomes que fizeram a história do Estado de Santa Catarina

222 CAPÍTULO 5
Uma breve descrição do processo de recuperação dos Painéis de Formatura da Academia de Comércio

254 CAPÍTULO 6
Os símbolos utilizados nos Painéis de Formatura da Academia de Comércio de Santa Catarina, como elemento essencial no processo de comunicação

270 CAPÍTULO 7
Painéis de Formatura: riqueza e variedade, repetição e diferença – um registro fotográfico

298 CAPÍTULO 8
Painéis de Formatura: outras possibilidades de leitura

8.1 – Os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus (1922 -1929): contribuições para o estudo da História da Educação em Santa Catarina, por Nelson Maurílio Coelho Junior e Maria Teresa Cunha

8.2 – O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura, por Nelson Maurílio Coelho Junior

8.3 – Coleção quadros de formatura do museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA): um estudo pelo processo da documentação para acervos museológicos, por Sandra Regina Coelho da Rosa e Rosangela Marques de Britto

8.4 – Ancorando quadros de formatura na história institucional, por Flavia Obino Corrêa Werle

8.5 – Jornal O Acadêmico, Centro Acadêmico José Boiteux, da Academia de Comércio de Santa Catarina, Ano I, n. 2, de 28 de setembro de 1945, capa; e Edição n. 4, de 13 de dezembro de 1945, páginas 2, 7 e 8.

381 BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Painéis de Formatura do Acervo do Museu da Escola Catarinense: patrimônio histórico cultural do Estado

O Museu da Escola Catarinense – MESC – (criado em 1992) está localizado em edifício que foi construído para abrigar a Escola Normal Catharinense (1892-1926), em Florianópolis. Trata-se de um edifício tombado como Patrimônio Histórico e um monumento que permeia a história da Educação em Santa Catarina. O MESC tem como objetivo principal sua consolidação como espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à Educação. Integra oficialmente os Sistemas Nacional e Estadual de Museus e possui inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Apresenta salas de exposição de caráter permanente, todas de conteúdo didático e pedagógico, com acervo de móveis, livros, brinquedos. Nas paredes é possível vislumbrarmos uma tradição perdida com os anos: os quadros/painéis de formatura. No século passado era costume que cada turma ao se formar deixasse de recordação para a instituição, um quadro com fotografias dos alunos, mestres e homenageados.

Este livro tem o objetivo de relatar o processo de preservação de um patrimônio histórico cultural catarinense ligado à Educação e que se constitui em fonte de pesquisa, pois, mesmo se tratando de materiais que não estão restritos aos suportes tradicionais de documentação histórica, estão repletos de histórias para contar. O problema central: apresentar um processo de documentação inicial de recuperação física dos painéis, indicando caminhos investigativos em aberto, a partir de uma pesquisa básica, bibliográfica e documental deste artefato da cultura material escolar. Os Painéis de Formatura do acervo do Museu da Escola Catarinense constituem arquivos recentemente recuperados e salvaguardados que, como fontes, contribuirão para a História da Educação em Santa Catarina pois possuem capacidade de contribuir para configurar a cultura material escolar ao longo da primeira metade do século XX e, ao mesmo tempo, para descrever subjacentes lógicas institucionais.

Como problemática, entendemos que a História das Instituições Escolares, baseada em Werle (2004)[1], é uma representação da escola expressa sob a forma de síntese narrativa construída a partir da análise de documentos. As fontes para a realização da

1 WERLE, Flavia Obino Corrêa. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, José Claudinei, NASCIMENTO, Maria Isabel (org.). Fontes, história e historiografia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 13-35.

história de instituições escolares são de variados tipos, registros que podem ser utilizados como indícios de tal história. A história institucional da Academia do Comércio pode ser analisada a partir dos quadros que agrupam fotografias de várias pessoas que marcaram, em conjunto, a vida da escola. Os quadros de formatura e as fotografias dos formandos são representações de momentos da história institucional e como documentos que atestam seu projeto formativo: a conclusão do curso em sua solenidade de formatura.

Como hipótese, podemos dizer que os quadros de formatura são polissêmicos e ambíguos e indicam sentidos que os mesmos podem tomar frente às instituições escolares, procedendo à contextualização da imagem, atribuição e detalhamento de significados e que mesmo sendo considerados como fontes acessórias, possuem capacidade de contribuir para configurar a cultura e descrever subjacentes lógicas institucionais.

Dentro desse contexto apresenta-se um breve histórico da Academia do Comércio e dos Painéis de Formatura. São abordados aspectos relevantes destes painéis e sua utilização nas décadas de 40 e 50 e os símbolos que os compõe, bem como informações importantes dentro do panorama histórico das personalidades catarinenses que configuram os formandos destes painéis. Também é apresentado o processo utilizado para recuperação dos painéis, com um arquivo fotográfico significativo com imagens de como estavam e como se encontram atualmente.

Incluímos no livro, um acervo imagético significativo de quadros de formatura da Universidade Federal de Viçosa, para evidenciar a riqueza imaginativa e criadora na elaboração destes painéis. Inclui-se material de jornais encontrados na hemeroteca da Biblioteca Pública de Santa Catarina, a respeito da Academia de Comércio.

Além disso, são apresentados quatro textos, resultados de pesquisas já publicadas sobre painéis de formatura, visando dar conhecimento à outras leituras e pesquisas nesse ramo de conhecimento e ampliando o acesso ao tema. De igual modo, pretende-se estimular futuras pesquisas. A socialização dos demais trabalhos, que serão inseridos em fac-símile, com suas fontes devidamente registradas e todas autorizadas tanto por seus autores/as, bem como pelos respectivos periódicos onde foram originalmente publicados, é uma das principais maneiras de fomentar novos estudos e aprimoramentos.

Por fim, cabe ressaltar o exaustivo, minucioso e primoroso trabalho executado por Cassiano Reinaldin, quando, painel por painel, ajudou a recompor a localização das fotos, descobrir nomes, identificar rostos, comparar as assinaturas dos formandos nos painéis com as assinaturas no Livro 1 de Registro de Diplomas. Um trabalho que consumiu muito tempo e que exigiu muita atenção. Acreditamos ainda que com a divulgação do livro, possamos reconstruir partes faltantes ou mesmo corrigir algum equívoco. Fizemos o que estava ao nosso alcance no momento.

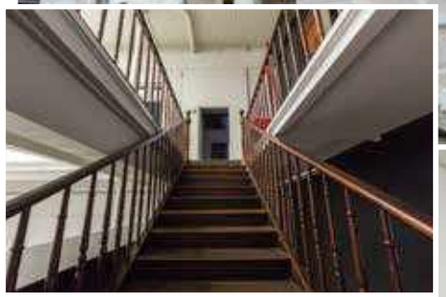


Figura 1 – Fachada externa frontal do MESC. Foto de 2013. Acervo Mesc.

Figura 2 – Escadaria interna do MESC. Foto de 2014. Acervo Mesc.

Figura 3 – Visão geral do hall interno do MESC. 2014. Acervo do Mesc.

Figura 1 – Em primeiro plano, Academia do Comércio, e aos fundos, o atual Museu da Escola Catarinense. Acervo MESC.

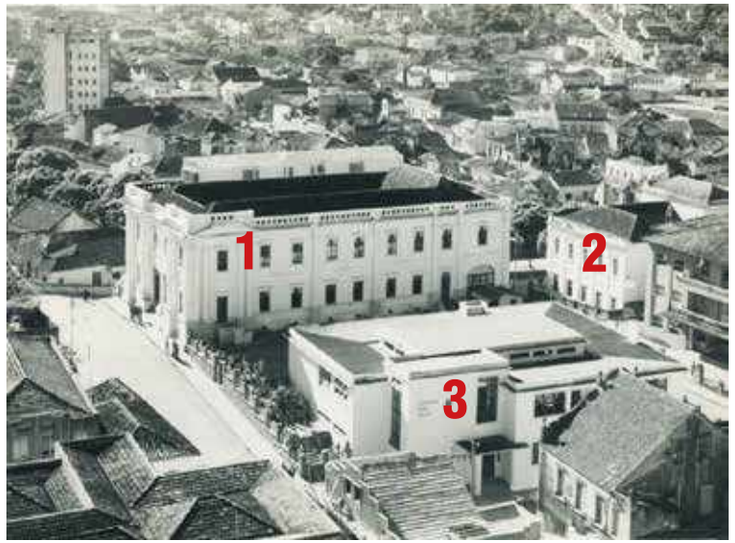


Figura 2 – Em fotografia de 1950, os vizinhos prédios do atual MESC (1), Academia de Comécio de Florianópolis (2) e Escola Antonieta de Barros (3). Acervo MESC.

CAPÍTULO 1

Contexto e importância das Academias do Comércio no desenvolvimento econômico e social brasileiro

O desenvolvimento econômico e social brasileiro foi impulsionado a partir de 1889 com a implantação da República e a consequente queda da monarquia, onde a produção industrial passa a ter maior importância, frente aos latifúndios e monoculturas até então amplamente explorados. Com o advento do regime presidencialista a política econômica acaba sendo dominada pelas oligarquias e o capital fica concentrado nas mãos da burguesia, em especial, nos produtores de café, que passam a investir nos diferentes setores, inclusive na formação de pessoal. Nesse contexto, acabam surgindo as academias do comércio, sendo que a primeira a ser implantada ocorreu na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, tendo iniciado suas atividades em 1891.

A fim de explicitar um pouco do contexto histórico das academias de comércio abordam-se os estudo realizados por Romanowsky e Pinto (2014) para os quais as Aulas de Comércio, como eram chamadas, tiveram início com a vinda da Família Real Portuguesa e visavam a formação dos "guarda-livros". Com diversas normativas e regulamentos institucionalizados pelo Governo, as Aulas de Comércio foram sendo reformadas, pois tinham grande importância já que formavam profissionais para atuar nos registros de transações comerciais que estavam se intensificando. Em 1856 foi criado o Instituto Comercial do Rio de Janeiro que tinha como objetivo qualificar seus alunos para a prática do registro contábil e que, por falta de interessados, precisou ser reestruturado. Posteriormente, em 1863, a duração dos cursos que era de dois anos passou a ter quatro anos, adequando-se a outros cursos de nível superior, sendo que a escrituração mercantil passou a ser uma disciplina que qualificava os alunos para a prática do registro contábil. O ensino comercial se intensificou, inclusive com a participação de instituições privadas. Nesse contexto, teve importância também a instituição do Código Comercial Brasileiro, caracterizado como uma das primeiras manifestações da legislação que obrigava a escrituração mercantil e a elaboração anual das demonstrações do Balanço Geral. O Código Comercial Brasileiro não normatizou os procedimentos contábeis, mas determinou que as empresas deveriam seguir uma ordem uniforme de Contabilidade e Escrituração e ter os livros para esse fim necessário. (SCHMIDT apud Romanowsky, 2014). Como bem destaca o autor, com isso, as primeiras associações foram surgindo e em 18 de fevereiro de 1870, o Decreto Imperial nº 4.475 aprova os Estatutos da Associação dos

Guarda-Livros estabelecida na Corte. Ainda neste estudo, o autor afirma que um segundo impulso, já no século XX, foi a criação de escolas de comércio. A primeira academia de comércio foi criada em 1891, em Juiz de Fora, Minas Gerais e ministrava dois cursos, um preparatório e um curso de nível superior, no entanto a primeira legislação regularizando estas escolas só ocorreu em 1902. Na sequência dos seus estudos, Romanowsky e Pinto (2014) apresentam que em 1905 foi criado um curso regular com o propósito de oficializar a profissão contábil, adotando o modelo europeu de contabilidade, notadamente o italiano e o alemão, tendo se destacado nessa formação a Escola de Comércio de São Paulo (posteriormente denominada Escola Álvares Penteado, hoje, Faculdade de Ciências Econômicas) e a Academia do Comércio do Rio de Janeiro e, portanto, sendo estas consideradas as primeiras escolas oficiais de contabilistas do Brasil.

Em Santa Catarina o movimento da sociedade para a instalação de um curso que preparasse profissionais para exercerem a função de "guarda-livros" ocorreu em 1917, com a fundação do Instituto Polytechnico de Florianópolis, assim tal qual aconteceu no cenário nacional, a implantação da Academia do Comércio de Florianópolis também visava a formação específica de seus estudantes e surgiram num período de modernização do ensino e da cidade propriamente dito, conforme exposto a seguir.

Petry (2013), Faria, Santos e Valle (2014), Sanson e Nicolau (2006), e Vieira (1986) descrevem a história que reproduzimos sinteticamente. Em Florianópolis, as primeiras tentativas de criar um estabelecimento de nível superior datam do início do século XX. No governo de Vidal Ramos o ensino público catarinense foi reestruturado e, nesta campanha de reforma pedagógica, a Escola Normal foi o primeiro estabelecimento de ensino a ser reformulado. Até então as unidades escolares mais destacadas em Florianópolis eram o Colégio Coração de Jesus, o Ginásio Catarinense, a Escola Normal e o liceu de Artes e Ofícios. Após completar o curso ginasial, os alunos não tinham perspectivas de continuidade nos estudos dentro da capital, ingressando então nas atividades profissionais, ou, poucos, que se dirigiam a centros maiores, dedicavam-se a algum curso superior. Enfatizando essa afirmativa temos o que destaca Vieira apud Amorim (1999) quando esta cita que:

> *Naquela época as alternativas para continuidade dos estudos da mocidade eram muito limitadas. Fazer um curso superior fora de Florianópolis era de natureza elitista; somente quem tivesse condições financeiras ou quem arranjasse uma colocação para financiar seus estudos poderia fazê-lo. O percentual de jovens formados no Colégio Catarinense que iam estudar fora também era reduzido. Na sua maioria, ao terminar o ginásio, submetiam-se a concurso para uma repartição estadual, parando aí seus estudos* (AMORIM, 1999, p. 25).

Desta carência educacional surgiu a intenção de implantar um estabelecimento de ensino superior na capital. Foi então criado o Instituto Politécnico, a princípio sem sede própria, funcionando num sobrado alugado situado à rua João Pinto, nº 411, de propriedade do Liceu de Artes e Ofícios. "O Instituto Politécnico de Florianópolis foi a primeira instituição de ensino superior do Estado de Santa Catarina, sua fundação data de 13 de março de 1917, sob a liderança de José Arthur Boiteux"[1], considerado o patriarca do ensino superior no Estado, e era uma instituição privada que dependia, em parte, de subsídio público. "Durante sua existência ofereceu diversos cursos, dentre eles, os de Odontologia, Farmácia, Engenharia (Geologia), Veterinária, Botânica, Agrimensura e Topografia".[2] "Desde o início oferecia também cursos de técnicas comerciais: o preparatório, com dois anos, e o de especialização, com três anos" (VIEIRA, 1986, p. 51). Infelizmente, esses cursos não atraíram estudantes dos melhores colégios, em geral filhos das famílias mais ricas, que preferiam uma formação que os levasse às áreas tradicionais, tais como Direito, Medicina e Engenharia, na época só era possível fora do Estado. A demanda foi fraca também por parte dos estudantes de menor renda ou que trabalhavam, apesar de os cursos serem noturnos. O Instituto Politécnico era submetido à fiscalização federal e estadual.

Figura 3 – Prédio da Antiga Academia de Comércio é atualmente a sede da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC). Acervo MESC.

1 CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS (Florianópolis). Universidade Federal de Santa Catarina. Histórico. [201-]. Disponível em: http://ccj.ufsc.br/historico/. Acesso em: 30 jul. 2019.
2 Idem, op.cit.

Para Rosa apud Amorim (1999) a importância do Instituto Polytechnico no contexto sociocultural do Estado e, em particular da capital, foi bastante acentuada. A comunidade catarinense encontrou no Instituto um polo de convergência intelectual, oferecendo novas perspectivas educacionais e de preparação profissional para os seus jovens, principalmente para aqueles cujos recursos financeiros não permitiriam um deslocamento até um centro mais adiantado, para frequentar um curso superior.

Até 1922, a diretoria do Instituto dedicou-se à implantação de diversos cursos e à instalação das unidades pedagógicas necessárias. Neste período o governador Hercílio Luz cedeu a área de terra para a construção do prédio próprio do Instituto. Foi aberta concorrência para confecção da planta, feito o orçamento do novo edifício e lançada a sua pedra fundamental, acontecimento solene ocorrido no dia da comemoração do centenário da independência do Brasil.

Em 1923 o Instituto Politécnico foi reconhecido como de utilidade pública, por meio de decreto federal. O governo liberou verba para a construção do seu prédio em um terreno situado na avenida Hercílio Luz, antiga avenida do saneamento, entre as ruas Nunes Machado e General Bittencourt. Além do auxílio financeiro dos governos Federal e Estadual, o Ministério da Agricultura, banqueiros, industriais e comerciantes catarinenses doaram diversos materiais para a construção do prédio, num terreno de 720m², com uma área edificada de 682m², o que constituía na época, depois do prédio da Escola Normal, o maior prédio da cidade de Florianópolis.

A importância da Academia do Comércio era tamanha para a cidade, que a construção do edifício se destacou no cenário imobiliário. Segundo MULLER, 2002, naquela época Florianópolis passava por um forte processo de modernização e embelezamento e buscava-se uma modernidade com reformas urbanas contundentes. A Avenida Hercílio Luz era um marco dessa etapa da história da cidade. Todas as margens da avenida ficaram reservadas para a construção de prédios que contribuíssem para a nova imagem que a cidade queria apresentar. Houve uma série de desapropriações ao longo da avenida, que tornaram possíveis a construção de importantes edifícios, como o da Escola Normal (atual Museu da Escola Catarinense) e o do Instituto Politécnico, que abrigava a Academia de Comércio.

A transferência dos alunos para seu prédio definitivo ocorreu entre 1924 e 1925. Em 1926, 1928 e 1929 surgiram novas questões sobre a condução das obras do prédio, referindo-se às instalações de água, luz, esgoto, pintura e acabamentos, o que dificulta datar a sua exata conclusão. "Os cursos de técnicas comerciais do Instituto, segundo as evidências disponíveis, formaram a última turma em 1930, tendo sido a primeira das quatro áreas a fechar" (VIEIRA, 1986, p. 62). Com a morte de Boiteux, em 1934, o instituto encerrou suas atividades no ano seguinte, e em 1935, foi extinto o Instituto Politécnico. Ao encerrar seus últimos cursos, o Instituto tecnológico foi absorvido pela Escola Prática de Comércio em meados de 1934-35. O prédio passou a abrigar a Escola do Comércio de Santa Catarina, subordinada ao então Departamento de Educação. A Instituição foi criada pelo Decreto Estadual nº 782 de 5 de abril de 1935 que previu a adoção do Instituto Politécnico pelo Estado, tendo este ficado com a incumbência de manter o curso de Comércio. Pode-se dizer então, que originalmente criada sob o nome de Escola de Comércio de Santa Catarina, a Academia do Comércio de Santa Catarina, sucessora do Instituto Polytechnico de Florianópolis, foi a pioneira do ensino comercial em Santa Catarina.

De acordo com Amorim (1999) o primeiro diretor da Academia do Comércio foi o professor Mário Roberto Bott. Foram também diretores, os professores Fernando Machado Vieira, Flávio Ferrari e Jorge José de Souza. Destacam-se com professores fundadores da Academia: Eduardo Silva, Elpídio Barbosa, Flávio Ferrari, Jorge José de Souza, Manoel Boaventura Feijó, Orlando Brasil, Rita da Costa Ávila Malheiros, Sylvia Amélia Carneiro da Cunha, Vilmar Orlando Dias e Vitor Lima.

Mesmo tendo sido criada por força de Decreto Estadual, em 1935, a Academia de Comércio, a partir de 1938, retornou à condição de sociedade civil sem fins lucrativos. Foi por iniciativa de professores do Instituto Tecnológico que surgiu a Faculdade de Direito de Santa Catarina, cujo funcionamento começou em 1932. Essa faculdade, no entanto, teve suas primeiras aulas em outro prédio do centro da cidade, junto à Praça XV. E ali, no primeiro dia letivo do novo curso, foi proferida pelo Prof. Henrique da Silva Fontes a primeira aula catarinense de Economia em nível superior. A disciplina era Economia Política e Ciências das Finanças. Desta forma, o Instituto Politécnico foi a primeira instituição universitária do Estado, precursora da Faculdade de Direito (1932), que, foi a semente da UFSC, no final da década de 1950. Em 18/12/1960, foi uma das faculdades fundadoras da Universidade de Santa Catarina, atual UFSC (Lei n° 3.849/60), de onde saiu também, o Curso de Economia. Muitos dos alunos que fizeram curso superior na Academia de Comércio, também continuaram seus estudos na UFSC, em especial em Direito.

Esse curso era ainda do tipo misto, mas surgiu na época em que se discutia, no Brasil, a separação entre Economia e Contabilidade. A reforma de 1945 as separou[1]. Isso transformou o Curso Superior – que estava em processo de reconhecimento oficial junto ao Ministério da Educação – no Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de

1 Em 1931, o decreto 20 158 organizou o ensino comercial e regulamentou a profissão contábil. Em 1940, o decreto 2 627 constituiu-se na primeira Lei das Sociedades por Ações do país. Em 1945, a profissão contábil foi considerada carreira universitária. Em 1946, foram criados o Conselho Federal de Contabilidade e os conselhos regionais de contabilidade. No mesmo ano, com a criação da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, a escola estadunidense de contabilidade foi introduzida no país (HISTÓRIA DA CONTABILIDADE NO BRASIL, 2019).

Ciências Econômicas. O Curso Superior de Administração e Finanças, que concedia o diploma de Bacharel em Ciências Econômicas, foi criado em Florianópolis pela Academia de Comércio no mês de agosto de 1942 e começou a funcionar no início do ano letivo de 1943, com uma turma de cinco alunos. Era uma instituição mantida por uma associação, mas sustentada pelo governo, que financiava as bolsas de estudos dos alunos. A Portaria nº 512 de 11/12/1945 (do Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação) alterou sua denominação para Curso de Ciências Econômicas. O curso recebeu reconhecimento oficial pelo Decreto Federal 37.994/55. Seu corpo docente foi inicialmente formado por alguns professores catedráticos da Academia de Comércio. Foram também expedidos convites a professores da Faculdade de Direito de Santa Catarina para regência de outras cadeiras. A Academia de Comércio de Santa Catarina era mantida basicamente por subvenções do governo do Estado e por taxas de matrícula e mensalidades dos alunos. A Academia enfrentou problemas financeiros para manter o novo curso, que só não foi interrompido em 1950 porque professores concordaram em lecionar gratuitamente naquele ano.

Nos anos seguintes, o orçamento da Academia voltou a equilibrar-se, principalmente a partir de 1954, quando o professor Elpídio Barbosa, nome de projeção junto ao governo estadual, assumiu a direção da Faculdade. A partir de 1958, a Faculdade passou a receber subvenção federal e em 1959 obteve do governo do Estado dez apólices inalienáveis no valor de 10 milhões de cruzeiros, que lhe renderiam juros de 5% a.a. O governo estadual também lhe cedeu para uso o prédio da Travessa Ratcliff, no centro de Florianópolis. Nesse mesmo ano, a partir de 09 de dezembro, com as novas fontes de recursos e o novo prédio, a Faculdade de Ciências Econômicas tornou-se independente da Academia de Comércio.

A Academia de Comércio de Santa Catarina funcionou no prédio até a década de 1990, quando foi extinta. Convém destacar que o prédio onde a Academia do Comércio atuava foi tombado pelo Decreto nº 1291, de 29/10/1996, em função de sua importância cultural.

Em 2010, foram inauguradas as obras de restauração da edificação, em um ato onde foi sancionada a lei que autoriza a cessão e o uso do imóvel pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras, duas instituições também fundadas por José Arthur Boiteux, sendo que o prédio recebeu a denominação de Casa José A. Boiteux, em merecido reconhecimento. José A. Boiteux, nascido em Tijucas, em 1865, foi jornalista, deputado, historiador e advogado. Sua participação na vida intelectual foi constante, nos deixando extenso legado.

Este relato sobre a Academia do Comércio tem por objetivo realçarmos a importância desta Instituição na formação de catarinenses ilustres e na vocação do ensino superior da Ilha de Santa Catarina, o que irá reforçar a importância da preservação

dos painéis. Pelas fotos e nomes constantes nos painéis percebemos de imediato nomes de homens e mulheres que participaram ativamente da construção de uma sociedade mais representativa, sobretudo na produção e transmissão de conhecimento, como professores, reitores, advogados, prefeitos, administradores públicos, entre tantos outros. Nomes que fizeram a história do Estado de Santa Catarina. Personalidades que saíram mais fortes dos processos educacionais, reinventando as regras de convívio para além dos interesses meramente personalistas e individualizantes, ou das práticas da omissão e da indiferença. Essas histórias precisam ser revistas e ampliadas, necessitando pesquisas sobre cada painel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Lourival Pereira. A evolução dos cursos de contabilidade em Santa Catarina. CRCSC, Florianópolis, 1ª ed. 1999. 84p.

CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS (Florianópolis). Universidade Federal de Santa Catarina. Histórico. [201-]. Disponível em: http://ccj.ufsc.br/historico/. Acesso em: 30 jul. 2019.

FARIA, Juliano Espezim Soares; SANTOS, Ademir Valdir dos; VALLE, Ione Ribeiro. A Matemática como disciplina da Academia de Comércio de Santa Catarina. Alexandria, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 3-21, nov. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/viewFile/38213/29117. Acesso em: 26 jul. 2019.

MÜLLER, Glaucia Regina Ramos. A influência do urbanismo sanitarista na transformação do espaço urbano em Florianópolis. Florianópolis, 2002. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia.

PETRY, Eduardo. Academia de Comércio de Santa Catarina. In: PETRY, Eduardo. Blog Santa Catarina antiga, [s.l.], 30 maio 2013. Disponível em: http://santacatarinaantiga.blogspot.com.br/2013/05/academia-de-comercio-de-santacatarina.html. Acesso em: 26 jul. 2019.

ROMANOWSKI, Luiz Roberto e PINTO, Neuza Bertoni. Os primeiros cursos superiores de ciências contábeis no Brasil. Revista Intersaberes. V. 9, n especial, jul/dez.2014. P. 499-515. Disponível em: https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/844. Acesso em 18 out. 2019.

SANSON, João Rogério; NICOLAU, José Antônio. Do ensino de técnicas comerciais ao ensino de economia em Santa Catarina. Análise: Revista de Administração da PUCRS, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 297-312, jul./dez. 2006. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/311/248. Acesso em: 26 jul. 2019.

VIEIRA, Amazile de Hollanda. O Instituto Polytechnico no contexto sócio-cultural catarinense. Florianópolis: A&P, 1986.

CAPÍTULO 2

Painéis de Formatura: registros da história e memória

A análise de nosso contexto histórico-social nos remete a verificação de fatos passados que caracterizaram época e se destacaram na evolução humana. Muitas vezes visitar um museu é tão somente apropriar-se de conhecimento e histórias que nos permitem entender a dinâmica das civilizações e suas trajetórias. Por vezes, é muito mais que isso, pois além da compreensão dos fatos e sua cronologia, podemos realizar uma imersão em cenários jamais sonhados e que ressoam dentro de nós como verdadeiros partícipes da composição histórica e refletem na nossa atuação e formação pessoal.

No contexto educacional fato semelhante ocorre quando estudamos toda a cultura material e imaterial deixada por nossos antecessores e, desta forma, buscamos compreender a evolução tanto nas tecnologias educacionais, nas formas de ensino-aprendizagem, quanto nos ambientes escolares propriamente ditos e conseguimos formar nossa memória sobre tais questões.

A história e a memória nunca estão definitivamente separadas, e, para entrar em contato com o passado, é necessário o reconhecimento e o reapropriamento da História e de sua memória, como bem destacado por Ricoeur (2008). Com o objetivo de contar um pouco da história escolar nas décadas passadas, procura-se abordar a contribuição histórica dos painéis (quadros) de formatura.

Como sabemos, no século passado era costume que cada turma, depois de formada, deixasse de recordação para a instituição um quadro com fotografias dos alunos, mestres e homenageados. Atualmente são produzidos apenas os álbuns de formatura. Werle (2006) nos leva a refletir quando afirma que diferentemente de um quadro de formatura, o álbum é uma produção em série que perde um pouco da importância e do poder simbólico: eles são documentos que representam a turma e a festividade da formatura, mas marcam o início do processo da passagem da memória da formatura para o âmbito privado, da história institucional para a memória pessoal. Desta forma, mostrar os quadros de formatura e sua magnitude nos remete a recorrer a história e a pesquisa da importância deste legado para as futuras gerações.

Os quadros de formatura são importantes registros históricos de nossas escolas que quase desapareceram. No passado, eram verdadeiras relíquias, feitos por artesãos reconhecidos, peças que enobreciam escolas e faziam parte da história dos formandos.

Figura 1 – Painel da Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores, 1947.
Fonte: Acervo MESC. Fotos das autoras (2017).

Podemos dizer que são verdadeiros monumentos, obras comemorativas ou uma recordação importante a ser perpetuada, um sinal do passado. Na conceituação de Le Goff (1990, p. 536) "O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos". Segundo Werle (2006), os quadros de formatura são monumentos que comemoram a conclusão do curso, perpetuam a memória do acontecimento e do grupo, são uma forma específica do mesmo grupo estar e apropriar-se da instituição escolar – dimensão pessoal/grupal de sucesso –, proclamam a presença institucional na memória coletiva e o sucesso da escola no alcance de seus objetivos e missão pedagógica –, dimensão institucional de sucesso. Apresentam um significado social afirmativo para a escola e para o grupo de alunos formados.

Até os colégios tinham e preservavam os quadros de formatura. Além de contribuição histórica como registro de alunos, são peças de artesania primorosa. Analisando as reportagens sobre este tema, pode-se afirmar que estes quadros eram viabilizados com satisfação e carinho pelos formandos, os quais presenteavam a instituição, e esta por sua vez, os mantinha expostos (alguns nas paredes da instituição, outros eram produzidos com pedestais para serem apoiados no chão, com peso e dimensões significativas). Ainda não encontramos registros sobre a confecção destes quadros do acervo do Museu da Escola Catarinense. Se era um artesão individual que os fazia, se era uma

empresa contratada, pois existiam empresas que realizavam este trabalho, nem mesmo se eram feitos em Santa Catarina. Mistos de álbum fotográfico e artesanato, os quadros de formatura podem ser analisados sob diversas perspectivas. Uma delas trata de objetos pertencentes ao acervo da cultura material escolar, na concepção proposta por Souza (2007), que permite compreender esses objetos como documentos de investigação histórica, que possibilitam tanto a análise de sua materialidade quanto das relações intrínsecas provocadas pelos usos, por suas compreensões, pelo registro da história. De acordo com Souza (2007, p. 170), a cultura material escolar é composta por:

> *[...] artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social.*

Dessa forma, os quadros de formatura da Academia do Comércio de Santa Catarina podem ser entendidos como objetos componentes da cultura material do lugar, os quais guardam em si a capacidade de perenizar rituais, saberes e práticas na passagem do tempo e fornecem elementos para o estudo e compreensão da sociedade da época.

Alguns destes quadros de formatura eram mais simples, com moldura, fotografias e desenhos. Outros, extremamente elaborados, como os do acervo do Museu, confeccionados em madeira maciça, de grandes proporções. Pode-se dizer que se constituem em artísticos quadros de formatura, dada a riqueza de detalhes entalhados na madeira e significados que transmitem. Em sua maioria continham imagens dos formandos, professores, patronos, paraninfos, apresentados com suas respectivas fotografias e devidamente identificados (com seus nomes abaixo da fotografia).

Os quadros de formatura são magnificas representações da história institucional e do seu projeto educacional no tempo e no espaço. Esta afirmativa apresentada pelos autores da página pátria mineira[1] nos leva a pensar mais ainda na função da exposição destes quadros hoje no acervo do Museu da Escola Catarinense, procurando manter viva a história institucional da Academia do Comércio e da educação superior no Estado de Santa Catarina. Conforme apresentado no texto daquela página, os quadros não são meras fotografias de um grupo de formandos, posto que seus significados superam as reduções representadas em cada uma delas isoladamente, são peças grandes, vistosas, bem trabalhadas artisticamente, esculpidas em relevo e que agregam variados valores de tempo idos e atuais. A análise desses artefatos, onde predominam imagens fotográficas, os concebe como suportes de marcas que podem revelar nuances do inves-

1 Disponível em < http://www.patriamineira.com.br>. Acesso em 22 out.2019

Figura 2 e 3 – Vista geral da sala expositiva Euterpe, onde estão expostos onze painéis do acervo (acima), e da sala Oswaldo Rodrigues Cabral (abaixo) onde estão os painéis de 1941 e de 1949.
Fonte: Acervo MESC. Fotos das autoras (2017).

timento político, institucional e pessoal engendrados pela efervescência da construção social de necessidades e crenças na formação através da educação. São componentes de uma trama de relações da tessitura social constituída por seus produtores e consumidores que, em contato com eles, deram sentido mútuo às suas existências no universo de uma escola pulsante, de saberes e práticas vividas, sentidos e reproduzidos (COELHO JUNIOR, 2013). Muito há que se pesquisar nestes arquivos de futuro em aberto. Procurou-se destacar neste estudo a pulsão de morte, vista por seu avesso. Estes painéis e sua história nos remetem de imediato à pulsão de morte a que se refere Derrida, em "Mal de arquivo", uma pulsão de agressão e de destruição que impele ao esquecimento, à amnésia, à aniquilação da memória.

> *A pulsão de morte é acima de tudo, anarquívica [...] sempre foi, por vocação, silenciosa, destruidora do arquivo. A pulsão de morte é também uma pulsão de agressão e de destruição, ela leva não somente ao esquecimento, à amnésia, à aniquilação da memória como mneme ou anamnesis, mas comanda também o apagamento radical, na verdade a erradicação daquilo que não se reduz jamais à mneme ou à anamnesis; a saber, o arquivo, a consignação, o dispositivo documental ou monumental* (DERRIDA, 2001, p. 21-22).

Como evitamos a morte desses painéis? Em sendo salvos, para que poderão ser úteis? Em texto muito elucidativo de Werle (2006), denominado: "Ancorando quadros de formatura na história institucional", podemos ampliar o conhecimento sobre estes objetos. A autora se refere a quadros mais simples e também aos painéis mais complexos, como os do Museu da Escola (figura 1).

Iremos nos deter nestes, utilizando as descrições do texto. Diz a autora, que os quadros de formatura não são apenas fotografias de um conjunto de formandos, mas fotografias de um grupo de alunas (os), concluintes de um curso, identificados individualmente, organizados numa totalidade – o quadro – referidas ao momento histórico e às propostas da escola, tendo como finalidade colocar-se como conjunto articulado, em exposição, nas dependências da escola. As fotografias em suas propriedades – papel plano, em preto e branco – nas quais as pessoas fotografadas – alunos, homenageados, paraninfo – são representados em face e busto, homogeneizados pela iluminação, dimensão, formato – geralmente ovais – pela vestimenta e pela posição, são articuladas, superando a redução aos indivíduos representados em cada uma delas isoladamente, rearticuladas num todo: o quadro de formatura. Tais quadros (início do século XX) são peças grandes – alguns com dois metros de altura –, agregando fotografias sustentadas em madeira pintada ou esculpida em relevo. Quando feitos de variados tipos de madeira, exploram, esteticamente, texturas e tons de espécies diferentes. Não apenas esculturas, mas dizeres compõem a estética dos quadros de formatura. Os elementos escritos são identificadores da instituição escolar, da cidade em que a escola se situa, do ano de conclusão, e sempre

trazem o nome completo dos alunos, alguns mencionam a cidade de origem, bem como dos professores homenageados e paraninfo, ancorando as imagens no social, no institucional, no tempo e no espaço. Os quadros de formatura dão visibilidade às pessoas que passaram pela escola e ao acontecimento de sua formatura, adornam os corredores da escola e são uma peça apreciável, digna de ser guardada. Eles são um objeto cultural que tem uma intenção determinada: celebrar um fato notável, não cotidiano – a conclusão de um curso, festejado como uma solenidade – a formatura marcada com vestes não usuais, postura estudada –, importante de ser lembrada. Os quadros de formatura hierarquizam. Alunos são homogeneizados em roupas, cabelos e poses, bem como na regularidade com que as fotos são distribuídas no conjunto do quadro. Em separado, e em fotos de maiores dimensões do que as dos alunos, estão homenageados e paraninfo, figuras ilustres, por isto, maiores, distintas e articuladas, como grupo, em espaço diferente do de alunos. Não há mulheres paraninfando turmas de formandos, ou seja, o lugar de patrono ou protetor de turma estava, na época, reservado a homens, enfatizando, portanto, uma tradição do início do século XX e que perdurou, ao menos no âmbito deste estudo, do ano de 1938 até o último quadro de formatura, no ano de 1950. Os quadros de formatura, na época em que foram construídos eram expostos em salas de visitas, em salões reservados para solenidades, em corredores. No Museu da Escola Catarinense, onze painéis encontram-se em exposição na sala Euterpe (figura 2), e dois na sala Oswaldo Rodrigues Cabral (figura 3). Convém destacar que falta-nos apresentar dados concretos a partir da análise dos quadros. Este texto busca evidenciar uma reflexão sobre o potencial informativo dos quadros, mas não avança em relação à leitura dessas obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO JUNIOR, Nelson Maurilio. Relicários de um tempo: os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus 1922-1929 (contribuições para o estudo da história da educação em Santa Catarina). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006d/00006dc0.pdf. Acesso em: 26 jul. 2019.

DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Unicamp, 1990.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (org.). Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 152-178.

WERLE, Flavia Obino Corrêa. Ancorando quadros de formatura na história institucional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu. Anais [...]. Caxambu: ANPED, 2006. Disponível em: http://www.anped.org.br/28/textos/GT02/GT02-322--Int.rtf. Acesso em: 26 jul. 2019.

CAPÍTULO 3

Os Painéis de Formatura do acervo do Museu da Escola Catarinense: um arquivo aberto

O Museu da Escola Catarinense – MESC foi criado com o objetivo principal de ser um espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado a Educação. O acervo hoje existente destaca a educação escolar, visando preservar e valorizar o patrimônio escolar musealizável, acumulado em diferentes épocas e pontos do território catarinense. O Museu desenvolveu-se a partir do projeto Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense — Museu da Escola Catarinense (1992), quando foram desenvolvidas as primeiras atividades de localização, registro e coleta de acervo.

O museu está sediado em um edifício construído em 1922, localizado em local privilegiado, no alto de uma colina e marcado por estilo neoclássico, com colunas gregas ornamentais, e outros destaques como fachada com módulos em ressalto, platibandas mais elevadas, além das colunas duplas, com capitéis trabalhados e ornamentação em estuque. O espaço interno da edificação é belíssimo. Toda a circulação se dá em torno de um átrio aberto e iluminado por claraboia. É um desenho que foi muito utilizado em instituições de ensino e em mercados públicos. Toda a sua estrutura interna é de ferro, tanto as colunas, vigas, quanto o guarda-corpo da escada e circulação superior, este último todo trabalhado com desenhos de influência *art déco*. Tais características levaram a Prefeitura de Florianópolis a realizar o tombamento do prédio em 1989, classificando-o como P1, imóveis, que pelo seu valor excepcional ou monumentalidade, são totalmente preservados tanto o interior como o exterior, ou seja, não podem ser demolidos nem modificados. Desta forma o prédio que abriga o Museu está preservado mantendo suas características originais destacadas e atualmente, além de sua função primordial, tem sido espaço para cursos de capacitação da própria universidade e tem feito parcerias com instituições ligadas à arte e museologia, bem como abrigado diversas mostras culturais e outros eventos congêneres.

Convém destacar aqui que o Museu da Escola Catarinense da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), atravessou o ano de 2013 recebendo uma série de melhorias em sua estrutura física para sediar a 12ª edição da Mostra Casa Nova, evento de decoração de Santa Catarina, onde arquitetos e decoradores apresentaram conceitos e

lançamentos do setor. Com esta iniciativa o edifício do MESC recebeu melhorias trazendo grande visibilidade para o Museu e atraindo visitantes para o espaço. A mostra veio ao encontro da proposta de iluminar a memória e revitalizar o patrimônio, que através de uma parceria público-privada, tornou possível a recuperação do espaço e ampliou suas atividades ao público em geral.

A edificação tem um alto valor para a paisagem urbana, por se localizar no eixo visual da rua Saldanha Marinho (via existente desde 1819), pois está inserida no coração do centro histórico da cidade de Florianópolis, rodeada por várias construções que datam da colonização. Inicialmente abrigou a Escola Normal Catharinense (no final do século XIX). Em 1963 foi endereço da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina e, em maio do ano 2000, foi destinado para a instalação do Museu da Escola Catarinense, sendo que isso só ocorreu efetivamente em 2007, quando a Faculdade de Educação – FAED/UDESC foi transferida para o bairro Itacorubi.

O Museu da Escola Catarinense situa-se na categoria de museu histórico: ele coleta, preserva, estuda, expõe e divulga documentos históricos relativos ao passado da educação escolar no Estado. Conforme já apresentado por Makowiecky (2017) o MESC procura ser um museu participativo e apresenta salas em que o conceito de ressonância, definido pelo historiador Stephen Greenblatt como sendo o poder de evocar no espectador as forças culturais complexas e dinâmicas de onde eles emergiram, está muito presente. Uma destas salas é a sala Euterpe, na qual são apresentados os quadros de formatura, constituindo parte do acervo museológico, em uma ideia de imersão, derivado do latim *immersio*, sinônimo de mergulho, que significa possibilitar a introdução dos visitantes do museu num determinado ambiente, seja este real ou imaginário. O movimento de olhar projetado para o passado, destacado pela autora com base nos estudos de Agamben, mostram que os quadros ali expostos permitem ao visitante apropriar-se de um olhar para o não vivido no que é vivido, participar de situações que já aconteceram, já foram vividas e no presente não podemos mais viver nem alcançar, caracterizando um movimento que não cessa em se repetir.

Essa sensação é descrita por muitos visitantes que deixam a sala “Euterpe” extasiados com a magnitude das obras ali expostas, no caso, onze painéis e o mobiliário escolar da marca CIMO, e participam desse processo de imersão (figuras 1, 2 e 3). Na sala Oswaldo Rodrigues Cabral (figura 4), encontramos mais dois painéis. Além disso estes quadros e sua exposição pública explicitam redes de relacionamento pessoal e a importância institucional. Os quadros de formatura, na época em que foram construídos eram expostos em salas de visitas, em salões reservados para solenidades, em corredores.

Considerando a história dos quadros de formatura relacionados ao MESC, pode-se afirmar que àqueles que retratavam os alunos da Escola Normal e Instituto Dias

Velho[1] se perderam no tempo, mas no Museu são apresentados outros quadros contemporâneos àqueles, que pertenceram à extinta Academia de Comércio de Santa Catarina e foram recuperados pela equipe técnica do MESC e por profissionais de restauração, cujo processo de recuperação será apresentado em capítulo posterior.

Pretendemos aqui mostrar a importância da preservação de um patrimônio cultural catarinense ligado à Educação e que se constitui também em fonte documental, pois se tratam de documentos que não estão restritos aos suportes tradicionais de documentação histórica, mas estão repletos de histórias para contar. Os Painéis de Formatura do acervo do Museu da Escola Catarinense constituem arquivos recentemente recuperados, mas com muito futuro pela frente.

Visando manter essa história "viva" vamos nos deter a explicitar um pouco mais sobre o acervo do museu no tocante aos quadros de formatura. No segundo piso do edifício do MESC encontra-se a sala Euterpe, assim chamada pois todas as salas do museu receberam denominação específica quando da elaboração de seu Plano Museológico (em sua maioria remetendo a mitologia grega e nomes de professores/as) onde é possível vislumbrar vários quadros de formatura. Estes quadros, que caraterizam uma tradição nas outorgas de grau nas décadas de 1920 a 1950, em sua maioria se perderam e hoje a tradição não é mais a mesma. Em função da quantidade de quadros e de suas dimensões não foi possível agrupá-los todos na sala Euterpe, de modo que foram disponibilizados nesta sala a maior quantidade possível ficando dois quadros dispostos na sala denominada Osvaldo Rodrigues Cabral, que é uma sala de acervo com diferentes tipos de carteiras escolares, além de um espaço que recria o cenário das tradicionais fotografias escolares com a mesa, o mapa, as bandeiras, um globo e um livro, para que o visitante possa produzir sua própria foto e levar sua recordação, considerando que na era digital que vivemos, praticamente a totalidade dos visitantes do museu possuem celular e realizam esse registro. Desta forma, estas duas salas do MESC apresentam os quadros em consonância com a preservação do acervo e da memória da educação escolar.

Os quadros de formatura que se encontram em exibição pertenceram à extinta Academia de Comércio de Santa Catarina e foram doados ao MESC em 2005 pela Secretaria de Educação (SED). Foram recebidos 13 painéis (quadros de formatura), produzidos com madeira laminada. Os quadros tinham basicamente todos as mesmas ca-

1 O edifício do atual Museu da Escola Catarinense foi construído para abrigar a Escola Normal Catharinense, no final do século XIX (1892) e inaugurada no prédio do MESC em 1926. Neste momento foi implantado um plano urbanístico para a cidade de Florianópolis que compreendia além do edifício sede da Escola, a ponte Hercílio Luz, ligação com o continente, o Palácio Cruz e Souza, palácio do governo entre outros. Em 1935, a Escola Normal Catharinense passa a ser o Colégio de Educação. Este foi na realidade uma continuação da Escola Normal Catharinense e originou-se de uma reforma no sistema de ensino. Em 1947, passa a se chamar Colégio Estadual Dias Velho. No início da década de 1960 inicia-se a obra do atual prédio do Colégio, localizado na Avenida Mauro Ramos, e em 1963, deixou o prédio da Rua Saldanha Marinho para transferir-se para as modernas e amplas instalações na Avenida, cujas obras duraram mais de 10 anos. Finalmente em 1969, o Colégio passou a chamar-se definitivamente Instituto Estadual de Educação (SANTA CATARINA, 2014).

racterística na apresentação dos personagens envolvidos (entidades políticas, homenageados e formandos), com fotografias em preto e branco.

Cada um deles apresentava símbolos específicos da turma de formandos e outros que embelezavam e enriqueciam estas obras. Todos apresentam o ano da realização da formatura e o curso ao qual estavam vinculados os formandos e, uma vez que são provenientes da Academia do Comércio, neste caso estavam restritos aos cursos ali oferecidos, sendo estes de contadores (no período de 1938 a 1950) e uma turma de administração e finanças do ano de 1945.

Pelas fotografias que serão apresentadas na sequência é possível observar a madeira esculpida e envernizada, com as montagens fotográficas respectivas. Possuíam um suporte secundário em madeira que dava sustentação as obras e, sobre os quais eram adicionadas as informações relevantes. Cada letra que constitui o quadro era produzida artesanalmente, mas com grande perfeição e semelhança. Essa semelhança é inclusive constatada quando comparada com quadros existentes em outros locais, cujo formato das letras era bem típico da época, quiçá dizer poderiam ter sido produzidas pelo mesmo autor, já que não sabemos a autoria dos quadros que dispomos no MESC. Os painéis têm dimensões variadas, tanto de largura como de altura, indo de 1 a 2,5 metros.

A fotografia hoje já é considerada como um bem cultural. Pode-se dizer que ela constitui parte essencial do nosso patrimônio e deve ser valorizada, tanto pelo seu valor artístico quanto documental. Convém destacar aqui que as fotografias destes quadros constituem um registro importantíssimo da memória dos catarinenses ilustres que tiveram sua formação escolar na Academia do Comércio. Apresentando personagens de relevado destaque e importância no cenário educativo, político e cultural no estado de Santa Catarina, pode-se identificar entre tantos outros, Aníbal Nunes Pires, Osmar Cunha e Elpídio Barbosa. No final do ano de 2017, o MESC recebeu da FAED/UDESC os livros de atas que continham dados de registro de diplomas da Academia do Comércio, de 1937 a 1950, que nos auxiliou a proceder a identificação dos alunos nos painéis restaurados. Este livro foi muito significativo já que muitas fotografias se perderam com os problemas de infiltração de água nos painéis (antes da recuperação) e, também, porque não havíamos conseguido outra forma de identificação destes personagens, uma vez que muitos nomes estavam apagados pelo tempo ou irreconhecíveis.

A caracterização da disposição dos quadros de formatura no espaço expositivo do Museu da Escola Catarinense nas salas Euterpe e Osvaldo Rodrigues Cabral está apresentado nas figuras a seguir, de modo que o leitor possa contemplar e imaginar o processo de imersão a que nos referimos no decorrer deste texto. Com o objetivo de contemplar os detalhes e a primazia dos diferentes objetos que compõe cada quadro e aqui relatados, apresenta-se também um registro fotográfico de cada um dos 13 (treze) painéis contemplados em nosso acervo.

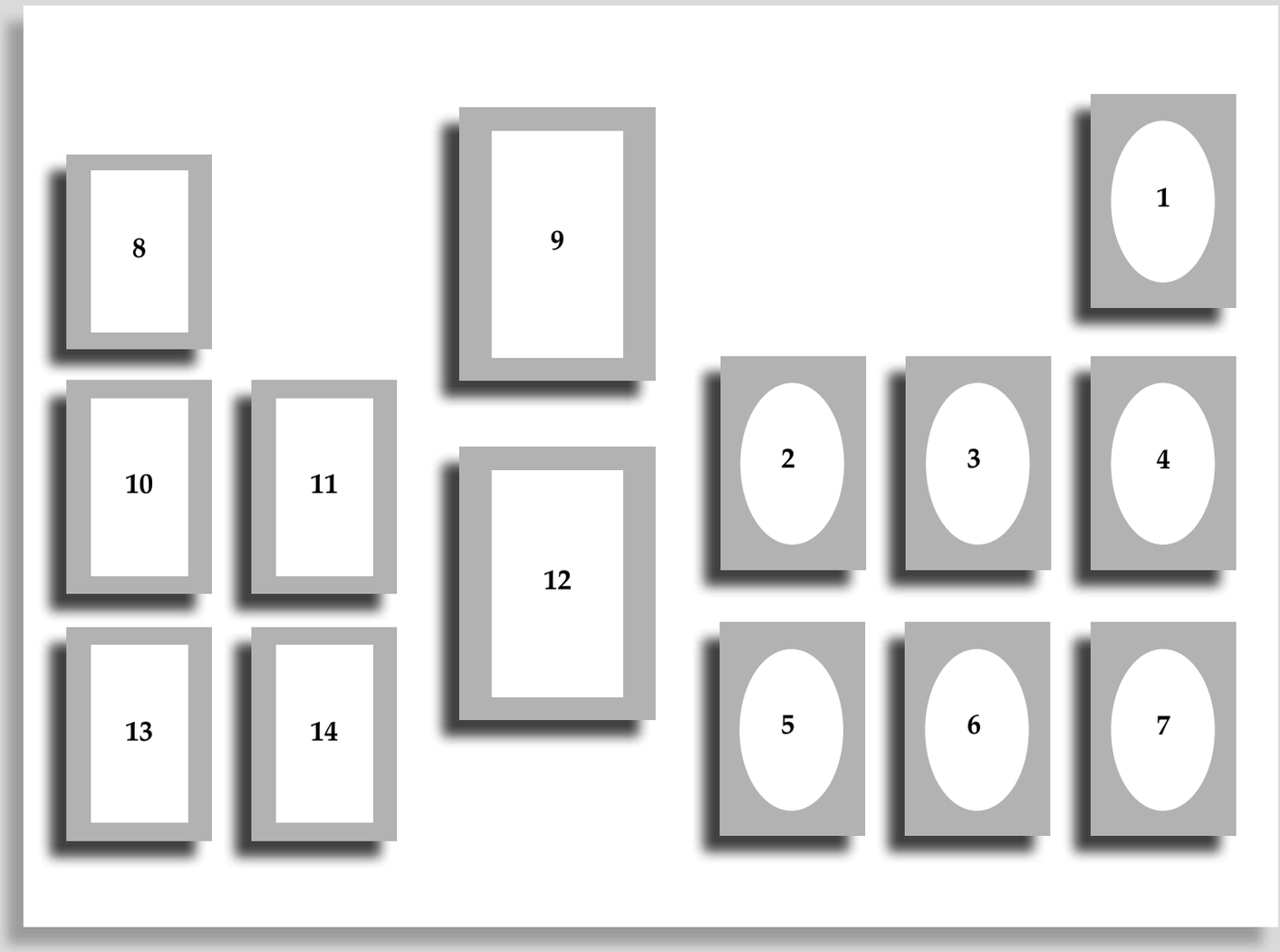
Figura 1 – Visão panorâmica geral da sala Euterpe vista de frente para os fundos.
Foto de Carlos Pontalti, 2019.

Figura 2 – Visão panorâmica da lateral da sala Euterpe.
Foto de Carlos Pontalti, 2019.

Figura 3 – Visão panorâmica geral da sala Euterpe vista dos fundos para a frente.
Foto de Carlos Pontalti, 2019.

Figura 4 – Sala Oswaldo Rodrigues Cabral e os painéis de 1941 e 1949.
Foto de Carlos Pontalti, 2019.

3.1 – Escola de Comércio de Santa Catarina, Peritos Contadores de 1938



1 - João Batista Laus Schmidt

2 - Madalena Lacerda

3 - Néli Boos

4 - Juvelina Martins

5 - Aldmir José Ozorio

6 - Ivo Maes

7 - Miguel N. Spyrides

8 - Dr. Nereu Ramos

9 - Des. Henrique Fontes Paraninfo

10 - Dr. Carlos Wendhausen

11 - Dr. Joaquim F. Ramos

12 - Prof. Herondino Silveira D'Avila Honra ao Mérito

13 - Flavio Ferrari Secretário

14 - Prof. Mario R. Boot Diretor

Escola de Comércio de Santa Catarina

Peritos Contadores de 1938

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - João Batista Laus Schmidt - Orador	14
2 - Madalena Lacerda	15
3 - Néli Boos	17
4 - Juvelina Martins	12
5 - Aldmir José Ozorio	11
6 - Ivo Nicolau Maes	13
7 - Miguel Nicolau Spyrides	16
■ - Adão Sobierajski	256

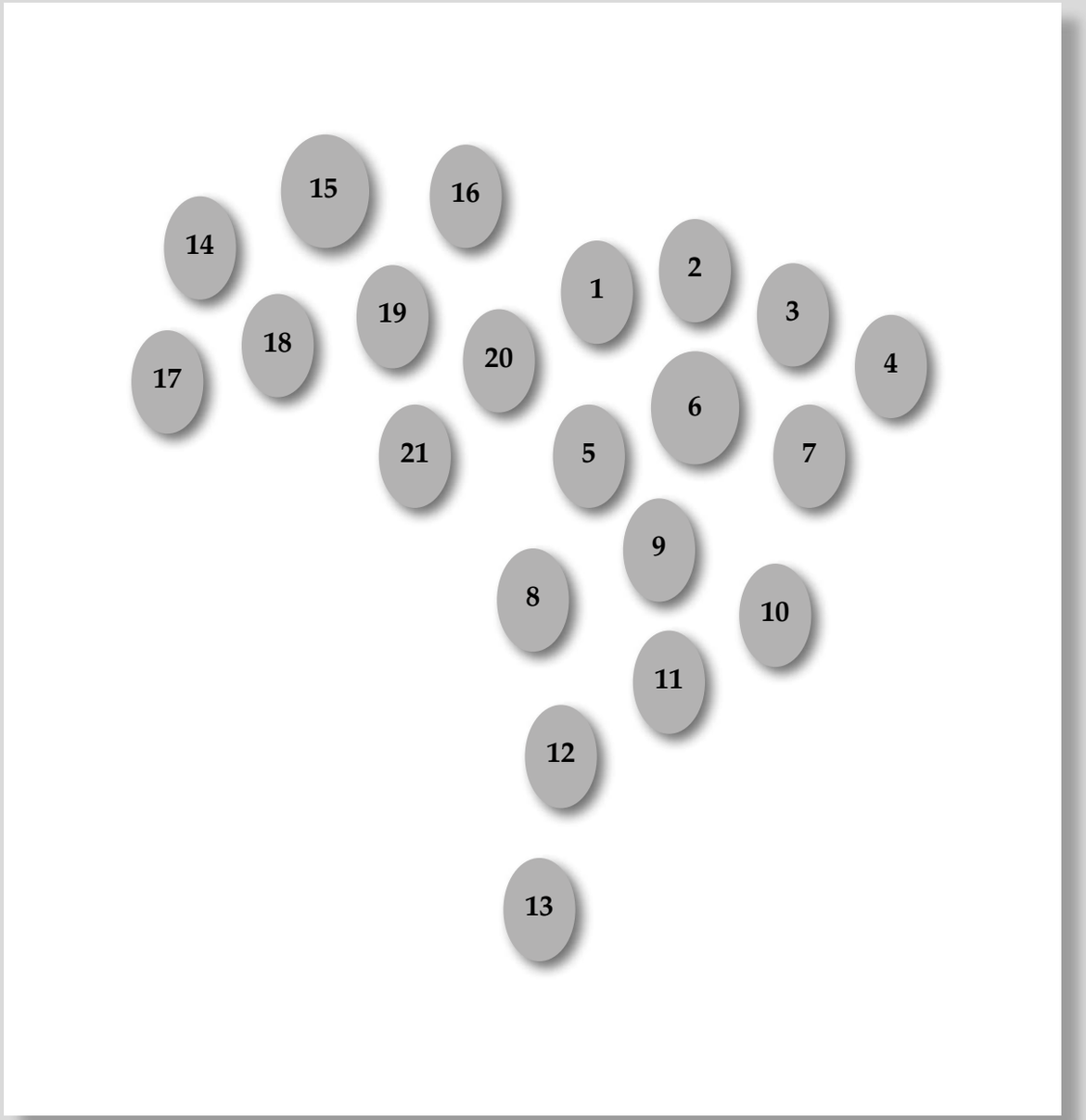
Homenageados

8 - Dr. Nereu Ramos
9 - Des. Henrique Fontes - Paraninfo
10 - Dr. Carlos Wendhausen
11 - Dr. Joaquim F. Ramos
12 - Prof. Herondino Silveira D'Avila - Honra ao Mérito
13 - Flavio Ferrari - Secretário
14 - Mario. R. Boot - Diretor

Legenda:

- Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

3.2 – Escola de Comércio de Santa Catarina (Instituto Livre), Contadores de 1939



1 - Aécio Cabral Neves

2 - Arí Sartorato - Orador

3 - Vitor Moritz

4 - Rômulo Silva

5 - Hilma Pereira Baixo

8 - Mario Stuart

7 - Nadir Cunha Carreirão

9 - Plínio Franzoni Junior

10 - Luiz Eugênio Beirão

11 - Antônio Miroski

12 - Antonio Berka

13 - Roberto Ernesto Leyendecker

14 - Flávio Ferrari
Secretário

15 - Dr. Nereu Ramos

16 - Mário Bott
Diretor

17 - Dr. Elpídio Barbosa

18 - Dr. Eduardo Silva

19 - Fernando Machado

20 - Dr. Carlos Wendhausen
(homenagem póstuma)

21 - Dr. Vilmar Dias

6 - Orlando Brasil
Paraninfo

Escola de Comércio de Santa Catarina (Instituto Livre)

Contadores de 1939

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - Aécio Cabral Neves	18
2 - Arí Sartorato - Orador	19
3 - Vitor Moritz	24
4 - Rômulo Silva	21
5 - Hilma Pereira Baixo	30
7 - Nadir Cunha Carreirão	23
8 - Mario Stuart	25
9 - Plínio Franzoni Junior	20
10 - Luiz Eugênio Beirão	22
11 - Antônio Miroski	27
12 - Antonio Berka	28
13 - Roberto Ernesto Leyendecker	29

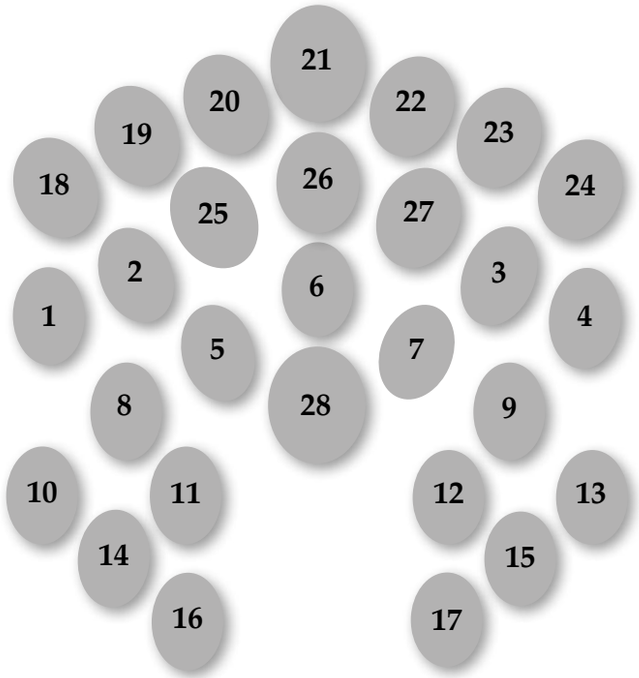
Homenageados

6 - Orlando Brasil - Paraninfo
14 - Flávio Ferrari - Secretário
15 - Dr. Nereu Ramos
16 - Mário Bott - Diretor
17 - Dr. Elpídio Barbosa
18 - Dr. Eduardo Silva
19 - Fernando Machado
20 - Dr. Carlos Wendhausen (homenagem póstuma)
21 - Dr. Vilmar Dias
- Antenor Morais - Fiscal do Governo Federal

Legenda:

- Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

3.3 – Escola de Comércio de Santa Catarina (Instituto Livre), Contadores de 1940



1 - Paulo Oto Scheidemantel

2 - Josmar da Luz Silva

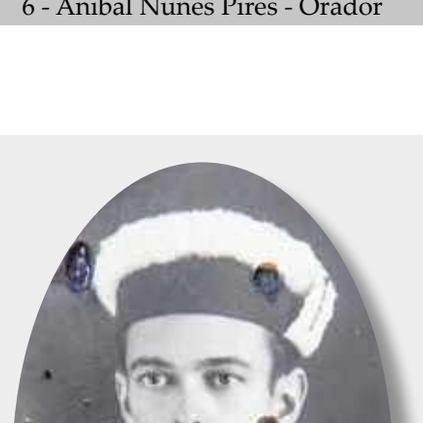
3 - Nilton Batista da Silva

4 - José Ruhland Júnior

5 - Maria de Lourdes Gonçalves

6 - Anibal Nunes Pires - Orador

7 - Edith Goettmann



8 - Silvio Silva

9 - José Philippi

10 - Idaroldo Vilela

13 - Walter Kreuzer

14 - Alcione Costa Beretta

11 - Beatriz Burema da Silva

12 - Eugênia Tancredo de Oliveira

15 - Alberto Crippa

16 - Alberto Paulo Pereira

17 - Nilton Digiacomo Silva

18 - José Boiteux
(homenagem póstuma)

19 - Wilmar Dias

20 - Dr. Elpídio Barbosa

21 - Dr. Nereu Ramos

22 - Orlando Brasil

23 - Fernando Machado

24 - Vitor Lima

25 - Flávio Ferrari
Secretário

26 - Mário Bott
Diretor

27 - Fernando Fernandes
Fiscal do Governo Federal

28 - José Boabaid
Paraninfo

Escola de Comércio de Santa Catarina (Instituto Livre)
Contadores de 1940

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - Paulo Oto Scheidemantel	47
2 - Josmar da Luz Silva	39
3 - Nilton Batista da Silva	41
4 - José Ruhland Júnior	40
5 - Maria de Lourdes Gonçalves	34
6 - Anibal Nunes Pires - Orador	31
7 - Edith Goettmann	46
8 - Silvio Silva	37
9 - José Philippi	44
10 - Idaroldo Vilela	32
11 - Beatriz Burema da Silva	36
12 - Eugênia Tancredo de Oliveira	42
13 - Walter Kreuzer	43
14 - Alcione Costa Beretta	45
15 - Alberto Crippa	33
16 - Alberto Paulo Pereira	35
17 - Nilton Digiacomo Silva	38

Homenageados

18 - José Boiteux (homenagem póstuma)
19 - Wilmar Dias
20 - Dr. Elpídio Barbosa
21 - Dr. Nereu Ramos
22 - Orlando Brasil
23 - Fernando Machado
24 - Vitor Lima
25 - Flávio Ferrari - Secretário
26 - Mário Bott - Diretor
27 - Fernando Fernandes - Fiscal do Governo Federal
28 - José Boabaid - Paraninfo

Legenda:

- Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

3.4 – Escola de Comércio de Santa Catarina – Instituto Livre, Contadores de 1941

27 28

30 31 32 33 34 35 36 37 38

29

1 2 3 4 5 6 7

8 9 10 11 12 13 14 15 16

17 18 19 20 21 22 23 24 25 26

1 - Braz Limongi

2 - Evandro Tupinambá de Carvalho

3 - Procópio Dario Ouriques

4 - Ney Ferreira Reis - Orador

5 - José Virgolino dos Santos

6 - Bruno Mario Cechinel

7 - Luiz Francisco de Borja

8 - Nilton Leal

9 - Carlos Miroski

10 - Delza Falcão Fonseca

11 - Zilá Sartorato

12 - Zilda Resende

13 - Dalmiro Duarte Silva

14 - Dioscórides de Méllo

15 - Edio Silva de Oliveira

16 - Edison Quadros Fortes

17 - Firmino Feijó

18 - Ivanhoé Pellizzetti

19 - Ivo Reis Montenegro

20 - José Mendes

21 - Laércio Lisboa

22 - Lourival Lisboa

23 - Luiz Damiani

24 - Mario Nappi

25 - Orlando de Carvalho Borja

26 - Teodoro Leandro da Silva

27 - Aderbal R. da Silva
Paraninfo

28 - Dr. Nereu Ramos
Interventor

29 - Orlando Fernandes
Inspetor Federal

30 - Mário Bott
Diretor

31- Eduardo Silva

32 - Dr. Elpídio Barbosa

33 - Fernando Machado

34 - Orlando Brasil

35 - Flávio Ferrari
Secretário

36 - Wilmar Dias

37 - Vitor Lima

38 - Sem identificação
(homenagem póstuma)

Escola de Comércio de Santa Catarina – Instituto Livre

Contadores de 1941

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - Braz Limongi	68
2 - Evandro Tupinambá de Carvalho	53
3 - Procópio Dario Ouriques	50
4 - Ney Ferreira Reis - Orador	73
5 - José Virgolino dos Santos	72
6 - Bruno Mario Cechinel	62
7 - Luiz Francisco de Borja	55
8 - Nilton Leal	51
9 - Carlos Miroski	63
10 - Delza Falcão Fonseca	71
11 - Zilá Sartorato	69
12 - Zilda Resende	70
13 - Dalmiro Duarte Silva	67
14 - Dioscórides de Melo	59
15 - Edio Silva de Oliveira	49
16 - Edison Quadros Fortes	54
17 - Firmino Feijó	48
18 - Ivanhoé Pellizzetti	64
19 - Ivo Reis Montenegro	57
20 - José Mendes	65
21 - Laércio Lisboa	60
22 - Lourival Lisboa	61
23 - Luiz Damiani	52
24 - Mario Nappi	58
25 - Orlando de Carvalho Borja	56
26 - Teodoro Leandro da Silva	66

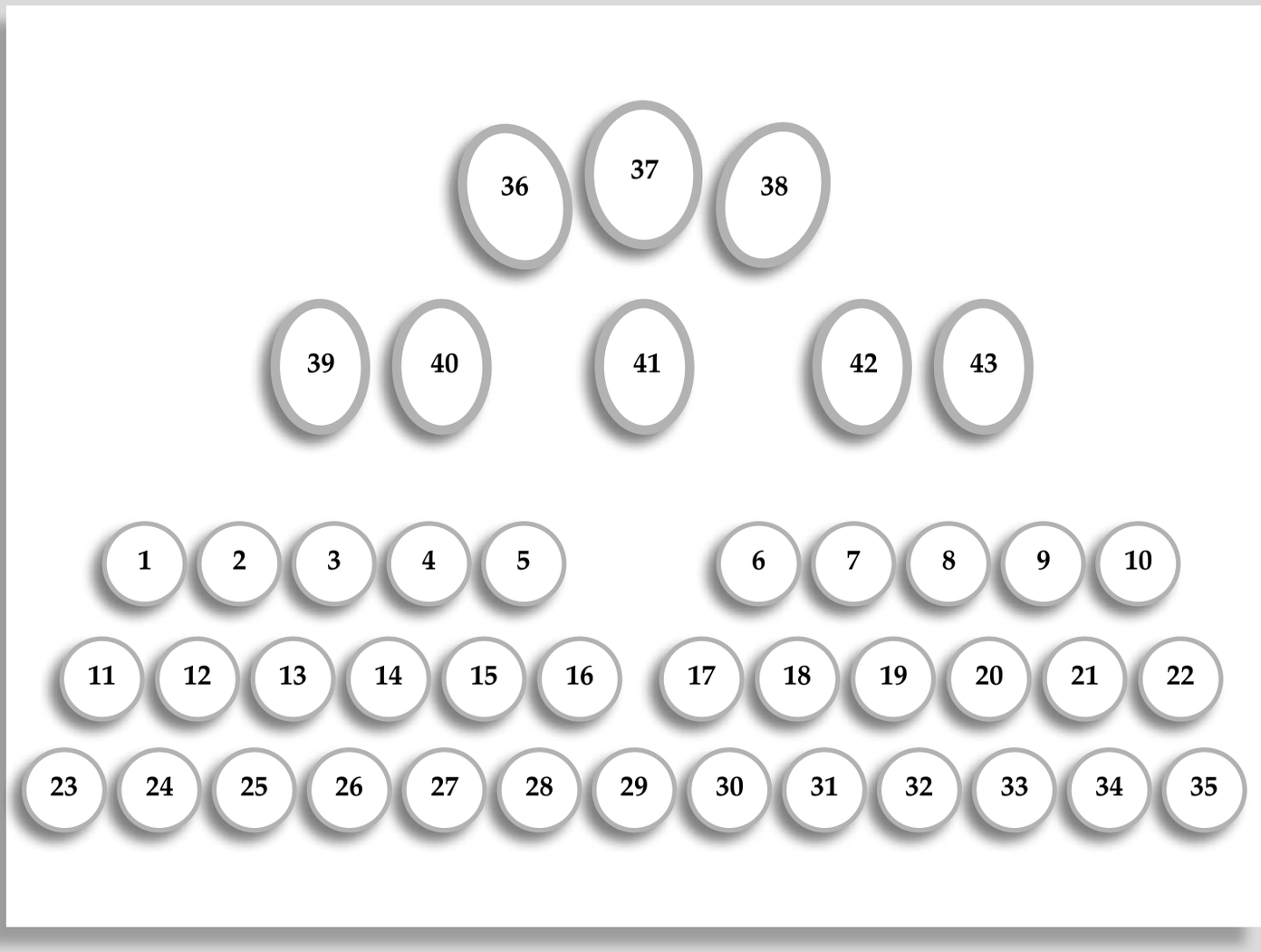
Homenageados

27 - Aderbal R. da Silva - Paraninfo
28 - Dr. Nereu Ramos - Interventor
29 - Orlando Fernandes - Inspetor Federal
30 - Mário Bott - Diretor
31 - Eduardo Silva
32 - Dr. Elpídio Barbosa
33 - Fernando Machado
34 - Orlando Brasil
35 - Flávio Ferrari - Secretário
36 - Wilmar Dias
37 - Vitor Lima
38 - Sem identificação (homenagem póstuma)

Legenda:

- Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

3.5 Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1942



1 - Moysés Leandro da Silva

2 - Osmar Cunha

3 - Ary Schroeder Carneiro da Cunha

4 - Osvaldo Camilli

5 - Sibylla Carlota Busch

6 - Nadir Ferrari

7 - Eugênio Teuber

8 - Hercilio Fronza

9 - Silvestre Salvador

10 - Ovidio Mevio Lazzarin

11 - Nestor Carneiro

12 - Arnoldo Pamplona

13 - Ademar Madeira

14 - Alvaro de Lima Veiga

15 - Gervasio Nunes Pires

16 - Hedy Blum

17 - Sevasti Haviaras

18 - Pedro Alcântara Maia

19 - Célio Ferrari

20 - José Dias

21 - Waldemiro Berka

22 - Wilson Andriani

23 - Ruben Lyra

24 - Telmo Vieira Ribeiro

25 - José Vieira Dutra

26 - Laudelino Pelleuse

27 - José Dias Figueira

28 - João Eduardo de Miranda Santos

29 - Hela Fanny Kather

30 - Osvaldo da Silva Campos

31 - Alyrio Campos de Alcantara

32 - Mario Laurindo

33 - Oscar Gomes

34 - Theobaldo Ulysséa Teixeira

35 - Carlos Alberto da Luz e Silva

36 - Mário Bott - Diretor

37 - Dr. Nereu Ramos
Paraninfo

38 - Orlando Fernandes
Inspetor Federal

39 - Orlando Brasil

40 - Flávio Ferrari
Secretário

41 - Fernando Machado

42 - Wilmar Dias

43 - Vitor Lima

Academia de Comércio de Santa Catarina
Contadores de 1942

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - Moysés Leandro da Silva	86
2 - Osmar Cunha	84
3 - Ary Schroeder Carneiro da Cunha	100
4 - Osvaldo Camilli	92
5 - Sibylla Carlota Busch	108
6 - Nadir Ferrari	83
7 - Eugênio Teuber	101
8 - Hercilio Fronza	78
9 - Silvestre Salvador	80
10 - Ovidio Mevio Lazzarin	75
11 - Nestor Carneiro	85
12 - Arnoldo Pamplona	81
13 - Ademar Madeira	88
14 - Alvaro de Lima Veiga	105
15 - Gervasio Nunes Pires	79
16 - Hedy Blum	82
17 - Sevasti Haviaras	87
18 - Pedro Alcântara Maia	107
19 - Célio Ferrari	90
20 - José Dias	96
21 - Waldemiro Berka	95
22 - Wilson Andriani	76
23 - Ruben Lyra	99
24 - Telmo Vieira Ribeiro	104
25 - José Vieira Dutra	98
26 - Laudelino Pelleuse	77
27 - José Dias Figueira	94
28 - João Eduardo de Miranda Santos	93
29 - Hela Fanny Kather	74
30 - Osvaldo da Silva Campos	91
31 - Alyrio Campos de Alcantara	103
32 - Mario Laurindo	89
33 - Oscar Gomes	97
34 - Theobaldo Ulysséa Teixeira	106
35 - Carlos Alberto da Luz e Silva	102

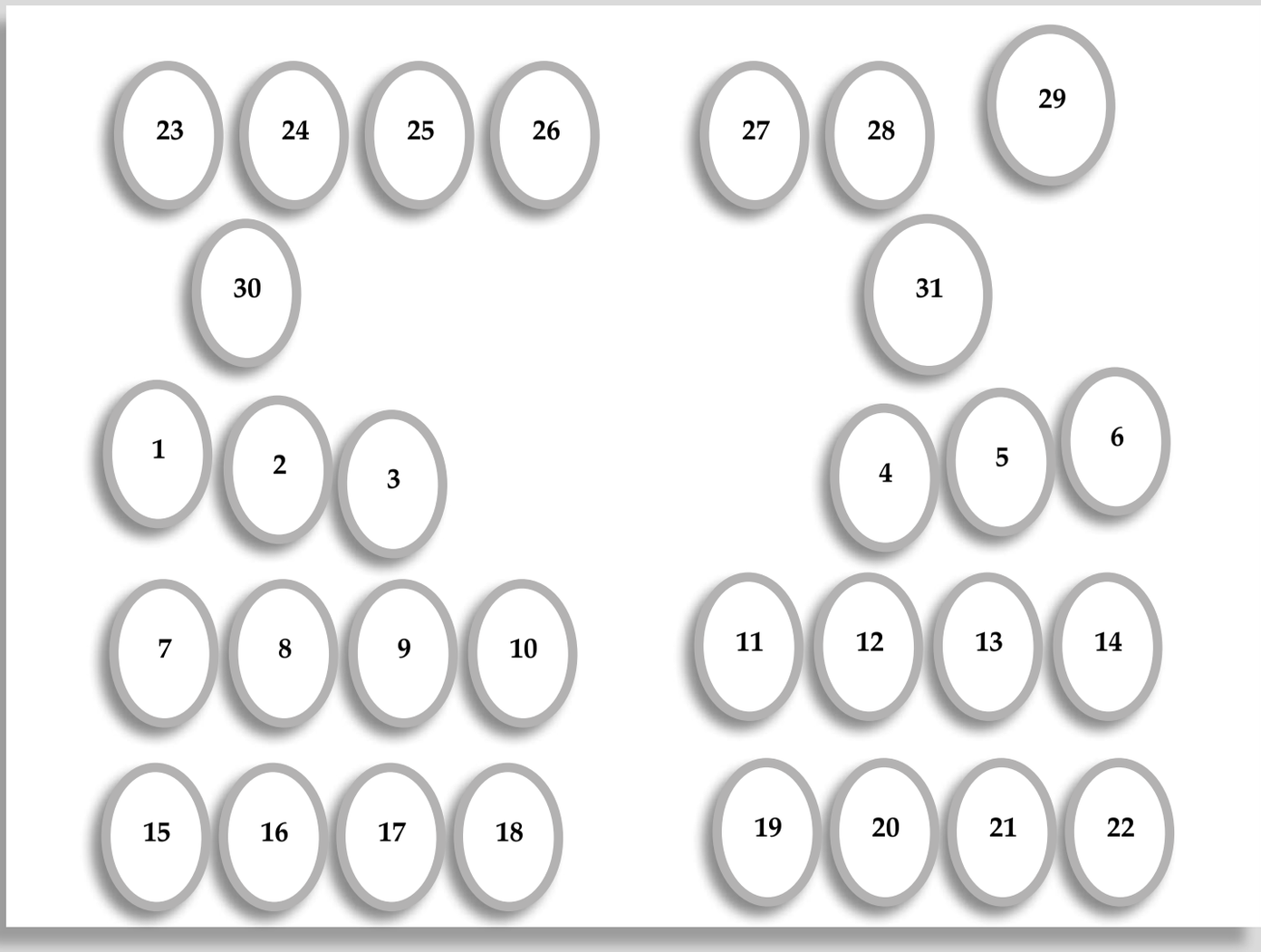
Homenageados

36 - Mário Bott - Diretor
37 - Dr. Nereu Ramos - Paraninfo
38 - Orlando Fernandes - Inspetor Federal
39 - Orlando Brasil
40 - Flávio Ferrari - Secretário
41 - Fernando Machado
42 - Wilmar Dias
43 - Vitor Lima

Legenda:

- Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

3.6 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores, 1943



1 - Arno Schmidt

2 - Túlio Pinto da Luz

3 - José Rubik

4 - Ivette Elpo da Silveira

5 - Otilia Ana Moritz

6 - Ignezita Fornerolli

7 - Cyro Belli Muller

8 - Aldo Kirsten

9 - Frederico Pedro Bavasso

10 - Dilermando Brito

11 - Nelson Martins de Almeida

12 - Demerval Vieira

13 - Carlos Bonetti

14 - Sem identificação

15 - Marcílio Bonassis de Melo

16 - Aliatar Silva

17 - Gustavo Zimmer

18 - Ivo Silva

19 - Sem identificação

20 - Manuel Bastos Laus

21 - Sem identificação

22 - João Berka

23 - Mário Bott
Diretor

24 - Orlando Fernandes
Inspetor Federal

25 - Orlando Brasil

26 - Fernando Machado
Vieira

27 - Wilmar Dias

28 - Vitor Lima

29 - Dr. Nereu Ramos

30 - Flávio Ferrari
Secretário

31 - Sem identificação

Academia de Comércio de Santa Catarina

Contadores, 1943

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - Arno Schmidt	111
2 - Túlio Pinto da Luz	118
3 - José Rubik	122
4 - Ivette Elpo da Silveira	117
5 - Otilia Ana Moritz	120
6 - Ignezita Fornerolli	110
7 - Cyro Belli Muller	115
8 - Aldo Kirsten	121
9 - Frederico Pedro Bavasso	128
10 - Dilermando Brito	109
11 - Nelson Martins de Almeida	116
12 - Demerval Vieira	126
13 - Carlos Bonetti	127
14 - Sem identificação	-
15 - Marcílio Bonassis de Melo	119
16 - Aliatar Silva	130
17 - Gustavo Zimmer	112
18 - Ivo Silva	129
19 - Sem identificação	-
20 - Manuel Bastos Laus	123
21 - Sem identificação	-
22 - João Berka	125
■ - Julio Klappoth	113
■ - Herval Melim	114
■ - Maurillo Roberge	124

Homenageados

23 - Mário Bott - Diretor

24 - Orlando Fernandes - Inspetor Federal

25 - Orlando Brasil

26 - Fernando Machado Vieira

27 - Wilmar Dias

28 - Vitor Lima

29 - Dr. Nereu Ramos

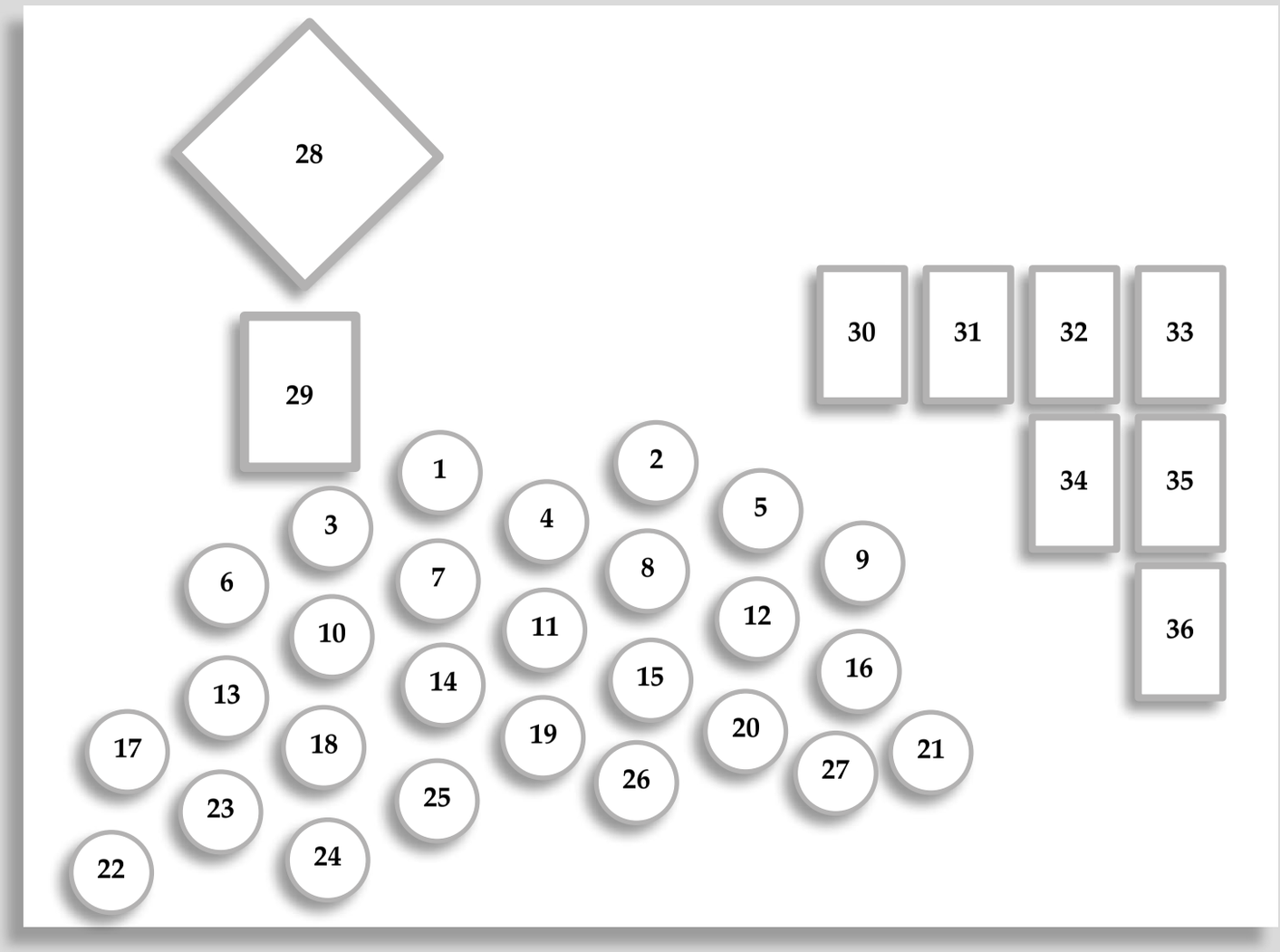
30 - Flávio Ferrari - Secretário

31 - Sem identificação

Legenda:

- Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

3.7 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1944



1 - Dora Rita Klappoth

2 - Aleida Ferrari

3 - Ruy Vieira

4 - Êdio Ortiga Fedrigo - Orador

5 - Waldyr Albani

6 - Nicolau Haviaras

7 - Mario Climaco da Silva

8 - Sylvio Ferrari

9 - Hélio Monteiro

10 - Jauro Dentice Linhares

11 - Jeny Andrade Silva

12 - Bernardo Berka

13 - Antonio Mendes de Souza

14 - Adolfo Nicolich da Silva

15 - Saul Oliveira

16 - Floriano de Mello Mattos

17 - Sebastião Bonassis de Albuquerque

18 - Venicius Búrigo

21 - Ladislau Kowalski

22 - Zalmir de Lima

19 - Geraldo Gercino Stotz

20 - Osvaldo Carpes

23 - Ruy Cunha

24 - João Carlos de Campos

25 - Gerold Sprengel

26 - Manoel Lino de Jesus

27 - Antonio Vieira de Oliveira

28 - João da Silva
Medeiros Filho - Paraninfo

29 - Nereu Ramos

30 - Fernando Machado
Diretor

31 - Orlando Fernandes
Inspetor Federal

32 - Flavio Ferrari
Secretário

33 - Orlando Brasil

34 - Vitor Lima

35 - Lindolfo A. G. Pereira

36 - Wilmar Dias

Academia de Comércio de Santa Catarina

Contadores de 1944

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - Dora Rita Klappoth	158
2 - Aleida Ferrari	141
3 - Ruy Vieira	139
4 - Êdio Ortiga Fedrigo - Orador	131
5 - Waldyr Albani	137
6 - Nicolau Haviaras	148
7 - Mario Climaco da Silva	140
8 - Sylvio Ferrari	147
9 - Hélio Monteiro	136
10 - Jauro Dentice Linhares	150
11 - Jeny Andrade Silva	149
12 - Bernardo Berka	142
13 - Antonio Mendes de Souza	143
14 - Adolfo Nicolich da Silva	152
15 - Saul Oliveira	156
16 - Floriano de Mello Mattos	146
17 - Sebastião Bonassis de Albuquerque	132
18 - Venicius Búrigo	135
19 - Geraldo Gercino Stotz	153
20 - Osvaldo Carpes	138
21 - Ladislau Kowalski	145
22 - Zalmir de Lima	133
23 - Ruy Cunha	157
24 - João Carlos de Campos	144
25 - Gerold Sprengel	154
26 - Manoel Lino de Jesus	134
27 - Antonio Vieira de Oliveira	155
- Rubens Kersten	151
- João Corfu	159

Homenageados

28 - João da Silva Medeiros Filho - Paraninfo
29 - Nereu Ramos
30 - Fernando Machado - Diretor
31 - Orlando Fernandes - Inspetor Federal
32 - Flavio Ferrari - Secretário
33 - Orlando Brasil
34 - Vitor Lima
35 - Lindolfo A. G. Pereira
36 - Wilmar Dias

Observações:

- Neste quadro falta a menção de duas fotografias (que foram perdidas ao decorrer do tempo) de formandos na parte inferior do quadro logo abaixo dos formandos 23 e 25. Há menção dos formandos no Livro 1 de Registro de Diplomas da Academia de Comércio de SC.

Legenda:

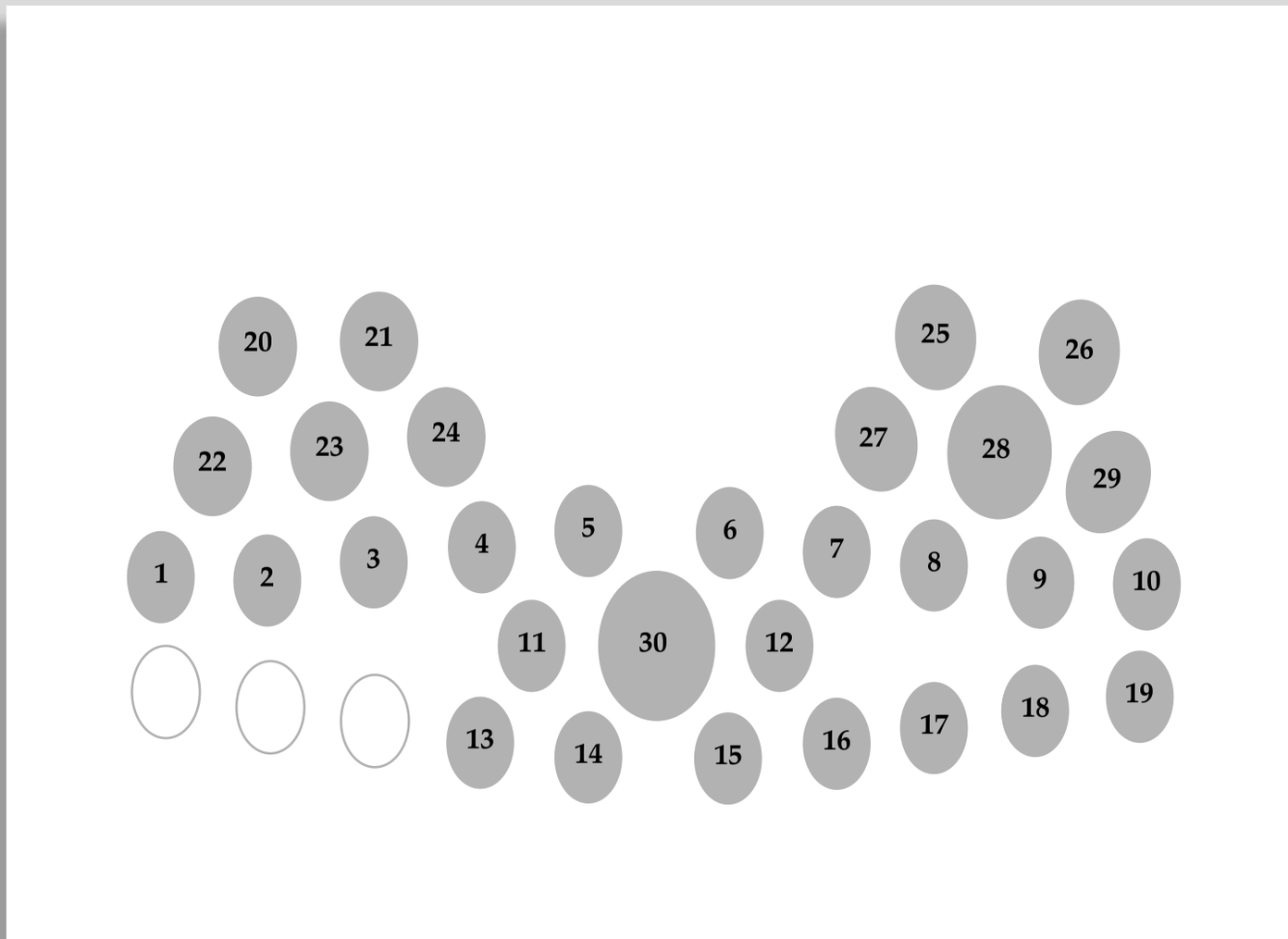
Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.

Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.

Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.

Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

3.8 – Administração e Finanças, Bacharéis em Ciências Econômicas, 1945



1 - Discórides de Méllo

2 - Wilson Andriani

3 - Célio Ferrari

4 - José Vieira Dutra

5 - Walter Kuenzer

6 - Aécio Cabral Neves

7 - Theobaldo Ulysséa Teixeira

8 - Ernesto Riggenbach

9 - Paulo Scheidemantel

10 - Elias Mansus Elias

11 - Hela Fanny Kather

12 - Mário Laurindo

13 - Cristovão Nunes Pires

14 - Procópio Ouriques

15 - Luiz Eugênio Beirão

16 - Osmar Cunha

17 - Ivo Reis Montenegro

18 - Luiz Francisco Borja

19 - Nestor Carneiro

20 - Dr. Henrique Stodieck

21 - João Bonassis

22 - Dr Nereu Ramos

23 - Orlando Fernandes

24 - Milton da Costa

25 - Othon Gama D'Eça

26 - Lindolfo Pereira

27 - Fernando Vieira

28 - Luiz Gallotti

29 - Flavio Ferrari

30 - Orlando Brasil

Observações:

- Por se tratar da 1ª Turma de Bacharéis em Ciências Econômicas, os formandos não constam no Livro 1 de Registro de diplomas, que é exclusivo ao registro de diplomas de Peritos, Contadores e Técnicos em Contabilidade.

- Os alunos e homenageados foram identificados graças aos nomes escritos em tinta branca na foto de cada pessoa. Há 3 espaços em branco no quadro de formatura sem nenhuma foto ou menção a algum nome de formando.

Legenda:

- Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

Administração e Finanças

Bacharéis em Ciências Econômicas, 1945

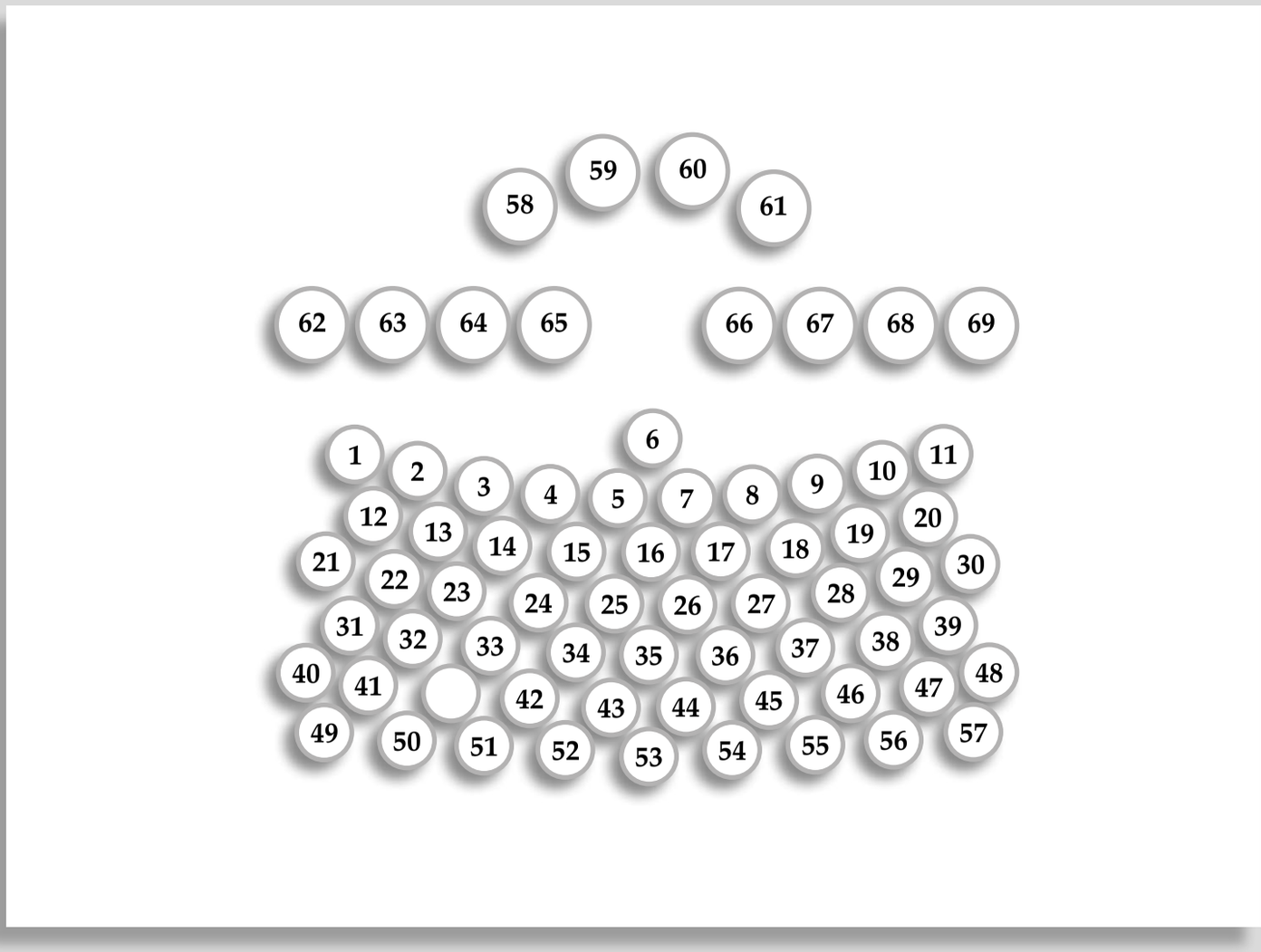
Identificação da fotografia no painel

1 - Discórides de Méllo
2 - Wilson Andriani
3 - Célio Ferrari
4 - José Vieira Dutra
5 - Walter Kuenzer
6 - Aécio Cabral Neves
7 - Theobaldo Ulysséa Teixeira
8 - Ernesto Riggenbach
9 - Paulo Scheidemantel
10 - Elias Mansus Elias
11 - Hela Fanny Kather
12 - Mário Laurindo
13 - Cristovão Nunes Pires
14 - Procópio Ouriques
15 - Luiz Eugênio Beirão
16 - Osmar Cunha
17 - Ivo Reis Montenegro
18 - Luiz Francisco Borja
19 - Nestor Carneiro

Homenageados

20 - Dr. Henrique Stodieck
21 - João Bonassis
22 - Dr. Nereu Ramos
23 - Orlando Fernandes
24 - Milton da Costa
25 - Othon Gama D'Eça
26 - Lindolfo Pereira
27 - Fernando Vieira
28 - Luiz Gallotti
29 - Flavio Ferrari
30 - Orlando Brasil

3.9 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1945



1 - Fioravante João Marchi

2 - Paulo Malty

3 - Rino von Mors

4 - Oscar Cardoso Filho

5 - Maria da Conceição Mello

6 - Euclides Fernandes - Orador

7 - Ilza Cecilia de Lima

8 - Denise Veríssimo Pereira

9 - Wener Springmann

10 - Anneliese Entres

11 - Lenir Maria Brasil

12 - Alfredo Russi

13 - Sada Boabaid dos Reis

14 - Hélcio de Menezes

15 - Yone Moreira de Mello

16 - Maurílio Fernandes

17 - Yoldory Campos Garofallis

18 - João Makowiecky

19 - Hugo Wondracek

20 - Helio Moura

21 - Newton Thibes de Almeida

22 - Túlia Matos

23 - Nair Ferrari

24 - Sílvio Orlando Damiani

25 - Donatílio Silva

26 - Oscar Pereira

27 - João Ventura

28 - Bento Pereira Oliveira

29 - David Gomes Mendonça

30 - Vylma Moritz

31 - Ely Maria Silva

32 - Rodolfo Fernando Pinto da Luz

33 - Ilmem da Costa Melim

34 - Maria Rosa Cherem

35 - Hélio Born da Silva

36 - Frederico Herondino Leite

37 - Nelson Szpoganicz

38 - Eunice Oliveira

39 - Nenna de Lourdes Santos

40 - Elisabeth Rihl

41 - Aline Ulysséa Nicolazzi

42 - Aldo Rodrigues de Araújo

43 - Magali Renée Lebarbenchon

44 - Neyde Maria Pereira

45 - Anna Rita Cabral Machado

46 - Maria Luiza Figueiredo Campos

47 - José Rodrigues de Araujo

48 - Acácio Garibaldi S. Thiago

49 - Germano Hoffmann

50 - Constantino Syriaco Atherino

51 - Aldo Affonso Vieira

52 - Walter Deutch

53 - Waldemar Werner

54 - Hamilton Abbade Valente Ferreira

55 - Victor dos Santos Alberton

56 - Dilma Damiani

57 - Theodócio Atherino

58 - Dr. Nereu Ramos

59 - Dr. Luiz Gallotti
Interventor Federal

60 - Fernando Machado
Vieira - Diretor

61 - Flávio Ferrari
Secretário e Paraninfo

62 - Orlando Fernandes -
Inspetor Federal

63 - Dr. Abel Alvares
Cabral Júnior

64 - Albi Pereira

65 - Dr. Lindolfo
A. G. Pereira

66 - Orlando Brasil

67 - Dr. Vitor Lima

68 - Dr. Wilmar Dias

69 - José Haroldo Calado
(homenagem póstuma)

Academia de Comércio de Santa Catarina

Contadores de 1945

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - Fioravante João Marchi	173
2 - Paulo Malty	217
3 - Rino von Mors	190
4 - Oscar Cardoso Filho	188
5 - Maria da Conceição Mello	206
6 - Euclides Fernandes - Orador	205
7 - Ilza Cecilia de Lima	218
8 - Denise Veríssimo Pereira	218
9 - Wener Springmann	199
10 - Anneliese Entres	165
11 - Lenir Maria Brasil	207
12 - Alfredo Russi	162
13 - Sada Boabaid dos Reis	191
14 - Hélcio de Menezes	175
15 - Yone Moreira de Mello	211
16 - Maurílio Fernandes	202
17 - Yoldory Campos Garofallis	200
18 - João Makowiecky	178
19 - Hugo Wondracek	177
20 - Helio Moura	176
21 - Newton Thibes de Almeida	216
22 - Túlia Matos	194
23 - Nair Ferrari	212
24 - Sílvio Orlando Damiani	192
25 - Donatílio Silva	169
26 - Oscar Pereira	189
27 - João Ventura	179
28 - Bento Pereira Oliveira	166
29 - David Gomes Mendonça	203
30 - Vylma Moritz	196
31 - Ely Maria Silva	171

32 - Rodolfo Fernando Pinto da Luz	214
33 - Ilmem da Costa Melim	208
34 - Maria Rosa Cherem	201
35 - Hélio Born da Silva	■
36 - Frederico Herondino Leite	204
37 - Nelson Szpoganicz	185
38 - Eunice Oliveira	172
39 - Nenna de Lourdes Santos	186
40 - Elisabeth Rihl	170
41 - Aline Ulysséa Nicolazzi	163
42 - Aldo Rodrigues de Araújo	161
43 - Magali Renée Lebarbenchon	181
44 - Neyde Maria Pereira	187
45 - Anna Rita Cabral Machado	164
46 - Maria Luiza Figueiredo Campos	183
47 - José Rodrigues de Araujo	219
48 - Acácio Garibaldi S. Thiago	160
49 - Germano Hoffmann	174
50 - Constantino Syriaco Atherino	167
51 - Aldo Affonso Vieira	210
52 - Walter Deutch	198
53 - Waldemar Werner	197
54 - Hamilton Abbade Valente Ferreira	182
55 - Victor dos Santos Alberton	195
56 - Dilma Damiani	168
57 - Theodócio Atherino	193
■ - Léa Castro	180
■ - Marilda Carneiro da Cunha Luz	184
■ - Waldemar Busch	213
■ - Alvaro Selva Gentil	215

Homenageados

58 - Dr. Nereu Ramos
59 - Dr. Luiz Gallotti - Interventor Federal
60 - Fernando Machado Vieira - Diretor
61 - Flávio Ferrari - Secretário e Paraninfo
62 - Orlando Fernandes - Inspetor Federal
63 - Dr. Abel Alvares Cabral Júnior
64 - Albi Pereira
65 - Dr. Lindolfo A. G. Pereira
66 - Orlando Brasil
67 - Dr. Vitor Lima
68 - Dr. Wilmar Dias
69 - José Haroldo Calado (homenagem póstuma)

Observações:

- Neste painel há 1 foto sem identificação por estar em branco; 1 formando, com foto sem identificação porém com a foto em perfeito estado de conservação. Há além dessas situações, há outros 3 alunos com menção no Livro 1 de Registro de Diplomas; assim neste quadro há 5 formando sem ser possível sua identicação.

Legenda:

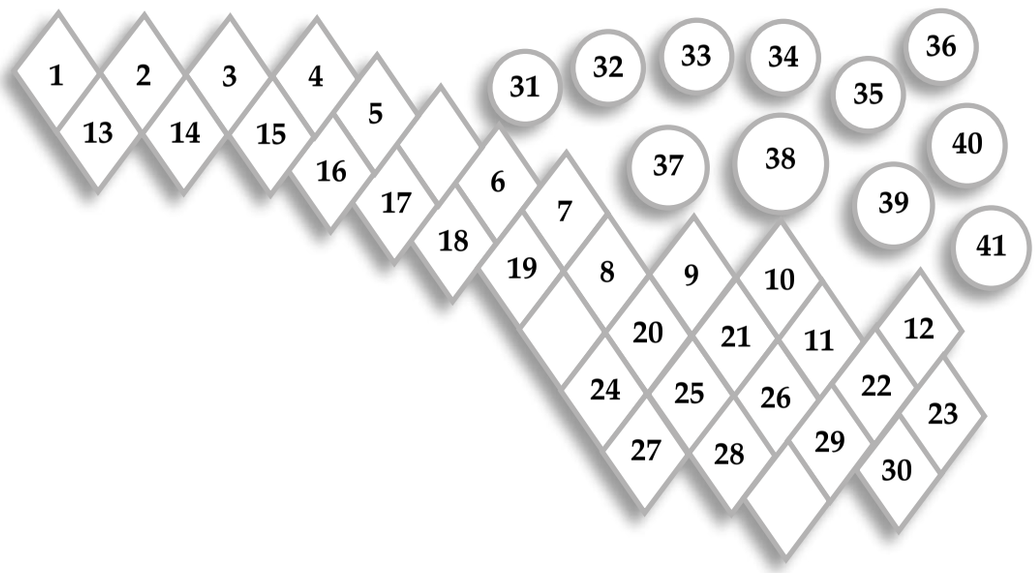
■ Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.

■ Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.

■ Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.

■ Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

3.10 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadorandos de 1946



1 - Maria Mercedes de Borja

2 - Abel Capella

3 - Raquel Peixoto Bayer

4 - Waldir da Silva Kuenzer

5 - Walmor Aguiar Borges

6 - Méri Guimarães Born

7 - Maria Thereza Bastos

8 - Vivaldi Garofallis

9 - Paulo Amaral

10 - Joaquim Luis Dias

11 - Gecy Rocha

12 - Sylvio Ney Soncini

13 - Hélio Milton Pereira - Orador

14 - Vera Tertschitsch

15 - Yeda da Gama Lobo d'Eça

16 - Osny Neves

17 - Denny Truppel

18 - Martha Springmann

19 - Dey Alvares Cabral

20 - Osmar de Lima Veiga

21 - Nelio Ligocki

22 - Sem identificação

23 - José Ferreira

24 - Sem identificação

25 - Sem identificação

26 - Sem identificação

27 - Sem identificação

28 - Murillo Rodrigues

29 - Sem identificação

30 - Sem identificação

31 - Dr. Osmar Cunha

32 - Dr. Lindolfo Pereira

33 - Dr. Jorge José de Souza
Secretário

37 - Dr. Udo Deeck

38 - Dr. Vitor Lima

39 - Prof. Flávio Ferrari
Diretor

34 - Dr. Abel Alvares
Cabral Jr.

35 - Octavio da Silveira Filho
Fiscal do Governo Federal

36 - Orlando Fernandes

40 - Fernando Machado

41 - Silvia Carneiro da
Cunha

Academia de Comércio de Santa Catarina

Contadorandos de 1946

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - Maria Mercedes de Borja	239
2 - Abel Capella	223
3 - Raquel Peixoto Bayer	250
4 - Waldir da Silva Kuenzer	221
5 - Walmor Aguiar Borges	246
6 - Méri Guimarães Born	241
7 - Maria Thereza Bastos	227
8 - Vivaldi Garofallis	244
9 - Paulo Amaral	251
10 - Joaquim Luis Dias	224
11 - Gecy Rocha	253
12 - Sylvio Ney Soncini	254
13 - Hélio Milton Pereira - Orador	245
14 - Vera Tertschitsch	243
15 - Yeda da Gama Lobo d'Eça	226
16 - Osny Neves	228
17 - Denny Truppel	220
18 - Martha Springmann	234
19 - Dey Alvares Cabral	252
20 - Osmar de Lima Veiga	232
21 - Nelio Ligocki	225
22 - Sem identificação	-
23 - José Ferreira	247
24 - Sem identificação	-
25 - Sem identificação	-
26 - Sem identificação	-
27 - Sem identificação	-
28 - Murillo Rodrigues	■
29 - Sem identificação	-
30 - Sem identificação	-
■ - Marília Prats Fernandes	222
■ - Onofre Alves Pereima	229

■ - Antônio Kowalski	230
■ - Urí Coutinho de Azevedo	233
■ - Ruy Carlos Baptista	235
■ - Nelson Nunes Veran	236
■ - Jairo Lisbôa	237
■ - Dijalma Araujo	238
■ - Vitorino Fretta	240
■ - Orlando Seára	242
■ - Hans Karl Leyendecker	248
■ - Nivaldo Lopes de Almeida	249
■ - Mario-Arthur Ferraresi	255

Homenageados

31 - Dr Osmar Cunha
32 - Dr. Lindolfo Pereira
33 - Dr. Jorge José de Souza - Secretário
34 - Dr. Abel Alvares Cabral Jr
35 - Octavio da Silveira Filho - Fiscal do Governo Federal
36 - Orlando Fernandes
37 - Dr. Udo Deeck
38 - Dr. Vitor Lima
39 - Prof. Flávio Ferrari - Diretor
40 - Prof. Fernando Machado
41 - Profª. Silvia A. Carneiro da Cunha

Observações:

- Quadro muito deteriorado antes do restauro. Observa-se que a posição de cada rosto no quadro pode estar comprometida.

Legenda:

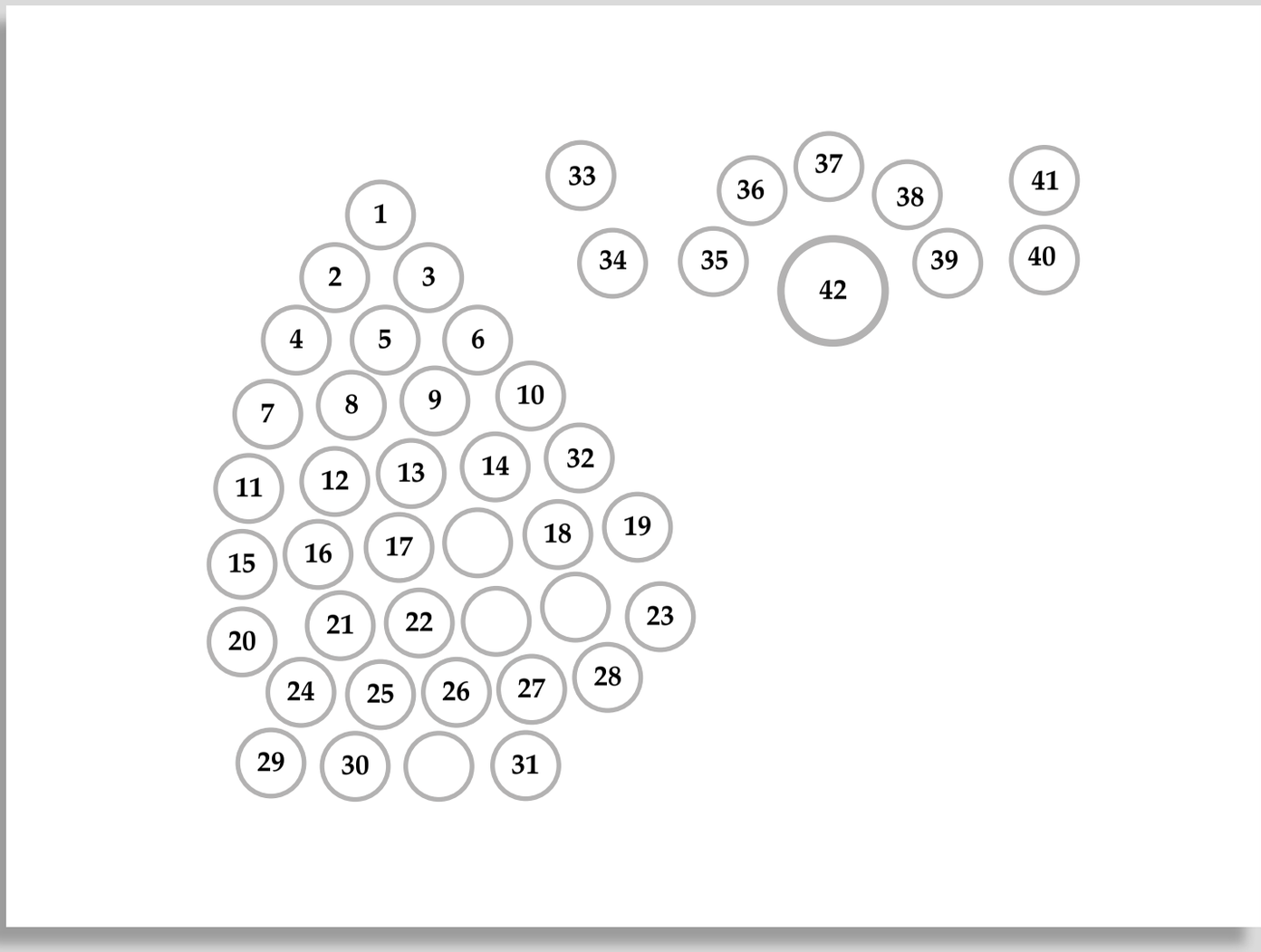
■ Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.

■ Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.

■ Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.

■ Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

3.11 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1947



1 - Washington Luiz do Valle Pereira - Orador

2 - Lythmar Machado de Souza

3 - Lyro Burigo Bez

4 - Angela Maria Gracia Evangelista

5 - Jonia Christoval

6 - Lauriano Gomes

7 - Walmor Capanema

8 - Aloysio Soares de Oliveira

9 - Adolpho Elpo da Silveira

10 - Aldir Maria Ramos

11 - Carlos Henrique Baasch

12 - Jonas Andriani

13 - Ary Kardec Bosco de Mello

14 - Dulce Ortiga Ligocki

15 - Mozart Vieira

16 - Leandro José da Silva Junior

17 - Altair Coutinho de Azevedo

18 - Maria Schetz

21 - Sem identificação

22 - Ivo Bez

19 - Vélia Suely Andrade da Veiga

20 - Orestildo Tomaselli

23 - Henal Miguel

24 - Saul Ulysséa Baião

25 - Dylton do Vale Pereira

26 - Cora Colônia

27 - Arlinda Maria Machado

28 - Maria Lygia Cúneo

29 - Dib Cherem

30 - Erasmo Rodrigues

31 - Benno Meyer Peressoni

32 - Eugênio Doin Vieira

33 - Dr. Osmar Cunha

34 - Silvia A. C. da Cunha

35 - Abel Alvares Cabral Jr.

36 - Octavio da Silveira Filho
Inspetor Federal

37 - Dr. Aderbal da Silva
Governador

38 - Prof. Vitor Lima

39 - Fernando M. Vieira

40 - Lindolfo Pereira

41 - Jorge de Souza
Secretário

42 - Flavio Ferrari - Paraninfo

Academia de Comércio de Santa Catarina

Contadores de 1947

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - Washington Luiz do Valle Pereira - Orador	290
2 - Lythmar Machado de Souza	264
3 - Lyro Burigo Bez	261
4 - Angela Maria Gracia Evangelista	277
5 - Jonia Christoval	292 (p. 146)
6 - Lauriano Gomes de Almeida	291
7 - Walmor Capanema	279
8 - Aloysio Soares de Oliveira	262
9 - Adolpho Elpo da Silveira	263
10 - Aldir Maria Ramos	257
11 - Carlos Henrique Baasch	265
12 - Jonas Andriani	284
13 - Ary Kardec Bosco de Mello	274
14 - Dulce Ortiga Ligocki	259
15 - Mozart Vieira	266
16 - Leandro José da Silva Junior	268
17 - Altair Coutinho de Azevedo	280
18 - Maria Schetz	258
19 - Vélia Suely Andrade da Veiga	270
20 - Orestildo Tomaselli	276
21 - Sem identificação	-
22 - Ivo Bez	269
23 - Henal Miguel	260
24 - Saul Ulysséa Baião	288
25 - Dylton do Vale Pereira	287
26 - Cora Colônia	285
27 - Arlinda Maria Machado	271
28 - Maria Lygia Cúneo	281
29 - Dib Cherem	272
30 - Erasmo Rodrigues	289
31 - Benno Meyer Peressoni	286
32 - Eugênio Doin Vieira	278

■ - Dimas Prazeres de Campos	267
■ - Jorge Miguel Atherinos	273
■ - Therezinha de Jesus da Luz Fontes	275
■ - Alby Pereira	282
■ - Mauro Sergio Vaccari	283

Homenageados

32 - Dr. Osmar Cunha
33 - Silvia A. C. da Cunha
34 - Prof. Abel Alvares Cabral Jr.
35 - Octavio da Silveira Filho - Inspetor Federal
36 - Dr. Aderbal da Silva - Governador
37 - Prof. Vitor Lima
38 - Prof. Fernando Machado Vieira
39 - Dr. Lindolfo Pereira
40 - Prof. Dr. Jorge de Souza - Secretário
41 - Flávio Ferrari - Paraninfo

Observações:

- Este quandro possui uma foto em perfeito estado sem possível identificação e outras 5 molduras sem fotos e sem menção à qual cada formando, que constam no Livro 1 de Registros de Diplomas, pertence.

Legenda:

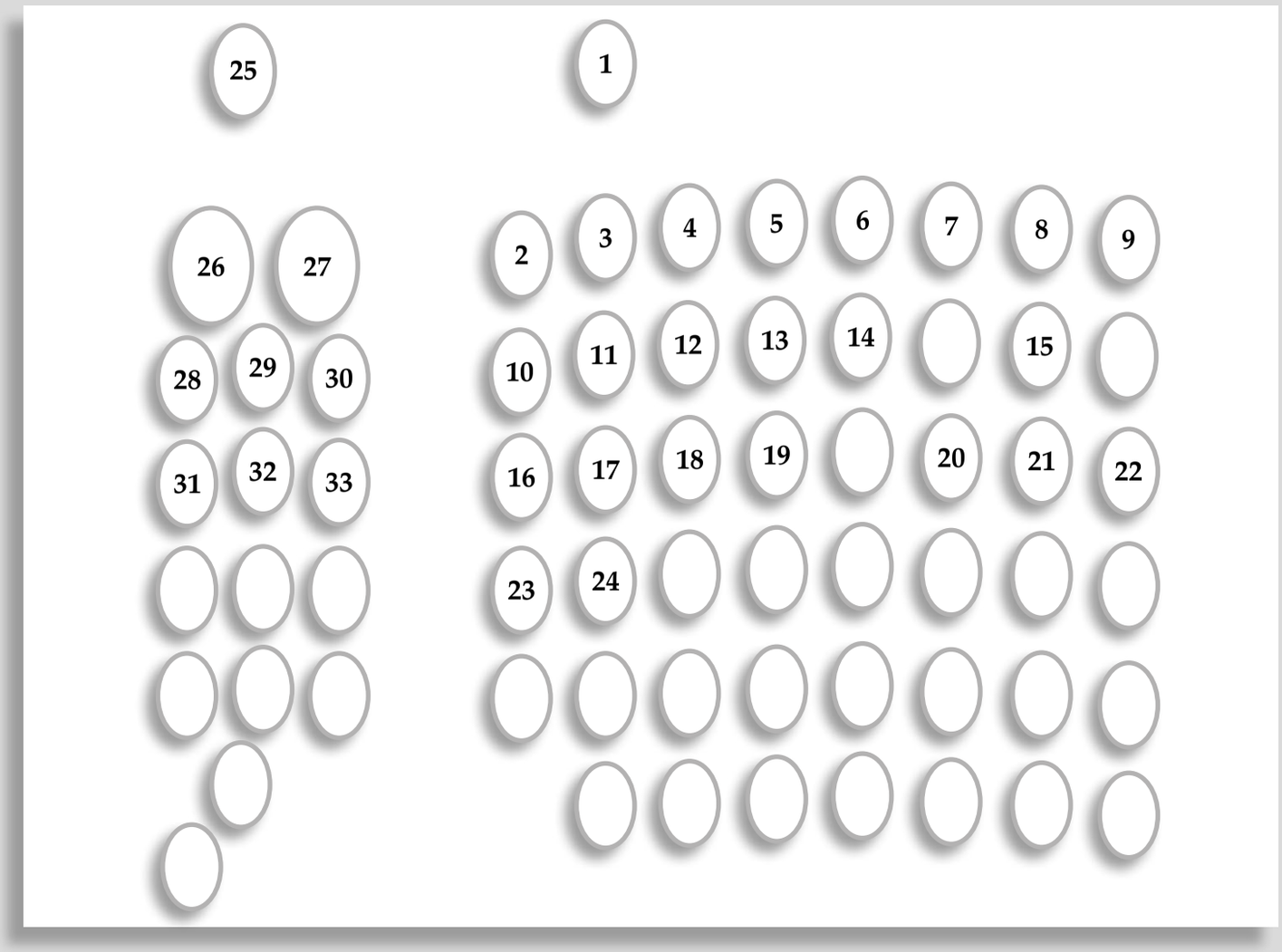
■ Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.

■ Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.

■ Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.

■ Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

3.12 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Técnicos em Contabilidade de 1949



1 - Jucélio Costa - Orador

2 - Adhemar dos Passos

3 - Alcebíades Cândido Pinheiro

4 - Aldo Câmara da Silva

5 - Alfredo Henrique Wendhausen

6 - Aloysio Affonso Durieux

7 - Antonio Botelho de Abreu Irmão

8 - Archibaldo Cabral Neves

9 - Armando Sylvio Carreirão

10 - Arno Coutinho de Azevedo

11 - Berlinda May

12 - Célia Stendel Areão

13 - Celso Carlos Porto

14 - Daisi Therezinha Benvenutti

15 - Dilmo Luiz Prá

16 - Hamilton Caminha

17 - Edgar Vieira de Medeiros

18 - Hiedy de Assis Corrêa

19 - Evaristo Gouvêa

20 - Hoyêdo de Gouvêa Luis

21 - Ieda Nunes Veran

22 - Hedi Rosa

23 - Irene Monteiro

24 - Irineu João de Espindola

25 - Dr. José Boabaid
Homenagem de Honra
Governador do Estado

26 - Lindolfo Anatércio
Gonçalves Pereira - Patrono

27 - Prof. Fernando
Machado Vieira - Paraninfo

28 - Otávio Silveira Filho
Inspetor Federal

29 - Prof. Flávio Ferrari
Diretor

30 - Prof. José de Souza
Secretário

31 - Prof. Anibal Nunes Pires

32 - Sílvia Amélia
Carneiro da Cunha

33 -Prof. Osmar Cunha

Academia de Comércio de Santa Catarina

Técnicos em Contabilidade de 1949

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - Jucélio Costa - Orador	331
2 - Adhemar dos Passos	358
3 - Alcebíades Cândido Pinheiro	369
4 - Aldo Câmara da Silva	360
5 - Alfredo Henrique Wendhausen	339
6 - Aloysio Affonso Durieux	340
7 - Antonio Botelho de Abreu Irmão	350
8 - Archibaldo Cabral Neves	345
9 - Armando Sylvio Carreirão	336
10 - Arno Coutinho de Azevedo	356
11 - Berlinda May	347
12 - Célia Stendel Areão	348
13 - Celso Carlos Porto	334
14 - Daisi Therezinha Benvenutti	366
15 - Dilmo Luiz Prá	349
16 - Hamilton Caminha	338
17 - Edgar Vieira de Medeiros	361
18 - Hiedy de Assis Corrêa	328
19 - Evaristo Paulo Gouvêa	373
20 - Hoyêdo de Gouvêa Luis	344
21 - Ieda Nunes Veran	335
22 - Hedi Rosa	368
23 - Irene Monteiro	367
24 - Irineu João de Espindola	330
■ - Denizart Carvalho Regis	329
■ - Leovanir Lisbôa	332
■ - Regina Magda Pavan Simões	333
■ - Ned Perrone Mund	337
■ - Zalmir da Luz Costa	341
■ - Izaias Ulysséa	342

- Maria Helena da Cunha 343
- Sidney Damiani 346
- Joaquim Carneiro Filho 351
- Lyette Lucy Kobarg 352
- Ecleia Bolt 353
- Moacir Benvenutti 354
- Hermano Marinho Pereira 355
- Maria Ozima Coelho 357
- Ney Walmor Hübener 359
- Naevio José Amin 362
- Pedro Maria Trompowsky Taulois Netto 363
- José Carlos Gubert 364
- Lupercio Vilain João 365
- José Pires dos Santos 370
- Pedro Hugo de Abreu Netto 371
- Ivan Torres Andreoli 372
- João Valério Rebelo 376

Homenageados

25 - Dr. José Boabaid - Homenagem de Honra/Governador do Estado
26 - Lindolfo Anatércio Gonçalves Pereira - Patrono
27 - Prof. Fernando Machado Vieira - Paraninfo
28 - Otávio Silveira Filho - Inspetor Federal
29 - Prof. Flávio Ferrari - Diretor
30 - Prof. José de Souza
31 - Prof. Anibal Nunes Pires
32 - Sílvia Amélia Carneiro da Cunha
33 - Prof. Osmar Cunha

Observações:

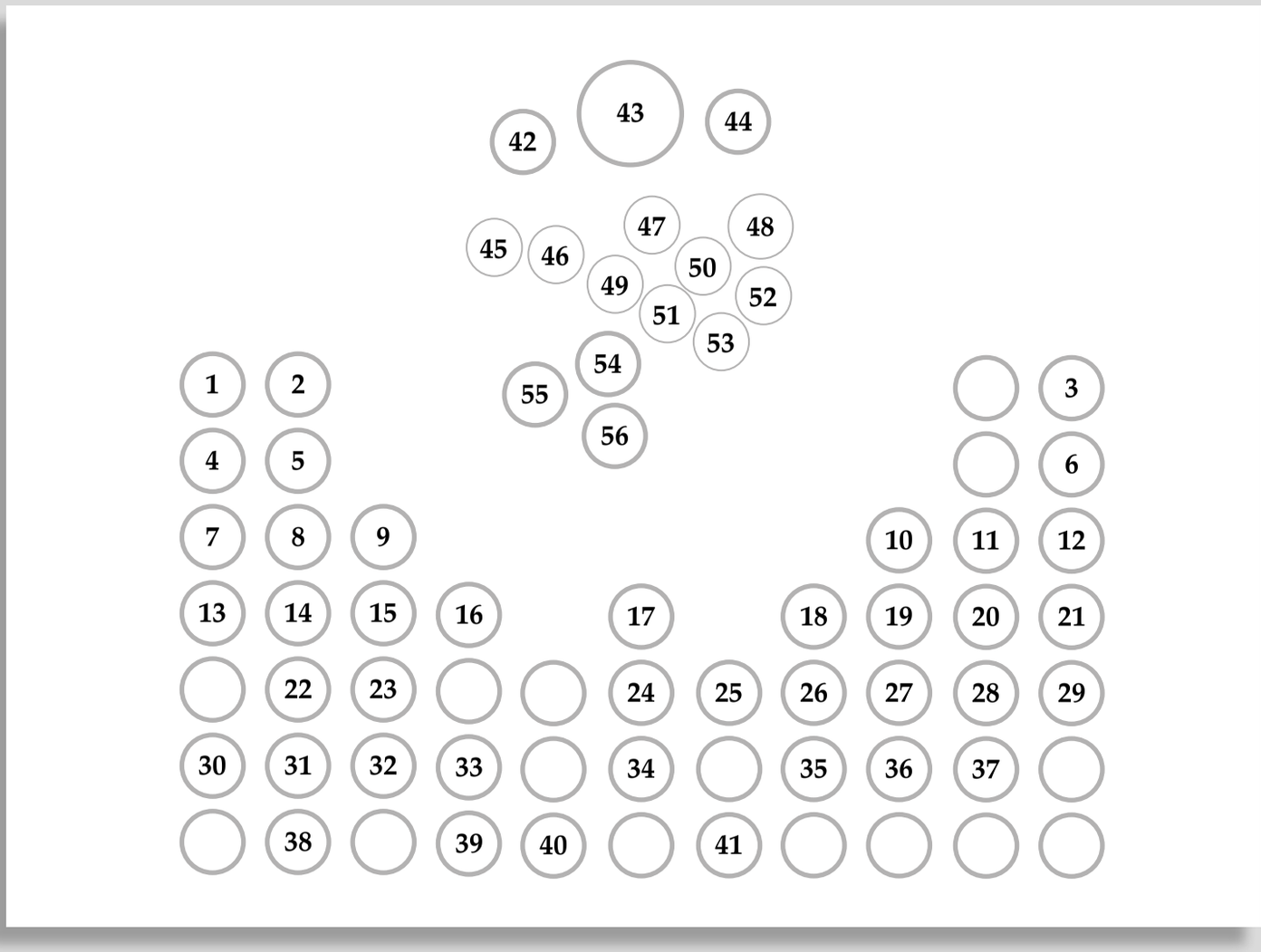
- Faltam possíveis 8 fotos de homenageados - sem possibilidade de identificação pois as fotos foram perdidas com o tempo

- Faltam 23 fotos de formandos - sem possibilidade de identificação pois as fotos foram perdidas com o tempo, há menção de molduras no quadro de formatura e menção dos 23 formandos no Livro 1 de Registro de Diplomas da Academia de Comércio de Santa Catarina.

Legenda:

- Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

3.13 – Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadorandos de 1950



1 - Sem identificação

2 - Sem identificação

3 - Amaury Botto Guimarães

4 - Sem identificação

5 - Sem identificação

6 - Sem identificação

7 - Carl Werner Krüger

8 - Sem identificação

9 - Sem identificação

10 - Déa Cunha

11 - Darcy Brasiliano dos Santos

12 - Sem identificação

13 - Dinorah Flaviano Vieira

14 - Elfrida Lina Hiemisch

15 - Sem identificação

16 - Estefano Nicolau Savas

17 - Sem identificação - Orador

18 - Gerson Bosco dos Santos

19 - Sem identificação

20 - Sem identificação

21 - Hamilton José Berretta

22 - Helka Miriam Baasch

23 - Helladio Olsen Veiga

24 - Sem identificação

25 - Sem identificação

26 - Iolanda dos Reis Martins Camilli

27 - Sem identificação

28 - João Baptista

29 - João Cirilo Véla

30 - Jorge Atherino Kotzias

31 - Sem identificação

32 - Léo Mauro Xavier

33 - Ludgero Niehues

34 - Lya Lopes Viana

35 - Maurício Reis

36 - Sem identificação

37 - Noeli Mendoza

38 - Sem identificação

39 - Sílvio L. Meyer

40 - Sulamita Pereira

41 - Sem identificação

42 - Fernando Machado Vieira

43 - Vitor Lima

44 - Dr. Aderbal Silva Governador

45 - Eugênio Doin Vieira

46 - Lindolfo A. G. Pereira

47 - Eduardo Silva

48 - Flávio Ferrari
Diretor

49 - Wilmar Dias

50 - Octavio Silveira Filho
Inspetor Federal

51 - Orlando Brasil

52 - Osmar Cunha

53 - Abel Alvares Cabral Jr.

54 - Acácio Garibaldi S. Thiago

55 - Sílvia Carneiro da Cunha

56 - Anibal Nunes Pires

Academia de Comércio de Santa Catarina

Contadorandos de 1950

Identificação da fotografia no painel	Número no livro de registro de diplomas
1 - Sem identificação	-
2 - Sem identificação	-
3 - Amaury Botto Guimarães	388
4 - Sem identificação	-
5 - Sem identificação	-
6 - Sem identificação	-
7 - Carl Werner Krüger	382
8 - Sem identificação	-
9 - Sem identificação	-
10 - Déa Cunha	386
11 - Darcy Brasiliano dos Santos	393
12 - Sem identificação	-
13 - Dinorah Flaviano Vieira	383
14 - Elfrida Lina Hiemisch	398
15 - Sem identificação	-
16 - Estefano Nicolau Savas	379
17 - Sem identificação - Orador	-
18 - Gerson Bosco dos Santos	389
19 - Sem identificação	-
20 - Sem identificação	-
21 - Hamilton José Berretta	391
22 - Helka Miriam Baasch	396
23 - Helladio Olsen Veiga	390
24 - Sem identificação	-
25 - Sem identificação	-
26 - Iolanda dos Reis Martins Camilli	397
27 - Sem identificação	-
28 - João Baptista	■
29 - João Cirilo Véla	377
30 - Jorge Atherino Kotzias	■
31 - Sem identificação	-

32 - Léo Xavier	■
33 - Ludgero Niehues	381
34 - Lya Lopes Viana	■
35 - Maurício Reis	■
36 - Sem identificação	-
37 - Noeli Mendoza	399
38 - Sem identificação	-
39 - Sílvio Meyer	■
40 - Sulamita Pereira	378
41 - Sem identificação	-
■ - Pedro José de Souza	380
■ - Silvino Laug Jacques	384
■ - Cid Carlos Porto	385
■ - Yolanda Bonassis	387
■ - Hercílio Pedro da Luz	392
■ - Luiz Nunes	394
■ - Basilio Uniat	395

Homenageados

42 - Fernando Machado Vieira
43 - Vitor Lima
44 - Dr. Aderbal da Silva - Governador
45 - Eugênio Doin Vieira
46 - Lindolfo A. G. Pereira
47 - Eduardo Silva
48 - Flávio Ferrari - Diretor
49 - Wilmar Dias
50 - Octavio Silveira Filho - Inspetor Federal
51 - Orlando Brasil
52 - Osmar Cunha
53 - Abel Alvares Cabral Jr
54 - Acácio Garibaldi S. Thiago
55 - Sílvia Carneiro da Cunha
56 - Anibal Nunes Pires
■ - Jorge José de Souza - Secretário*

Observações:

- (*) Não há menção de homenagem Jorge José de Souza - Secretário ou de foto no painel de formatura.

- Neste painel do ano de 1950 faltam 15 fotografias de formandos – sem possibilidade de identificação pois elas foram perdidas com o tempo;

- Há 41 fotografias de formandos no painel de um total aproximado de 56 formados, segundo a diposição das fotos no quadro de formatura.

- Há menção de 23 formandos no Livro 1 de Registro de Diplomas da Academia de Comércio de Santa Catarina, a numeração do livro termina no registro 399. Acredita-se que o restante dos nomes dos formandos esteja num livro 2 de registro, o qual o Museu da Escola Catarinense (possuidor do Livro 1 de registro em seu acervo) não tem e nem é capaz de informar onde localizá-lo e nem pode afirmar se tal continuação do registro desses formandos exista.

Legenda:

■ Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.

■ Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.

■ Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.

■ Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

■ Os nomes constam no Livro 1 de registro de Diplomas, porém não há registro de fotografia no quadro. Pode ser algum dos 15 espaços em branco.

CAPÍTULO 4

O livro do registro de diplomas e a facilitação ao processo de identificação de nomes que fizeram a história do Estado de Santa Catarina

Neste capítulo, a intenção é realçarmos a importância da Academia de Comércio de Santa Catarina na formação de catarinenses ilustres e na vocação do ensino superior da Ilha de Santa Catarina, o que irá reforçar a importância da preservação dos painéis. Pelas fotos e nomes constantes nos painéis percebemos de imediato nomes de homens e mulheres que participaram ativamente da construção de uma sociedade mais representativa, sobretudo na produção e transmissão de conhecimento, como professores, reitores, advogados, prefeitos, administradores públicos, entre tantos outros. Nomes que fizeram a história do Estado de Santa Catarina. Personalidades que saíram mais fortes dos processos educacionais, reinventando as regras de convívio para além dos interesses meramente personalistas e individualizantes, ou das práticas da omissão e da indiferença. Quando da recuperação dos painéis, muitos destes nomes já estavam apagados pelo tempo, ou irreconhecíveis. No final do ano de 2017, a equipe do Museu recebeu uma pasta em que constava, entre outros documentos, o livro de atas com documentação das formaturas a que se referem os painéis. Em um golpe de sorte ou destino, tal material veio como transferência do arquivo do Centro de Ciências da Educação da UDESC para o Museu da Escola Catarinense. Para a equipe do museu, este era um material perdido. Assim, tanto a documentação em formato de painéis e a documentação formal, com livro de atas, nominatas de todos as personalidades que constam dos painéis e respectivas assinaturas estão agora completos. Quem enviou o material não imaginava o quanto ele seria útil, pois se constitui em fonte histórica de valor inestimável.

Acácio Garibaldi S. Thiago, Hoyêdo de Gouveia Lins, João Makowiecky, Sylvia A. Carneiro da Cunha são apenas alguns dos nomes que fizeram a história do Estado de Santa Catarina, em setores diversos de atuação. Com a reconstituição apresentada, esse é um dos arquivos abertos que merecerão mais e detalhados estudos, localizando a atuação e contribuição destas pessoas para o Estado de Santa Catarina, vistos no seu conjunto, o que irá potencializar a importância não somente da educação, mas da educação recebida por esses jovens, na Academia de Comércio e que souberam usar o conhe-

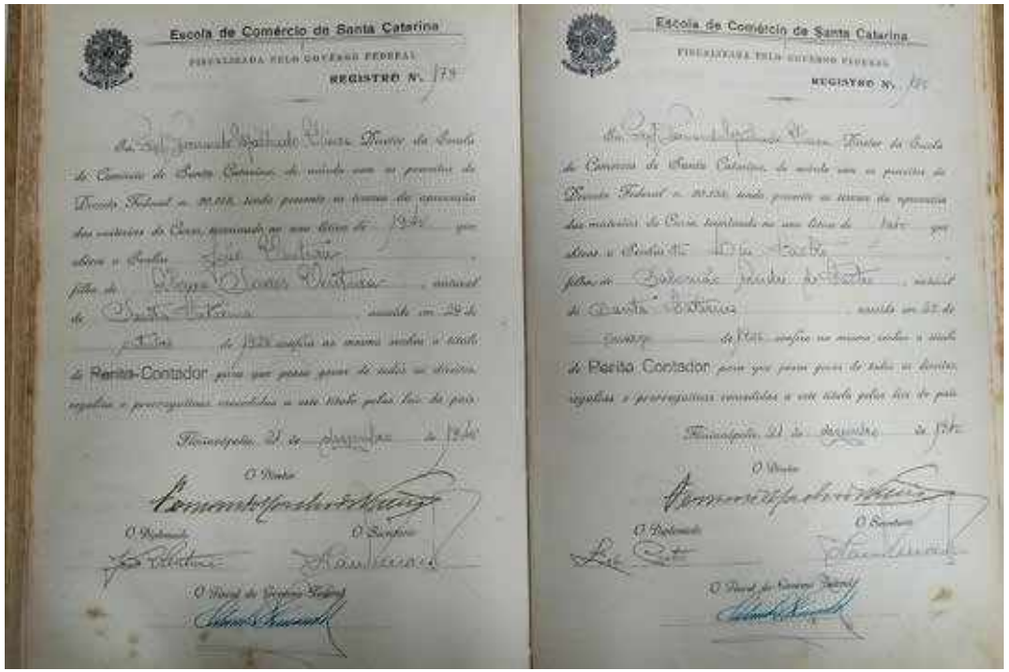


Figura 1 – Foto do livro de registro de diplomas em aberto, mostrando os números de registro decada diploma expedido, bem como dados institucionais e dos formandos, assinaturas, filiação e outros. Foto: acervo MESC

Figura 2 – Foto de capa do livro de registro de diplomas, em sua forma original

Esclarecemos incialmente que esta é a versão datilografada que fizemos de todo o livro do registro de diplomas. Foram vários registros e ilustramos apenas com alguns exemplares que constam em um volume com mais de 200 páginas. Seguem apenas para exemplificar, a cópias de dois registros de diplomas – o registro número 398 e registro número 399.

Academia de Comércio de Santa Catarina
FISCALIZADA PELO GOVERNO FEDERAL

REGISTRO Nº: 398

Eu, Prof *Flávio Ferrari* Diretor da Escola de Comércio de Santa Catarina, de acôrdo com os preceitos do Decreto Federal n. 20.158, tendo presente os termos da aprovação das materias do Curso, terminado no ano letivo de *1948* que obteve a Senhorita *Elfrida Lina Hiemisch*, filha de *Alberto Hiemisch*, natural de *Santa Catarina*, nascida em *17 de abril de 1931* confiro ao mesmo senhor o titulo de Técnico em Contabilidade para que possa gozar de todos os direitos, regalias e prerrogativas concedidas a este titulo pelas leis do país.

Florianópolis, 25 de abril de 1950.

Academia de Comércio de Santa Catarina
FISCALIZADA PELO GOVERNO FEDERAL

REGISTRO Nº: 399

Eu, Prof *Flávio Ferrari* Diretor da Escola de Comércio de Santa Catarina, de acôrdo com os preceitos do Decreto Federal n. 20.158, tendo presente os termos da aprovação das materias do Curso, terminado no ano letivo de *1948* que obteve a Senhorita Noeli Mendoza, filha de *Noé Mendoza*, natural de *Santa Catarina*, nascida em *23 de junho de 1932* confiro ao mesmo senhor o titulo de Técnico em Contabilidade para que possa gozar de todos os direitos, regalias e prerrogativas concedidas a este titulo pelas leis do país.

Florianópolis, 25 de abril de 1950.

Cabe esclarecer também, uma vez mais, que no livro de registro aparecem os nomes dos anos de formandos de 1937 e 1948 , mas não temos dados, fotos e nem os painéis destes anos. Ou não foram executados ou se perderam no tempo.

Ano de formação: 1937

Não possui quadro de Formatura, apenas a listagem de formando no Livro 1 de Registro de Diplomas da Academia de Comécio de Santa Catarina.

Nº registro diploma	Formando
1	João Ovidio Wendhausen de Oliveira
2	Elias Mansur Elias
3	Carlos Dominoni
4	Vitor Silveira de Souza
5	Ernani Born da Silva
6	Ariosto José de Carvalho Costa
7	Jorge Edgar Ritzmann
8	Rodolfo Silveira
9	José Leonardo Clasen
10	Osvaldo Silveira

Ano de formação: 1938

Nº registro diploma	Formando	Posição no painel
11	Aldmir José Ozorio	5
12	Juvelina Martins	4
13	Ivo Nicolau Maes	6
14	João Batista Laus Schmidt - Orador	1
15	Madalena Lacerda	2
16	Miguel Nicolau Spyrides	7
17	Néli Boos	3
256	Adão Sobierajski	-

Ano de formação: 1939

Nº registro diploma	Formando	Posição no painel
18	Aécio Cabral Neves	1
19	Arí Sartorato - Orador	2
20	Plínio Franzoni Junior	9
21	Rômulo Silva	4
22	Luiz Eugênio Beirão	10
23	Nadir Cunha Carreirão	7
24	Vitor Moritz	3
25	Mario Stuart	8
27	Antônio Miroski	11
28	Antonio Berka	12
29	Roberto Ernesto Leyendecker	13
30	Hilma Pereira Baixo	5

Ano de formação: 1940

Nº registro diploma	Formando	Posição no painel
31	Anibal Nunes Pires - Orador	6
32	Idaroldo Vilela	10
33	Alberto Crippa	15
34	Maria de Lourdes Gonçalves	5
35	Alberto Paulo Pereira	16
36	Beatriz Burema da Silva	11
37	Silvio Silva	8
38	Nilton Digiacomo Silva	17
39	Josmar da Luz Silva	2
40	José Ruhland Júnior	4
41	Nilton Batista da Silva	3
42	Eugênia Tancredo de Oliveira	12
43	Walter Kreuzer	13
44	José Philippi	9
45	Alcione Costa Beretta	14
46	Edith Goettmann	7
47	Paulo Oto Scheidemantel	1

Ano de formação: 1941

Nº registro diploma	Formando	Posição no painel
48	Firmino Feijó	17
49	Edio Silva de Oliveira	15
50	Procopio Dario Ouriques	3
51	Nilton Leal	8
52	Luiz Damiani	23
53	Evandro Tupinambá de Carvalho	2
54	Edison Quadros Fortes	16
55	Luiz Francisco de Borja	7
56	Orlando de Carvalho Borja	25
57	Ivo Reis Montenegro	19
58	Mario Nappi	24
59	Dioscórides de Méllo	14
60	Laercio Lisbôa	21
61	Lourival Lisbôa	22
62	Bruno Mario Cechinel	6
63	Carlos Miroski	9
64	Ivanhoé Pellizzetti	18
65	José Mendes	20
66	Teodoro Leandro da Silva	26
67	Dalmiro Duarte Silva	13
68	Braz Limongi	1
69	Zilá Sartorato	11
70	Zilda Rezende	12
71	Delza Falcão Fonseca	10
72	José Virgolino dos Santos	5
73	Ney Ferreira Reis	4

Ano de formação: 1942

Nº registro diploma	Formando	Posição no painel
74	Hela Fanny Kather	29
75	Ovidio Mevio Lazzarin	10
76	Wilson Andriani	22
77	Laudelino Pelleuse	26
78	Hercilio Fronza	8
79	Gervasio Nunes Pires	15
80	Silvestre Salvador	9
81	Arnoldo Pamplona	12
82	Hedy Blum	16
83	Nadir Ferrari	6
84	Osmar Cunha	2
85	Nestor Carneiro	11
86	Moysés Leandro da Silva	1
87	Sevasti Haviaras	17
88	Ademar Americo Madeira	13
89	Mário Laurindo	32
90	Célio Ferrari	19
91	Osvaldo da Silva Campos	30
92	Osvaldo Camilli	4
93	João Eduardo de Miranda Santos	28
94	José Dias Figueira	27
95	Waldemiro Berka	21
96	José Dias	20
97	Oscar Gomes	33
98	José Vieira Dutra	25
99	Ruben Lyra	23
100	Ary Schroeder Carneiro da Cunha	3
101	Eugenio Teuber	7
102	Carlos Alberto da Luz e Silva	35
103	Alyrio Campos de Alcantara	31
104	Telmo Vieira Ribeiro	24
105	Alvaro de Lima Veiga	14
106	Theobaldo Ulysséa Teixeira	34
107	Pedro Alcantara Maia	18
108	Sibilla Carlota Busch	5

Ano de formação: 1943

Nº registro diploma	Formandos	Posição no painel
109	Dilermando Brito	10
110	Ignezita Fornerolli	6
111	Arno Schmidt	1
112	Gustavo Zimmer	17
113	Julio Klappoth	■
114	Herval Melim	■
115	Cyro Belli Muller	7
116	Nelson Martins de Almeida	11
117	Ivette Elpo da Silveira	4
118	Túlio Pinto da Luz	2
119	Marcilio Bonassis de Méllo	15
120	Otilia Ana Moritz	5
121	Aldo Kirsten	8
122	José Rubik	3
123	Manoel Bastos Laus	20
124	Maurillo Roberge	■
125	João Berka	22
126	Demerval Vieira	12
127	Carlos Bonetti	13
128	Frederico Pedro Bavasso	9
129	Ivo Selva	18
130	Aliatar Silva	16

Legenda:

■ Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.

■ Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.

■ Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.

■ Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.

■ Os nomes constam no Livro 1 de registro de Diplomas, porém não há registro de fotografia no quadro. Pode ser algum dos 15 espaços em branco.

Ano de formação: 1944

Nº registro diploma	Formandos	Posição no painel
131	Êdio Ortiga Fedrigo - Orador	4
132	Sebastião Bonassis de Albuquerque	17
133	Zalmir de Lima	22
134	Manoel Lino de Jesus	26
135	Venicius Búrigo	18
136	Hélio Monteiro	9
137	Waldyr Albani	5
138	Osvaldo Carpes	20
139	Ruy Vieira	3
140	Mario Climaco da Silva	7
141	Aleida Ferrari	2
142	Bernardo Berka	12
143	Antonio Mendes de Souza	13
144	João Carlos de Campos	24
145	Ladislau Kowalski	21
146	Floriano de Mello Mattos	16
147	Sylvio Ferrari	8
148	Nicolau Haviaras	6
149	Jeny Andrade Silva	11
150	Jauro Dentice Linhares	10
151	Rubens Kersten	■
152	Adolfo Nicolich da Silva	14
153	Geraldo Gercino Stotz	19
154	Gerold Sprengel	25
155	Antonio Vieira de Oliveira	27
156	Saul Oliveira	15
157	Ruy Cunha	23
158	Dora Rita Klappoth	1
159	João Corfu	■

Ano de formação: 1945

Nº registro diploma	Formandos	Posição no painel
160	Acácio Garibaldi de Paula Ferreira S. Thiago	48
161	Aldo Rodrigues de Araujo	42
162	Alfredo Russi	12
163	Aline Ulysséa Nicolazzi	41
164	Anna Rita Cabral Machado	45
165	Anneliese Entres	10
166	Bento Pereira Oliveira	28
167	Constantino Syriaco Atherino	50
168	Dilma Damiani	56
169	Donatílio Silva	25
170	Elisabeth Rihl	40
171	Elly Maria Silva	31
172	Eunice Oliveira	38
173	Fioravante João Marchi	1
174	Germano Hoffmann	49
175	Hélcio de Menezes	14
176	Hélio Moura	20
177	Hugo Wondracek	19
178	João Makowiecky	18
179	João Ventura	27
180	Léa Castro	■
181	Magali Rennée Lebarbenchon	43
182	Hamilton Abbade Valente Ferreira	54
183	Maria Luiza Figueiredo Campos	46
184	Marilda Carneiro da Cunha Luz	■
185	Nelson Szpoganicz	37
186	Nenna de Lourdes Santos	39
187	Neyde Maria Pereira	44
188	Oscar Cardoso Filho	4
189	Oscar Pereira	26
190	Ryno von Mörs	3
191	Sada Boabaid dos Reis	13
192	Sylvio Orlando Damiani	24
193	Theodócio Atherino	57
194	Túlia Matos	22
195	Victor Santos Alberton	55
196	Vylma Moritz	30
197	Waldemar Werner	53
198	Walter Deutsch	52
199	Werner Springmann	9
200	Yoldory Campos Garofallis	17
201	Maria Rosa Cherem	34
202	Maurílio Fernandes	16
203	David Gomes Mendonça	29
204	Frederico Herondino Leite	36
205	Euclides Fernandes - Orador	6
206	Maria da Conceição Mello	5
207	Lenir Maria Brasil	11
208	Ilmen da Costa Melim	33
209	Denise Verissimo Pereira	8
210	Aldo Affonso Vieira	51
211	Yone Moreira de Mello	15
212	Nair Ferrari	23
213	Waldemar Busch	■
214	Rodolfo Fernando Pinto da Luz	32
215	Alvaro Selva Gentil	■
216	Newton Thibes de Almeida	21
217	Paulo Malty	2
218	Ilza Cecilia de Lima	7
219	José Rodrigues de Araujo	47

Legenda:

- Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.
- Os nomes constam no Livro 1 de registro de Diplomas, porém não há registro de fotografia no quadro. Pode ser algum dos 15 espaços em branco.

Ano de formação: 1946

Nº registro diploma	Formando	Posição no painel
220	Denny Truppel	17
221	Waldir da Silva Kuenzer	4
222	Marília Prats Fernandes	■
223	Abel Capella	2
224	Joaquim Luis Dias	10
225	Nelio Ligocki	21
226	Yeda da Gama Lobo d'Eça	15
227	Maria Thereza Bastos	7
228	Osny Neves	16
229	Onofre Alves Pereima	■
230	Antônio Kowalski	■
232	Osmar de Lima Veiga	20
233	Urí Coutinho de Azevedo	■
234	Martha Springmann	18
235	Ruy Carlos Baptista	■
236	Nelson Nunes Veran	■
237	Jairo Lisbôa	■
238	Dijalma Araujo	■
239	Maria Mercedes de Borja	1
240	Vitorino Fretta	■
241	Méri Guimarães Born	6
242	Orlando Seára	■
243	Vera Tertschitsch	14
244	Vivaldi Garofallis	8
245	Hélio Milton Pereira - Orador	13
246	Walmor Aguiar Borges	5
247	José Ferreira	23
248	Hans Karl Leyendecker	■
249	Nivaldo Lopes de Almeida	■
250	Raquel Peixoto Bayer	3
251	Paulo Amaral	9
252	Dey Alvares Cabral	19
253	Gecy Rocha	11
254	Sylvio Ney Soncini	12
255	Mario-Arthur Ferraresi	■
-	Sem identificação	22
-	Sem identificação	24
-	Sem identificação	25
-	Sem identificação	26
-	Sem identificação	27
■	Murillo Rodrigues	28
-	Sem identificação	29
-	Sem identificação	30

Legenda:

- ■ Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- ■ Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- ■ Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- ■ Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.
- ■ Os nomes constam no Livro 1 de registro de Diplomas, porém não há registro de fotografia no quadro. Pode ser algum dos 15 espaços em branco.

Ano de formação: 1947

Nº registro diploma	Formando	Posição no painel
257	Aldir Maria Ramos	10
258	Maria Schetz	18
259	Dulce Ortiga Ligocki	14
260	Henal Miguel	23
261	Lyro Burigo Bez	3
262	Aloysio Soares de Oliveira	8
263	Adolpho Elpo da Silveira	9
264	Lythmar Machado de Souza	2
265	Carlos Henrique Baasch	11
266	Mozart Vieira	15
267	Dimas Prazeres de Campos	■
268	Leandro José da Silva Junior	16
269	Ivo Bez	22
270	Vélia Suely Andrade da Veiga	19
271	Arlinda Maria Machado	27
272	Dib Cherem	29
273	Jorge Miguel Atherinos	■
274	Ary Kardec Bosco de Mello	13
275	Therezinha de Jesus da Luz Fontes	■
276	Orestildo Tomaselli	20
277	Angela Maria Gracia Evangelista	4
278	Eugênio Doin Vieira	32
279	Walmor Capanema	7
280	Altair Coutinho de Azevedo	17
281	Maria Lygia Cúneo	28
282	Alby Pereira	■
283	Mauro Sergio Vaccari	■
284	Jonas Andriani	12
285	Cora Colônia	26
286	Benno Meyer Peressoni	31
287	Dylton do Vale Pereira	25
288	Saul Ulysséa Baião	24
289	Erasmo Rodrigues	30
290	Washington Luiz do Valle Pereira - Orador	1
291	Lauriano Gomes de Almeida	6
292 (p.146)	Jonia Christoval	5

Legenda:

- Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.
- Os nomes constam no Livro 1 de registro de Diplomas, porém não há registro de fotografia no quadro. Pode ser algum dos 15 espaços em branco.

Ano de formação: 1948

Não possui quadro de Formatura, apenas a listagem de formando no Livro 1 de Registro de Diplomas da Academia de Comércio de Santa Catarina.

Nº registro diploma	Formando
291	Milton Monguilhott
292 (p. 147)	José Damiani Carreirão
293	Beatriz Nobrega Fontes
294	João Ferrari Dias
295	Alfredo Liberato Meyer
296	Eugenio Berka
297	Rodolpho Fernandes Neves
298	Dilma Zomer
299	Pedro Paulo de Aquino
300	Ayrton Soares Mendonça
301	Dinah Lunardelli
302	Rubens Victor da Silva
303	Ary Silva
304	Helvetia Ursulina Wildi Vinhares
305	Tom Wildi Junior
306	Mauro Vieira Brisk
307	Yvany Lentz dos Santos
308	Dario Fernando Paranhos Pederneiras
309	Igno Noel da Silva
310	José Newton Szpoganicz
311	Ernesto Moreira
312	Dilson Ribeiro
313	Leá Maria de Oliveira
314	Edi Silva
315	Nereu Celeste Ghizoni
316	Ary Millen da Silveira
317	Frederico Manoel da Silva
318	Ulysses Cunha Filho
319	Jovelino Savi
320	Aldo Cardoso
321	Walmor Adão Schmitt
322	Josilivia Schmidt
323	Waldyr de Moraes Lima
324	Moacyr de Moraes Lima
325	Olga de Moraes Lima
326	Loni Lygia Kobarg
327	Heráclito Fernandes de Medeiros
374	Maria Silvia Michels
375	Ana Dulce Michels

Ano de formação: 1949

Nº registro diploma	Formando	Posição no painel
328	Hiedy de Assis Corrêa	18
329	Denizart Carvalho Regis	■
330	Irineu João de Espindola	24
331	Jucélio Costa - Orador	1
332	Leovanir Lisbôa	■
333	Regina Magda Pavan Simões	■
334	Celso Carlos Porto	13
335	Ieda Nunes Veran	21
336	Armando Sylvio Carreirão	9
337	Ned Perrone Mund	■
338	Hamilton Caminha	16
339	Alfredo Henrique Wendhausen	5
340	Aloysio Affonso Durieux	6
341	Zalmir da Luz Costa	■
342	Izaias Ulysséa	■
343	Maria Helena da Cunha	■
344	Hoyêdo de Gouvêa Luis	20
345	Archibaldo Cabral Neves	8
346	Sidney Damiani	■
347	Berlinda May	11
348	Celia Stendel Areão	12
349	Dilmo Luiz Prá	15
350	Antonio Botelho de Abreu Irmão	7
351	Joaquim Carneiro Filho	■
352	Lyette Lucy Kobarg	■
353	Ecleia Bolt	■
354	Moacir Benvenutti	■
355	Hermano Marinho Pereira	■
356	Arno Coutinho de Azevedo	10
357	Maria Ozima Coelho	■
358	Adhemar dos Passos	2
359	Ney Walmor Hübener	■
360	Aldo Câmara da Silva	4
361	Edgar Vieira de Medeiros	17
362	Naevio José Amin	■
363	Pedro Maria Trompowsky Taulois Netto	■
364	José Carlos Gubert	■
365	Lupercio Vilain João	■
366	Daisi Therezinha Benvenutti	14
367	Irene Monteiro	23
368	Hedi Rosa	22
369	Alcebiades Candido Pinheiro	3
370	José Pires dos Santos	■
371	Pedro Hugo de Abreu Netto	■
372	Ivan Torres Andreoli	■
373	Evaristo Gouvêa	19
376	João Valério Rebelo	■

Legenda:

- Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.
- Os nomes constam no Livro 1 de registro de Diplomas, porém não há registro de fotografia no quadro. Pode ser algum dos 15 espaços em branco.

Ano de formação: 1950

Nº registro diploma	Formando	Posição no painel
377	João Cirilo Véla	29
378	Sulamita Pereira	40
379	Estefano Nicolau Savas	16
380	Pedro José de Souza	■
381	Ludgero Niehues	33
382	Carl Werner Krüger	7
383	Dinorah Flaviano Vieira	13
384	Silvino Laug Jacques	■
385	Cid Carlos Porto	■
386	Déa Cunha	10
387	Yolanda Bonassis	■
388	Amaury Botto Guimarães	3
389	Gerson Bosco dos Santos	18
390	Helladio Olsen Veiga	23
391	Hamilton José Berretta	21
392	Hercílio Pedro da Luz	■
393	Darcy Brasiliano dos Santos	11
394	Luiz Nunes	■
395	Basilio Uniat	■
396	Helka Miriam Baasch	22
397	Iolanda dos Reis Martins Camilli	26
398	Elfrida Lina Hiemisch	14
399	Noeli Mendoza	37
-	Sem identificação	1
-	Sem identificação	2
-	Sem identificação	4
-	Sem identificação	5
-	Sem identificação	6
-	Sem identificação	8
-	Sem identificação	9
-	Sem identificação	12
-	Sem identificação	15
-	Sem identificação - Orador	17
-	Sem identificação	19
-	Sem identificação	20
-	Sem identificação	24
-	Sem identificação	25
-	Sem identificação	27
■	Jorge Atherino Kotzias	30
-	Sem identificação	31
-	Sem identificação	38
-	Sem identificação	41
■	Léo Xavier	32
■	Lya Lopes Viana	34
-	Sem identificação	36
■	João Baptista	28
■	Maurício Reis	35
■	Sílvio Meyer	39

Legenda:

- ■ Fotografia muito deteriorada e sem possibilidade de identificação no painel.
- ■ Não possui fotografia, nem moldura, ou a fotografia está muito deteriorada para identificação, impossibilitando saber a posição no painel.
- ■ Nome do formando ou homenageado consta no livro 1 de Registro de Diplomas, porém, não há menção, identificação ou resquício da foto no painel de formatura.
- ■ Foto identificada. Consta no painel mas o nome do formando não consta no Livro 1 de Registro de Diplomas.
- ■ Os nomes constam no Livro 1 de registro de Diplomas, porém não há registro de fotografia no quadro. Pode ser algum dos 15 espaços em branco.

CAPÍTULO 5

Uma breve descrição do processo de recuperação dos Painéis de Formatura da Academia de Comércio

Os painéis que pertenceram à extinta Academia de Comércio de Santa Catarina foram doados ao MESC em 2005 ficando por sete anos praticamente abandonados, sem cuidados especiais, sem tratamento contra insetos, cupins e até receberam água da chuva durante reforma do telhado do Museu, o que danificou muitas das fotografias dos formandos. A recuperação pela equipe técnica do MESC, com pesquisa, sistematização e guarda do material, iniciou no ano de 2013, e na parte de recomposição técnica, por Cassiano Reinaldin e por Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar, entre os anos de 2015, 2016 e 2017. Não se sabe em que estado de conservação chegaram ao MESC, mas com certeza já estavam infectados por xilófagos. As fotos mostram o estado de decomposição no qual foram encontrados os painéis, os quais aos poucos foram recuperados (figuras 1 e 1A).

No final do ano de 2017, recebemos um livro de registro de diplomas da Academia do Comércio, de 1937 a 1950, que nos auxiliou a proceder a identificação dos alunos nos painéis restaurados. Os nomes contidos em alguns painéis já estavam apagados pelo tempo ou irreconhecíveis.

Agora, a documentação em formato de painéis e a documentação formal, com livro de atas e respectivas assinaturas, estão completas. Os painéis têm dimensões variadas, tanto de largura como de altura, indo de 1 a 2,5 metros.

O Laudo do Estado de Conservação dos painéis em madeira e composição fotográfica da Escola do Comércio – Florianópolis, realizado em 2012, por Márcia Regina Escorteganha, Conservadora-Restauradora da Fundação Catarinense de Cultura, atestava seu estado de degradação geral. Após o laudo, a equipe do Museu procedeu ao recomendado e hoje o acervo conta com 13 painéis, bem como fotografias, constituintes de um registro importantíssimo da memória de catarinenses que tiveram sua formação escolar na Academia do Comércio. Abaixo, segue a cópia integral do laudo:

Figura 1 – Estado dos painéis antes da recuperação. No chão, madeira tranformada em pó, deteriorada por cupins.
Fonte: Acervo MESC.
Fotos das autoras (2013).

'LAUDO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS PAINÉIS EM MADEIRA E COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DA ESCOLA DO COMÉRCIO - FLORIANÓPOLIS

IDENTIFICAÇÃO:
TÍTULO OU IDENTIFICAÇÃO: 13 painéis de madeira laminada Móveis Simes com montagem fotográfica em preto/branco.
AUTOR: desconhecido **DATA:** 1945 (esculpida em madeira)
TÉCNICA: madeira esculpida e envernizada com montagem fotográfica
DIMENSÕES: variáveis
PROPRIETÁRIO: Escola do Comércio
Nº TOMBO: não tem
LOCAL DA AVALIAÇÃO DAS OBRAS: Escola Florianópolis - SC

DIAGNÓSTICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS OBRAS:
SUPORTE (em madeira vernizada):
VERSO: Madeira com áreas em bom estado e outras em estado avançado de degradação por xilófagos. Apresenta: sujidades generalizadas e acentuadas; perfurações mecânicas causada por insetos xilófagos; abrasões e mossas generalizadas; manchas generalizadas (brancas e escuras); pregos oxidados; manchas de umidade e de microrganismos; etiquetas adesivas de identificação com numeração do MEC, não há registro de número de tombo. Dilatação da fibra da madeira pontual.

SUPORTE SECUNDÁRIO (VERSO DAS OBRAS):
Suporte de sustentação em madeira, em péssimo estado de conservação, com infestação de insetos xilófagos generalizado.

OBS: Alertamos para a retirada urgente do suporte secundário dos painéis. Esta medida é recomendada por se tratar somente de um suporte somente de sustentação que não afetará a estruturação nem a estética da obra em si, além disso com estado de degradação avançado e a infestação por insetos xilófagos generalizada, o que torna inviável sua conservação. Portanto deve ser descartado para não contaminar o restante do acervo e nem mesmo as estruturas arquitetônica do Museu Escola Catarinense. Esta retirada deverá ser efetuada por um profissional conservador e com os devido cuidados em manter intacta a estrutura original do suporte principal.

FRENTE (ÁREA DE REPRESENTAÇÃO):
Montagem realizada com várias fotografias distribuídas sobre uma plataforma de madeira laminada vernizada e relevos em madeira esculpida e vernizada; composição fotográfica feita por medalhões de madeira entalhada vernizada, que acomodam as fotografias em pequenas molduras de forma oval e vidro de proteção.

APRESENTA:
a) (madeira): sujidades generalizadas e acentuada, perdas pontuais generalizadas no suporte de madeira; abrasões e mossas generalizadas; presença de insetos xilófagos; fungos; excremento de insetos, manchas pontuais.

b) (fotografias): sujidades generalizadas e acentuada, delaminações, craquelês, esmaecimento da imagem, manchas.

c) (vidros) : alguns estão rompidos.

FOTOGRAFIAS:
a maioria em bom estado de identificação, algumas desapareceram.

OBS: recomendo a reprodução das fotografias que compõem a obra (fotografia digital). Em se tratando de um registro importantíssimo a memória dos catarinenses ilustres que tiveram sua formação escolar na Academia do Comércio.

CAMADA DE PROTEÇÃO: camada fina de verniz. Apresenta: sujidades generalizadas; abrasões generalizadas; manchas generalizadas de escorrimento de tinta branca; perda da camada de verniz pontual em toda a obra

TRATAMENTO RECOMENDADO:
Antes de começar os procedimentos de intervenção, realizar um registro fotográfico detalhado e descritivo de cada um dos painéis. Reprodução das fotografias que compõem a obra (fotografia digital)

Como forma de interromper o processo de degradação avançado que se encontram os painéis, sugiro o seguinte tratamento:

Procedimentos de mínima intervenção/ conservação preventiva e curativa:

– Remoção do suporte secundário (pois está inteiramente infestado por insetos xilófagos o que torna inviável a conservação do material (madeira) ou sua desinfestação devido o grau avançado de deterioração);

– Áreas em desprendimento deverão ser acondicionadas e agrupadas em dossiês relativos a cada painel,

– Quando possível refixar as partes em desprendimento das lâminas de madeira que estão se soltando (desprendendo);

– Higienização a seco (trincha e aspirador de pó);

– Desinfestação pontual no suporte principal;

– Acondicionamento de cada obra e suas respectivas peças soltas ou em despreendimento, em invólucros individuais (com Teyvec ou TNT)

– Acondicionamento de cada painel com Teyvec ou TNT

– Quando houver painéis que tenham contato, fazer a interface entre as obras com placas de isopor.

– Armazenar em local ventilado e seco, sem possibilidades de qualquer natureza umidade (ascendente ou pluvial). Cuidado com paredes de alvenaria com cristalização de sais solúveis.

OBS: utilizar equipamento de segurança para efetuar qualquer procedimento de intervenção na obra

Márcia Regina Escorteganha
Conservadora-restauradora
Florianópolis, 09 de outubro de 2012"

O Laudo recomendava a retirada urgente do suporte secundário, dizendo que a medida era necessária por se tratar somente de um suporte de sustentação que não afetaria a estruturação nem a estética da obra em si. Informava também sobre o estado de degradação avançado e a infestação por insetos xilófagos generalizada, o que tornava inviável sua conservação. Portanto, deveria ser descartado para não contaminar o restante do acervo e nem mesmo as estruturas arquitetônicas do Museu Escola Catarinense. Esta retirada deveria ser efetuada por um profissional conservador e com os devidos cuidados em manter intacta a estrutura original do suporte principal. Indicava formas de armazenamento dos elementos dos painéis, das fotografias, em que as áreas em desprendimento deveriam ser acondicionadas e agrupadas em dossiês relativos a cada painel, e fornecia instruções para sua remontagem posterior, indicando realizar um registro fotográfico detalhado e descritivo de cada um dos painéis (figura 2 e 2A). A tarefa foi empreendida, com realização de moldes em papelão, fotografias e diversas anotações sobre as imagens e sua localização. Tal cuidado permitiu sua recomposição.

Figura 1A – Estado dos painéis antes da recuperação. No chão, madeira transformada em pó, deteriorada por cupins.
Fonte: Acervo MESC.
Fotos das autoras (2013).

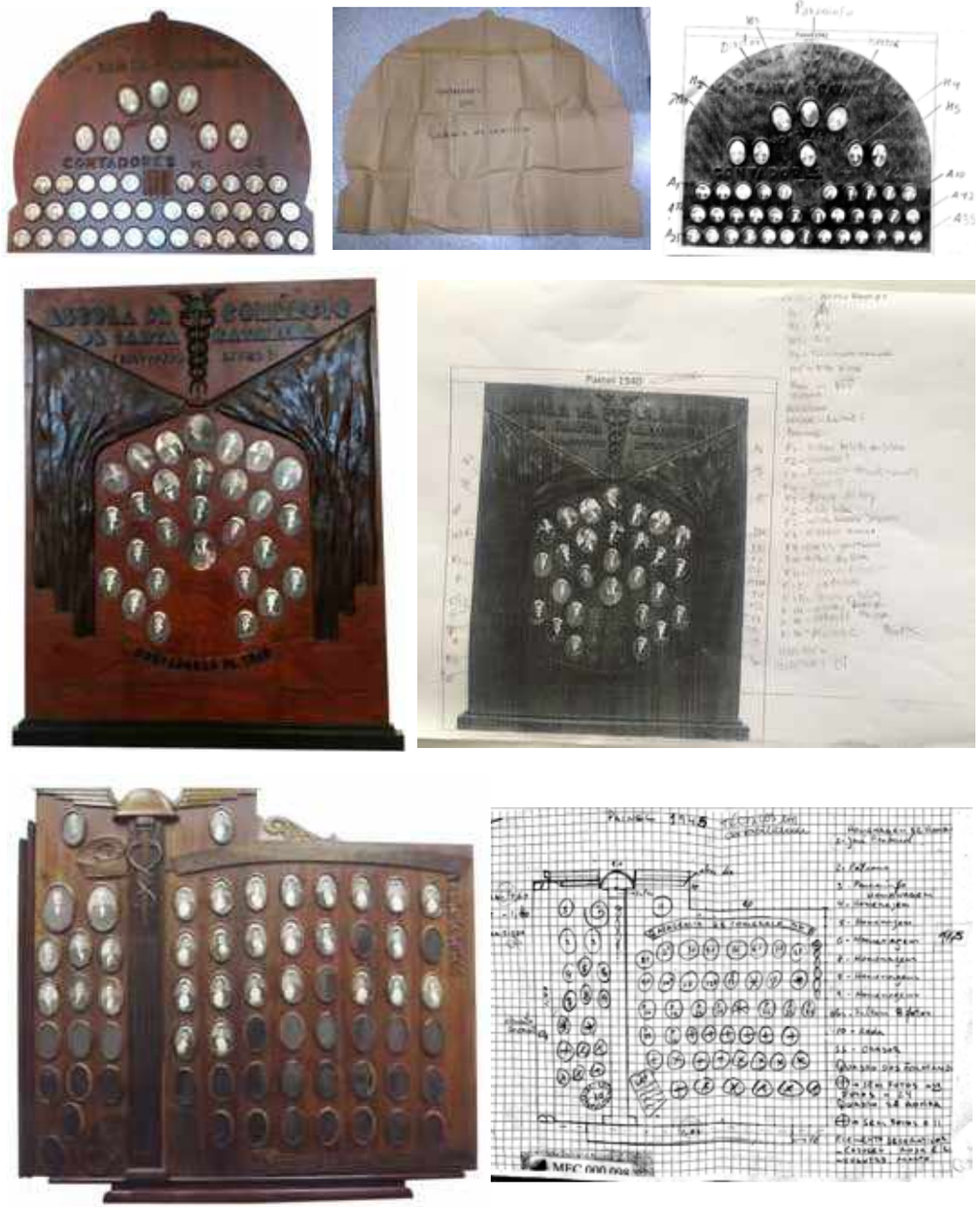


Figura 2 – Moldes em papelão dos suportes secundários, fotografias e desenhos com a localização das imagens.

Figura 2 e 2A – Detalhes das etapas do processo de desmonte e acomodação das peças para armazenamento, no aguardo da recuperação.

Em três painéis, a saber 1938, 1939 e 1943, os suportes secundários originais foram mantidos, bem como os ornamentos originais.

1938

1943

1939

Nos painéis dos anos de 1938, 1939 (acima) e 1943 (esq.), os suportes secundários e os originais foram mantidos.

Em outros nove painéis, a saber 1940, 1941, 1942, 1944, 1945, 1945 (Administração e finanças), 1947, 1949, 1950, os suportes originais foram descartados e foram criados novos suportes secundários, mantendo ornamentos originais, bem como reposição de ornamentos faltantes, através de recuperação cuidadosa e atenta aos detalhes, usando também chapas que reproduzem a madeira da época de criação desses quadros de formatura.

1940

1941

1942

1944

1945 – Contadores

1945 – Administração e Finanças

1947

1949

1950

Os painéis dos anos de 1940, 1941, 1942, 1944, 1945 (página anterior) e 1947, 1949, 1950 (acima) tiveram os suportes secundários descartados e substituídos por suportes novos.

Dois dos painéis, 1946 e 1949, estavam praticamente destruídos por insetos xilófagos e foram refeitos através de registros fotográficos, mantendo e mesclando os ornamentos e letras originais e recuperadas, quando possível. Do painel de 1946, praticamente tudo precisou ser refeito, era o mais danificado. Os 13 painéis foram recuperados. Para que esses painéis continuassem a existir, muitas batalhas foram travadas, desde o convencimento dentro da Universidade para contratar especialistas para sua reconstituição, procurando soluções dentro das leis de licitação, até admitir que a própria Universidade deixou este material se deteriorar por um bom tempo.

De 2005 a 2012 eles ficaram acomodados em uma sala, sem o cuidado necessário, sendo que neste período os cupins continuaram em sua ação frenética a devorar

1946

1949

Dois dos painéis, de 1946 e de 1949, estavam praticamente destruídos por insetos xilófagos. Preservados em registros fotográficos, os ornamentos e letras originais foram recuperadas, mantidas e mescladas quando possível.

Figura 3 – Retirada do suporte secundário original, guarda das fotografias, madeiras e vidros. No chão, madeira com cupim, 2013.

a madeira. Por conta de uma reforma no telhado do Museu alguns painéis receberam água da chuva, o que estragou muitas das fotos, em um final de semana sem assistência alguma, acrescido do fato de que estavam completamente desprotegidos. Ressalta-se que, apesar de possuírem uma avaliação técnica e contar com ajuda de conservadora em orientação para desmonte, a equipe atuante no trabalho não tem formação na área.

Em maio de 2013, realizamos o desmonte dos painéis para sua preservação. Fechamos o Museu da Escola por duas semanas, para trabalho interno. Fazíamos lanches coletivos para manter o ânimo. Muito pão da padaria da Esquina da Praça XV.

Durante os anos de 2014, 2015 e 2016, continuamos na tarefa de recomposição dos mesmos. Em inicio do ano de 2017, o trabalho foi concluído. Ele foi feito com intuição, planejamento, sentido de organização e muito cuidado.

Em 2017, esse trabalho de restauração foi indicado na categoria "Iniciativas de excelência em técnicas de preservação do Patrimônio Cultural".Em 2018, foi novamente uma das ações finalistas do 31º Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O trabalho concorreu na categoria "Iniciativas de excelência no campo do patrimônio cultural material", que engloba ações de identificação, documentação, proteção, conservação e promoção do patrimônio cultural material. A ação da universidade é finalista no segmento "Pessoas físicas e representantes de grupos ou coletivos". O Prêmio Rodrigo Melo Andrade Franco de Andrade, prestigia as ações de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Apesar de ter sido selecionado em dois anos consecutivos representando o estado de Santa Catarina em sua categoria, ele não foi premiado na seleção nacional, recebendo elogios em atas e menção honrosa no ano de 2018.

Reproduz-se os termos:

> *"A ação Painéis de Formatura da Academia de comércio de Santa Catarina (SC) foi avaliada pela Aneide Santana que recomendou a ação por se referir as peças documentais de raridade em acervo museológico. Um museu escolar que trabalha identidade por meio da educação patrimonial. Os painéis todos restaurados guardam fotografias de personagens e costumes locais. Ressaltou a singularidade da ação.* (Ata da reunião de 2017)[1]

> *"Após, apreciou-se o projeto Painéis de Formatura da Academia de comércio de Santa Catarina. A avaliação da jurada Aneide foi para indicação para a próxima etapa, recordando que os painéis estavam candidatos ao prêmio do ano passado. Considerou que as fotografias possuem valor histórico e no museu escola podem ser ressignificados como símbolos educacionais. Informou que os painéis são bens integrados, com diversas narrativas. Ponderou que o projeto merece, ao menos, ser indicado para a Menção Honrosa [...] Finalizadas as avaliações das ações Categoria 1, Segmento 4, iniciou-se a votação [...] Foram indicados, ainda, os seguintes projetos para Menção Honrosa: Assim moda; Retratos (MG); Cartas de Arquivo (RJ); e Painéis de Formatura da Academia de Comércio de Santa Catarina (SC)".* (Ata da reunião de 2018) [1]

1 Ata da reunião da comissão nacional convidada para a seleção final das ações concorrentes ao prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade - edição 30ª edição 2017.

Para a concretização dos trabalhos e para iniciar as etapas, recorremos à memória e às imagens, para documentar o processo.

Em primeiro lugar, atentou-se às recomendações do Laudo exarado por Márcia Escorteganha, de 2012.

1 – Fizemos fotografias detalhadas de cada painel, das fotos, da localização das peças, painel por painel.

2 – Deitamos cada painel no chão e fizemos seu contorno do desenho total, em papel craft, para podermos refazer nas exatas medidas, tanto o suporte principal, bem como os suportes secundários.

3 – Retiramos e embalamos peça por peça, que foram identificadas por números.

4 – Limpamos as peças de madeira, protegemos com materiais adequados contra insetos, xilófagos e outros.

5 – Limpamos e numeramos cada vidro de cada painel.

6 – Armazenamos todas as peças de cada painel em caixas específicas para cada um e numeradas, nomeadas com a data do painel de formatura.

7 – Guardamos mostras de pedaços de madeira de cada painel para conseguirmos as cores mais próximas na reconstituição.

8 – Guardamos em pastas, toda a documentação relativa a cada painel. Fotos, desenhos, esboços, informações pertinentes.

Na sequência, algumas fotos que mostram o estado de deterioração dos painéis e das etapas de desmonte dos mesmos (ano de 2013).

1 Ata da reunião da comissão nacional convidada para a seleção final das ações concorrentes ao prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade- edição 31a edição 2018.

PAINÉIS DE FORMATURA DO ACERVO DO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: patrimônio histórico cultural do estado

Desta maneira, conseguimos em trabalho documental, detalhista, laborioso e com pleno empenho de uma equipe, recuperar um legítimo patrimônio para o Estado de Santa Catarina. Na sequência, os painéis serão colocados lado a lado, mostrando fotos do estágio original, antes da recuperação e as fotos após a recuperação.

1938 – Peritos Contadores

Escola de Comércio de Santa Catarina, Peritos Contadores de 1938. Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

1939 – Contadores

Escola de Comércio de Santa Catarina (Instituto Livre), Contadores de 1939.
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

1940 – Contadores

Escola de Comércio de Santa Catarina (Instituto Livre), Contadores de 1940.
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

1941 – Contadores

Escola de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1941.
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

1942 – Contadores

Escola de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1942.
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

1943 – Contadores

1944 – Contadores

Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1943.
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1944.
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

1945 – Administração e Finanças

Administração e Finanças 1945, Bacharéis em Ciências Econômicas. .
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

1945 – Contadores

Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1945.
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

1946 – Contadores

Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadorandos de 1946.
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

1947 – Contadores

Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadores de 1947.
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

1949 - Técnicos em Contabilidade

Academia de Comércio de Santa Catarina, Técnicos em Contabilidade 1949.
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

1950 - Contadores

Academia de Comércio de Santa Catarina, Contadorandos de 1950.
Painel antes da recuperação (acima) e após a recuperação (abaixo).

CAPÍTULO 6

Os símbolos utilizados nos painéis de formatura da Academia de Comércio de Santa Catarina, como elemento essencial no processo de comunicação

O termo símbolo, com origem no grego *symbolon* designa um tipo de signo em que o significante (realidade concreta) representa algo abstrato (religiões, nações, quantidades de tempo ou matéria etc.) por força de convenção, semelhança ou contiguidade semântica (como no caso da cruz que representa o cristianismo, porque ela é uma parte do todo que é imagem do Cristo morto). O "símbolo" é um elemento essencial no processo de comunicação, encontrando-se difundido pelo cotidiano e pelas mais variadas vertentes do saber humano. Embora existam símbolos que sejam reconhecidos internacionalmente, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto (religioso, cultural, etc) pode ser também um objeto que substitui, representa, ou sugere algo.

A representação específica para cada símbolo pode surgir como resultado de um processo natural ou pode ser convencionada de modo que o receptor (uma pessoa ou grupo específico de pessoas) consiga fazer a interpretação do seu significado implícito e atribuir-lhe determinada conotação. Pode, também, estar mais ou menos relacionada fisicamente com o objeto ou ideia que representa, podendo não só ter uma representação gráfica ou tridimensional como também sonora ou mesmo gestual.

Os painéis de formatura, além de toda sua arte e significado, revelam valores de uma época e nos apresentam muitos símbolos (figura 1). Observamos pelo texto de Werle (2006) que era muito comum a decoração dos quadros/painéis com esculturas que lembram instrumentos de estudo e leitura: *mapa mundi*, mapa do Brasil, mapas dos estados, das cidades, esquadro, pergaminho, compasso, livros; elementos cívicos: bandeira dos Estados e do Brasil, escudo nacional, pira da pátria, entre outros; e religiosos: imagem de santos, Nossa Senhora e Cristo; que podem ser considerados como instrumentos de afirmação de determinadas identidades. De maneira geral, apresentam uma aparência ordenada, sóbria e coerente.

Identificam-se como elementos contextualizadores, ao lado da moldura e suas esculturas, os lemas inscritos nos quadros e a indumentária dos fotografados. As vestimentas dos personagens dos painéis formam padrões. Chapéus, paletó e grava-

Figura 1 – Conjunto de símbolos presentes na ornamentação: caduceu, cornucópia, roda dentada, globo, folhas de acanto, *lex* com doze leis, otografias, livros, mapa de Santa Catarina.

Fonte: Acervo MESC. Fotos das autoras (2017).

ta, no mais das vezes com outras questões definidas entre os formandos. As fotos de professores homenageados e paraninfos não mantêm um único formato como as dos formandos(as), que olham para um mesmo lugar, inclinam a cabeça uniformemente e transmitem, em seu conjunto, um significado de alinhamento disciplinado. Nos painéis presentes no MESC, alguns homenageados estão com vestimentas brancas, destacando-se nos quadros, já que todos os demais estão com vestimentas na cor escura (em geral, preta). Verificou-se que as vestimentas na cor branca eram utilizadas nas fotos dos personagens com homenagem póstuma. Em seu estudo, Coelho Júnior (2013), descreve que em um dos quadros de formatura por ele analisado foi feita uma homenagem póstuma a uma aluna falecida, sendo sua fotografia posicionada em um nível mais baixo na cena e estando a mesma vestida de branco. O autor destacou que, mesmo falecida, a formanda foi eternizada no grupo de alunas que podiam reviver ou ressentir sua presença através do retrato fixado no quadro, acionando a memória das demais formandas. Acredita-se que essa mesma reverência ocorre no caso dos homenageados que aparecem nos painéis de formatura que estão no museu.

Outro elemento contextualizador dos painéis são os lemas, caracterizados como um preceito escrito, uma sentença. Os lemas dos quadros de formatura são breves afirmativas escritas em latim ou português. Um lema bastante significativo pode ser observado no painel de 1945 (figura 2) da Academia do Comércio e diz: *Labor Omnia Vincit* – "O trabalho vence tudo", fragmento de versos de Virgílio, os quais se tornaram proverbiais. Há cinco focos temáticos predominantes nos lemas dos quadros de formatura, conforme o caso:

1 – Religião;
2 – Ascese (ideia que se estabelece na relação com sucesso e religião);
3 – Sucesso;
4 – Civismo;
5 – Ciência.

Os lemas compunham, com as esculturas dos quadros, um contexto simbólico modelar para os(as) formandos(as), alinhados com as propostas formativas da instituição. Um lema inscrito num quadro de formatura, sempre exposto à vista, tem um impacto mais permanente, como que relembrando seu conteúdo constantemente. Por outro lado, pela perspectiva de inspirador do futuro e da vida profissional, os lemas comprometiam os diplomados, não apenas no momento da formatura, mas, enquanto o quadro se mantivesse exposto na escola, ele estava a relembrar o compromisso assumido no momento da diplomação. Ou seja, um lema como inspirador, impõe demonstração na vida prática.

Considerando os cursos oferecidos pela Academia de Comércio e a formação de seus egressos, outro elemento bastante presente nos painéis é o Caduceu de Mercúrio, insígnia do Deus do Comércio. O Caduceu é um bastão (poder, que no caso tem por objeto o patrimônio de quaisquer entidades), entrelaçado com duas serpentes (sabedoria, isto é, quando se deve estudar antes de agir, para escolher o caminho correto), tendo na parte superior duas pequenas asas (diligências, ou seja, a presteza, a solicitude, a dedicação e o cuidado no exercer da profissão) e um elmo alado (pensamentos elevados, uma peça de armadura antiga que cobria a cabeça, tem significado de proteção contra ações desonestas), o qual é um dos atributos do deus Mercúrio (Hermes), protetor do comércio, emblema da paz e prosperidade.

Figura 2 – Painel de 1945 da Academia do Comércio com a inscrição: *Labor Omnia Vincit* – "O trabalho vence tudo" (detalhe). Fonte: Acervo MESC. Fotos das autoras (2017).

A roda da Fortuna, presente no painel de 1949, contempla uma roda com seis raios, indicando destino e reflexão, em que tudo acontece a seu tempo, fazendo lembrar da garantia de cumprimento de um destino, representado pela lei de causa e efeito e também pela lei da compensação. Fortuna quer dizer sorte, destino e não fortuna material.

No painel de 1945 (figura 3), "Administração e Finanças", encontramos uma cornucópia, antigo símbolo da abundância e que simboliza agricultura e comércio. Outro símbolo recorrente são as Tábuas da Lei com a legenda "LEX", advindas da antiga tradição judaica, de que a lei foi entregue por Deus a Moisés em tábuas, contendo os Dez Mandamentos. No caso, mencionam 12 leis. Observam-se ainda elementos como livros, adequados para a nutrição do espírito e da mente O mapa do Brasil (figura 4), elementos da Cidade de Florianópolis, como a Ponte Hercílio Luz (figura 5) também aparecem.

Figura 3 – Painel Administração e Finanças, turma de 1945.
Fonte: Acervo MESC. Fotos das autoras (2017).

Figura 4 – Painel Contadores, turma de 1939.
Fonte: Acervo MESC. Fotos das autoras (2017).

Figura 5 – Painel Contadores, de 1949. Detalhe da Ponte Hercílio Luz.
Fonte: Acervo MESC. Fotos das autoras (2017).

Após esta breve descrição dos símbolos encontrados nos painéis da Academia do Comércio, apresentamos dados abrangentes sobre alguns símbolos mais comuns nos painéis de formaturas de economistas[1] e contadores[2]: o caduceu, a cornucópia, a tábua da lei e a roda da fortuna.

1. O caduceu – contadores e economistas

Conforme inicialmente descrito, diferentes objetos compõem este elemento, sendo que suas interpretações podem ser variadas. É considerado um dos símbolos dos mais antigos, cuja imagem já foi encontrada gravada na taça do rei Gudea de Lagash, 2.600 anos a.C., e sobre tábuas de pedra que na Índia eram denominadas de nagakals.

O caduceu, cuja figura simbólica representa Hermes compõem-se de uma vareta em torno da qual se enrolam, em sentido inverso, duas serpentes. Assim, ela equilibra os dois aspectos – esquerda e direita, diurno e noturno do símbolo da serpente. A serpente possui esse duplo aspecto simbólico: um deles, benéfico, o outro, maléfico, dos quais possivelmente o caduceu apresenta o antagonismo e o equilíbrio; esse equilíbrio e essa polaridade são, sobretudo, os das correntes cósmicas, representadas de maneira mais geral pela dupla espiral.

O estudo detalhado sobre o caduceu encontra-se também em Marques[3] (2010), do qual retiramos as informações a seguir apresentadas para elucidar melhor os símbolos que estão presentes nos painéis do acervo do MESC. Deste estudo pode-se entender que a lenda do caduceu se relaciona ao caos primordial (duas serpentes lutam) e à sua polarização (separação das serpentes por Hermes), sendo que o enrolamento final ao redor da vareta realiza o equilíbrio das tendências contrárias em torno do eixo do mundo, o que leva por vezes a se dizer que o caduceu é um símbolo de paz. Hermes é o mensageiro dos deuses e, também, o guia dos seres em suas mudanças de estado, o que vem a corresponder aos dois sentidos ascendente e descendente das correntes figuradas pelas duas serpentes.

O referido autor destaca também outra interpretação para o caduceu, que salienta o simbolismo de fecundidade, sendo o mesmo utilizado atualmente como o emblema universal da ciência médica.

1 Símbolos dos economistas. Disponível em <https://www.coreconpr.gov.br/economista/simbolos-do-economista/>. Acesso em 22 mai.2019 e < http://www.corecon-am.org.br/site/pagina/50/ >. Acesso em 22 mai.2019.
2 Curiosidades sobre os símbolos. Disponível em < https://www.crcpr.org.br/new/content/curiosidades/index.php>. Acesso em 22 mai.2019
3 MARQUES, Wagner Luiz. CONTABILIDADE GERAL I – SEGUNDO A LEI 11638/2007 DAS SOCIEDADES ANÔNIMAS - PASSO A PASSO DA CONTABILIDADE. Gráfica Vera Cruz. Cianorte – Paraná e http://books.google.com.br. 2010. Postado no google em Novembro de 2010.

Figura 6 – Caduceu de Mercúrio.

Dentre as diferentes interpretações que se tem sobre este símbolo, efetivamente, o caduceu hindu associa-se à árvore sagrada. O caduceu mesopotâmico apresenta uma vareta central que parece ser exatamente a lembrança da árvore. Assim, considera-se a vareta do caduceu de Hermes como o símbolo da árvore, associado à divindade, morada ou substituto desta. O fato de que essa vareta tenha tomado, posteriormente, uma outra significação – o poder divinatório ou o poder de curar – em nada altera seu aspecto de símbolo da eficiência da divindade da árvore.

Já para Court de Gébelin (citado por MARQUES, 2010), o bastão simboliza o equador, as asas simbolizam o tempo, e as duas serpentes, macho e fêmea, representam o Sol e a Lua que, no decurso de um ano, percorrem a eclíptica sobre a qual estão por vezes separados, por vezes unidos. Essa interpretação convém sobretudo ao papel de Hermes, considerado como o pai da astronomia e da agricultura.

Por seu lado, os alquimistas também não deixaram de dar uma interpretação do caduceu. É o cetro de Hermes, deus da alquimia. Recebido de Apolo em troca de uma lira de sua invenção, o caduceu é formado por uma vareta de ouro rodeada por duas serpentes. Estas representam os dois princípios contrários que se devem unificar, quer sejam o enxofre e o mercúrio, o fixo e o volátil, o úmido e o seco ou o quente e o frio. Esses princípios conciliam-se no ouro unitário da haste do caduceu que surge, portanto, como a expressão do dualismo fundamental que ritma todo o pensamento hermético e que deve ser reabsorvido na unidade da pedra filosofal. Essa interpretação insere-se num conceito que faz do caduceu um símbolo de equilíbrio por integração de forças contrárias: representaria o combate entre duas serpentes, do qual Hermes seria o árbitro. Esse

combate pode simbolizar a luta interior entre forças antagônicas, de ordem biológica ou de ordem moral, que compromete a saúde ou a honestidade de um ser.

Marques descreve ainda outros estudos, os quais mostram que entre os romanos o caduceu representa o equilíbrio moral e a boa conduta: o bastão representa o poder; as duas serpentes, a prudência; as duas asas, a diligência; e o capacete, os pensamentos elevados. Todavia, neste caso a interpretação não ultrapassa de modo algum o nível do emblemático. O caduceu reúne também os quatro elementos da natureza e seu valor simbólico: a vareta corresponde à terra; as asas, ao ar; e as serpentes, ao fogo e à água. No que concerne a estas últimas, porém, não é apenas o seu rastejar serpenteante que as faz semelhantes ao movimento ondulatório das chamas ou que as assimila à água e ao fogo: é sua própria natureza, ao mesmo tempo ardente, pela mordida venenosa, e quase líquida, pela fluidez de seus corpos – o que as torna fontes de vida e de morte a um só tempo.

Para o esoterismo budista, particularmente o ensinamento tântrico, o bastão do caduceu corresponde ao eixo do mundo, e as serpentes, à Kundalini, essa força que dorme enroscada em espiral na parte inferior do dorso humano, e que se eleva através dos chakras sucessivos até acima da fontanela (ou moleira), símbolo da energia pura, que anima a evolução interior do homem.

Alguns outros autores definem a essência do caduceu como a própria composição e a síntese de seus elementos, dizendo que ele evoca o equilíbrio dinâmico de forças opostas que se harmonizam para constituir uma forma estática e uma estrutura ativa, mais altas e mais fortes. A dualidade das serpentes e das asas mostra esse supremo estado de força e de autodomínio que pode ser realizado tanto no plano dos instintos (serpentes) quanto no nível do espírito (asas). No entanto, o caduceu permanece como o símbolo da enigmática complexidade humana e das possibilidades infinitas de seu desenvolvimento. O atributo de Hermes (da mitologia romana, e Mercúrio, da mitologia grega, mas identificáveis, pelos historiadores, como sendo o mesmo) é feito de uma vareta que é a vara de ouro, ou a árvore da vida, em torno da qual se enrolam simetricamente, em forma de 8, duas serpentes.

Entre tantos outros autores definidos por Marques (2010) finalizamos destacando que de acordo com a interpretação simbólica inspirada por sua ética biológica, e de acordo com a interpretação mitológica que atribui o caduceu a Asclépio (Esculápio), pai dos médicos e futuro deus da medicina porque sabia utilizar as poções para curar os enfermes e ressuscitar os mortos, Paul Diel explica o caduceu da seguinte maneira: A Maça (clava), que é a arma contra a banalidade, transformou-se em bastão-cetro, símbolo do reino espiritual sobre a vida terrena, símbolo do reinado do espírito sobre o corpo, e a serpente-vaidade (a negação do espírito, a exaltação imaginativa, princípio essencial de todo desregramento malsão) derrama seu veneno na taça salutar.

Destas diferentes interpretações sobre as formas e significados do caduceu pode-se compreender sua utilização tanto na medicina, quanto na área da contabilidade. O contexto histórico contido em seus elementos formadores tornam este símbolo um misto de mitologia e realidade, dualidade expressa em todas as interpretações, mas que trazem consigo todo um caráter formativo que os graduandos levavam para seu campo de atuação e experiência de vida.

2. A Tábua da Lei – contadores e economistas

A Tábua da Lei tem a forma clássica de um retângulo, encimado por um semicírculo que se insere no meio da horizontal superior da figura, equidistante das laterais verticais; ao meio, o retângulo se divide por uma linha vertical, contendo números expressos em romano de 1 a 10 (em alguns casos de 1 a 12).

Segundo Marques (2010) essa tábua advém da antiga tradição que a lei foi entregue a Moisés em uma tábua, contendo os mandamentos ou normas de convivência dos homens, e que seriam as leis de Deus. Outros dizem que provém das tábuas onde eram inscritas as leis básicas de antigas civilizações, como as de Cartago e Roma. As de Cartago eram gravadas em bronze e eram tábuas expostas. As da Roma antiga, na fase áurea de sua afirmação como civilização, seriam as famosas XII Tábuas. As *Leges Regiae*, do tempo da realeza em Roma, eram apenas dispositivos de Direito costumeiro, relativos principalmente às coisas sacras, e só indiretamente relacionados com o Direito privado.

O autor cita ainda que A Lei das XII Tábuas em vigor desde 449 a.C., foi uma

Figura 7 – A "Tábua da Lei" em detalhes nos painéis de 1941 e 1946.
Fonte: Acervo MESC. Fotos das autoras (2017).

codificação geral redigida por dez magistrados. Nem todos os seus dispositivos chegaram até os tempos atuais, mas, por meio das escritas dos jurisconsultos, ela pôde ser estudada em suas tendências e detalhes. Era um código de Direito privado, com prescrições de Direito penal e alguns artigos de Direito religioso. Acredita-se que uma missão romana tenha ido aos Estados Gregos para inspirar-se em suas leis. A ideia da codificação talvez fosse grega, mas ela traz a marca incontestável, e em alto grau, do espírito romano. Não tem fundo helênico, mas codifica os velhos costumes nacionais. Gravados os seus dispositivos em placas de bronze, era exposta em logradouros públicos e constituía a base da cultura jurídica.

Ainda segundo o autor o conteúdo jurídico da Lei das XII Tábuas era relativo à liberdade pessoal e à igualdade dos cidadãos: garantia a liberdade de ação individual no domínio privado, reconhecendo contratos e testamentos. Continha também a prescrição de penalidade, em caso de falso testemunho, corrupção, calúnia e outros crimes. Além disso, ela regulava as formas de processo e ditava regras de higiene e de economia.

Do texto do referido autor pode-se observar que a Lei das XII Tábuas punha termo às arbitrariedades dos magistrados patrícios e às injustiças geradas pela ausência de uma legislação escrita. Ao Direito costumeiro, desconhecido do vulgo, desigual para patrícios e para plebeus, substituía um código conhecido de todos, garantindo, em quase todos os casos, direitos iguais. Codificada a legislação do passado, a lei não ficou cristalizada, mas continuou a progredir e a adaptar-se às alterações sociais que surgiam.

Conforme exposto pelo autor, pode-se observar que, ao longo do tempo, a expressão Tábua da Lei tornou-se inequívoca, enquanto um símbolo que hoje representa aquela forma de editar a legislação. Também os balanços do governo – no tempo da civilização pré-helênica, minoica – eram expostos em praça pública, em tábuas de mármore. A escrita dos sumérios e dos babilônios, há 6000 anos, era feita em tábuas de argila. Seja o que for, a tábua particular ou pública, que era um instrumento de respeito e uso da "lei", representa o símbolo onde se gravavam as obrigações do homem perante seus semelhantes, perante o Estado.

Um paralelo importante é traçado pelo autor quando afirma que a profissão contábil está, de fato, muito atada, em sua parte de escrita, de demonstração e de informação, ao regime legal (o que já não ocorre no campo da ciência onde o fenômeno prevalece sobre a forma da lei). Aceitar a tábua como instrumento simbólico, e a Tábua da Lei como afinidade íntima, parece-nos justo, para lembrar perenemente a responsabilidade legal da escrita contábil como instrumento de fé pública, e como o limite em que a atuação profissional não deve transgredir. Todas essas ideias se adaptam a uma simbologia que apresenta, como uma de suas bases, a responsabilidade na execução da lei.

Marques (2010) cita que as tábuas foram familiares ao uso da escrita pelas

civilizações mais antigas, e a lei uma incumbência que terminou por responsabilizar os contabilistas como poderosos e importantes colaboradores e geradores de informações do sistema legal. Tudo isto, em função da escrita, que hoje sabemos representar, apenas, uma parte da cultura contábil. Por muito tempo e até princípios do século XIX, confundiu-se o conhecimento contábil apenas com o de registrar e informar. Somente a evolução científica libertaria a Contabilidade do domínio da forma (informação) para fazer prevalecer o da essência (o fenômeno patrimonial).

A Lei das Doze Tábuas (*Lex Duodecim Tabularum* ou simplesmente *Duodecim Tabulae*, em latim) constituía uma antiga legislação que está na origem do direito romano. Formava o cerne da constituição da República Romana e do *mos maiorum* (antigas leis não escritas e regras de conduta). Conquanto seus originais tenham se perdido, os historiadores reconstituíram parte do conteúdo nelas existentes, através de citações em autores dos mais diversos. Com base nestes estudos, um esboço do conteúdo das tábuas pôde ser feito, tendo se estabelecido os seguintes temas:[4]

Tábua I – Chamamento a juízo;
Tábua II – Do julgamento e dos furtos;
Tábua III – Normas contra os inadimplentes (Direito de créditos);
Tábua IV – Pátrio poder;
Tábua V – Direito hereditário e tutela;
Tábua VI – Direito a propriedade e da posse;
Tábua VII – Delitos (crimes);
Tábua VIII – Direitos prediais (edifícios e terras);
Tábua IX – Direito público;
Tábua X – Direito sagrado;
Tábua XI – As classes;
Tábua XII – Apreensão do penhor.

Conforme observado nos estudos realizados, verificou-se que essas leis passaram a ser inscritas e confeccionadas em tábuas de carvalho e, com divulgação entre toda a população, propiciando um cumprimento mais rigoroso e lógico das regras preestabelecidas. Essa inovação acabou favorecendo o interesse dos plebeus, que não tinham força e muito menos voz para que seus direitos prevalecessem, e fazendo com que estes conseguissem conquistar maiores direitos.

Interessante registrar que a Lei das Doze Tábuas foi formada com a publicação de dez códigos. No ano seguinte foram incluídos mais dois, formando assim as Doze Tábuas, que foi fixado no Fórum Romano, para que todos os indivíduos pudessem ler.

4 Lei das Doze Tábuas. Disponível em <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=bibliotecaConsultaProdutoBibliotecaSimboloJustica&pagina=tabuas> Acesso em 28/11/2019.

Por isso alguns painéis apresentam a LEX com 10 leis e outros com 12.

No ano 390 a.C., gauleses acabaram colocando fogo em Roma, e por isso, o texto original deste documento acabou sendo perdido e o que conhecemos são apenas alguns fragmentos através de citações feitas por outros autores e de versões não oficiais. Historiadores conseguiram reconstituir o conteúdo do código, que foi o precursor das estruturas dos corpos jurídicos do Ocidente e por isso sua importância e constante presença nos painéis daquela época.

Figura 8 – A cornucópia e a roda.

3. O símbolo do economista

O símbolo do economista em destaque no Painel de Formatura de 1945, da primeira turma de administração e finanças – bacharéis em ciências econômicas destaca dois conjuntos. O primeiro, a administração universal/ciência universal, apresenta a Ciência da Administração abrangendo o mundo e querendo significar a administração universal. Compõe este conjunto o globo representado o mundo (o Universo) e a folha de acanto, planta exótica que lembra uma época de notável fulgor histórico. A beleza de seu limbo conferiu-lhe o poder da imortalidade.

No segundo conjunto destaca-se a indústria como fonte geradora da riqueza, a economia dos povos, a abundância decorrente do trabalho industrial, o processo indefinito da máquina como processo civilizador e propulsor do progresso. Este conjunto é composto pela cornucópia, símbolo de fortuna, riqueza, economia, fartura e abundância; pela roda dentada em seu exterior, simbolizando a indústria, estágio mais adiantado da civilização contemporânea.

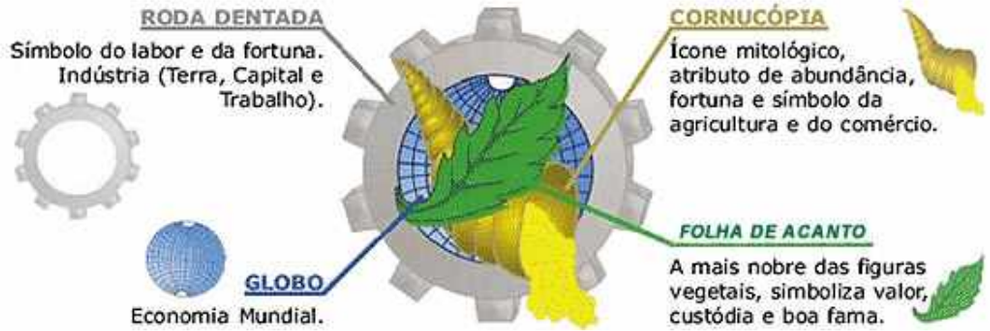


Figura 9 – Desenho esquemático com os símbolos usuais: roda dentada, globo, folha de acanto e cornucópia.

Nos painéis do MESC, reconhecemos estes símbolos, entre outros:

Figura 10 – Roda dentada. Painel MESC.

Figura 11 – Roda dentada, com o fundo de um globo, e por cima, a cornucópia de onde vertem moedas e a folha de acanto. Painel MESC.

Figura 12 – Detalhe ampliado do globo ao fundo e da cornucópia vertendo moedas. Painel MESC.

Curioso observar o jornal "O Acadêmico" da Academia de Comércio de Santa Catarina, de 28 de setembro de 1945, que apresenta uma matéria denominada "Os novos símbolos dos bacharéis em ciências econômicas" e destaca: O globo terrestre, a folha de acanto, a roda dentada, a cornucópia. Explica ainda como será feito o emblema a confecção dos anéis. O diretor era Osmar Cunha, o gerente era Euclides Fernandes e os redatores eram: Hamilton Abade Ferreira, Acácio Garibaldi S. Thiago (no texto escrito) e Túlio Pinto da Luz.

O Acadêmico

REDATORES: HAMILTON ABADE FERREIRA, ACÁCIO GARIBALDI S. SANTIAGO, TÚLIO PINTO DA LUZ

Diretor: OSMAR CUNHA — Gerente: EUCLIDES FERNANDES

ANO I — FLORIANÓPOLIS, 28 DE SETEMBRO DE 1945 — No. 2

O Curso de Contador no corrente ano

OS NOVOS SÍMBOLOS DOS BACHARÉIS EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

O COOPERATIVISMO

DIA DA IMPRENSA

PALAVRAS QUE ANIMAM

Figura 13 – "O Acadêmico" da Academia de Comércio de Santa Catarina, de 28 de setembro de 1945. Fonte: Hemeroteca Catarinense.

GLOBO TERRESTRE, com os meridianos e paralelos, representando a unidade e a harmonia universais;

FOLHA DE ACANTO, representando a Administração (Economia);

RODA DENTADA, representando a Indústria;

CORNUCOPIA, representando a Agricultura e o Comércio proporcionando à abundância, a fartura.

O **EMBLEMA**, a ser adotado por todos os bacharéis e estudantes em ciências econômicas, Sindicatos, Faculdades, Diretórios e Centros Acadêmicos, compor-se-á da seguinte forma: — Sôbre a Roda Dentada, aplicar-se-á o Globo Terrestre e, sôbre êste, a Fôlha de Acanto e a Cornucópia cruzados.

LATERAIS DO ANEL — De um lado a Folha de Acanto sôbre o Globo, e do outro a Cornucópia sôbre a Roda Dentada.

Figura 13 – Detalhe de "O Acadêmico" da Academia de Comércio de Santa Catarina, de 28 de setembro de 1945. Fonte: Hemeroteca Catarinense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO JUNIOR, Nelson Maurilio. Relicários de um tempo: os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus 1922 -1929 (contribuições para o estudo da história da educação em Santa Catarina). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006d/00006dc0.pdf. Acesso em: 26 jul. 2019.

WERLE, Flavia Obino Corrêa. Ancorando quadros de formatura na história institucional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu. Anais [...]. Caxambu: ANPED, 2006. Disponível em:< http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02-322-int_ok.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2019.

WEBGRAFIA

Símbolos dos economistas> Disponível em <https://www.coreconpr.gov.br/economista/simbolos-do-economista/>. Acesso em 22 mai.2019 e < http://www.corecon-am.org.br/site/pagina/50/ >. Acesso em 22 mai.2019.

Curiosidades sobre os símbolos. Disponível em < https://www.crcpr.org.br/new/content/curiosidades/index.php>. Acesso em 22 mai.2019

MARQUES, Wagner Luiz. CONTABILIDADE GERAL I – SEGUNDO A LEI 11638/2007 DAS SOCIEDADES ANÔNIMAS – PASSO A PASSO DA CONTABILIDADE. Gráfica Vera Cruz. Cianorte – Paraná e http://books.google.com.br. 2010. Postado no google em Novembro de 2010.

Lei das Doze Tábuas. Disponível em <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=bibliotecaConsultaProdutoBibliotecaSimboloJustica&pagina=tabuas> Acesso em 28/11/2019.

CAPÍTULO 7

Painéis de Formatura: riqueza e variedade, repetição e diferença – um registro fotográfico

O estudo dos painéis de formatura nos trouxe uma satisfação em saber que existem outras instituições, além do Museu da Escola Catarinense, que estão preocupados com a conservação desta cultura.

A fim de ampliar o conhecimento sobre os diferentes modelos de painéis e manter a divulgação da riqueza histórica dos mesmos, procuramos apresentar neste capítulo vários modelos e formatos de painéis, bem como apresentar um registro dos locais onde pode-se encontrar essas obras. Observando-se atentamente cada painel é possível identificar diferentes símbolos e dizeres que já foram devidamente elucidados, ampliando-se aqui as áreas de graduação dos formandos para além daquelas que eram oferecidas pela Academia do Comércio de Florianópolis e sobre os quais nos debruçamos mais ativamente.

Em uma breve pesquisa, observou-se que estes quadros estão presentes também em outras instituições e, visando mostrar ao leitor a magnitude destas obras, selecionamos algumas que são apresentadas na sequência. Em todo o Brasil, em diversos locais, encontramos referências esparsas de painéis de Formatura. Muitos deles ainda adornando as paredes como registro, mas são poucos os locais que mantem esse material em memoriais específicos. Alguns continuam adornando as paredes dos estabelecimentos e outros estão acondicionados em reservas técnicas. Na sequência serão apresentados significativos exemplares de painéis, cada qual com sua referência, de modo que o leitor poderá aprofundar sua pesquisa e contemplar a beleza e informações aqui disponibilizadas. Vamos selecionar três formas:

1 – Em forma de memorial específico.

2 – Como recordações adornando as paredes e mesmo uma tradição que ainda é mantida.

3 – Painéis que estão acondicionados em reserva técnica.

1 – Em forma de memorial específico, uma grande coleção se encontra no Museu Histórico da Universidade Federal de Viçosa, que foi criado em 26 de agosto de 1986 com a finalidade de estudar fontes históricas, coletar, guardar, classificar e expor objetos re-

ferentes à memória institucional e divulgação do patrimônio, bem como constituir-se num dos elementos básicos para a difusão cultural e extensão universitária. O Museu Histórico abarca as origens, os pioneiros e a memória da construção da Universidade Federal de Viçosa. Ligado a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e a Divisão de Assuntos Culturais, o espaço possui um acervo com mobiliário original, peças de laboratório e outros materiais utilizados em diversos cursos no início da trajetória da UFV. O Museu Histórico da Universidade Federal de Viçosa tem como missão reunir, preservar e difundir a memória institucional apresentando diferentes perspectivas voltadas a disseminação de suas ações no âmbito da educação, servindo a comunidade como apoio das atividades de ensino, pesquisa e extensão da instituição. Os painéis de formatura que estão disponíveis no Museu Histórico da Universidade Federal de Viçosa (UFV)[1], que originou-se a partir da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) do Estado de Minas Gerais, apresentam enorma variedade de formatos. Contemplar cada um destes painéis é sobretudo apreciar o trabalho manual em madeira que há muito não se vê sendo executado no Brasil, com uma riqueza de detalhes e um histórico significativo para cada formando e seus descendentes. Acreditamos que assim como ocorreu na cidade de Florianópolis, onde muitos dos formandos que se encontram apresentados nos painéis acabaram se tornando personalidades importantes da cidade e contribuíram significativamente para seu desenvolvimento socioeconômico, da mesma forma deve ter ocorrido com os formandos de outras cidades, visto que naquela época o acesso ao ensino no país era mais restrito. Desta forma, além do acervo fotográfico apresentado para os painéis pertencentes ao Museu Histórico da Universidade Federal de Viçosa, apresentamos também um inventário destes[2], contendo entre outras informações o título, autoria, data e identificação dos homenageados e formandos. Apresentam quarenta e sete (47) painéis de formatura que serão reproduzidos.

O quadro a seguir reproduzido, demonstra que conseguiram o registro de quem fazia os painéis. Estes dados são ainda incógnitas para o acervo do Museu da Escola Catarinense.

1 Disponível em <http://www.museuhistorico.ufv.br/?page_id=323>. Acesso em 22 out. 2019
2 Disponível em <http://www.museuhistorico.ufv.br/?page_id=323>. Acesso em 22 out. 2019.

QUADROS DE FORMANDOS DA ESAV						
Título	**Notação**	**Autoria**	**Data**	**Nº de Fotos**	**Cromia**	**Identificação**
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1931	04.01.11.03-01	Foto Stúdio Ponte Nova	1931	1	Sépia	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1931; Paraninfo: João Carlos Bello Lisbôa; Homenageados: Peter Henry Rolfs, Lourenço Menicucci Sobrinho, Aléxis Dorofeeff e Arthur da Silva Bernardes; Formandos: Antônio Secundino de São José, Fernando Javora Barreto, Geraldo Corrêa, Geraldo Gonçalves Carneiro, Henrique Floriano Galante Sauer, Luiz Martins Soares Sobrinho e Paulo Penna de Salvo. A parte superior possui o brasão da República; "ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINARIA DO ESTADO DE MINAS GERAES"; homenageados; os formandos com o estado/cidade de cada um deles; Abaixo a titulação de da primeira turma de Engenheiros Agrônomos, o ano; a cidade; envolta três brasões e no final os dizeres "Nihil Uberius; carimbo: acervo do Museu da UFV; as dimensões são de 35,5 x 22,3 cm.
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1932	04.01.11.03-02	Daniel Sotto Maior	1932	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1932; Diretor: João Carlos Bello Lisboa; Paraninfo: Peter Henry Rolfs; Homenageados: Alberto Rhoad, Diogo Alves Melo, José Guimarães Duque e Noberto Custodio Ferreira; Formandos: Antonio Rodrigues Coutinho, Carlos Infante Vieira, Carlos Thomaz de Almeida, José Darcy Garcia Nogueira, Joaquim Fernandes Braga, Geraldo Soares Brandão e Oldemar Resende Pimenta; sobre a imagem, contém a cidade de cada aluno. A parte superior do quadro contém um brasão, "ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINARIA DO ESTADO DE MINAS GERAES"; em seguida os homenageados, os formandos com o estado/cidade de cada um deles e no meio deles dizeres "Vincit qui se vincit"; no final a titulação da Segunda Turma de Engenheiros Agrônomos, a cidade e o ano; as dimensões são de 18 x 12,7 cm.
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1933	04.01.11.03-03	Daniel Sotto Maior	1933	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1933; Diretor: João Carlos Bello Lisboa; Paraninfo: Benjamim H Hunnicutt; Homenageados: Edson Hambleto, Geraldo Carneiro, Guilherme Emerich e Mario Machado; Formandos:Alberto da Silva Araújo, Álvaro Pontes Magalhães, Amyntas de Assis Lage, José Antonio Monteiro de Barros, Lino Rodrigues Castello Branco, Luciano Guadaynin, Raul Miranda Pereira de Mello e Sylvio Starling Brandão. A parte superior do quadro possui os homenageados; a seguir um brasão, dizeres "Nimil Dignus", a titulação de Engenheiros Agrônomos e o ano; embaixo os formandos com o estado/cidade de cada um deles, "ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINARIA DO ESTADO DE MINAS GERAES" e a cidade.
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1934	04.01.11.03-04	Daniel Sotto Maior	1934	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1934; Diretor: João Carlos Bello Lisboa; Paraninfo: J. Carvalho Barbosa; Homenageados: José Guimarães Duque, Deusdedith Borges, Frederico Vanetti, José Camillo P. Santiago, Humberto Bruno; Formandos: Antonio M. Bastos, Cassio Macedo, Daniel Mello, Geraldo Oscar Domingues Machado, Geraldo T. Vidigal, Hélio Raposo, João Ribeiro Gomes, Jurema Soares Aroeira, Octavio de Almeida Drummond, Sylvio Starling Brandão, Tobias Pereira da Rosa Filho, Vicente de Paulo Machado e Waldyr Paulino da Costa. A parte superior contém um brasão, a titulação da quarta turma de Engenheiros Agrônomos, homenageados, o ano; a seguir os formandos com o estado/cidade de cada um deles; no meio deles uma ilustração; no final do quadro "ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINARIA DO ESTADO DE MINAS GERAES".
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1935	04.01.11.03-05	Daniel Sotto Maior	1935	1	Colorido	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1935; Diretor: João Carlos Bello Lisboa; Paraninfo: Humberto Bruno; Homenageados: Guilherme Emerich, Jacob Polacow, Luiz C. Araujo e Lourenço Menicucci Sobrinho; Formandos: Acyr Villela Junqueira, Agenor Maia Ferreira, Agliberto Rodrigues Moreira Filho,

QUADROS DE FORMANDOS DA ESAV						
Título	**Notação**	**Autoria**	**Data**	**Nº de Fotos**	**Cromia**	**Identificação**
						Arnoldo Padua de Mello e Souza, Hélio Mauro Lopes da Cruz, Itagiba França Nogueira, João Moreira Bartholo, Jardel Muniz Nery da Silva, Jorge de O. Vianna, José S. Barbosa Junior, Newton Monteiro de Barros, Odilon dos Reis Junqueira, Paulo da Silva Fernandes, Paulo de Brito Guerra, Paulo de Tarso Aguiar, Waldemar R. Kummel e Walter Brune. A parte superior do quadro possui um brasão representado o estado de Minas Gerais; "ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINARIA DO ESTADO DE MINAS GERAES"; homenageados no meio do quadro e envolta os formandos com o estado/cidade de cada um deles; no final o ano e a titulação de Engenheiros Agrônomos.
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários de 1936	04.01.11.03-06	s/a	1936	2	Sépia	Quadros de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários de 1936; Formandos: Aristeu José Féu, Balbino Bastos França, Celso Freitas de Souza, Ernani Bittencourt Cotrim Filho, Herman Niewerth, Jaimar V. Mota, Lincoln Monteiro Rodrigues, Rubens Tavares Resende, Theophilo Azevedo Pacheco Leão, Vicente Lopes Gondim e Walther Batalha de Lima; Annibal José Alves Torres, Georges Edouard Lotar de Druet e Leonidas Machado Magalhães. A parte esquerda do quadro contém a titulação de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários e o ano; ao lado contém "ESAV VIÇOSA"; a parte esquerda contém os formandos; abaixo "ESCOLA SUPERIOR DE AGRÍCULTURA E VETERINÁRIA DO ESTADO DE MINAS GERAES"; carimbo: acervo do Museu UFV; as dimensões são de 16,9 x 23,3; 21,3 x 28,8 cm. Obs: possivelmente
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1937	04.01.11.03-07	Daniel Sotto Maior	1937	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1937; Diretor: John Benjamin Griffing; Paraninfo: Alberto Teixeira da Silva; homenageados: Alexis Dorofeet, Diogo Alves de Mello, J. Carvalho Barboza, Joaquim Fernandes Braga, João Moojen e Sócrates Faria Alvim; Formandos: Ady Raul da Silva, Amaury Henrique da Silveira, Breno Gonzaga, Caio da Rocha, Custódio Leite Ribeiro, Edgard Alencar, Francelino Bastos França, Francisco Peçanha, Gladstone Drummond, Harlley Corrêa Barroso, Herval Dias de Souza, Jere Q. de Avelar Marques, Joaquim Mattoso, José Maria Pompeu Memória, José Ribeiro Filho, José Vieira da Silva Lanna, Luiz Fernando Carvalho Dias, Maurício Ribeiro Gomes, Moacyr Parcageau, Pedro Ernesto de Rezende Junior, Rubem Landeiro, Ruy Torres da Silva Pinto e Wilson Cortês Villela; A parte superior esquerda possui os homenageados; o centro do quadro estão os formandos com o estado/cidade de cada um deles; no final a titulação de Engenheiros Agrônomos e o ano; ao lado direito um brasão e ESAV.
Quadro da Turma de Técnicos Agrícolas de 1937	04.01.11.03-08	Daniel Sotto Maior	1937	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Técnicos Agrícolas de 1937; Formandos: Adgard de Vasconcelos Martins, Américo Dias de Castro, Américo Groszmann, Augusto Paiva Neto, Carlos Nagéle Filho, Carlos Pinto dos Santos, Catulino Novais, Celso Maioli, Clower Bastos Cortes, Custódio Martins da Cunha Filho, Dilermando Eloi Ferreira, Emanuel Vale Leal, Francisco de Melo Arruda, Geraldo Tostes, Germano Scofield, Herminio Lignani, Humberto da Silva Cerqueira, Jeronimo Borges Chagas, João Alfredo Paranaguá Moniz, João Petronilho, João Torres Filho, Jofre Freitas de Morais, José Carlos Moreira Bruno, José Luiz de Morais, José Mancini Sobrinho, José Monteiro de Oliveira, José Ribeiro Ferraz, José Serafim da Silva, Marcio Ribeiro do Vale, Milton Barbosa Vieira, Murilo de Mendonça Freitas, Nelson Martins de Paiva, Onofre de Almeida Sampaio, Oswaldo Alves Queiroz, Rodolfo Born, Sebastião Vieira da Silva I e Vicente de Paulo Faraco. A parte superior contém "ESCOLA SUPERIOR DE AGRÍCULTURA E VETERINÁRIA DO ESTADO DE MINAS GERAES" e a cidade; a seguir os formandos sem nome, porém listado de acordo com a lista de diplomados da UFV; o quadro não contém

QUADROS DE FORMANDOS DA ESAV

Título	Notação	Autoria	Data	Nº de Fotos	Cromia	Identificação
						também o estado/cidade de cada um deles e alguns sem foto; entre os formandos possuem um brasão da República e outros dois do curso; no final a titulação de Técnicos Agrícolas e o ano.
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários de 1938	04.01.11.03-09	Daniel Sotto Maior	1938	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários de 1938; Diretor: John Benjamin Griffing; Paraninfos: Fernando Costa e João Carlos Bello Lisboa; Homenageados: Antônio Secundino de São José, Benjamim Thomaz Snipes, Geraldo Corrêa, Geraldo Gonçalves Carneiro e J. Sampaio Fernandes; Annibal José Alves Torres, Jacy R. Ferreira, Nello de Moura Rangel, Nestor Giovine, J. Pinto Lima e Leon M. Wilwerth; Formandos: Alfredo Cezar do Nascimento Filho, Antônio Povoa, Arlindo de Paula Gonçalves, Clovis Wilson Pacifico Homem, Edson Potsch Magalhães, Hilson Cunha de Almeida, Homero Diniz Freitas, Isaac Abramson, João Celestino de Almeida Filho, José do Nascimento, Manoel Pereira Magalhães Filho, Oto Lira Schrader e Salvino de Oliveira Filho; Alberto Monteiro Wilwerth, Antonio Vieira Machado, Clovis Baptista Nascimento, Eduy Catão, Frode Madsen, José Cândido de Mello Carvalho, José Penedo e Mauricio dos Santos Paiva. A parte superior esquerda possui a titulação de Médicos Veterinários, ao lado as personalidades influentes e abaixo os formandos com o estado/cidade de cada um deles; no centro contém um brasão da Republica; abaixo o diretor e ESAV; o lado direitos os homenageados; os formandos com o estado/cidade de cada um deles e ao lado a titulação de Engenheiros Agrônomos.
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1939-1944"	04.01.11.03-10	Foto Vincenzo	1944	1	Sépia	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1944; Paraninfo: Golveia; Homenageados: Joaquim Mattoso, Gladstone de Almeida Drumond, I.M. Wilverth, Peter Henry Rolfs, Marques Machado e Annibal José Alves Tôrres; Formandos: Argeu do Carmo Russo, Avelino Mantovani Barbosa, Cipriano Amaro da Silveira Lanari, João Buchaul, Levy Pacheco Vieira, Marcondes Borges, Mário Donato Amoroso Anastacio, Moysés Guimarães Coelho(Orador) e Radagasio Hugo Vervloet. OS extremos esquerdo e direito contém os homenageados; o centro uma representação do mapa brasileiro, dentro dele um brasão da República e dento do mesmo os formandos com o estado/cidade de cada um deles; abaixo contém a titulação de Agronomos e o ano; as dimensões são de 20 x 32 cm
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários de 1940	04.01.11.03-11	Daniel Sotto Maior	1940	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários de 1940; Diretor: Geraldo Gonçalves Carneiro; Paraninfo: Benedito Valladares Ribeiro e Nestor Giovine; Homenageados: Antônio Secundino de São José, Benjamim Thomaz Snipes, Diogo Alves de Mello, Luiz G. Neves, Octavio Drumond e Peter Henry Rolfs; Annibal José Alves Torres, José de Melo Soares Gouvêia, Julio Muller, Leon M. Wilwerth, Nello de Moura Rangel e Victor Carneiro; Formandos: Accacio Costa Junior, Alberto Augusto Magalhães Lopes, Augusto Ottoni Porto, Carlos Socias Schlottfeldt, José Pacheco Pimenta, Joaquim José de Carvalho Dias, Otto Andersen, Paulo Armando Newlands, Paulo de Tarso Alvim Carneiro, Renato Alves Ribeiro, Renato Barbudo e Silvio Gabril Diniz; Aureo Lino da Silva, Edmir Sá Santos, Eurides Esteves dos Reis, Fernando Luiz Alves Ribeiro, Luiz Rodrigues Fontes, Moacyr Gomes Freitas e Oley Dunlop Coachman; A parte superior do quadro contém os homenageados; a seguir a titulação de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários; o lado esquerdo possui o ano; homenageados do curso de Agronomia e os formandos com o estado/cidade de cada um deles; ao meio o brasão da Republica e ESAV; ao lado direito os homenageados do curso de Veterinária e os formandos com o estado/cidade de cada um deles.

QUADROS DE FORMANDOS DA ESAV

Título	Notação	Autoria	Data	Nº de Fotos	Cromia	Identificação
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos e Técnicos Agrícolas de 1942	04.01.11.03-12	Daniel Sotto Maior	1942	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos e Técnicos Agrícolas de 1942; Diretor: Geraldo Gonçalves Carneiro; Paraninfos: Embaixador J. Caffery; Min. Apolônio Salles; Homenageados: Annibal José Alves Torres, Antônio Sencundino de São José, Diogo Alves de Mello, Edgard de Vasconcelos Barros, Erly Brandão, Fortunato Pimentel, Joaquim Fernandes Braga, Joaquim Mattoso, José Pimenta, Juarez Soares Gouvêa, Manoel da Costa Lana e Sylvio Brandão; Formandos: Adjalme da Silva Botelho, Américo Groszman, Arnaldo Figueiredo, Cincinatus Macarenhas, Clarimundo Ferreira Campos, Eduardo Hugo Frota, Filadelfo Brandão, Gaston Dual, Gerbert Bastos, Gilton Pinto de Morais, José Maranhão Andrade Lima, Marcelo Teixeira Guimarães, Newton José de Campos Guimarães, Osmar Lopes de Resende, Paulo de Almeida, Vitor de Andrade Brito e Wilson Alves de Araujo; Antenor Caixeta, Antônio Araújo, Ari Batista Coelho, Artur Araripe, Caio Werther Frota, Ciro da Persia Ferreira, Claudio Pereira, Clinio José Memoria, Daniel Caires, David Moraes, Dionisio Costa, Edi Morais Prata, Edgard Pekny, Ernani Carvalho, Francisco Sant'Ana, Geraldo Silveira, Geraldo Galbraith, Genésio Corrêa, Hélio Cabral, Joel Lemos Barreto, Luiz Maria de Moura, Max Kaler, Milton Campos, Milton Castro, Moacyr Pretti, Mozart Costa, Orlando Guimarães, Otávio Carneiro, Paulo Corrêa, Paulo Nobrega, Pedro Barbosa, Paulo Coutinho, Osvaldo Couto, Roberto de Melo Franco, Raimundo Costa e Waldemar Neumayer. O lado esquerdo do quadro possui os formandos com o estado/cidade de cada um deles a titulação de Agrônomos e o Paraninfo; o centro contém um brasão da República; personalidades influentes; uma mapa do Brasil com as letras ESAV dentro; o ano e dois símbolos da escola; o lado esquerdo um paraninfo e os formandos com o estado/cidade de cada um deles.
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1943	04.01.11.03-13	Daniel Sotto Maior	1943	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1943; Diretor: Geraldo Gonçalves Carneiro; Paraninfo: João Carlos Bello Lisboa; Formandos: Alberto Daker, Augusto Werna Magalhães, Carlos Eugenio Tibau, Dante Darnelli, Fábio Ribeiro Gomes, Hildo Matta, Hilmar da Costa Faro Wircker, Jac Benbassat, Joaquim Campos, José Leôncio Drumond, José Rodolfo Torres, Ladivaldo de Mello Motta, Paulo da Silva Netto, Prudente de Almeida Souza, Renato Rabello e Ricardo Colares Quitete Morais. A parte superior possuem os homenageados e o brasão de República; a seguir os formandos com o estado/cidade de cada um deles; no final a titulação de Agrônomos e o ano.
Quadro da Turma de Técnicos Agrícolas de 1944	04.01.11.03-14	Daniel Sotto Maior	1944	1	Colorido	Quadro de madeira da turma de Técnicos Agrícolas de 1944; Diretor: José de Melo Soares Gouvêa; Paraninfo: Joaquim Fernandes Braga; Homenagem Especial: José R. Monteiro; Homenageados: Alfred Beck Andersen, Annibal José Alves Torres, Antônio Resende, Joaquim Mattoso, Jurema Soares Aroeira, Manoel da Costa Lanna e Sylvio Starling Bandão; Formandos: Adalberto Torres Ruas, Alcir de Miranda Costa, Antônio Andrade do Rego, Argemiro M. C. Camarão Junior, Armando Caetano Gomes, Carlos de Andrade Resende, Celso Gonçalves Bastos, Constantino José Vieira, Eider Araujo, Fernando Lourenço de Almeida Franco, Flavio Augusto de Miranda, Galdino B. Roberto, Haroldo Feijo, Hélio de Melo Franco, Jesus Silva Oliveira, João Amancio de Assunção, João Batista de Almeida, João Martins Chaves Filho, João Rodrigues, José A. Costa, José Cota Filho, Luiz Léo Pardo, Milton Machado, Natanael T. Quintão, Nilo José Perpetuo(Orador), Olmiro Vieira Marques, Paulo Walmor Kummel, Raimundo Aires Braga, Roberto Morais Rego Reis, Sebastião Pereira Fialho, Uriel Spach e Walter de Almeida Jardim; A parte superior do quadro contém os homenageados, a titulação de Técnicos

QUADROS DE FORMANDOS DA ESAV

Título	Notação	Autoria	Data	Nº de Fotos	Cromia	Identificação
						Agrícolas e embaixo os s formandos com o estado/cidade de cada um deles.
Quadro Turma de Técnicos Agrícolas de 1945	04.01.11.03-15	Daniel Sotto Maior	1945	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Técnicos Agrícolas de 1945; Diretor: José de Melo Soares de Gouvêa; Paraninfo: Antônio Rezende; Homenageados: Alfred Beck Andersen, Annibal José Alves Torres, Carlos Socias Schloltfeldt, Luciano Guadagni, Manoel da Costa Lana e Sylvio Brandão; Formandos: Albertino Domingos Gonçalves, Anibal Reis Filho, Antônio Aires Fávero, Antônio Augusto Ataide, Antônio Batista de Carvalho, Aristides Pinto Paiva, Bruno Oswaldo Franke, Clidenor Mendes da Rocha, Clinio José Memoria, Clovis Sebastião Rosa, Djard Pinto Noronha, Fortunato Sobrinho Fornazier, Francisco F. A. Neto, Gabriel Julio Matos Muller, Isaltino Soares, James Lewis Hamer, Joaquim de Brito Nicolau, José F. Silva, José de Oliveira Andrade, Julio Cesar Santiviago Zavala, Karl Konrad Franz Kratschmann, Leonidas Afonso Braga, Luiz Vanazzi Silva, Mariano Heitor Cassia, Miguel Arcanjo Vieira Filho, Napoleão Evangelista da Costa Junior, Nazareno Martins da Costa, Norton S. Nort, Orlando C. Medici, Paulo da Silva Dantas, Resi Carreiro de Souza, Roberto Lacerda de Almeida, Roberto Guimarães Wasth Rodrigues, Valério Dias Lage, Yolando Americo Soares e Waldivio da Silva Barbosa. A parte superior contém as personalidades influentes, em seguida a titulação de Técnicos Agrícolas, os formandos com o estado/cidade de cada um deles, no meio deles está ESAV, um brasão e o ano.
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1945	04.01.11.03-16	Daniel Sotto Maior	1945	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1945; Diretor: Geraldo Gonçalves Carneiro; Homenageados: Annibal José Alves Tôrres, Diogo Alves de Mello, Edgard de Vasconcelos Barros, Frederico Vanetti, Joaquim Matoso, Jorge Leme Junior e Mário Machado; Formandos: Afonso Nogueira Simões Corrêa, Cornélio Caldas Carvalho, Euripedes Pacheco,Franz Willem Wyler, Ilbeto C. Silva, Joel da Silveira, Mário Pinto Monteiro, Moacy Pompeu Memória e Silvino Melo; A parte superior do possui "ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA", em seguida os homenageados, a esquerda a titulação de Agrônomos, ao centro os formandos com o estado/cidade de cada um deles e a direita o ano.
Quadro da Turma de Técnicos Agrícolas de 1945-1946	04.01.11.03-17	Daniel Sotto Maior	1945-1946	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Técnicos Agrícolas de 1945-1946; Diretor: José de Melo Soares Gouvêa; Paraninfo: José Rezende Monteiro; Homenagem Especial: Luciano Guadagnin; Preito de Honra: Edgar de Vasconcelos; Formandos: Adelmar Faria Coimbra Filho, Aldo Luz Pereira, Antônio Arnaldo Bezerra Cansanção Filho, Avelino Almeida, Aurélio Xavier, Carlos Arpinto, Carlos Martins Soares, Carlos Moacir da Costa Ferreira, Célio Coelho Soares, Ciro Araújo, Célso Silvio da Silva Malta, Claudiano Barcelos Ribeiro, Claudio Augusto G. de Miranda, Clovis Nobrega Lima, Ferdinando Bertéa Mendes, Fernando Duarte Tavares, Francisco Chaves dos Santos, Geraldo Lopes da Silva, Helvecio Barbosa, Hermani Paulo F. Cordeiro, Higino da Silva Raimundo, Hilario Vieira, Homero de Souza, Itamar da Costa Ferreira, Itrio Corrêa Barbosa, José Ferreira Cruz, João S. Teixeira, José J. Zavala, José Ribamar de Jesus e Souza, José Rodrigues Machado de Araujo, Kleper Santana, Marcelo Garcia da Costa, Medardo Ayala, Moacir da Rocha Cavalcanti, Mourvan Neves de Oliveira, Murilo Tavares de Melo, Nilo Galvão, Orlando de Andrade, Otavio Corrêa da Costa, Paulo de Oliveira Cipriano, Sebastião Ribeiro Campos, Silvio Gomes Melo Filho, Sydney Lewis Hamer; Homenagens Póstumas, Ladario P. Amorim e Ormezindo Mendes. Envolta do quadro contém a titulação de Técnicos Agrícolas e o ano, ESAV; no centro os formandos com o estado/cidade de cada um deles, os homenageados e um brasão.

QUADROS DE FORMANDOS DA ESAV

Título	Notação	Autoria	Data	Nº de Fotos	Cromia	Identificação
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1946	04.01.11.03-18	Daniel Sotto Maior	1946	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1946; Diretor: João de Melo Soares Gouvêa; Paraninfo: Carlos C. da Luz; Homenageados: Annibal José Alves Torres, Diogo Alves de Melo, Jorge Lins Junior, Formandos: Alberto Pereira de Figueiredo, Avelino Costalonga, Antonio Dias Lopes(Orador), Augusto Pinto Lavinas, Everardo Barbosa de Castro, Edilberto Frota, Glauco Olinger, Haroldo Alves de Araújo, Jorge Gerhardt Faria Santos, Lacy Magalhães Castro Amorim, Lincoln de Queiroz Gonçalves, Nirmen Roswell, Orodovaldo de Assis Moreira, Paulo Mário del Giudice, Ricardo Willibaldo Hexsel, Wellington Fajardo Barbosa e Zeno Xavier de Oliveira; A parte superior possui o paraninfo, em seguida ESAV, os formandos com o estado/cidade de cada um deles e no final a titulação de Engenheiros Agrônomos e o ano.
Quadro da Turma de Técnicos Agrícolas de 1946-1947	04.01.11.03-19	Foto Vincenzo	1946-1947	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Técnicos Agrícolas de 1946-1947; Diretor: Antônio Secundino de São José; Paraninfo: Annibal José Alves Torres; Homenagem Póstuma: Manoel da Costa Lanna; Homenagem Especial: José R. Monteiro; Homenageados: Antônio Gonçalves Monteiro, Alfred Beck Andersen, Carlos Socias Schlottfeldt e Diogo Alves de Mello; Formandos: Antônio Abdo Junior, Enio Alberto, Francisco Enrique Albrecht, Alenn Assis de Almeida, Amarílio Corrêa de Almeida, Hélio de Almeida, Haroldo de Freitas Alves, Galeno de Andrade, Adão Orlando Arruda, Hélio Escovedo Barcelos, Enéas Bernardo, Ernesto d'Orsi Bicalho, Antônio Cabalzar, José Carneiro Neto, Fernando Eduardo de Carvalho, Arí Goiabeira Corrêa, Alberto Rodrigues da Cunha, Jayme Ribeiro Dias, Rafael Antônio dos Santos Fernandes, Elci Vale Filgueiras, Celso Barbosa de Freitas, José Serpa Furtado, Antônio Tasso Ribeiro Gomes, José de Alencar Marinho Gomes, Geraldo Magela Gomide, Arguinel Alvino Gonçalves, José Tripodi Guimarães, Wolfram Hoch, João Fernandes Leão, Walace Jorge Leite, Marcelo Afonso Moreira, João Batista de Oliveira, Nelson Antônio da Silva Pereira, Gabriel José Pata, Francisco Wilson Almeida Pirajá, Ricardo Sosa Quevedo, Paulo de Almeida Ramos, José Ribeiro Filho II, João Renato Roco Filho, Antônio A. PE. da Sa, Nelson Isolino dos Santos, Porfírio Wilson dos Santos, Manoel Gomes Serpa, Hugo de Assunção Araujo, José de Castro Silva, José Herculano de Souza, Olinto Hilario de Souza, Osório André Faria Vieira, Carlos Augusto Villela e Wilson Vitareli. O lado esquerdo do quadro contém os homenageados; o centro possui o mapa do Brasil e dentro do mesmo estão o paraninfo, os formandos com o estado/cidade de cada um deles e uma imagem da ESAV; abaixo contém o ano e a titulação de Técnicos Agrícolas; O lado esquerdo contém outros homenageados.
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1947	04.01.11.03-20	Daniel Sotto Maior	1947	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1947; Diretor: Antônio Secundino de São José; Paraninfo: Diogo Alves de Mello; Honra ao Mérito: Otavio Drumond; Homenagem Especial: Daniel de Carvalho e José de Melo Soares Gouvêa; Homenageados: Annibal José Alves Torres, Edson Potsch Magalhães, Geraldo Francisco Corrêa, Gladstone de almeida Drumond, Jorge Leme Júnior, Joaquim Mattoso e S. L. Viana; Formandos: Acir Vaz Guimarães, Aldo Franklin dos Santos, Antônio Carlos Pedreira, Arnaldo Gazzinelli, Dalmo Catauli Giacometti, Edgar Oswaldo Lorenz, Ernesto Carvalho Dias, Fernando Paulo Pessoa de Andrade, Flávio Antônio Correia Caracas, Flávio Augusto d'Araujo Couto, Gerardo da Silva Araújo, Isidro Zarate, João Evangelista da Silva Ramos, José Anibal Comastri, José Farah(Orador), José Nazal Sá Barreto Soub, Libêncio Borges Mindin, Marco Fidel Castro Aguiar, Maurício Augusto, Moysés Leizer Chaimovich, Nemésio José Siri, Raimundo Souza Lima e Walter Henrique Furtado; A parte superior e o lado esquerdo contém os

QUADROS DE FORMANDOS DA ESAV						
Título	**Notação**	**Autoria**	**Data**	**Nº de Fotos**	**Cromia**	**Identificação**
						homenageados, ao centro estão os formandos com o estado/cidade de cada um deles, ao lado o brasão da ESAV e embaixo a titulação de Engenheiros Agrônomos e o ano.; ; as dimensões são de 21 x 29,5 cm.
Quadro da Turma de Engenheiros Agrônomos de 1948	04.01.11.03-21	Daniel Sotto Maior	1948	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Engenheiros Agrônomos de 1948; Diretor: Antônio Secundino de São José; Paraninfo: Edson Potsch Magalhães; Homenageados: Annibal José Alves Tôrres, Arlindo de Paula Gonçalves, Joaquim Mattoso e José Marcondes Borges; Formandos: Aderbal Contrim, Albert Maurice Alonso, Carlos Estevão Pires Rabelo, Décio Dias Alvim, Eduardo José Mendes del Peloso, Fernando Coni Caldas Santos, Ivan Belfort Shalders, José Machado da Costa Júnior, Lelivaldo Antônio de Brito, Manoel Corrêa de Araujo, Moacyr Maestri, Paulo Germano e Severino José Catella; A parte superior contém "ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA", um brasão da ESAV, os homenageados, em seguida os formandos com o estado/cidade de cada um deles, um telescópio e por fim a titulação de Engenheiros Agrônomos e o ano.
Quadro da Turma de Técnicos Agrícolas de 1948	04.01.11.03-22	Daniel Sotto Maior	1948	1	Colorida	Quadro de madeira da turma de Técnicos Agrícolas de 1948; Diretor: Antônio Secundino de São José; Paraninfo: Antônio Rezende; Homenageados: Alfred Beck Andersen, Annibal José Alves Tôrres, Antônio Gonçalves de Oliveira, Arlindo de Paula Gonçalves, Edgard de Vasconcelos Barros, Erly Dias Brandão, Manoel da Costa Lana e Otto Andersen; Formandos: Agustinho Almeida, Aldo Teixeira Lopes, Aloisio Rezende Ribeiro de Oliveira, Antônio Carlos Damasceno, Antônio Moreira Barros Filho, Antônio Quintão Carneiro, Aristomil Mendonça, Arnaldo Sandall Pires, Assis Pereira Branco, Avelino de Paula Lana, Boanerges Marcio da Silva, Cassio Roberto Corrêa da Cunha, Cesar Augusto Acciaris, Domingos Sancho Martins da Costa, Edison Chaves dos Santos, Emannuel Gomes, Fernando Campos de Oliveira Borges da Costa, Fernando Dias dos Santos, Francisco Antônio Salazar da Veiga Pessoa, Francisco A. Silva, Geraldo Martins Barros, Gesson Sant'Ana, Horst Garlipp, Iohnn Cabalzar, Jairo da Silva Pinto, João Alves Leite, João Elizio de Melo Porto, João Fortunato Bulcão de Melo, Joaquim Rocha, José Carlos de Azevedo Fontes, Gertrud Rita Kloss, José Felix Gonzalez Zavala, José Lisbôa da Motta, José Randolfo Moreira Bastos, José Rodrigues Bicalho, Jorge Airton Bonorino Costa, Jorge Burle Câmara, Leontino Rabelo, Manoel Corrêa de Araujo, Manoel Nunes Moreira, Marcius Cavalcanti, Onofre Severo, Oswaldo L. Maciel, Patricio Manoel Cassia, Roberto T. L. Schaefe, Sebastião Araujo Ferreira da Silva, Sebastião Salgado Amorim, Sebastião da Silva Dantas, S. Wilson C. Amorim, Sidney A. Costa, Wanderlei Simplicio Lopes, Willy Reuter Lima e Yvon de Araujo Yung-Tay. A parte superior contém ESAV, a titulação de Técnicos Agrícolas e o ano; os homenageados, a seguir os formandos com o estado/cidade de cada um deles e envolta deles outros homenageados.

Mapa de localização dos quadros de formatura no Museu Histórico da Universidade Federal de Viçosa.

Figura 1 – 1ª Turma de Engenheiros Agrônomos, 1931 (CCA).

Figura 2 – 2ª Turma de Engenheiros Agrônomos ESAV, 1932.

Figura 3 – Engenheiros Agrônomos ESAV, 1933.

Figura 4 – Turma de Engenheiros Agrônomos ESAV, 1934.

Figura 5 – Turma de Engenheiros Agrônomos ESAV, 1935.

Figura 6 – 1ª Turma de Médicos Veterinários (CCA), 1935.

Figura 7 – Técnicos Agrícolas ESAV, 1936.

Figura 8 – Turma de Engenheiros Agrônomos, 1937.

Figura 9 – Turma de Médicos Veterinários, 1937.

Figura 10 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1937.

Figura 11 – Turma de Médicos Veterinários e Engenheiros Agrônomos, 1938.

Figura 12 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1938.

Figura 13 – Turma de Agrônomos, 1939-1944.

Figura 14 – Turma de Engenheiros Agrônomos e Veterinários, 1940.

Figura 15 – Turma de Engenheiros Agrônomos e Técnicos Agrícolas, 1942.

Figura 16 – Turma de Agrônomos, 1943.

Figura 17 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1944.

Figura 18 – Turma de Agrônomos, 1945.

Figura 19 – Técnicos Agrícolas, 1945.

Figura 20 – Técnicos Agrícolas, 1945-1946.

Figura 21 – Turma de Agrônomos, 1946.

Figura 22 – Turma de Agrônomos, 1947.

Figura 23 – Turma de Agrônomos, 1948.

Figura 24 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1948.

Figura 25 – Turma de Agrônomos, 1949.

Figura 26 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1949.

Figura 27 – Turma de Agrônomos, 1950.

Figura 28 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1950.

Figura 29 – Turma de Agrônomos, 1951.

Figura 30 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1951.

Figura 31 – Turma de Agrônomos, 1952.

Figura 32 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1952.

Figura 33 – Turma de Agrônomos, 1953.

Figura 34 – Turma de Técnicos Agrícolas , 1954.

Figura 35 – Turma de Agrônomos. 1955.

Figura 36 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1955.

Figura 37 – 1ª Turma de Técnicos em Agricultura UREMG, 1955.

Figura 38 – Turma de Engenheiros Agrônomos, 1956.

Figura 39 – Turma de Técnicos em Agricultura UREMG, 1956.

Figura 40 – Turma de Formandos, 1956.

Figura 41 – Turma de Agrônomos, 1957.

Figura 42 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1957.

Figura 43 – Turma de Técnicos em Agricultura, 1957.

Figura 44 – Turma de Agrônomos, 1958.

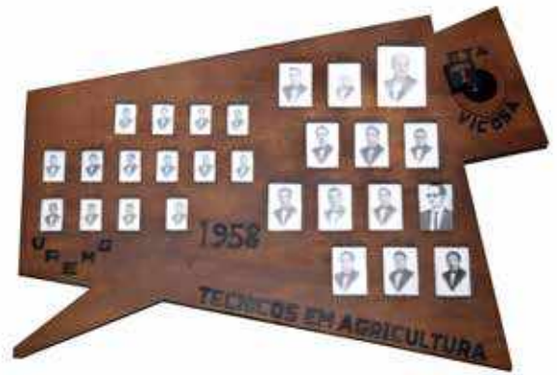


Figura 45 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1958.

Figura 46 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1959.

Figura 47 – Turma de Técnicos Agrícolas, 1960.

2 – Como recordações adornando as paredes e mesmo uma tradição que ainda é mantida: Por exemplo, nas paredes do venerando Colégio Nossa Senhora das Dores [3], ainda é possível observar alguns artísticos quadros de formatura como este das "Licenciadas do ano de 1948" (figura 48).

Figura 48 – Quadro de formatura, 1948, Colégio N. Sra. das Dores, S. João del-Rei (MG).

Neles estão as imagens de alunas, de irmãs diretoras (das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo), de professores e professoras, de patronos das turmas, de paraninfos. Os quadros costumavam ser identificados com o nome das turmas, as datas da formatura e os respectivos nomes das pessoas; algumas fotografias traziam até mesmo o nome do município de onde as alunas provinham. Assim era a tradição do educandário fundado em 06 de janeiro de 1898 e inaugurado em 15 de setembro do mesmo ano e que abrigava mais de uma centena de alunas no seu internato e muitas outras externas. Era com satisfação e carinho que as turmas das normalistas, ao encerrarem seus ciclos, viabilizavam os seus quadros de formatura e com eles presenteavam a escola, que por sua vez os mantinham orgulhosamente expostos nas galerias do educandário. Atualmente, no Colégio N. Sra. das Dores, o quadro mais antigo exposto é do ano de 1910 e o mais recente é de 2010, significando que num espaço temporal de 100 anos a tradição não foi abandonada. Os quadros de formatura são magníficas representações da história institucional e do seu projeto educacional no tempo e no espaço. Eles não são meras fotografias de um grupo de formandas, posto que os seus significados superam as reduções representadas em cada uma delas isoladamente; são peças grandes, vistosas, bem trabalhadas artisticamente, esculpidas em relevo e que agregam variados valores de tempos idos e atuais; são como frutos de uma época e também funcionam como autênticos atestados do sucesso educacional da antiga instituição para as novas gerações e para os que nela permanecem como herdeiros da trajetória educacional das religiosas que a dirigiram, como se estivessem numa constante troca de experiências com a equipe que atualmente ali trabalha.

3 Sacramento, José Antônio de Avila. Quadro de formatura, ano de 1948, Colégio N. Sra. das Dores, S.João del-Rei – MG. Disponível em < http://www.patriamineira.com.br/imprimir_noticia.php?id_noticia=1829> Acesso em 29 jul.2019.

3 – Painéis que estão acondicionados em reserva técnica: O estudo de Rosa e Britto (2017)[4], em artigo em anexo deste livro, faz a análise de 17 (dezessete) Quadros de Formatura da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará e da Faculdade de Direito do Pará, produzidos no período de 1906 a 1958, constituídos plasticamente com a linguagem fotográfica, gráfica e pictórica. Estes quadros estão acondicionados na Reserva Técnica do Museu da Universidade Federal do Pará – MUFPA e no Instituto Histórico e Geográfico do Pará – IHGP (figura 49).

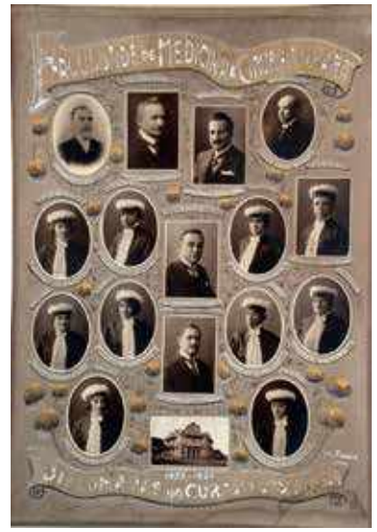


Figura 49 – Quadro de Formatura das Diplomadas do Curso de Obstetrícia, 1923/1924.
Fonte: Acervo do MUFPA/ Foto: Patrick Pardini (2010).

As autoras destacam que os quadros foram produzidos por artistas plásticos, desenhistas e ateliers fotográficos e apresentam uma proposta de planilha de arrolamento para a coleção dos quadros de formatura analisados, permitindo a reunião do máximo de informações individuais de cada quadro, que além da descrição da peça contém informações quanto a ornamentação e função da peça. Através deste estudo e da ficha catalográfica apresentada pelas autoras, observa-se que os quadros mantinham similaridade com aqueles que dispomos no MESC, quanto a sua configuração e apresentação na disposição dos elementos, no entanto, os quadros não eram produzidos em madeira. Os quadros de formatura deste estudo eram produzidos em papel Canon e tinta guache, com

4 ROSA, Sandra Regina Coelho; BRITTO, Rosangela Marques. Coleção de quadros de formatura do museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA): um estudo pelo processo da documentação para acervos museológicos. In: 3° SEBRAMUS, 2017, Belém. Disponível em:< http:///D:/livro%20paineis/Livro%20Academia%20Comercio/capitulo%203/quadros%20do%20museu%20da%20UFPA.pdf>.Acesso em 31/10/2019.

colagem de fotografias, ainda assim eram classificados como construções artísticas. Mesmo com enfoque diferente da apresentação que este livro se propõe, o estudo das autoras é importante no sentido de mostrar outras versões de produção dos quadros de formatura e destacar também a arte pictórica destes, bem como a ostentação dos quadros de formatura da renomada faculdade em relação à sociedade paraense no cenário educacional nacional, preservando a cultura material da instituição, objetivo que também nos desafiou a recuperar os painéis existentes no Museu da Escola Catarinense. Como bem abordado pelas autoras a materialidade destes quadros transcende a presença física, pois fizeram e fazem parte da história da instituição e das relações com seus professores e alunos que, em contato com eles, de alguma maneira deram sentido mútuo às suas existências no universo acadêmico.

Nesta linha destacamos os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus (1922-1929)[5], que receberam estudo detalhado em dissertação de mestrado de Nelson Maurílio Coelho Junior (2013). Eles não estão acondicionados em reserva técnica, mas foram elaborados em papel (figura 50).

Figura 50 – Quadro de formatura de 1922. Acervo do Colégio Bom Jesus (antigo Colégio Coração de Jesus), 47 cm x 75 cm. Fotografia do acervo do autor (2011), Nelson Maurílio Coelho Júnior.

Importante destacar também que em pesquisa realizada foi encontrado um painel original da 2ª turma das Formandas em Corte e Costura da cidade de Galópolis (RS), que se encontra mantido na sede da associação dos moradores da cidade, junto ao antigo Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos[6] (figura 51).

5 COELHO JUNIOR, Nelson Maurilio. Relicários de um tempo: os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus 1922 -1929 (contribuições para o estudo da história da educação em Santa Catarina). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006d/00006dc0.pdf. Acesso em: 26 jul. 2019 e COELHO JUNIOR, Nelson Maurílio. O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 122 – 151, jan./abr. 2015.

6 Disponível em < http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/12/23/galopolis-uma-formatura-de-corte-e-costura-em-1953/?topo=35,1,1,,,35> . Acesso em 30 out.2019

Figura 51 – Curso de Corte e Costura. Fonte: Disponível em http://cdn.wp.clicrbs.com.br/memoria/files/2015/12/00a06eee.jpg. Acesso em 30 out.2019.

Neste painel, diferente dos que se encontram no MESC, pode-se observar a presença de professoras homenageadas e muitas alunas. Além disso, destacou-se este painel por apresentar a informação do responsável por sua fabricação, sendo o mesmo idealizado pela tradicional empresa de eventos Gollo Fecit. Convém informar também que ainda hoje existe a empresa Gollo Formaturas, de propriedade da senhora Carmem Gollo, que nos informou que os painéis produzidos naquela época eram idealizados por seu pai.

As múltiplas formas de salvaguarda e mostra desses painéis variam bastante. Nossa intenção era de fornecer algumas formas de acesso a esse universo que se revela vasto e ainda pouco explorado.

CAPÍTULO 8

Painéis de Formatura: outras possibilidades de leitura

Nesse capítulo, são apresentados quatro textos, resultados de pesquisas já publicadas sobre painéis de formatura, visando dar conhecimento à outras leituras e pesquisas nesse ramo de conhecimento, e ampliando o acesso ao tema. De igual modo, pretende-se estimular futuras pesquisas. A socialização desses trabalhos já publicados inseridos em fac-símile, com suas fontes devidamente registradas e todas autorizadas tanto por seus autores(as), bem como pelos respectivos periódicos onde foram originalmente publicados, é uma das principais maneiras de fomentar novos estudos e aprimoramentos. Inclui-se também material de jornais encontrados na hemeroteca da Biblioteca Pública de Santa Catarina, a respeito da Academia de Comércio.

8.1 – Os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus (1922 -1929): contribuições para o estudo da História da Educação em Santa Catarina, por Nelson Maurílio Coelho Junior e Maria Teresa Cunha

Originalmente publicado em:

COELHO JÚNIOR, Nelson Maurílio e CUNHA, Maria Teresa. Os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus (1922-1929): contribuições para o estudo da História da Educação em Santa Catarina. **Acervos para História da Educação** – v. 29, n. 44 (Jun/2016) – ISSN 2175-0173 DO CEOM Revista on-line. Disponível em <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2979>. Acesso em 22 jun. 2019.

CADERNOS DO CEOM Acervos para História da Educação – v. 29, n. 44 (Jun/2016) – ISSN 2175-0173
Revista on-line: http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc

Os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus (1922 -1929): contribuições para o estudo da História da Educação em Santa Catarina

Nelson Maurílio Coelho Júnior* e Maria Teresa Santos Cunha**

Palavras-chave:
Quadros de Formatura
Cultura Material da Escola
História da Educação

Resumo: Este trabalho tem como base a reunião, organização e análise de seis quadros de formatura produzidos entre os anos de 1921 e 1929, pelo Colégio Coração de Jesus – CCJ, na cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina. Na esteira dos trabalhos desenvolvidos no campo da História da Educação sobre cultura material da escola, esta pesquisa busca analisar imagens visuais e discursivas que circularam, como crenças, nesses artefatos produzidos para serem vistos e lembrados. O estudo visa compreender historicamente as acepções da educação presentes em sua materialidade, o seu processo de produção como "acionadores" de um sentido para a educação do período e a sua constituição como parte da cultura material da escola do passado que se dava a ver para a posteridade

Keywords:
Graduation Pictures
Material School Culture
History of Education

Abstract: This work is based on the gathering, organization and analysis of 6 graduation paintings produced between the years 1921 and 1929, the College Heart of Jesus - CCJ in the city of Florianópolis, capital of the State of Santa Catarina. In the wake of the work performed on culture school supplies, this research is linked to the History of Education. Seeks to analyze visual and discursive images that circulated as beliefs in graduation frames regarded as artifacts produced to be seen and remembered. The collection now has 20 frames of graduation. Of this total, 16 are of wall (larger) and 4 are portable or desktop. The time frame election is justified by characterizing the institutional consolidation period in the educational field enhanced by Match your courses to Santa Catarina Normal School.

Recebido em 27 de outubro de 2015. Aprovado em 15 de dezembro de 2015.

Introdução

Este trabalho tem como base a reunião, a organização e análise de seis quadros de formatura produzidos entre os anos de 1921 e 1929 (Figura 1), pelo Colégio Coração de Jesus – CCJ, na cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Na esteira dos trabalhos desenvolvidos sobre cultura material escolar, esta pesquisa vincula-se à História da Educação e busca analisar imagens visuais e discursivas que circularam como crenças em quadros de formatura considerados como artefatos produzidos para serem vistos e lembrados. O acervo conta hoje com 20 quadros de formatura. Desse total, 16 são de parede (de dimensões maiores) e quatro são portáteis ou de mesa. A eleição do recorte temporal justifica-se por caracterizar o período de consolidação institucional no campo educacional reforçada pela equiparação de seus cursos à Escola Normal Catarinense.

Esse constructo buscará compreender historicamente os sentidos da educação presentes nos quadros de formatura do CCJ, na década de 1920. Esses objetos de celebração do ato de formatura escolar serão analisados em suas materialidades, em seu processo de produção como "acionadores" de um sentido para a educação do período e como componentes de uma cultura material da escola do passado que ficava para a posteridade.

As questões que norteiam esse texto estão divididas em três momentos, determinados pelo fluxo de eventos que possibilitam os quadros serem interrogados e interpretados: como frestas abertas para o tempo presente, como objetos de exposição elaborados e assinados por "artistas fotógrafos" e como registros perenizados de uma fração da rede de sociabilidade construída pelo colégio. Trata-se de uma dinâmica que envolveu o contato com o acervo de objetos aqui problematizados pela narrativa.

* Doutorando em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Email: nelsonmacjr@yahoo.com.br
** Doutora em Educação/ História e Filosofia pela Universidade de São Paulo e professora do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Email: mariatsc@gmail.com

Figura 1 - Quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus (1922-1929)

Fonte: Acervo do Colégio Bom Jesus (antigo Colégio Coração de Jesus) - Montagem a partir do acervo fotográfico do autor (2011)

Frestas abertas para o tempo presente

De acordo com Souza (2007), o final do século XIX – período em que ocorreu a fundação do CCJ – foi marcado por mudanças no sistema produtivo mundial, fruto da expansão da indústria e da cultura de massas. Seus estudos dão visibilidade à ampliação da variedade do material da escola primária, a partir da consolidação dos Estados Nacionais, dos avanços decorrentes da produção industrial e da expansão do comércio mundial. O estudo da cultura material escolar possibilita a análise dos objetos em si como também os possíveis efeitos dos seus usos, desusos e descartes no cotidiano dos estabelecimentos educacionais. Além disso, possibilita a investigação da circulação dos objetos para a compreensão desses espaços como integrantes do circuito comercial da economia capitalista associada à expansão da escolarização das massas. Para a autora, a proliferação dos:

> Artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social. (SOUZA, 2007, p. 170).

Os quadros de formatura – bem como os outros objetos que constituem a cultura material escolar – foram construídos, consumidos e expostos nas paredes do CCJ e guardam entre suas molduras o recorte de um tempo cujos sentidos foram construídos socialmente. Funcionam como frestas abertas para o tempo presente e foram construídos para a exposição e produção de um cenário memorável.

A relação entre memória e História é um tema frequente no campo historiográfico. Para Ricoeur (2003), a memória e a História convivem em um fluxo contínuo de trocas e sustentação. A História, por sua proximidade, enreda-se na memória que lhe dá acesso ao passado por meio do reconhecimento do que passou como digno de validação pelo que ainda está passando. O historiador faz a reapropriação do passado, transmutando em conhecimento histórico os resíduos da passagem do tempo transmitidos e reconhecidos pela memória. É nesse sentido que os quadros de formatura serão analisados: como portadores de uma memória sujeita às perturbações provenientes da passagem do tempo, um tempo que já não está lá, mas esteve e que pode ser reapropriado historicamente.

Por esse prisma é possível investigar esses objetos de celebração sob a perspectiva de trocas constantes entre a memória socialmente construída e rememorada pela exposição, bem como o processo de lembrar e esquecer,

pois "se somos incapazes de lembrar de tudo, somos ainda mais incapazes de tudo narrar" (RICOEUR, 2003, p. 7).

Os seis quadros aqui analisados celebraram as formaturas de 1922, 1923, 1926, 1927, 1928 e 1929 e foram construídos para registrar, dar visibilidade e tornar memorável a conclusão de curso das primeiras turmas de normalistas. De caráter confessional e privado, o CCJ - Atual Colégio Bom Jesus - fundado pela Congregação da Divina Providência, no ano de 1898, visava prestar serviços educativos às filhas provenientes, majoritariamente, das famílias mais abastadas. Autores como Cunha e Leal (1991) descrevem que a emergência do CCJ, na cidade de Florianópolis, no período de transição do século XIX para o século XX representou uma possível solução para as defasagens educacionais da época. O colégio propunha-se a formar as filhas dos poucos privilegiados membros de uma:

> Classe média que passava a ocupar postos, seja na burocracia federal ou estatal que se formava, seja no comércio ou em outras atividades econômicas que aos poucos se diversificavam, colocavam necessidades novas, como as relacionadas à educação dos filhos (CUNHA; LEAL, 1991, p.37)

A demanda pela formação de professores abre espaço para o trabalho das irmãs da Congregação da Divina Providência. No ano 1908, com o Decreto nº 348, o colégio conquista a autorização para a abertura de um curso preparatório para alunas que desejavam ingressar na Escola Normal. Em 1911 o colégio cria sua escola complementar autorizada pelo Decreto nº 604, de 11 de julho[1]. A escola complementar foi ampliada e equiparada à Escola Normal Catharinense[2] com a publicação da Lei nº 1253, de 1º de setembro de 1919, a qual se refere ao Decreto nº 1340, de 20 de fevereiro.

A equiparação do Curso Complementar do CCJ à Escola Normal Catharinense em 1919 sinalizou para a oportunidade de consolidar a instituição no campo educacional, chancelando à sociedade o reconhecimento estatal ao trabalho de formação de professoras. E é nesse momento de afirmação institucional que emergem os quadros de formatura das primeiras normalistas. Além da formação de professoras, as famílias tradicionais ansiavam também pela formação conservadora católica e pelo aprimoramento das funções destinadas às mulheres, sejam estas esposas, donas de casa e mães da época.

Os quadros de formatura analisados aqui podem ser entendidos como uma estratégia de promoção e divulgação das ações e do ensino dessa Instituição. A presença da fotografia é majoritária nesses artefatos e aponta para uma intenção institucional de registrar por meio de um arranjo de imagens um momento que não deveria ser esquecido. A produção para o consumo por meio da exposição e sua permanência no acervo faz desses "objetos-relíquia"[3], pois estes reservam um corpo material e imaterial que contribui para sustentar ou justificar a existência do colégio até os dias atuais. Os objetos do acervo possuem e despertam sentidos que coadunam com as crenças e valores ainda presentes no CCJ. Sentidos que provavelmente estão vinculados à capacidade de acionar memórias e provocar o reconhecimento de uma longa jornada de trabalho no campo educacional.

As formandas formam um grupo homogeneizado pelo agrupamento de retratos individuais. Foram fotografadas em trajes que atualmente lembram uniformes masculinos ou de garçonetes, os quais, curiosamente, não são trajes de uso rotineiro. Tudo indica que as normalistas seguiam as determinações da moda da época, que previa um modelo ditado pelos jornais, revistas, livros e principalmente pelo cinema. No jornal República, publicado em outubro de 1926, é possível encontrar uma das possíveis entradas de divulgação de moda. Na nota do jornal intitulada de "Cabellos A La Garçone", que traz um pequeno resumo sobre o filme homônimo produzido e lançado naquele ano pela empresa Warner Bross, descreve as oito partes do filme estrelado por uma atriz de cabelos curtos. Segundo o texto:

> Certamente as senhoras ou senhoritas que já cortaram os seus formosos cabellos, já tiveram uma impressão extraordinária; mas não tanta quanta a bella herdeira de alguns milhões de dóllares, que não sabendo a qual dos dois pretendentes devia attender fica indeciza. (República, Florianópolis, p. 4, 5 out. 1926).

O colégio recebia moças provenientes de todo o estado e por isso também funcionava no regime de internato. As normalistas que aparecem nas fotografias dos quadros da década de 1920 foram educadas para

ter uma aparência fina e delicada. A formação das normalistas buscava suprir os anseios sociais, que foram estudados por Cunha e Leal (1991). Em seus estudos sobre a educação da mulher ministrada pelo CCJ, afirmam que:

> Uma das dimensões desse ideal de mulher referia-se à aparência que toda "moça fina" ou de "boa família" deveria ter. É preciso não esquecer a importância que, nessa época (primeira metade do século), era conferida às aparências. A observância das aparências era decisiva, especialmente para uma classe média ascendente, numa cidade como Florianópolis, cujo perfil interiorano, ainda que capita, favorecia o exercício de um intenso controle social, de modo particular sobre as mulheres, indivíduos destinados "natualmente" à esfera do privado e cuja aparição no espaço público "ainda mais se tratasse de mulher solteira" era cercada de múltiplas precauções: quanto ao traje, penteado, uso de cosméticos etc. (CUNHA; LEAL, 1991, p. 65)

Para a autora existia um grande olho vigilante sobre as mulheres, o mesmo olho que apreciaria o quadro e observaria o respeito aos regulamentos socialmente tolerados. Fica evidente em um primeiro olhar que as fotografias congelaram rostos de adolescentes recém-formadas no curso de normalistas que carregavam em suas expressões o peso das exigências e expectativas sociais. Seus corpos foram transformados em bustos pelo recorte fotográfico e perenizados como monumentos. Rostos sérios distantes de comportamentos lascivos e censuráveis. Os quadros de formatura desta análise apresentam uma mulher idealizada e representada pelo imaginário corrente à época que, em geral, considerava as normalistas como profissionais vinculadas ao ideal de mulher puritana e religiosa.

As molduras que margeiam os quadros de formatura atuam como limitadoras do olhar, pois isolam a composição do seu entorno. A quebra produzida pela moldura induz o observador a concentrar-se na cena e impede a dispersão e/ou a perda do foco. Na construção das molduras (Figura 2) foram empregados materiais e detalhes diferenciados. Contrariamente ao que se sucedeu no interior da composição, nas molduras não são evidentes as repetições que sugiram na uniformização das estruturas. Todas são feitas de madeira, sendo que no quadro de 1928 aparecem relevos feitos em gesso. As molduras dos quadros de 1923 e 1927 foram construídas em linhas retas em uma única cor e sem muitos detalhes e enfeites. Nas molduras de 1922 e 1926 os detalhes são mais suaves e refinados do que o alto relevo em madeira que foi entalhado nas molduras de 1928 e 1929. Não é possível inferir com segurança, os motivos que causaram essas alterações, talvez sejam variações aleatórias, pois aparentemente cumpriam também a função de acrescentar ao quadro um valor estético mais elevado. As molduras margeiam a composição e transferem às mesmas um ar clássico e requintado.

Guarnecer os quadros com essas margens rebuscadas contribuía para acrescentar pompa ao evento

Figura 2 - Molduras dos quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus - década de 1920

Fonte: Acervo do Colégio Bom Jesus (antigo Colégio Coração de Jesus). - Montagem a partir de fotografias do acervo do autor (2011).

representado e à instituição que o elaborou. Como o colégio lutava para se firmar no campo educacional na década de 1920 tais evidências permitem considerar que as bordas dos quadros de formatura guardem os vestígios desse empreendimento que comporia a cultura material da escola.

O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura

Os quadros de formatura são testemunhos do trabalho dos profissionais da fotografia no início do século na cidade de Florianópolis. Um registro desses profissionais foi encontrado no jornal *República* de 5 de outubro de 1922. Nele o fotógrafo Arthur Carmo – autor que assina o segundo quadro de formatura construído no CCJ no ano de 1922 – divulga seu trabalho por meio de um anúncio veiculado na seção de classificados. O texto do anúncio expõe que – apesar das facilidades proporcionadas pelo refinamento tecnológico da reprodução de instantâneos, desde o advento da Kodak nos fins do século XIX – Arthur Carmo permanecia vinculado à tradição dos primeiros retratistas que aportaram na cidade de Florianópolis a partir da segunda metade do século XIX.

Nesse anúncio é possível perceber, que o comerciante buscou enfatizar as facilidades de aquisição pela variedade dos preços e pela quantidade de fotografias que poderiam ser adquiridas em todos os dias da semana no seu estabelecimento localizado na Rua Tiradentes. Essa rua localiza-se no centro da cidade e está a menos de 500 metros de distância do Colégio Coração de Jesus. A localização privilegiada do estúdio fotográfico revela a estratégia comercial para tornar-se acessível aos clientes. A fotografia, que trazia em seu suporte a capacidade de perenizar uma cena em um recorte imagético, logo se tornou uma espécie de fetiche de consumo.

A expansão dos negócios ligados à fotografia na cidade de Florianópolis fica ainda mais evidente no anúncio publicado pelo fotógrafo José Ruhland no jornal República. Nesse anúncio Ruhland divulga, na seção de classificados do jornal, a possibilidade do cliente adquirir:

> O mais belo presente que v. s. pode offerecer a seus filhos e amigos no anniversário ou Natal é um aparelho photographico. Apparelhos desde 18$000 das marcas Kodak – Contessa – Ernemann – Goerz – Ica, etc, etc. Instrução gratuita aos srs. Compradores. Sortimento completo de artigos para Profissionaes & Amadores: Films, Film-packs, Chapas, Papeis, Cartões, Albuns, Produtos chimicos, e todos os Accessorios para photographia das melhores Fábricas: Agfa, Satrap, Kodak, Leornar, Gevaert, etc. etc. Execução rápida e perfeita de qualquer trabalho para os srs. Amadores. (República, Florianópolis, p. 3, 6 nov. 1922) .

O anúncio revela como havia demanda para esse tipo de produto na cidade e segundo ele, a loja oferecia inúmeras opções de presentes ligados ao universo fotográfico. É possível constatar que, mesmo com a popularização e democratização do consumo dessas mercadorias, a figura do fotógrafo habilidoso contribui para agregar valor à empresa. A presença de marcas estrangeiras no anúncio dos equipamentos indica a inserção da cidade de Florianópolis no circuito de circulação e consumo do comércio internacional de mercadorias. Vale destacar a localização do comércio intitulado de "Casa José Ruhland, Photographo, Rua Conselheiro Mafra 124". Assim como o estabelecimento comercial de Arthur Carmo, a Casa José Ruhland localizava-se no centro da cidade, a uma distância aproximada de 500 metros do Colégio Coração de Jesus.

A tendência de conciliar a fotografia com a arte parece ter aportado na cidade, a partir de outro anúncio publicado no jornal República, o qual divulga uma exposição de retratos e descreve que:

> O apreciado artista-photographo sr. Arthur Carmo fez, hontem, nas montras de seu atelier, á rua Tiradentes, uma exposição de artísticos trabalhos-retratos de distinctas senhoras e senhoritas do nosso meio. São provas do grande merecimento do talentoso artista que tanto se recommenda ao apreço público. (República, Florianópolis, p. 2, 2 abr. 1922).

A partir desse anúncio é possível inferir que Arthur Carmo desejava amalgamar as funções de artista e fotógrafo. Seu vínculo com o mundo da arte foi reforçado pela descrição da mostra de "retratos de distinctas senhoras e senhoritas" da sociedade florianopolitana, que expõe e valida sua atuação artística e técnica. É evidente a intenção de alcançar conhecimento e reconhecimento

como "artista-photographo". Dois anúncios do mesmo jornal, publicados em fevereiro de 1922 (Figura 3) oferecem uma amostra do convívio comercial entre Colégio e fotógrafos.

A proximidade entre os anúncios das duas empresas revela uma convivência semeada nas grades da tipografia e colhida nos louros desenhados nos quadros de formatura. Além disso, o CCJ reforça o reconhecimento estatal de seus serviços educacionais por meio da divulgação de sua equiparação legalmente

Figura 3 – Anúncio do Jornal República

COLLEGIO CORAÇÃO DE JESUS
(Equiparado á Escola Normal Catharinense pelo Art. 2º do Decreto 1253 de 1º de Setembro de 1919)
As aulas do Curso Preliminar se reabrirão a 15 de Fevereiro nas do Curso Normal a 1º de Março.
Os exames de admissão ao 1º anno normal começarão a 20 de Fevereiro.
A matricula e a inscripção para os exames de admissão estão abertas desde o dia 15 de Janeiro
A DIRECTORA.
A. Carmo
PHOTOGRAPHO
RUA TIRADENTES, 78
Retratos para todos os preços, desde 5$000 e diante
Trabalho [illegible]

Fonte: Jornal República, Florianópolis, p. 4, 5 fev. 1922.

chancelada com a "Escola Normal Catharinense".

Laços e enlaces: sociabilidades, personagens e distinções nos quadros de formatura

Assim como nos demais quadros construídos em outras instituições, a presença de autoridades políticas nos quadros sinaliza a existência de uma rede de sociabilidade construída entre o CCJ e o poder representado em diversas esferas, como o Diretor da Instrução Pública do Estado de Santa Catarina, o arcebispo metropolitano, o secretário particular do governador e de outras personalidades. As fotografias diferenciadas no formato e nas dimensões destacadas no quadro apontam para uma hierarquia no campo educacional naquele momento de afirmação institucional. A presença das autoridades no evento da formatura conferia prestígio a todos os envolvidos no evento. Em uma relação de trocas, o paraninfo, provavelmente, contribuiria financeiramente com a solenidade e ao mesmo tempo tinha sua imagem associada a um fato significativo no campo social. Dar e receber e ser associado definitivamente a uma solenidade representada na coleção fotográfica transcende a própria morte, pois o reconhecimento e a consagração das formandas e da instituição transferiam-se também ao paraninfo e aos homenageados. O registro dos personagens na formatura do CCJ, na capital do estado de Santa Catarina pode informar que essas trocas envolviam amizade, aceitação, lembrança, reconhecimento, legitimação entre os participantes. Como se trata de uma dinâmica de trocas sociais faz-se necessário mobilizar o conceito de "espaço de sociabilidade".

Nos quadros de formatura analisados aqui é possível observar a cristalização de uma reunião de pessoas em um espaço de sociabilidade, onde ocorriam intercâmbios, aproximações, acordos, arranjos e outros elementos constitutivos dos jogos sociais na maioria das vezes não visíveis. Esses encontros acontecem simbolicamente sem assinaturas de contratos ou acordos. Estar na formatura poderia sugerir uma adesão, um aceite, uma colaboração em um evento que provavelmente envolvia forte aceitação social. E contar com a presença de uma personalidade proeminente vinculada ao poder político, econômico ou religioso também aditava prestígio, reconhecimento e outros elementos sutis ao Colégio. Sobre as sutilezas que envolvem essas relações de trocas, Simmel (1983) assinala que a sociabilidade acontece de maneiras quase imperceptíveis na observação direta, pois flui por meio das trocas relacionais, onde os indivíduos contatam, interagem e conectam-se a uma determinada rede social. A reciprocidade é uma característica marcante da sociabilidade, pois nasce das interações sociais, criando trocas recíprocas, círculos sociais de

indivíduos que se identificam pelo compartilhamento de valores, interesses, crenças, capital econômico etc. O autor afirma, ainda, que a sociabilidade é um fenômeno das cidades modernas reforçada pelas aglomerações humanas e pela aceleração de seu funcionamento em torno de possíveis ganhos.

A presença dessas autoridades nos quadros de formatura pode ser entendida como uma tentativa dos participantes de dar visibilidade à sua participação e, por estarem juntos no evento, demonstrar que estão em sintonia com os projetos, crenças, aspirações e realizações de relevância social. Por se tratar de uma capital de Estado, em processo visível de urbanização e expansão populacional, a formatura é valorizada na medida em que oportuniza o encontro entre desconhecidos. Encontro que pode reforçar alianças, estreitar laços, estabelecer trocas e firmar parecerias duradouras para os participantes. É bom lembrar que esses encontros nem sempre levam a resultados positivos, mas sua realização não pode ser ignorada no jogo social.

Ao examinar a dinâmica das interações sociais nos meios intelectuais Sirinelli (2003) descreve que a sociabilidade, ao criar conexões entre desconhecidos, fortalece essas conexões por meio das redes de sociabilidade, que no seu entendimento são "estruturas que permitem intercâmbio e fortalecimento de laços" (SIRINELLI, 2003, p. 265). Desse modo, é possível coligir que os quadros de formatura analisados apresentam uma fração das conexões sociais perpetradas pelo CCJ. Essas conexões entre os participantes e a instituição de ensino indicam a presença de uma rede pouco arguta de solidariedade amalgamada pelas trocas ocorridas e registrada parcialmente nos quadros de formatura.

Considerações gerais

Norteada pelo alargamento da concepção de documento e das perspectivas de pesquisa vinculadas às perspectivas da História da Educação com clivagem cultural, este texto pretendeu dar visibilidade e analisar artefatos imagéticos que pertencem à coleção de objetos do acervo do CCJ e que compõem a cultura material escolar da instituição. Sua materialidade transcende a presença física, pois fez e faz parte de uma trama de relações com seus produtores e consumidores e em contato com eles, de alguma maneira, deram sentido mútuo às suas existências no universo escolar. São documentos e testemunhos de um momento de celebração, reconhecimento e consolidação. Os quadros de formatura guardam em suas molduras fragmentos vivos de uma escola pulsante, de saberes e práticas no campo educacional.

Alguns de seus construtores deixaram marcas e assinaturas que indicam uma intenção de autoria. Autodenominaram-se nos jornais como "artistas fotógrafos" e fizeram esses artefatos emergirem sob o estatuto do velho e do novo fundidos em sua materialidade. Os "artistas fotógrafos", possíveis autores dos quadros, deixaram para o tempo presente pegadas de um tempo e lugar. Ao participarem da emergência dos quadros nos anos de formatura legaram a esses artefatos significados que a sociedade florianopolitana da época queria ver representada e perenizada em suas estruturas.

A História da Educação, em bases culturais, por sua amplitude de possibilidades de pesquisa abre-se como um leque de oportunidades e problematizações, permitindo a compreensão de uma parcela dos enlaces que compõem a tecitura do jogo social. A utilização dos objetos como fonte de informação para o estudo da História da Educação deve levar em conta que sozinhos esses documentos oferecem uma visão embaçada da constituição histórica da escolarização. Cotejados com outras fontes, os quadros de formatura ganham luz em sua materialidade, apresentando frestas de um tempo passado em um presente que passa.

O registro da presença de pessoas ilustres figurava entre os paraninfos e homenageados, permitindo que esses artefatos sejam lidos como fragmentos da rede de sociabilidade presente nas formaturas das normalistas na década de 1920. Assim, as formaturas promoviam o encontro ou a aproximação entre o colégio e os personagens proeminentes no campo social.

Os quadros de formatura reúnem em suas estruturas envelhecidas pela passagem do tempo algumas possíveis explicações e inumeráveis questões. Dotados de uma incomoda subjetividade, suas verdades não são dadas de prontidão e não passam de meras intenções que chegam aos dias atuais em meio ao pó e os cupins. A interpretação

desses objetos, na condição de participantes da cultura material da escola, exigiu diálogos teórico-metodológicos atinentes ao campo da História da Educação, da História das Imagens, em consonância com a própria História de Santa Catarina, sempre tendo por horizonte uma realidade que se abre em pequenas frestas e oferece ao historiador nada mais do que um mosaico de luz e sombras projetado sobre as paredes do agora.

Notas

1 Esse decreto foi substituído pela Lei nº 1025, de 14 de outubro de 1914, que regulamenta o funcionamento da escola complementar.

2 Criada em 10 de junho de 1892, por meio do Decreto n. 155, no Governo do Tenente Manoel Joaquim Machado.

3 Esse termo foi cunhado por Orest Ranun (1991, p. 215), para quem "as intimidades transitam sob três rubricas: os lugares privilegiados, adequados às relações com o outro; os objetos-relíquias, capazes de fazer lembrar alguém pelo qual se nutriu ou nutre algum sentimento; e os registros da existência íntima, conservados pela imagem ou pela escrita".

Referências

CUNHA, Maria Teresa Santos; LEAL, Elisabeth Juchem Machado. **Pesquisando o cotidiano de um colégio religioso feminino** (Colégio Coração de Jesus – Florianópolis/ 1895-1968). Relatório de Pesquisa. INEP/ Brasília: UFSC/ Florianópolis. 1991.

RANUM, Orest. "Os refúgios da intimidade". In: ÁRIES, P.; CHARTIER, R. **História da vida privada**, Vol 3: da Renascença o Século das Luzes (traduzido por Hildegard Feist). São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

República, Florianópolis: República, [1922-].

República, Florianópolis: República, [1926-].

República, Florianópolis: República, [1927-].

RICOEUR, Paul. Memory, history, oblivion. In: **Haunted Memories? History in Europe after autthoritarianism**, Budapest, 2003. Disponível em <http://www.fondsricoeur.fr>. Acesso em: 08 de nov. de 2012

SIMMEL, G. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.

SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003. p.231-270.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

8.2 – O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura, por Nelson Maurílio Coelho Júnior

Originalmente publicado em :

COELHO JÚNIOR, Nelson Maurílio. O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 122-151, jan./abr. 2015. Disponível em < http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816302015122>. Acesso em 20 mai. 2019.

REVISTA Linhas

e-ISSN 1984-7238

O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura

Resumo
Este texto se propõe analisar dois quadros de formatura do Curso Normal construídos durante a década de 1920, pertencentes à coleção do acervo do Colégio Coração de Jesus, localizado na cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Além da análise serão apresentadas algumas reflexões teóricas e discussões dos autores que estudam temas correspondentes. A análise desses artefatos se inscreve na perspectiva da cultura material escolar que permite estudá-los como portadores de vestígios ou intenções de verdade que possam trazer à tona as vivências e práticas cotidianas da educação escolarizada. Nos quadros de formatura analisados aqui é possível encontrar uma convivência intrigante entre elementos do universo fotográfico e da arte pictórica. Estas composições, predominantemente imagéticas podem revelar nuances do investimento político, institucional e pessoal engendrados pela efervescência da construção social de necessidades e crenças na formação através da educação. São componentes de uma trama de relações da tessitura social constituída por seus produtores e consumidores que, em contato com eles, deram sentido mútuo as suas existências no universo de uma escola pulsante, de saberes e práticas vividas, sentidas e reproduzidas.

Palavras-chave: Educação; Santa Catarina; História; Colégio Coração de Jesus (Florianópolis, SC); Fotografia.

Nelson Maurílio Coelho Junior
Doutorando em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – Brasil
nelsonmacjr@yahoo.com.br

Para citar este artigo:
COELHO JUNIOR, Nelson Maurílio. O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 122 – 151, jan./abr. 2015.

DOI: 10.5965/1984723816302015122
http://dx.doi.org/10.5965/1984723816302015122

The link of veneration: the old and the new in the graduation frames

Abstract
This text aims to analyze two graduation frames of Curso Normal built during the 1920s, from the collection of the library of the Colégio Coração de Jesus, located in the city of Florianópolis, capital of State of Santa Catarina. In addition to analyzing some theoretical reflections and discussions of authors who study relevant topics will be presented. The analysis of these artifacts in the perspective of school material culture that allows studying them as having intentions or traces of truth that can bring out the experiences and daily practices of school education. In the graduation frames discussed here is possible to find puzzling coexistence of elements of the photographic universe and pictorial art. These compositions, predominant imagery can reveal nuances of the political, institutional and personal investment effervescence engendered by the social construction of needs and beliefs in formation through education. Are components of a web of relations of social fabric constituted by its producers and consumers in touch with them, gave mutual sense their existence in the universe of a pulsating school, knowledge and practices experienced, felt and played.

Keywords: Education; Santa Catarina; History; Colégio Coração de Jesus (Florianópolis, SC); Photography.

Dentre os vários componentes materiais que constituem a escola e sua cultura estão os quadros de formatura, objetos aqui concebidos como um dos elementos constitutivos da cultura escolar. Este texto dispõe-se a situar tais objetos sob a perspectiva da reflexão teórica e sistematizar as discussões dos autores que estudam temas correspondentes, articulando discussões do campo da cultura material da escola. Como referência empírica será apresentada uma análise de dois quadros de formatura (1922 e 1926), preservados entre os objetos do acervo do Colégio Coração de Jesus (CCJ), cotejada com dados da história da educação catarinense.

O antigo CCJ, hoje Colégio Bom Jesus (desde que foi adquirido pela ordem dos padres franciscanos em 2006), localiza-se na cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina. Os quadros analisados neste texto são os primeiros quadros produzidos pela instituição e balizam o início de uma trajetória ascendente da instituição no campo educacional catarinense. Ademais, a década de 1920 foi um período de expectativas institucionais e ebulições educacionais. Trata-se do decênio em que a Congregação da Divina Providência – instalada na cidade de Florianópolis desde 1898 – vivenciou o reconhecimento estatal de seu investimento como instituição educacional católica e formadora de professoras no estado de Santa Catarina. Além disso, esse período foi marcado pelas reformas urbanas e pelas promessas de modernização propagandeadas pelo republicanismo. Do ponto de vista educacional, durante essa década foram gestadas as experiências educacionais que desencadearam o movimento da Escola Nova na década seguinte.

Este texto pretende explorar as condições de produção desse material considerando-o como manifestação na dimensão da cultura material escolar. De acordo com Rosa F. de Souza, (2007) a cultura material escolar é composta por

> artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social. (SOUZA, 2007, 170)

Para a autora, a expressão "cultura material escolar" deriva, entre outros fatores, dos estudos centrados na cultura escolar, enriquecidos pela ampliação do horizonte dos documentos proporcionada pela História Cultural, e do empenho de historiadores em preservá-los e problematizá-los. Ou seja, o estudo da cultura material escolar possibilita a análise dos objetos e seus efeitos nos usos e desusos no cotidiano escolar. Além disso, possibilita a investigação da circulação dos objetos para a compreensão da escola como um dos espaços privilegiados do circuito comercial da economia capitalista e a expansão da escolarização das massas.

Outros autores também discutem o universo dos objetos que constituem o cotidiano da escola. Os estudos de Martin (2006) sinalizam para as novas tendências historiográficas e seu enorme leque de possibilidades de pesquisa etnográfica e micro histórica para a compreensão crítica da história da educação. Para o autor, a escola é compreendida como um microespaço social construído como uma cultura própria. Esta cultura própria é composta de uma trama de normas, saberes teóricos e práticas pedagógicas inter-relacionadas entre si, que pode ser entendida como cultura escolar. Compreender esta trama contribui para conhecer a "escuela por dentro", assim como suas resistências, aspirações e trocas com o mundo exterior apresentando-se como um dos principais desafios dos historiadores da educação. Dentro desta perspectiva de investigação, os elementos materiais como: o edifício, o mobiliário, o material de ensino, materiais didáticos impressos, lúdicos, decoração entre outros, têm despertado profundo interesse de pesquisa. O autor examinou o período histórico espanhol durante a transição do modelo arcaico de escola para o modernizado dotado de utensílios técnicos avançados, entende que "la arqueologia material de la escuela puede mostrar, a este respecto, los usos y desusos de unos y otros útiles." Martín (2006, p. 286). A ampliação da variedade do material da escola primária está inserida no bojo da consolidação dos estados nacionais e do avanço da industrialização. Souza (2007), já mencionada anteriormente, em seus estudos sobre o assunto, percebe a proliferação dos objetos de uso escolar e chama a atenção para as possibilidades de análise da circulação dos objetos para a compreensão da escola enquanto espaço privilegiado de circulação de mercadorias. A passagem do século XIX para o século XX foi marcada pelos avanços da

economia capitalista e pela expansão da escolarização das massas. A autora descreve que o significado do estudo da cultura material e sua finalidade da história enquanto ciência

> é restituir o passado focalizando as mudanças e as transformações e, assim procedendo, possibilitar aos educadores relativizarem as ideias e propostas educativas, estimular a atitude crítica e reflexiva e permitir perceber a educação como uma construção social, então, a questão é saber o papel desempenhado pelos materiais nos processos educacionais. (SOUZA, 2007, p.174)

Na concepção de pesquisadores como Mignot (2002 p. 51), os objetos escolares, são entendidos como detentores de subjetividade, "[...] Não são testemunhos incontestes. São pistas de formas de ver o mundo [...]". Ainda de acordo com a autora, os trabalhos de pesquisa com os objetos-relíquia "[...] apontam para um processo resultante de interações entre diferentes universos, pontuado por incertezas, balizado por diversos contextos sociais, exigindo alinhavar múltiplos espaços de vida". Longe de serem interpretados como fontes incontestes, os objetos escolares devem ser interpretados como novas possibilidades para a compreensão crítica da história da educação.

Para Moraes (2009), a pesquisa dos objetos da escola pode contribuir tanto para a preservação da memória da instituição, quanto para a ampliação das fontes de pesquisa. Os estudos de Veiga (2000, p. 4), remetem à escola enquanto, "[...] espaço de institucionalização do saber, de produção e transmissão de cultura, hábitos e valores, consolida-se, entre outros fatores, pela importância que teve na ressignificação da cultura material mais geral das sociedades [...]". A presença da cultura material escolar pode ser considerada como indissociável da história da formação docente. Os materiais escolares foram vitais para a concretização da prática pedagógica, estiveram presentes em seus sucessos, fracassos, modernização, transformação, confundindo-se com os modelos de educação concebidos ontem e hoje.

Os estudos que se propõem analisar quadros de formatura ainda carecem de mais produção bibliográfica, sendo a análise de Werle (2006), a mais reconhecida já publicada sobre o assunto. A autora desenvolveu sua pesquisa através da análise dos quadros de formatura, confeccionados no início do século XX, em dois colégios masculinos e duas

escolas femininas do Rio Grande do Sul. As pesquisas de Schwartzman et al (2001) também merecem atenção pelo fato de explorarem como estes suportes podem resguardar em suas composições imagéticas, as representações sociais de contexto que os materializou. Os estudos de Marinho (2002) iniciam a partir do encontro do autor com um quadro de formatura. Segundo ele, esses suportes reservam um ambiente ímpar de imagens do passado, que podem ser analisadas a partir de aproximações com a arte pictórica. Outros autores não estudaram especificamente os quadros de formatura, mas adentraram em universos de pesquisa correlatos ao tema. Martinez & Fagundes (2010), por exemplo, dedicaram suas pesquisas à análise do acervo de documentos pertencentes ao Liceu de Humanidades, Escola Normal e a Escola Modelo de Campos. Estudos sobre fotografias de formatura foram desenvolvidos nos trabalhos de Porto e Santos (2009), que dedicaram parte de sua pesquisa às formaturas das escolas de enfermagem, localizadas na cidade do Rio de Janeiro, nos primeiros anos da década de vinte do século passado; Martiarena e Oliveira (2011), que se dedicaram à análise das imagens das professoras em instituições de ensino do município de Pelotas entre os anos de 1920 e 1960; Ribeiro (2007) que analisa as fotografias do acervo do Instituto Feminino da Bahia. A análise de fotografias no cotidiano escolar também pode ser encontrada nos estudos de Rocha (2006) e revelam as representações produzidas pelas fotografias escolares que hoje estão guardadas no Arquivo Público de Uberlândia/MG. Melo e Alves (2011), elaboraram uma investigação sobre as representações e práticas de leitura das normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa entre as décadas de 60 e 70 do século passado. Na análise dos objetos do cotidiano escolar, Fiscarelli (2006) dedicou atenção especial aos troféus de uma escola pública da cidade de Araraquara, no estado de São Paulo; A. C. V. Mota (2009) analisou as transformações ocorridas no campo profissional da medicina, partir dos álbuns de formatura, e convida o leitor para um exercício de interpretação a partir da produção iconográfica que registrou essas transformações; Abreu (1996) analisou os objetos que pertenceram a Miguel Calmon e foram doados por sua viúva ao Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro; Sousa (2007), ao elaborar uma retrospectiva histórica da cidade de Picos no Piauí, tentou compreender as forças que colaboraram para a emergência do ensino secundário na região e entrou em contato com uma série de elementos presentes nos primeiros anos do Ginásio Estadual Picoense; os estudos de Ribeiro e Gaspar (2012) sobre os uniformes escolares também foram

abordados como documentos de pesquisa histórica e elementos da materialidade do cotidiano escolar e foram analisados como componentes/objetos da cultura escolar.

As pesquisas envolvendo quadros de formaturas demonstram a existência de uma circulação comercial ampliada desses objetos. Desse modo, é possível constatar que os quadros não são invenções do CCJ, pois foram projetados, construídos e consumidos em outras instituições de ensino em diferentes contextos. Essa replicação oferece uma oportunidade para investigações futuras, que podem contribuir para a ampliação da análise aqui proposta.

Ao todo, o CCJ preservou em seu acervo de objetos depositados no sótão, 20 quadros de formatura, 16 de tamanho grande, destinados à exposição nas paredes da instituição, e 4 de tamanho menor ou de mesa. Do montante dos quadros de porte grande, seis deles foram construídos durante a década de vinte (1922, 1923, 1926, 1927, 1928 e 1929). Em dois desses quadros produzidos nos anos de 1922 (Figura 1) e 1926 (Figura 2) ficaram registradas as assinaturas que sinalizam para uma suposta autoria. O desejo autoral pode fornecer pistas para a investigação da produção, circulação e consumo desses objetos mercadorias. Seriam essas assinaturas marcas que agregariam valor aos quadros de formatura ou os quadros de formatura do colégio transferiam valor aos autores escolhidos para sua construção? Quem eram esses autores? O que essas autorias poderiam revelar sobre o circuito comercial que envolvia a construção dessas estruturas? Além disso, essas assinaturas despertam o sugerem um trabalho artístico que une fotografia e arte pictórica. Porque a opção por uma representação mista de coleção fotográfica e arte pictórica? Quais os significados da fotografia para a sociedade que os gestou? As respostas para essas perguntas exigirão um deslocamento para o passado, mais exatamente para a emergência da fotografia na cidade de Florianópolis na segunda metade do século XIX, na tentativa de detectar, as possíveis permanências ou ausências representadas nos quadros.

Figura 1 - Quadro de formatura de 1922
Acervo do Colégio Bom Jesus (antigo Colégio Coração de Jesus)
Dimensão: 47 cm. X 75 cm
Fotografia do acervo do autor (2011)

Figura 2 - Quadro de formatura de 1926
Acervo do Colégio Bom Jesus (antigo Colégio Coração de Jesus)
Dimensão: 47 cm. X 75 cm
Fotografia do acervo do autor (2011)

Os quadros de formatura preservaram em seu enredo imagético o convívio aparentemente simbiótico entre a tradição do passado pictórico e a presença marcante da fotografia. O século XX aderiu às representações cênicas da imagem fotográfica que, por sua vez, traziam em seu cerne a presença de antigas regras da tradição pictórica. Retratos opacos do mundo social que os concebeu, os quadros de formatura parecem

vacilar entre o velho e o novo. A Segunda Revolução Industrial acelerou a produção de mercadorias, fomentou novas tecnologias e expandiu as trocas comerciais. Nesse movimento acelerado de circulação de mercadorias, as fotografias povoavam o imaginário da época com promessas de reconhecimento e perenização. Os estudos de Borges (2003) descrevem que a fotografia era interpretada como o triunfo da humanidade sobre a natureza, pois poderia aprisioná-la apenas com o movimento de um dedo e torná-la eterna. Outros viam a fotografia como uma inovação técnica que causaria mudanças inevitáveis no universo artístico alterando a forma de expressar a realidade em volta. Segundo a autora, "desde cedo o retrato fotográfico se coloca como uma prova material da existência humana, além de alimentar a memória individual e coletiva de homens públicos e de grupos sociais" (Borges, 2003, p. 41).

As fotografias, elementos centrais nos quadros de formatura, podem ser interpretadas na perspectiva de indiciárias do processo de inclusão da cidade na era dos estúdios fotográficos; sinalizadoras de uma provável abertura da sociedade florianopolitana para novos hábitos e gostos; evidências da democratização do consumo da imagem e a consequente legitimação social dos fotógrafos e seus novos negócios ligados ao universo fotográfico.

A República trouxe consigo as promessas de modernização que caminhavam a passos lentos. Como o gelado vento sul, característico dos meses de inverno em Florianópolis, os discursos não tardaram em sacudir as portas da capital catarinense, que aos poucos se entregavam às propostas promovidas pelo ideário burguês positivista carregado de discursos higienistas e progressistas. Assim como na capital federal, o centro da cidade de Florianópolis se transformou em um canteiro de reformas e demolições. Nesse contexto de transição, frustração e inovação, emergem os quadros de formatura no início da década de 20. Essas estruturas de exposição, por suas características físicas captadas, sem muita dificuldade pelo observador, como molduras, desenhos, pinturas, cores, adornos, rococós e assinaturas remetem a um trabalho impregnado de prescrições estéticas tradicionalmente utilizadas por artistas plásticos.

Um registro da atividade desses profissionais na cidade de Florianópolis foi encontrado no jornal *República* publicado no dia 5 de janeiro de 1922. Nele o fotógrafo Arthur Carmo – autor que assina o segundo quadro de formatura construído no CCJ no

ano de 1922 –, divulga seu trabalho através de um anúncio veiculado na seção de classificados (Figura 3). O texto do anúncio expõe que – apesar das facilidades proporcionadas pelo refinamento tecnológico da reprodução de instantâneos, desde o advento da Kodak, nos fins do século XIX –, Arthur Carmo permanecia na tradição dos primeiros retratistas que aportaram na cidade de Florianópolis a partir da segunda metade do século XIX.

Figura 3 - Jornal República de 05 de janeiro de 1922
Arquivo de Periódicos da Biblioteca do Estado de Santa Catarina
Fotografia do acervo do autor (2011)

Nesse anúncio é possível perceber que o comerciante buscou enfatizar as facilidades de aquisição pela variedade dos preços e pela quantidade de fotografias que poderiam ser adquiridas em todos os dias da semana no seu estabelecimento localizado na Rua Tiradentes. Essa rua localiza-se no centro da cidade e está a menos de 500 metros de distância do Colégio Coração de Jesus. De acordo com Borges (2003), já citada anteriormente, a fotografia figurava, nas primeiras décadas do século XX, como uma inovação, que se tornava mais acessível economicamente à medida que as novas tecnologias barateavam o custo e proporcionavam a ampliação do consumo. Trata-se de uma etapa de expansão comercial da atividade de fotógrafo e

> imediatamente inicia-se uma democratização dos valores dos signos fotográficos. Os anúncios em jornais divulgavam o endereço do novo profissional da fotografia, bem como o raio de extensão de sua produção. Como pequenas fábricas de ilusão, seus estúdios atraíam homens e mulheres, que individualmente ou em grupos, davam vazão às suas fantasias. Para tal os estúdios ofereciam uma variedade de apetrechos utilizados na montagem de cenários de acordo como o desejo de autorrepresentação de seu público. (BORGES, 2003, p. 51)

A expansão dos negócios ligados à fotografia na cidade de Florianópolis fica mais evidente no anúncio veiculado pelo jornal República, no dia 06 de novembro de 1927, pelo fotógrafo José Ruhland (Figura 4). Nesse anúncio, o autor divulga na seção de classificados do jornal que seu estabelecimento oferece

> o mais belo presente que v. s. pode offerecer a seus filhos e amigos no anniversário ou Natal é um aparelho photographico. Apparelhos desde 18$000 das marcas Kodak – Contessa – Ernemann – Goerz – Ica, etc, etc. Instrução gratuita aos srs. Compradores. Sortimento completo de artigos para Profissionaes & Amadores: Films, Film-packs, Chapas, Papeis, Cartões, Albuns, Produtos chimicos, e todos os Accessorios para photographia das melhores Fábricas: Agfa, Satrap, Kodak, Leornar, Gevaert, etc. etc. Execução rápida e perfeita de qualquer trabalho para os srs. Amadores.

A loja oferece inúmeras opções de presentes ligados ao universo fotográfico e fornece algumas pistas sobre a demanda para esse tipo de produto na cidade. O que chama a atenção é que, mesmo com a facilitação de acesso a essas mercadorias, a figura do profissional da fotografia é preservada, em uma provável intenção de agregar prestígio à empresa através da competência profissional do proprietário. A presença de marcas estrangeiras no anúncio dos equipamentos indica a inserção da cidade no circuito de circulação e consumo do comércio internacional de mercadorias. Vale destacar a localização do comércio intitulado de "Casa José Ruhland, Photographo, Rua Conselheiro Mafra 124". Assim como o estabelecimento comercial de Arthur Carmo, a Casa José Ruhland se localizava no centro da cidade a aproximadamente meio quilômetro do CCJ. Os empresários abriram seus estabelecimentos comerciais na área central da cidade e nas proximidades do colégio. Esta aproximação, inicialmente geográfica, assinala para uma possível tática de acesso que contribuiu decisivamente para a materialização dos quadros de formatura.

Figura 4 - Jornal República de 06 de novembro de 1927
Arquivo de Periódicos da Biblioteca do Estado de Santa Catarina
Fotografia do acervo do autor (2011)

O ato de consumir artigos ligados ao universo fotográfico, assim como pagar pelo ensino, ainda era restrito a um reduzido número de consumidores. O CCJ foi fundado pelas irmãs da Congregação da Divina Providência com o objetivo de formar as filhas provenientes majoritariamente das famílias com um poder aquisitivo mais elevado no Estado de Santa Catarina. Autores como Leal & Cunha (1991), descrevem que a emergência do Colégio Coração de Jesus na cidade de Florianópolis, no período de transição do século XIX para o século XX representou uma possível solução para as defasagens da época. A instituição preenchia uma lacuna no processo de formação das meninas das classes mais abastadas e o ensino oferecido era limitado aos que podiam pagar. De acordo com as autoras, o colégio se propunha a formar as filhas dos poucos privilegiados membros de uma "classe média que passava a ocupar postos, seja na burocracia federal ou estatal que se formava, seja no comércio ou em outras atividades econômicas que aos poucos se diversificavam, colocavam necessidades novas, como as relacionadas à educação dos filhos" (LEAL e CUNHA, 1991, p. 37).

"O artista-photographo"

O sucesso da fotografia no início do século passado estimulava a criação de novidades técnicas que barateavam o seu consumo e expandiam os negócios ligados à reprodução da imagem na cidade de Florianópolis. Na Europa, a emergência da fotografia causou inúmeros debates em torno de sua utilização como representação da realidade e muitos fotógrafos negavam-se a concebê-la como mero suporte de reprodução técnica. Não foram poucos os fotógrafos que se apropriaram de técnicas imanentes ao mundo

das artes plásticas para trabalhar essa inovação moderna. Os estudos de Borges (2003), já citada anteriormente, sobre os debates que colocavam a fotografia em um campo de confronto entre arte e técnica levou à transformação de muitos estúdios, onde os artistas se reuniam, criavam e se confraternizavam a realizar experiências com a fotografia. Esses estúdios híbridos, na maioria das vezes eram conduzidos por artistas marginalizados ou seduzidos pelas inúmeras possibilidades da fotografia.

> Em 1854, portanto quinze anos depois do reconhecimento oficial do daguerreótipo, o caricaturista, desenhista e escritor Gaspard-Felix Tournachon, conhecido como Nadar (1820-1910), inaugura, no número 113 da rua Saint-Lazare em Paris, um atelier de retratos fotográficos. Imediatamente, o estúdio desse membro da burguesia da capital francesa torna-se um lugar privilegiado de reunião da elite artística, intelectual e científica parisiense e estrangeira. (Borges, 2003, p. 41)

As técnicas de perspectiva se amalgamaram no trabalho de tratamento das imagens fotográficas em um aparente esforço para conciliar modernidade e tradição. Mais do que apenas uma opção estética, a inclusão das técnicas do universo pictórico no tratamento da imagem fotográfica pode ser interpretada como a busca por legitimá-la como objeto de adoração e admiração. Esses artistas estavam em uma nova trincheira para alcançar aceitação e reconhecimento. Tudo leva a crer que não eram tão ingênuos como às vezes são apresentados na literatura, e atuavam de forma deliberada para conquistar seu espaço no campo detentor das regras e prescrições. Essa tendência de conciliar a fotografia com a arte emerge em Florianópolis através de um anúncio, cujo título "Exposição de Retatos", datado de 02 de abril de 1922 (Figura 5), foi publicado no jornal República e divulgado que

> O apreciado artista-photographo sr. Arthur Carmo fez, hontem, nas montras de seu atelier, á rua Tiradentes, uma exposição de artísticos trabalhos – retratos de distinctas senhoras e senhoritas do nosso meio. São provas do grande merecimento do talentoso artista que tanto se recommenda ao apreço público.

A nota no jornal intenciona vincular Arthur Carmo com a imagem de artista. O enlace se consolida no anúncio e a exposição de "retratos de distinctas senhoras e

senhoritas" da sociedade florianopolitana sugere ao leitor o conhecimento e o reconhecimento público de sua posição como "artista-photographo". O profissional parece buscar construir uma imagem vinculada a uma categoria antiga de profissionais envoltos por uma aura de reconhecimento de valor estético e cultural. Agregar essas qualidades emprestaria distinção social e, consequentemente, econômica ao artista e aos consumidores de suas obras.

Figura 5 - Jornal República de 02 de abril de 1922
Arquivo de Periódicos da Biblioteca do Estado de Santa Catarina
Fotografia do acervo do autor (2011)

Sua biografia foi alterada pela indexação da aura de artesão especializado e livre, uma vez que podia controlar o meio de produção que o sustentava. Sua apresentação social como um artista e expositor – divulgada no informe –, propõe uma construção biográfica que possa lhe conferir uma aura especial do "talentoso artista que tanto se recomenda ao apreço publico". Arthur Carmo encontra-se de acordo com os estudos Freund (2011) na segunda época do estilo fotográfico, quando os fotógrafos se viram obrigados a adaptar seu ofício ao gosto de um público mais seleto. Ser reconhecido como um artista agregava valor e distinção ao seu trabalho, distinção essa devolvida através do reconhecimento social pela capacidade de consumo dessa insígnia de sucesso social restrita a poucos escolhidos. Será possível então, verificar como essa tentativa de reconhecimento e distinção se manifestou nos quadros de formatura produzidos por esses artistas-fotógrafos no Colégio Coração de Jesus?

Par tentar responder esta pergunta será necessário, antes de tudo, buscar como se deu a aproximação desses artistas com o CCJ. A construção dos quadros de formatura fazia parte de uma lógica mercadológica que envolvia o reconhecimento do construtor no mercado da fotografia e das artes. Os anúncios nos jornais divulgavam os serviços

fotográficos do autor, distinguiam o produto (fotografia e seus derivados), tornando-os valorizados e reconhecidos no mercado das imagens. Os preços ainda elevados para os padrões locais restringiam o consumo e conferiam distinção aos privilegiados que podiam consumi-los. Tanto o Colégio Coração de Jesus, quanto os artistas-fotógrafos, faziam uso dos jornais para divulgar seus serviços no início da década de vinte. O jornal República, publicado em 05 de fevereiro de 1922 (Figura 6), oferece uma amostra do convívio comercial entre Colégio e fotógrafos. Sem descartar a possibilidade do mero acaso, a proximidade dos anúncios do Colégio e do fotógrafo são indícios tentadores e alvitram para uma convivência semeada nas grades da tipografia e colhida nas entrelinhas dos quadros de formatura.

Figura 6 - Jornal República de 05 de fevereiro de 1922
Arquivo de Periódicos da Biblioteca do Estado de Santa Catarina
Fotografia do acervo do autor (2011)

Aqui, é possível verificar a importância do reconhecimento da instituição no campo educacional através da regulamentação estatal. Envolto por um clima de instabilidade e expectativas frustradas no campo educacional, o Colégio Coração de Jesus emergiu na transição do século XIX para o século XX com ambições que iam além da educação de alunos. A demanda pela formação de professores abriu uma oportunidade para as irmãs da Congregação da Divina Providência, na direção de formar mulheres normalistas. Fundado em 15 de janeiro de 1898, no centro da cidade sobre uma colina que destacava sua imponente arquitetura, o colégio ganhou fama e prestígio. No ano de 1908, através do Decreto nº 348, do governador Gustavo Richard, o CCJ recebeu a autorização para a abertura de um curso preparatório para alunas que desejavam ingressar na Escola Normal na cidade de Florianópolis; Em 1911, foi criada a escola complementar autorizada pelo Decreto nº 604, de 11 de julho, durante a administração do governador Vidal Ramos;

Em 1914, através da Lei nº 1025, de 14 de outubro, o colégio recebeu a designação de escola complementar equiparada à Escola Normal Catharinense[1], através da publicação da Lei nº 1253, de 1º de setembro de 1919, a que se refere o Decreto nº 1340, de 20 de fevereiro. De acordo com esse decreto, a Escola Normal, anexa ao Colégio Coração de Jesus deveria reger seu programa em igual regime de matrícula, de aulas e de exames. A lei divulgada no anúncio do jornal marca uma relevante conquista institucional, pois expressa o reconhecimento político do trabalho de formação de normalistas no Estado de Santa Catarina.

Ao estudar os centros de formação docente, o pesquisador português Nóvoa (1991) diz que a passagem do século XIX para o século XX, demarca a passagem do antigo para o novo, do mestre-escola para o professor primário. Afirma o autor que estes centros de formação

> ocupam um lugar central na produção e reprodução do *corpo de saberes* e do *sistema de normas* da profissão docente, desempenhando um papel crucial na elaboração dos *conhecimentos pedagógicos* e de uma *ideologia comum.* Mais do que formar professores (a titulo individual), as escolas normais produzem a profissão docente (a nível coletivo), contribuindo para a socialização dos seus membros e para a génese de uma cultura profissional. (NÓVOA, 1991, p.18)

No universo dos centros de formação de professores, pautado pela inépcia estatal de superar antigas tradições e práticas, o colégio buscou oferecer um ensino diferenciado e em sintonia com o desejo das classes abastadas. Equiparado à Escola Normal, o colégio tinha que obedecer a base curricular prescrita pelo governo do Estado, mas não era impedido de acrescentar disciplinas complementares. Desta feita, o colégio desenvolvia um currículo próprio alicerçado na moral católica e no controle rígido de condutas e comportamentos. A vigilância era constante e as alunas eram submetidas a um processo de formação que lhes impregnava os poros e as mentes, a fim de uniformizar suas atitudes de acordo com as normas da instituição.

[1] Criada em 10 de junho de 1892, através do Decreto n. 155, no Governo do Tenente Manoel Joaquim Machado.

Vale lembrar que a graduação das primeiras turmas do Colégio Coração de Jesus aponta para trabalho de formação que não se restringia apenas ao aspecto docente, pois muitas dessas alunas não se dedicariam mais tarde ao ofício de professora. A maternagem também era, segundo Cunha (2003, p. 205), um dos objetivos formadores das alunas. Para essa autora o

> Colégio Coração de Jesus, tinha como função essencial a formação da 'mulher de bem', calcada nos princípios da moral católica, onde ser aluna desse Colégio representava um meio tradicional de preparo dessas moças para assumirem as funções de esposa, dona de casa e mãe que lhes estavam reservadas e, no limite, exercerem o magistério como sacerdócio e como uma forma de maternagem simbólica.

As formaturas da década de vinte do século passado gestaram uma prática social envolta em rituais que primavam, sobremaneira, pela espetacularização de um evento que deveria celebrar a conquista de uma posição distinta do ponto de vista social, reforçando a posição de determinado grupo no campo social. Os jornais, de acordo com Motta (2002), atuavam como veículos que não se limitavam apenas ao circuito comercial, sua abrangência atingia outras instâncias de ação, pois

> Não existe imprensa sem inserção política. A política não é a única instância de ação da imprensa. Ela desempenha igualmente funções econômicas, especialmente comerciais, quando estimula, por meio dos seus anúncios, o consumo de bens. Da mesma forma, ela tem um papel cultural na medida em que veicula e consolida hábitos, costumes, gostos. Possui ainda, um papel jurídico-institucional, como legitimadora de regras éticas e morais socialmente aceitas. (MOTTA, 2002. p. 15)

Os anúncios jornalísticos do colégio operavam como um reforço de fazer circular uma imagem de solidez na formação de professores, a lei que equiparava o colégio à escola normal pode estar inserida no anúncio como uma forma de apresentar ao público uma instituição, cujo trabalho era reconhecido através do Estado e suas prerrogativas legais. O poder não aparece, nesse caso, como uma forma de dominação ou prescrição opressiva. Sua manifestação através da legislação oferece a validação necessária para que

uma parcela da sociedade, leitora de jornais, possa ver, ler e distinguir a instituição de ensino como portadora de condições de formar normalistas.

A circulação de ideias através do jornal indica uma rede de trocas sociais, que pressupõe a construção de verdades e gostos por meio desse veículo de comunicação. Para Arthur Carmo, a notícia sobre o colégio parece ter oferecido algumas oportunidades. Os anúncios indicam um movimento de aproximação entre o trabalho do fotógrafo e a instituição de ensino. Supõe-se, através dessa ação uma intenção de estimular, por meio dos seus anúncios, o consumo das fotografias e talvez, consolidá-las como hábito, costume e gosto dos leitores do jornal. Desse modo, é possível verificar como colégio e fotógrafo faziam uso da imprensa para divulgar, valorizar e reforçar a adoção de hábitos, costumes e gostos.

O anúncio do colégio era seguido logo abaixo pelo anúncio do fotógrafo que assinou o quadro de formatura de 1922. Parece se tratar de uma estratégia de publicidade bem sucedida de vincular o colégio ao fotógrafo que desejava comercializar seu trabalho. Esse fato sinaliza para a emergência desse artefato como fruto de uma construção social dinâmica que envolvia o reconhecimento do público consumidor dos serviços educativos, artísticos e fotográficos. Esse quadro de formatura, portanto, foi elaborado por um trabalho de construção que remete aos estudos de Chartier (1991), em que percebe as materializações de um tempo e lugar sob a perspectiva do conceito de representações. Os objetos podem ser interpretados como frutos de um processo de construção da realidade social por um determinado grupo, obedecendo a critérios de classificações, divisões e delimitações. Esses critérios estão ligados a esquemas intelectuais que através de suas criações e composições dotam o presente de sentido.

> O objeto fundamental de uma história que se propõe reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam - de maneira mais ou menos clara conforme a posição que ocupam nas relações de dominação - o que lhes é possível pensar, dizer, fazer. [...] essa noção [a de representação] permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais. (CHARTIER, 1991, p. 49)

A formatura de 1922 foi representada por Arthur Carmo obedecendo a critérios artísticos muito próximos dos verificados na tradição da arte pictórica, e pode oferecer nuances das relações sociais envolvidas em sua produção. A cena da formatura, congelada no quadro pode proporcionar ao espectador uma coreografia de imagens opacas da época de sua materialização. Os artistas-fotógrafos Arthur Carmo e José Ruhland registram nos quadros de formatura vestígios de uma possível interação entre a arte pictórica e a fotografia.

O "artista-photographo" e a cidade

O quadro de formatura de 1922, construído por Arthur Carmo apresenta uma moldura com as dimensões de 47 cm x 75 cm. A estrutura possui uma largura de 11 cm em madeira entalhada e acabamento em gesso. A base da estrutura foi construída sobre madeira nobre de cor escura com acabamentos em relevo e na cor dourada nas bordas mais elevadas da extremidade exterior e nas bordas interiores que margeiam a composição. Os relevos internos são constituídos por triângulos com um ponto no centro (que lembram olhos) intercalados por três pontos em triangulação. Os relevos esculpidos nas bordas externas da moldura apresentam pequenos relevos em triangulação que lembram pequenos ossos. A moldura do quadro de 1926, construído por José Ruhland, apresenta uma moldura nas mesmas dimensões do quadro de Arthur Carmo. A madeira também é a imbuia, mas a cor dourada predomina no último, emprestando-lhe mais luminosidade e destaque que o primeiro. Embora coincidam nos aspectos estruturais, as molduras se diferenciam no acabamento, sendo a borda interior da moldura de Ruhland decorada com relevos de folhas e frutos, enquanto a borda exterior é adornada em sua extremidade com pequenas esferas alinhadas.

A presença das molduras denuncia uma estreita ligação entre os quadros de formatura e as obras de arte. Para ter uma melhor compreensão de sua função em uma obra de arte, é possível recorrer aos estudos de Aumont (1993). O autor define a moldura como o limite perceptivo ou a separação entre o que está dentro e o que está fora da obra de arte, tornando-a singularizando- e atribuindo-lhe mais visibilidade. Desempenha ainda o papel de intermediário na observação, retardando a transição do olhar entre o

que está dentro da cena e o que está fora. Os pintores clássicos foram muito sensíveis a esta função da transição do olhar, principalmente no que diz respeito à utilização da moldura dourada, que permitia banhar a pintura com uma luz amarela.

A moldura, ao delimitar a cena, cria um campo visual, uma janela para o imaginário e lança o observador em um mundo de imagens e alegorias separado do mundo que está fora. Além disso, a moldura organiza as imagens presas em seus limites, dando lógica ao conjunto, que pode ser denominado de composição. A moldura confere à obra de arte um valor econômico; o autor descreve que "o emolduramento, sob a forma que o conhecemos apareceu aproximadamente ao mesmo tempo em que a concepção moderna do quadro como objeto destacável, trocável, que pode circular como mercadoria nos circuitos econômicos" (AUMONT, 1993). Não é de se espantar que os detalhes de cor dourada, semelhante ao ouro, tenham sido utilizados com muita frequência nas molduras antigas. A moldura obriga o leitor visual a adotar uma postura diferenciada ao apreciar uma imagem emoldurada, pois esta lhe diz que o que se observa possui valor e distinção. Aparentemente são pequenos detalhes diluídos na totalidade da composição, mas que materializam intenções forjadas no jogo social e perpetuadas nos limites da composição.

No que diz respeito à disposição e organização das imagens no plano, a análise dos quadros de formatura pode sinalizar para uma intenção proposital ou não de alinhamento obedecendo a supostos esquemas geométricos. No quadro de Arthur Carmo, as fotografias são distribuídas em duas linhas horizontais, com eixos bem marcados. Não há linhas que induzam à ilusão da perspectiva, tampouco movimento interno formando uma composição estática. No quadro de José Ruhland, as fotografias são distribuídas em uma geometria circular. Não há linhas que induzam à ilusão da perspectiva, mas a disposição das fotografias em circulo induz a um movimento conferindo uma dinâmica à composição. Nos dois quadros, o olhar do observador é atraído pela posição, forma e adereços das fotografias das autoridades, que ficam mais evidentes no todo. Não se trata de uma novidade, pois estes artifícios podem ser observados com bastante frequência em composições similares confeccionadas neste período.

Nos dois quadros predominam, no fundo da composição, o papel claro de cor neutra bege no quadro de 1922, e papel um pouco mais escuro de cor neutra, na

tonalidade berinjela no quadro de 1926. A cor cinza sugere uma neutralidade que não interfira no conteúdo da composição além de lhe conferir um aspecto que remete a uma representação clássica e sóbria. Esta frieza da cor de fundo remete à proposta do CCJ baseada na educação feminina casta e religiosa. Cunha (1991), já citada anteriormente descreve que o colégio exigia a disciplina e as alunas eram preparadas para exercer

> pudor, inocência, pureza e modéstia no plano moral (de acordo com o modelo mariano), de recato, contenção, elegância, e 'finos modos' no plano social (de acordo com o modelo de 'autêntica senhora), o colégio atuava, com rigor e aplicação verdadeiramente germânicos, através de práticas disciplinares, notadamente aquelas que tinham por alvo o corpo das alunas. (CUNHA, 1991, p. 66)

De acordo com a autora, o colégio exercia sobre as alunas um rigoroso controle comportamental e corporal derivado do modelo de internato e de convento. A sexualidade era colocada em segundo plano e a fiscalização das prescrições era realizada com tanta rigidez que condicionava o surgimento de uma espécie de disciplina corporal que acompanhava essas alunas por toda a vida. No colégio, essas meninas podiam continuar seus estudos, haja vista, que inexistiam escolas secundárias oficiais às quais tivessem acesso.

No quadro de 1922, no canto inferior direito vê-se o desenho de linhas finas de uma mão feminina delgada com um anel, enquanto que no quadro de 1926, é possível observar um livro de capa preta com as inscrições H. H. sobre uma faixa com os dizeres: "virtude e sciencia". O desenho procura demonstrar um ideal de formação que, como já foi tratado anteriormente, extrapolava a formação de futuras professoras, pois também primava em formar mulheres, esposas e futuras mães de família dentro de uma sólida orientação católica. Os trabalhos com agulha seguiam em paralelo aos estudos científicos e religiosos. O colégio recebia moças provenientes de todo o estado e, por isso, também funcionava no regime de internato. Nos dois quadros é evidente a interferência artística dos construtores; são desenhos, acabamentos, rococós que transmitem ao observador a ideia de movimento da composição e auxiliam na interpretação da mesma através de uma espécie de texto imagético impregnado de simbolismos.

Outra semelhança visível nos dois quadros é o tratamento artístico dispensado para os contornos que margeiam as fotografias. Assim como a presença de inscrições que funcionam como legendas auxiliares na leitura do quadro. No quadro de 1922, lê-se na parte superior a localização do evento representado: "Florianópolis" em letras de forma, tabuladas em caixa alta na mesma cor do fundo do quadro em seu centro e contornadas em linha de cor preta. Abaixo dessa inscrição, apresenta-se o título da obra: "Magistrandas de 1922" em letras escuras e dimensão um pouco maior que o nome da cidade. No quadro de 1926, a localização foi pintada sobre um emblema em forma de faixa que se desenrola destacando o nome do colégio antes da cidade: "Collegio Coração de Jesus Florianópolis", escrita em letras desenhadas em caixa alta envolvidas por uma faixa azul clara centralizada. Nesse quadro, a lateral esquerda possui dois emblemas: o primeiro em forma de faixa que se desenrola em uma frase: "FORMANDAS" e o segundo, localizado na faixa lateral direita descreve a data: "de 1926". Não resta dúvida sobre as coincidências entre elementos presentes na arte pictórica e nos quadros de formatura e a sua utilização desvenda uma intenção que não se reduz apenas aos critérios meramente estéticos. Este encontro marcado por inovação e permanência se dá em meio às fracassadas tentativas republicanas de livrar-se das permanências do antigo regime. Trata-se de um contexto de encontros entre o passado que insiste em permanecer e um presente ansioso por renovação.

As formaturas da década de vinte do século passado fomentaram uma prática social envolta em rituais que espetacularizavam um evento que deveria celebrar a conquista de uma posição distinta do ponto de vista social. Ao analisar alguns protocolos que envolvem os cerimoniais de formatura no CCJ, Cunha (2012, p. 1) conclui que,

> o ritual de uma formatura escolar envolve solenidades de caráter especial tais como a distribuição de convites impressos, ofícios religiosos, cerimônia festiva de colação de grau e entrega de diploma e, muito esperados, os discursos celebratórios tanto dos representantes dos formandos – os oradores – como dos homenageados especiais – os paraninfos. (CUNHA, 2012, p. 1)

A formação das professoras celebrada pela solenidade da formatura do colégio representa o ápice do processo de formação docente, legitimando e coroando as

aptidões e talentos da instituição, das alunas, das famílias e do Estado. Todo o processo foi legado à posteridade pelos quadros de formatura que cristalizaram em sua superfície uma parcela das tensões que ocorriam no campo educacional no momento de sua emergência. A formatura de normalistas era apresentada como um sopro de esperança sobre a calmaria de ações que pairavam sobre o estado naquele momento e ratificava o investimento na formação de quadros para o magistério.

O elo entre elementos pictóricos e fotográficos parece sinalizar para intenções mais ambiciosas dos idealizadores e construtores dos primeiros quadros de formatura do colégio. A possibilidade de reprodução da fotografia aparentemente não foi suficiente para o seu uso exclusivo nos quadros. A contratação de artistas-fotógrafos sugere que a experiência de reproduzir uma série fotográfica no estúdio não foi – para sociedade florianopolitana da década de 1920 – significativa o bastante para destituir, o artista pictórico e sua criação, de sua aura de autenticidade e unicidade. Esses dois últimos conceitos foram cunhados por Walter Benjamin (1994). Segundo ele, a autenticidade de uma obra de arte reside no reconhecimento que o "aqui e agora" delega à obra considerando não somente suas características físicas, como também sua trajetória até os dias atuais. Já o conceito de unicidade reside no caráter único e tradicional da obra. Sua essência está no valor de culto e de sacralização da obra de arte "o valor único da obra de arte 'autêntica' tem sempre um fundamento teológico, por mais remoto que seja [...]", e ainda "esse modo de ser aurático da obra de arte nunca se destaca completamente de sua função ritual". (BENJAMIN, 1994, p. 173). Desse modo, a interpretação da construção desses artefatos de formatura pode ser lida como uma tentativa de representar o fato como um evento fora do comum. A utilização de artifícios estéticos típicos das obras de arte induz a crer na existência de um propósito de superação. A superação dos limites físicos da madeira, do vidro e do papel para alcançar uma dimensão imaterial da representação. A fotografia por si só não cumpria o papel de representar o acontecimento. A modernidade se mostrou insuficiente diante da força da tradição. Tradição replicada no campo social e materializada nas permanências que atravancavam o processo de escolarização republicano.

O "artista-photographo" e sua atuação nos quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus

O trabalho dos artistas-fotógrafos cristalizou uma composição que tem na fotografia seu principal elemento. Os quadros de formatura analisados suportam uma convivência intrigante entre o velho e o novo, o tradicional e a inovação. Desse modo, é possível inferir que a fotografia, durante a década de 1920, na cidade de Florianópolis contava com o reconhecimento social na função de perenizar ou cristalizar um momento. Os estudos de Delory-Momberger (2010) descrevem um início bastante atribulado para a fotografia. Para a autora, esse suporte emerge em um contexto de expectativas de afirmação, reconhecimento e perenização, uma vez que a fotografia oferecia a ilusão da realidade congelada pelo dedo do fotógrafo. Seu apelo como perpetuação do real seduzia e vendia. O quadro de formatura de 1922 é constituído de nove fotografias, sendo três de homenageados e seis de formandas. A composição dessas se apresenta em distintos formatos e tamanhos. Os retratos dos homenageados são de formato retangular em tamanho destacado das outras e posicionados na parte superior da representação, o paraninfo: Henrique Fontes, professor, escritor e Diretor da Instrução Pública do Estado de Santa Catarina, Os homenageados: D. Joaquim de Oliveira, arcebispo metropolitano e Olavo Freire Junior, secretário particular do governador e a oradora. As fotos da oradora, Urânia Gentil e Alzira Melchiades também se encontram na parte superior do quadro, mas em formato circular de dimensão menor e similar as das outras formandas. Abaixo estão agrupadas as fotografias das formandas: Dilza A. Carvalho, Lygia Freitas, Maria do Espírito Santo Vieira e Maria Perrone.

A reprodução de critérios de construção parece se repetir durante a década de 1920. Na formatura de 1926, a assinatura do artista se repete. O quadro apresenta um total de 20 fotografias, sendo 3 de homenageados ligeiramente maiores do que as 17 de formandas (uma delas destacada em roupas de cores mais claras presta a homenagem a uma aluna falecida); as fotografias são de formato circular. Nesse quadro é possível verificar permanências presentes na estrutura construída por Arthur Carmo em 1922. As medidas são as mesmas, bem como a quantidade de homenageados, a dimensão diferenciada das fotografias dos homenageados, as inscrições dos nomes dos personagens na parte inferior das fotografias, os rococós e desenhos que contornam os

retratados, o formato circular das fotografias das formandas, o material e os detalhes do acabamento das molduras, o papel de cor neutra no fundo do quadro e a assinatura do autor da obra no canto inferior direito.

Assim como nos demais quadros construídos em outras instituições, a presença de autoridades políticas sinaliza para a existência de uma rede de sociabilidade construída entre o Colégio Coração de Jesus e o poder representado em diversas esferas como o Diretor da Instrução Pública do Estado de Santa Catarina, o arcebispo metropolitano, o secretário particular do governador e de outras personalidades representadas em fotografias diferenciadas no formato e nas dimensões destacadas no quadro. A presença das autoridades na formatura conferia prestígio ao evento, à instituição e às autoridades. Uma relação de trocas, em que o paraninfo contribuía financeiramente com a solenidade e, ao mesmo tempo, tinha sua imagem associada a um evento significativo no campo social. Dar e receber, e ser associado definitivamente a uma solenidade representada na coleção fotográfica e transcendendo a própria morte, pois o reconhecimento e a consagração das formandas e da instituição transferiam-se também ao paraninfo e aos homenageados. Ao se convidar o paraninfo, toda a sua rede familiar e de trocas sociais era convocada para estreitar laços com a instituição, principalmente no início do primeiro decênio, marcado pelo reconhecimento e pela normatização estatal. O convite feito ao Deputado Carlos Wendhausen – pai de uma das formandas – agregava valor político ao legislador e tinha forte impacto perante a sociedade em geral. Sua presença no topo do quadro de formatura simboliza uma abertura. O quadro torna-se uma janela de entrada para o observador do passado e do presente, pois eterniza em sua composição as marcas da dinâmica de um universo de formação restrito e amplo nas trocas com o poder instituído.

Entendendo os quadros de formatura como uma coleção derivada de um trabalho de escolhas deliberadas que envolveram apreciações, avaliações, valores, intenções, esquecimentos, descartes ligados a um determinado imaginário pertencente a um determinado tempo e lugar pode-se inferir que a tentativa de reunir os fragmentos fotográficos em uma ordem lógica e aceitável é uma tentativa de alcançar um efeito de longa duração. Essa continuidade, ganha sentido na construção de uma narrativa de grupo ligado à formação docente, que compartilha os signos e códigos característicos da

profissão. Uma unidade de fotografias individuais, interligadas por uma rede de sociabilidade e destacadas do todo pela transição perpetrada pelos limites da moldura.

A análise dos quadros de formatura do CCJ produzidos por Arthur Carmo e José Ruhland proporcionou a constatação de elos contraditórios: de um lado, a convivência entre a inovação fotográfica e a arte pictórica; do outro, a frustração das promessas republicanas diante do atraso da expansão da escolarização. Ao receberem a tarefa de registrar uma composição artística capaz dar visibilidade ao acontecimento da formatura, os artistas perenizaram entre as molduras as representações provenientes da dinâmica social da época. Os quadros demarcam, delimitam e celebram através dos contornos de seu suporte, um território, um espaço de distinção social, de inclusão e exclusão, pertença e exílio. A instituição divulgou através desses baluartes de êxito e excelência, a conclusão de todo um processo de formação feminina, religiosa e profissional e assim, acionou uma tradição.

Trata-se de uma coleção de artefatos imagéticos que pertencem à coleção de objetos do acervo do CCJ que compõem a cultura material escolar da instituição. Sua materialidade transcende a presença física, pois fizeram e fazem parte de uma trama de relações com seus produtores e consumidores que, em contato com eles, de alguma maneira deram sentido mútuo as suas existências no universo da escolar. Documentos e testemunhos de um momento de celebração, reconhecimento e consolidação, os quadros de formatura guardam em suas molduras fragmentos de uma escola pulsante, de saberes e práticas vividas, sentidas e reproduzidas. Compartilham essa condição com outras centenas de objetos, com os quais dividem o espaço do acervo no sótão. E, assim como os quadros de formatura e objetos de outras instituições, aguardam por quem lhes desperte do silêncio e do esquecimento.

Referências

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista de estudos avançados**. São Paulo, v. 5, n. 11, jan. / abr. 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 de fev. 2012.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Rezas, ginástica e letras: normalistas do Colégio Coração de Jesus. Florianópolis décadas de 1920 e 1930. In: DALLABRIDA, Norberto (org.). **Mosaico de escolas. Modos de educação em Santa Catarina na Primeira República.** Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **"Caríssimas afilhadas"**: imagens de professoras nos discursos de paraninfos (Florianópolis, 1945/61). [2012]. Disponível em: < http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/11_54_00_CARISSIMAS_AFILHADAS_IMAGENS_DE_PROFESSORAS_NOS_DISCURSOS_DE.pdf > Acesso em 19/08/2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Álbuns de fotos de família, trabalho de memória e formação de si. In: VICENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). **Sentidos e potencialidades e usos da (auto)biografia.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 95-111.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. Vestígios da cultura material escolar: história e memória da escola pública inscrita em troféus e medalhas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SBHE, IV de 05 a 08 de Novembro de 2006, Goiânia – GO. **Comunicação coordenada e apresentada no congresso.** Goiânia: Editor, 2006.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: Gustavo Gili. 2011.

JORNAL REPÚBLICA. Orgão do Partido Republicano Catharinense. Florianópolis, quinta-feira, 5 de janeiro de 1922.

JORNAL REPÚBLICA. Orgão do Partido Republicano Catharinense. Florianópolis, domingo, 5 de fevereiro de 1922.

JORNAL REPÚBLICA. Orgão do Partido Republicano Catharinense. Florianópolis, domingo, 2 de abril de 1922.

JORNAL REPÚBLICA. Orgão do Partido Republicano Catharinense. Florianópolis, segunda-feira, 6 de novembro de 1927.

LEAL, Elizabeth Juchem Machado; CUNHA, Maria Teresa Santos. A educação da mulher: uma visão do cotidiano de um colégio religioso feminino. Santa Catarina, 1991. **Relatório de pesquisa UFSC**, 91 p.

MARINHO, Flavio. **A presença da imagem e o seu resgate:** da paisagem cotidiana para o instante da escolha. Dissertação (mestrado) - Universidade do Rio Grande do Sul. Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, 2002.

MARTIN, Ramón Lopes. El utilaje escolar e la segunda mitade del siglo XX. In.: Escolano Benito, Augustin (Dir.). **História ilustrada de la escuela en España**: Dos siglos de perspectiva histórica. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2006.

MARTINEZ, Silvi Alícia; FAGUNDES, Pedro Hernesto. Um arquivo escolar e muitas memórias – o arquivo histórico do Liceu de Humanidades de Campos. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 9, n. 1, p. 239-249, jan. / jun. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/7462/4779> Acesso em 15 de nov. de 2012.

MARTIARENA, Angelita Maria; OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. Fotografias de Professoras: a memória da feminização do magistério em Pelotas, 1920 a 1960. **Revista História, Imagem e Narrativas**, Pelotas, RS, n. 13, out. 2011 Disponível em: < www.historiaimagem.com.br/edicao13outubro2011/**foto**prof.pdf> *Acesso em 15 de nov. de 2012.*

MELO, Sônia Pinto de Albuquerque; ALVES, André Luís Conceição. Instituto de educação rui barbosa: Docência e práticas de leitura nas décadas de 60 e 70 do Século xx. In: COLÓQUIO INTERNACIONALEDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, V, São Cristóvão, SE, 21 a 213 set. de 2011. **Anais...** Disponível em: <www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/.../conteudo.htm> Acesso em 15 de nov. de 2012.

MIGNOT, Ana Carolina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de histórias**: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto. 1ª. ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2002. v. 1. 356 p.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. O inventário do acervo da Escola Normal Carlos Gomes e suas contribuições ao trabalho escolar e à pesquisa histórica. In: MENEZES, Maria C. (Org.). **Inventário histórico documental**: Escola Normal de Campinas (1903-1976) de Escola Complementar a Instituto de Educação. Campinas:FE/UNICAMP, 2009.

MOTA, André. Um médico em transformação: os álbuns de formatura nos anos 1960. **Revista Interface**, Botucatu, v.13, n.31 out. / dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141432832009000400022&script=sci_arttext> Acesso em 15 de novembro de 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Imprensa e Poder. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (org). **Imprensa e poder.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.(Coleção Comunicação).

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In.: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

PORTO, Fernando; SANTOS, Tânia Cristina Franco. O rito e os emblemas na formatura das enfermeiras brasileiras no distrito federal (1924 - 1925). **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, abr. / jun. 2009. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452009000200003> Acesso em 15 de nov. de 2011.

RIBEIO, Ivanir; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n.03, jul. / Set 2012, p 575-587. Disponível em: <www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/wp.../10/v.38-n.03-de-2012.pdf> Acesso em 15 de nov. 2012.

RIBEIRO, Neurilene Martins. Prefaciando uma escuta sensível. Revista entreideias: educação, cultura e sociedade, Salvador, BA, 2007. Disponível em:<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/view/2870/2037> Acesso em 15 de nov. de 2012.

ROCHA, Angélica Pinho Martins; LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. História da Educação Rural nas Imagens da Escola Rural de Cruzeiro dos Peixotos (Uberlândia 1933-1959). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, IV, 2006. **Anais...** Goiânia: Editora Vieira e Editora da UCG, 2006. p. 1-11.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001, 388p.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA Jane Bezerra de. **Ginásio Estadual Picoense**: implantação e consolidação de uma instituição escolar (1949 – 1953). JORNADA DO HISTEDEBR, IV, Campo Grande 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/03trab-gtgt3.htm> Acesso em 15 de novembro de 2012.

VEIGA, Cynthia Greive. **Cultura material escolar no século XIX em Minas Gerais**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1. **Anais...** Rio de Janeiro: SBHE, 2000. 1 CD.

WERLE, Flavia Obino Corrêa. **Ancorando quadros de formatura na história institucional**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/28/textos/GT02/GT02-322--Int.rtf>. Acesso em: 18 de jun. 2006

Recebido em: 03/03/2014
Aprovado em: 23/04/2014

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 16 - Número 30 - Ano 2015
revistalinhas@gmail.com

8.3 – Coleção quadros de formatura do museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA): um estudo pelo processo da documentação para acervos museológicos, por Sandra Regina Coelho da Rosa e Rosangela Marques de Britto

Originalmente publicado em:

ROSA, Sandra Regina Coelho da e BRITTO, Rosangela Marques de. Coleção quadros de formatura do Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA): um estudo pelo processo da documentação para acervos museológicos. **3 Seminário Brasileiro de Museologia. Sebramus.** 2017. Disponível em <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/3sebramus/3Sebramus/paper/view/758>. Acesso em 22 set. 2019.

COLEÇÃO QUADROS DE FORMATURA DO MUSEU DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (MUFPA): UM ESTUDO PELO PROCESSO DA DOCUMENTAÇÃO PARA ACERVOS MUSEOLÓGICOS

Sandra Regina Coelho da Rosa*
***Universidade Federal do Pará (UFPA)**
Rosangela Marques de Britto**
****Universidade Federal do Pará (UFPA)**

Resumo: O trabalho de pesquisa da coleção dos quadros de formatura (períodos de 1906 a 1958), os quais pertencem ao acervo do Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA) e do Instituto Histórico Geográfico do Pará (IHGP), trata-se de uma coleção de construção artística que compõem a cultura material da instituição. Sua materialidade transcende a presença física, pois fizeram e fazem parte da história da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará e da Faculdade de Direito do Pará. Entretanto, o museu denomina estas peças de "placas" e esta atribuição de "Quadros de Formatura", assim como o seu tratamento com a Coleção, é uma atribuição do estudo. Este acervo composto de 17 (dezessete) quadros configura-se como objeto de sondagem desta pesquisa, visto que as obras ainda não foram estudadas no contexto acadêmico paraense. Como instrumento metodológico da pesquisa qualitativa, os procedimentos adotados a partir das teorias da documentação museológica gerou uma Ficha de Arrolamento contendo número de ordem, termo/título, a classe e a subclasse de cada objeto. Na sequência, a construção da Ficha Catalográfica, que dentre outras ações realizamos uma ampla pesquisa sobre o acervo, a partir de uma abordagem individual de cada objeto. Essas informações foram organizadas em: identificação do objeto; análise do objeto; conservação do objeto; notas; reprodução fotográfica; e dados de preenchimento. O resultado da análise dos quadros de formatura produzidos pelos desenhistas Manuel de Oliveira Pastana, Antonieta Santos Feio, Ernesto Lohse, fotografias produzidas pelos ateliers Photographia Fidanza, Oliveira Pará e outros, proporcionaram uma constatação de elos harmoniosos: de um lado, a fotográfica e a arte pictórica; do outro, a ostentação por meio de elaborados quadros de formatura da renomada faculdade em relação à sociedade paraense no cenário educacional.

Palavras-chave: documentação museológica; quadro de formatura; museu da UFPA.

Abstract: The research work of the collection of graduation cadres (periods from 1906 to 1958), which belong to the collection of the Museum of the Federal University of Pará - MUFPA and the Historical Geographic Institute of Pará - IHGP. It is a collection of artistic construction that make up the material culture of the institution. Their materiality transcends the physical presence, as they have been and are part of the history of the Faculty of Medicine and Surgery of Pará and the Faculty of Law of Pará. However, the museum calls these pieces of "plaques", this attribution of "Graduation Pictures", As well as, its treatment with the Collection is an assignment of the study. This collection of 17 (seventeen) paintings is the object of this research, since the works have not yet been studied in the academic context of Pará. As a methodological instrument of qualitative research, the procedures adopted from the theories of museological documentation generated a Record of Record containing number of order, term / title, class and subclass of each object. In the sequence, the construction of the Catalog, which among other actions we carry out an extensive research on the collection, from an individual approach of each object. This information was organized in: identification of the object; analysis of the object; conservation of the object; grades; photographic reproduction; and registration data. The result of the analysis of the graduation frames produced by the designers Manuel de Oliveira Pastana, Antonieta Santos Feio, Ernesto Lohse, photographs produced by the Photographia Fidanza, Oliveira Pará, and others ateliers provided a finding of harmonious links: side, photographic and pictorial art; On the other, the ostentation by means of elaborate cadres of graduation of the renowned faculty in relation to the Parana society in the educational scene.

Key-words: museological documentation; graduation board; museum of UFPA.

Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA) e o estudo da documentação museológica à coleção de quadros de formatura

O Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA) foi fundado no ano de 1982, na administração do reitor Daniel Coelho de Souza, mas a implantação se constituiu em 1984, sediado nas dependências do "Palacete Augusto Montenegro[1]", em um bairro nobre da capital paraense. No âmbito da museologia, em relação às tipologias de museus, o MUFPA é classificado como um museu tradicional, em decorrência da ligação com os três elementos: o Edifício (casa-palacete), que é o ambiente arquitetônico que se representa como um panorama museológico; a Coleção, que está vinculada aos artefatos pesquisados e adquiridos, salvaguardados pela instituição; e o Público, os usuários do museu. A instituição reúne coleções de artistas entre os séculos XIX ao XXI: Joseph Leon Righini (Turim, Itália, 1820- Belém, 1884), Theodoro José da Silva Braga, Antonieta Santos Feio, Ruy Meira, Antar Rohit, entre outros, as quais estão listadas no último inventário do acervo do museu, realizado em 2011 pela pesquisadora Sra. Magalene Gaspar com registro em cartório da capital, o que é constituído em 831 peças, sendo divididas em: 246 pinturas, 303 desenhos, 178 gravuras, 79 esculturas, 25 fotografias e 11 objetos criados por artistas visuais paraenses, nacionais e internacionais (BRITTO, 2014).

Para esse estudo, o recorte foi realizado a partir de 17 (dezessete) peças da Coleção de Quadros de Formatura da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará e da Faculdade de Direito do Pará (1906 a 1958), constituídos plasticamente com a linguagem fotográfica, gráfica e pictórica. Foram produzidos por diversos artistas plásticos, bem como os desenhistas Manoel Pastana, Antonieta Santos Feio, Ernesto Lohse e ateliers fotográficos Photographia Fidanza, Oliveira Pará e Photo Stúdio. É válido mencionar que o setor técnico do MUFPA denomina estas peças de "placas", a atribuição de "Quadros de Formatura", assim como, o seu tratamento como "Coleção" é uma valorização desta pesquisa. Os objetos estão acondicionados na Reserva Técnica do MUFPA e no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP)[2] (BRITTO, 2014).

O método da pesquisa foi realizado com base na reflexão das Teorias da Museologia quanto à estruturação do esquema classificatório baseado no *Thesaurus* para Acervos Museológicos[3] e as ações e os procedimentos para construção da classificação do acervo, do arrolamento para esses quadros, objetivando organizar uma planilha com número de registro (provisório), nome do termo/objeto, entre outros campos de registro, dessa maneira sugerir uma ferramenta de controle/consulta do acervo dessa coleção. E, também, a elaboração da ficha de catalogação para o acervo visando à padronização da documentação da mesma.

A documentação de acervos museológicos segundo Helena Dodd Ferrez (1994) é o:

> [...] *conjunto de informações* sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a *representação desses por meio da palavra e da imagem* (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1994, p. 66, grifo nosso).

[1] O prédio é uma construção do início do século XX, mais precisamente de 1903, conhecido como palacete Augusto Montenegro, foi projetado pelo arquiteto italiano Filinto Santoro para ser a residência particular do então Governador do Estado do Pará, Augusto Montenegro. Este arquiteto que viveu no início do século XX em Belém era formado pela Academia de Nápoles. Para o projeto, Santoro buscou informações no estilo arquitetônico renascentista italiano, bem como parte dos materiais utilizados na construção do prédio e sua mão de obra era oriunda da Itália. Luigui Bisi foi o mestre de obras e construtor do prédio. Fonte: Museu da UFPA. Disponível em:<https://mufpa.wordpress.com/historico/>. Acesso em: 18 abr. 2016.

[2] Portaria nº 1702/77, assinada pelo reitor Aracy Amazonas Barreto, foi nomeada a funcionária técnica em assuntos culturais, Sra. Raimunda de Paula Vilhena Portela, para "tornar-se responsável pelos acervos históricos e artísticos", assim como "desempenhar o papel de assessoramento na instalação e funcionamento dos museus dessa universidade", "enquanto não forem criados os museus de história e de Arte", as peças seriam acondicionadas temporariamente no edifício do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) por conta de um convênio (não formalizado) entre as duas instituições acordados pelo reitor da UFPA e o presidente do IHGP, naquela época era o Sr. José Rodrigues da Silveira Netto.

[3] É um conjunto de conceitos ordenados, de modo claro e livre de ambiguidade, a partir do estabelecimento de relações entre os mesmos e que pode ser definido segundo sua função ou estrutura". Com o propósito de minimizar as dificuldades que os museus apresentam para se organizar como sistemas de informação, a obra busca atender aos acervos museológicos, seja sua documentação manual ou informatizada, ao apresentar um sistema consistente para classificação e denominação de artefatos que compõem as coleções brasileiras (FERREZ; BIANCHINI (1987, p. XV).

Neste contexto, a pesquisa se apoiou no filtro teórico-prático da documentação museológica, em busca do conjunto de informações da Coleção Quadros de Formatura, a ser observada como fonte de pesquisa científica por meio da análise dos processos vivenciados por esse acervo ao entrar no MUFPA – seleção, aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação – (CURY, 2005), ou seja, esses procedimentos ora mencionados em que os objetos passam deixando um registro informacional em cada um deles, quando organizados tanto em uma planilha de arrolamento quanto na ficha de catalogação, dessa maneira promovendo novas informações e produção de conhecimento.

Os resultados do estudo pelo processo da documentação para acervos museológicos.

A primeira etapa consistiu em realizar uma pesquisa nos arquivos documentais do MUFPA e IHGP em que os objetos estavam sob a guarda e a localização destes nos acervos, quantidade e a procedência, conforme quadro a seguir:

Quadro 1: Levantamento documental no acervo MUFPA.

Nº	OBJETO/TITULO	QNT.	PROCEDÊNCIA	ANO/TURMA
01	Quadro de Formatura/ Doutorandos	06	Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará	Turma 1960/ Turma 1961 1926; 1927; 1928; 1933
02	Quadro de Formatura/ Diplomado do Curso de Obstetrícia	01	Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará	1923/1924
03	Quadro de Formatura/ Farmacêutico	02	Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará	1932; 1933
04	Graduandas em Enfermagem Obstétrica	02	Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará	1937; 1940
05	Quadro de Formatura/ Médicos	15	Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará	1925; 1930; 1932; 1934; 1935; 1938; 1939; 1943; 1945; 1946; 1947; 1949; 1952; 1953; 1955.
06	Quadro de Formatura/ Obstetras	01	Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará	1946
TOTAL				27

Fonte: Acervo Documental do MUFPA/Por Raimunda de Paula Vilhena Portela, 1981.

Quadro 2: Levantamento documental no acervo do IHGP.

Nº	OBJETO/TITULO	QNT.	PROCEDÊNCIA	ANO/TURMA
01	Quadro de Formatura/ Doutorandos	33	Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará	Vários anos
02	Placas de Doutorandos	02	Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará	Turma de 1960 Turma de 1961
03	Quadros de Bacharéis	09	Faculdade de Direito	1906; 1912; 1925; 1948; 1950; 1951; 1954; 1955; 1958
04	Quadro de Formatura	10	Faculdade Sócio – Econômico Centro	Vários anos
TOTAL				54

Fonte: Acervo Documental do IHGPA/Por Carmélio de Souza Ferreira, em 1999.

Com base nos resultados apresentados nos Quadros 1 e 2 foi possível identificar por meio do cruzamento das informações obtidas nas pesquisas documentais um montante de 17 (dezessete) quadros, sendo 08 (oito) da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, localizados na Reserva Técnica do MUFPA, e 09 (nove) da Faculdade de Direito do Pará, localizados na Reserva Técnica do IHGP, conforme o Quadro 3 a seguir:

Quadro 3: Levantamento geral do acervo.

Nº.	TERMO/TITULO	LOCALIZAÇÃO
01	Quadro de Formatura das Diplomadas do Curso de Obstetrícia - ano 1923/1924	MUFPA
02	Quadro de Formatura dos Médicos - ano 1925	
03	Quadro de Formatura dos Doutorandos - ano 1927	
04	Quadro de Formatura dos Doutorandos - ano 1928	
05	Quadro de Formatura dos Médicos - ano 1930	
06	Quadro de Formatura dos Doutorandos - ano 1933	
07	Quadro de Formatura dos Farmacêuticos - ano 1933	
08	Quadro de Formatura dos Médicos - ano 1934	
09	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1906	IHGP
10	Quadro de Formatura da Faculdade Livre - Direito - Pará - ano 1912	
11	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1925	
12	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1948	

Nº.	TERMO/TITULO	LOCALIZAÇÃO
13	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1950	
14	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1951	
15	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1954	
16	Quadro de Formatura dos Bacharelados - ano 1955	
17	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1958	

Fonte: MUFPA e IHGP (2016).

Os demais quadros identificados nos Quadros 1 e 2 não houve informações suficientes para a localização, em função da ausência de registro dessas obras no banco de dados das Instituições, sendo assim em outro momento será realizada uma pesquisa mais aprofundada para localização destes.

Entretanto, os quadros sob a guarda do IHGP pertencem ao acervo do MUFPA, pois existe uma parceria de salvaguarda de diversos objetos em detrimento da história da criação do museu e seus respectivos acervos.

Prosseguindo os estudos, foi desenvolvido para a coleção a partir do esquema classificatório *Thesaurus*, elaborado por Ferrez e Bianchini (1987), com uma estrutura de camadas hierárquicas, as quais se dividem em três níveis básicos de terminologia, bem como a classificação (gênero) que são as estruturas de referência que considera o universo dos objetos coletados; a subclassificação (espécie), que são as subdivisões das classificações principais, pois os objetos estão reunidos por conjuntos funcionais concisos; e os termos (nomes de objetos) que caracterizam as expressões usadas para identificar os objetos específicos, isto é, subdivisões da subclassificação, como mostra o Quadro 4 na sequência:

Quadro 4: Modelo de Esquema Classificatório para Acervos Museológicos.

CLASSE	SUBCLASSE	TERMO (OBJETOS)
ARTES VISUAIS	Construção Artística	Construção pictórica, colagem, construção escultórica, etc.

Fonte: FERREZ; BIANCHINI, 1987 e CÂNDIDO, 2008.

Nos estudos do *Thesaurus* para Acervos Museológicos sobre a Coleção de Quadro de Formatura foram classificados como acervos de Artes Visuais e subclassificados como Construção Artística, conceituado por Helena Ferrez e Maria Helena Bianchini (1987):

> A classe de Artes Visuais corresponde aos objetos criados, geralmente com finalidade estética ou demonstração de criatividade e que integram as artes gráficas, plásticas e cinematográficas, enquanto a subclasse (espécie) refere-se aos objetos artísticos não definidos como uma subclasse de pintura, desenho, gravura ou escultura, por utilizar mais de uma técnica (FERREZ; BIANCHINI, 1987, p.3).

Neste caso, o Quadro 5 sintetiza o arranjo proposto para classificação de acervos museológicos à Coleção de Quadro de Formatura de acordo com especificações citadas anteriormente como exemplificado a seguir:

Quadro 5: Proposta de Esquema Classificatório à Coleção de Quadro de Formatura.

Nº. ORDEM	TERMO/TITULO	CLASSE	SUBCLASSE
001	Quadro de Formatura das Diplomadas do Curso de Obstetrícia - ano 1923/1924	Artes Visuais	Construção Artística
002	Quadro de Formatura dos Médicos - ano 1925	Artes Visuais	Construção Artística
003	Quadro de Formatura dos Doutorandos - ano 1927	Artes Visuais	Construção Artística
004	Quadro de Formatura dos Doutorandos - ano 1928	Artes Visuais	Construção Artística
005	Quadro de Formatura dos Médicos - ano 1930	Artes Visuais	Construção Artística
006	Quadro de Formatura dos Doutorandos - ano 1933	Artes Visuais	Construção Artística
007	Quadro de Formatura dos Farmacêuticos - ano 1933	Artes Visuais	Construção Artística

Nº. ORDEM	TERMO/TITULO	CLASSE	SUBCLASSE
008	Quadro de Formatura dos Médicos - ano 1934	Artes Visuais	Construção Artística
009	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1906	Artes Visuais	Construção Artística
010	Quadro de Formatura da Faculdade Livre - Direito - Pará - ano 1912	Artes Visuais	Construção Artística
011	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1925	Artes Visuais	Construção Artística
012	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1948	Artes Visuais	Construção Artística
013	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1950	Artes Visuais	Construção Artística
014	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1951	Artes Visuais	Construção Artística
015	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1954	Artes Visuais	Construção Artística
016	Quadro de Formatura dos Bacharelados - ano 1955	Artes Visuais	Construção Artística
017	Quadro de Formatura dos Bacharéis - ano 1958	Artes Visuais	Construção Artística

A partir do desdobramento do Quadro 5 que pospôs definir os termos/títulos à coleção assim como a classificação dos acervos museológicos, o que contribuiu para o desenvolvimento de uma proposta de ficha de arrolamento para o acervo.

Para o melhor entendimento desse processo, Renata Padilha (2014) explica que o arrolamento:

> É o ato por meio do qual se realiza a contagem de todos os objetos que fazem parte do museu, sendo criada uma lista numerada para controle e identificação geral do acervo museológico. Refere-se a um primeiro reconhecimento detalhado. Dessa forma, recomenda-se que o profissional numere provisoriamente a peça com o número de inventário e que faça isso a lápis ou com etiquetas em material neutro amarradas por um barbante ou cordão de algodão cru que envolva o objeto. Além disso, é imprescindível o registro em um livro ou caderno, especificamente para essa função, do que foi arrolado. Para essa atividade, o registro do número e do nome do objeto é suficiente para uma identificação inicial (PADILHA, 2014, p. 41).

Neste contexto, a construção da proposta de planilha de arrolamento que faz parte deste instrumento de pesquisa da proposta de documentação à referida coleção, permitiu estabelecer um quadro geral, compreendidos nos campos de ordem crescente, imagem, termo/título, autoria, data, dimensão, material técnico, estado de conservação e localização, conforme explicitado no Quadro 6 a seguir:

Quadro 6: Proposta de Planilha de Arrolamento à Coleção de Quadros de Formatura

ITEM	IMAGEM	TITULO	AUTORIA	DATA	DIMENSÃO	MATERIAL TÉCNICO	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
001		Diplomados do Curso de Obstetrícia	Manuel de Oliveira Pastana Photographia Fidanza	1923/ 1924	110x70 cm	Papel Canson e Tinta Guache; colagem de fotografia.	Regular	Reserva Técnica do MUFPA
002		Médicos de 1925	Manuel de Oliveira Pastana Photographia Fidanza	1925	100x70 cm	Papel Canson e Tinta Guache; colagem de fotografia.	Regular	Reserva Técnica do MUFPA

Fonte: PADILHA, 2014, p. 41.

Finalizando os estudos com a elaboração da Ficha Catalográfica, de acordo com Heloisa Barbuy (2008), essa ferramenta permite que o museu tenha reunido o máximo de informações individuais de cada objeto. Neste sentido, a autora explica que vai muito além da descrição da peça, isto é, as informações são tratadas de forma consistente a partir da documentação textual e icnográfica, as quais permitem o domínio preciso do objeto como cada parte que o compõe desde sua ornamentação até a sua função.

Dessa forma, de modo especial, promovem uma narrativa que possibilita apontar a relação de continuidade e interdependência entre as partes, quando não uma hierarquia simbólica que o objeto possa conter. Nesse caso, a elaboração das Fichas Catalográficas para

atender a demanda de 17 (dezessete) quadros referentes a etapa de processamento da documentação museológica.

Esta ação tem o objetivo de desenvolver uma pesquisa sobre o acervo, a partir de uma abordagem individual de cada objeto. As informações coletadas são sintetizadas, escritas e organizadas em cinco campos que compõem as etapas do arrolamento do acervo em cinco partes baseados nos estudos de Maria Inez Cândido (2006):

1ª parte – identificação do objeto: Os dados sistematizados nos campos desta parte da planilha contêm informações objetivas sobre a peça, permitindo sua leitura imediata, situando-a, de forma específica, dentro do universo do Acervo.

2ª parte – análise do objeto: O conteúdo desta parte da planilha, sistematizado em 03 (três) campos, contém informações históricas sobre a peça, obtidas a partir de pesquisas arquivísticas/bibliográficas e de sua análise formal.

3ª parte – conservação do objeto: Esta parte da planilha deve ser preenchida por um profissional especializado em conservação e restauração de bens culturais. Seus campos detalham informações sobre aspectos estruturais e formais da peça, relacionados à sua integridade e conservação: condições físicas, riscos potenciais, intervenções anteriores, recomendações técnicas, etc.

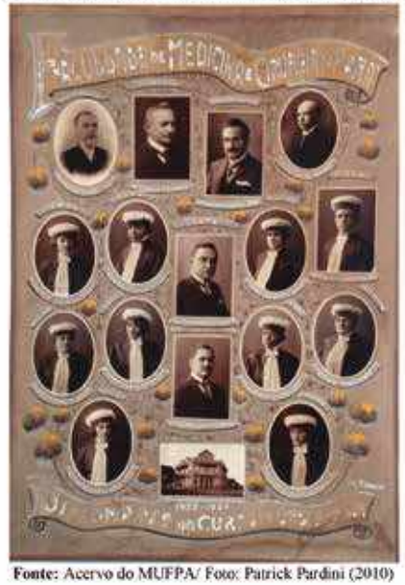
4ª parte – reprodução fotográfica: Registrar o número de arquivamento interno da imagem digitalizada, seguido do nome do autor e data da reprodução fotográfica do objeto.

5ª parte – dados de preenchimento: Registrar o nome do técnico responsável pela digitação da planilha, seguindo os mesmos procedimentos indicados no campo.

Conforme Cândido (2006) é relevante distinguir os modelos ou peculiaridades para obter os dados referentes às codificações acerca de cada objeto, especificando-se em informações intrínsecas (propriedades físicas do objeto) e as informações extrínsecas (dados de natureza documental e contextual). (MENSCH, 1987 apud FERREZ, 1994).

Sendo assim, o recorte do objeto de estudo para amostragem da aplicação dos processos de análise à ficha catalográfica foi utilizado o quadro exemplificado na Figura 1, conforme a seguir:

Figura 1: Quadro de Formatura das Diplomadas do Curso de Obstetrícia, 1923/1924



Fonte: Acervo do MUFPA/ Foto: Patrick Pardini (2010)

Essas informações ora pesquisadas a partir da análise da Figura 1 estão organizadas no Quadro 7, conforme a seguir:

Quadro 7: Proposta de Ficha Catalográfica à Coleção Quadro de Formatura.

FICHA CATALOGRÁFICA	
1. IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO	
1.1 Coleção: Quadros de Formaturas da Faculdade de Medicina do Pará	
1.2 Categoria de Acervo: Artes Visuais	
1.3 Código de Inventário:	
1.4 Número de Inventário Anterior:	
1.5 Tema: Quadro	
1.6 Classificação: Construção Artística	
1.7 Título: Diplomados do Curso de Obstetrícia	
1.8 Data: 1923/1924 **1.9 Data Atribuída:**	
1.10 Autoria: Manuel de Oliveira Pastana	
Photographia Fidanza	
1.11 Material Técnico: Papel Canson e Tinta Guache; colagem da fotografia	
1.12 Origem: Belém/PA **1.13 Procedência:** Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará **1.14 Data de Aquisição:**	
1.15 Modo de Aquisição: ☐Compra ■Transferência ☐Doação ☐Recolhimento ☐Permuta	
1.16 Marcas e Inscrições: Desenho de Pastana (assinatura do desenhista); Ph Fidanza (assinatura do atelier)	
1.17 Estado de Conservação: ☐Ótimo ☐Bom ■Regular ☐Péssimo	
1.18 Dimensões: **Altura:** 1,10 cm **Largura:** 70 cm	
1.19 Localização: ☐Sala Exposição Longa Duração ☐Sala Exposição Temporária ■Reserva Técnica ☐Outros.	
1.20 Descrição do Objeto: Quadro em formato retangular e sem moldura. Apresenta em primeiro plano doisestão fotografias preto e branco de mulheres e homens. Sendo quadrante superior de em linhas sobrepostas as imagens dos de homenageados nas laterais e no centro uma do diretor e a do governador. Logo abaixo destacas-se ao centro as imagens dos lentes e do uma externa de prédio da faculdade, ao lado estão as imagens dos formandos dispostos em movimento circular proporcionara a quantidade destes. A composição dessas se apresenta em distintos formatos (quadrados e circular) e tamanhos, posicionados a 3/4 de perfil. Trajando indumentárias tradicional (beca e capelo) os formandos e as demais personalidades terno e gravata preta e camisa branca. A disposição e organização das imagens no primeiro plano, pode sinalizar para uma intenção proposital ou não do alinhamento obedecendo a supostos esquemas geométricos. No segundo plano destaca-se envolta das imagens decoradas por folhas, em formato de vitrais pedras e estrelas. Nesse quadro, possui dois destaques, o primeiro na parte superior, em forma de faixa que se desenrola em uma frase: "FACULDADE DE MEDICINA E CIRUGIA DO PARÁ" e o segundo na parte inferior, em tais a descrive "Diplomadas do Curo de Obstetrícia" e a data: "1923-1924". **1.21 Observação:**	
2. ANÁLISE DO OBJETO	
2.1 Dados Históricos: O quadro de formatura datado do século XX, de autoria Manuel de Oliveira Pastana (1885-1984) era paraense, natural da cidade de Castanhal, pintou paisagens e retratos que lhe garantiram o reconhecimento da qualidade de seu trabalho junto aos seus contemporâneos. O atelier Photographia Fidanza reinaugurado em abril de 1906, novos proprietários da George Huebner e Liborio Amaral, permanecendo até o ano de 1919. Outro proprietário foi Henrique Schoenemberg nos anos de 1910 à 1919 e de 1922 à 1924. A sigla Fidanza transitou, além de em Belém, pelas cidades de Manaus e Recife, tornando-se uma marca da fotografia, mesmo após a morte Augusto Fidanza, seu nome permaneceu no cenário da produção fotográfica e na memória paraense, tanto que outros profissionais, ao adquirirem o seu ateliê, fez parte de nossa história até 1969. O quadro é composto por diversas personalidades, bem como retrato do Governador do Estado Dr. Antonio Souza Castro, dos homenageados: Dr. Barão de Anajás e Dr. Lauro Sodré, do Diretor Dr. Carmito Salgado dos Lentes: Dr. Orlando Lima e Dr. Agostinho Monteiro, do Fiscal: Lauro Sodré Filho. Na sequencia estão agrupadas as fotografias dos formandos: Genesilla Peruta Araujo, Angelina Ribeiro de Souza, Cecília de Carvalho e Maria Madalla da B. Conceição, do Estado do Pará; Alvia Dias de Oliveira, do Estado do Ceará, Maria da Costa Paraense, do Estado da Paraíyba; Mara Kaschner, da Alemanha; e Anna Marques da Silva, de Portugal. A disposição e organização das imagens, pode sinalizar para uma intenção proposital de alinhamento hierárquico social. **2.2 Características Iconográficas:** A fotografia do Palacete Santa Luzia, historicamente em 01 de janeiro de 1923 Carmito Salgado lançou uma grande campanha, visando obter doações para aquisição de um imóvel para sediar a Escola. A escolha recaiu sobre o Palacete Santa Luzia, que pertencia ao Sr. Adolph Kolb e que desde 1906 estava alugado para o Governo do Estado, para o funcionamento do Grupo Escolar "Wenceslau Brás". A oportunidade era boa, visto que o Governo estadual começara a perder o interesse no prédio, considerado inadequado para o funcionamento de um grupo escolar, e o preço dos imóveis estava em baixa com a crise da borracha. Em 01 de abril de 1924 transferiu-se efetivamente para o Largo de Santa Luzia. **2.3 Características Estilísticas:** Aquarela com composição de folhas e imitação de vitrais no formato de pedraria e estrelas. **2.4 Características Técnicas:** Técnica mista em nanquim e Aquarela e desenho e colagem de fotografia.
3. CONSERVAÇÃO DO OBJETO
3.1 Diagnostico: a peça possui superas adendas, manchas de umidade, apresenta desprendimento de policromia e tinta, fissuras e rasgos nas laterais.
3.2 Intervenções Anteriores: não possui registro
3.3 Recomendações: A peça necessita de higienização e pequenas intervenções, as quais devem ser realizadas por um profissional especializado, capaz de interromper seu processo degradativo a fim de consolidar sua estrutura física valorizando suas características formais.
4. PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA
4.1 Controle: _DSC0005
4.2 Fotografia: Patrick Pardini **Data:** 19/06/2016
5. DADOS DE PREENCHIMENTO
5.1 Preenchimento: Sandra Rosa **Data:** 15/02/2016
5.2 Revisão: Rosangela Britto **Data:** 15/02/2016
5.3 Digitalização: Sandra Rosa **Data:** 15/02/2016

Fonte: Baseado no Modelo de Cândido (2006).

Maria Inez Cândido (2006), enfatiza que a diferença entre as informações intrínsecas está relacionada à descrição e análise das propriedades físicas das peças (discurso dos objetos/documentos) enquanto as informações extrínsecas estão associadas a natureza documental e contextual (discurso sobre os objetos/documentos), expandindo o entendimento sobre esses campos de preenchimento a partir das definições atribuídas a cada dado a ser registrado.

Considerações Finais

A análise dos quadros de formatura da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará de Direito, produzidos pelos desenhistas Manoel Pastana, Antonieta Santos Feio, Ernesto Lohse, L. Prazeres, A. Souza, Germano Souza, Lotzes e L. X. Falcão e fotografias dos ateliers Photographia Fidanza, Oliveira Pará, Phot Allema Pará e Photo Stúdio proporcionaram uma constatação de elos harmoniosos: de um lado, a fotográfica e a arte pictórica; do outro, a ostentação por meio de elaborados quadros de formatura da renomada faculdade em relação à sociedade paraense no cenário educacional nacional.

Trata-se de uma coleção de construção artística que pertencem à coleção de objetos do acervo do Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA) que compõem a cultura material da instituição. Sua materialidade transcende a presença física, pois fizeram e fazem parte da história da Faculdade de Medicina e Direito e as relações com seus professores e alunos que, em contato com eles, de alguma maneira deram sentido mútuo às suas existências no universo acadêmico.

Registro e testemunhos de um momento de celebração, reconhecimento e consolidação, os quadros de formatura guardam em suas molduras, recortes de uma instituição pulsante de saberes e práticas vividas, sentidas e reproduzidas na sociedade acadêmica (COELHO JUNIOR, 2015).

3° sebra mus

Referências Bibliográficas

ANTEPROJETO para **Criação do Museu Histórico e Artístico**. Belém: UFPA, 1981. 59p.

ANTEPROJETO para **Implantação do Museu da Universidade na Residência do Ex-governador Augusto Montenegro**. Belém: UFPA, 1981. 7p.

BRITTO, Rosangela Marques de. **Os usos do espaço urbano das ruas e do patrimônio cultural musealizado na "esquina" da "Jose Malcher" com a "Generalíssimo": itinerários de uma antropóloga com uma rede de interlocutores no Bairro de Nazaré (Belém-PA)**. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

BARBUY, Heloisa. **Documentação museológica e a pesquisa em museus**. In: GRANATO, Marcus, et al. Documentação em museus/Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Rio de Janeiro: MAST, 2008. (MAST Colloquia; 10).

CÂNDIDO, Maria Inez. **"Documentação Museológica". Caderno de Diretrizes Museológicas**. 2ª edição. Rio de Janeiro, IPHAN, p.33-92, 2006.

COELHO JUNIOR, Nelson Maurílio. **O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura**. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 122 – 151, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/19847238163020 15122>. Acesso em: 16 out. 2015.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena Santos. ***Thesaurus* para acervos museológicos**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1987.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática**. In: CADERNOS de ensaios, nº 2. Estudos de museologia. Rio de Janeiro, Minc/ Iphan, p. 64- 67, 1994.

INVENTÁRIO do Acervo de Artes Plásticas do Museu da UFPA. **Levantamento do acervo de pinturas desenhos, gravuras, esculturas, fotografias e objetos, num total de 831 peças, julho de 2011**. Belém: MUFPA, 1984. [assinado pela direção e três técnicos, documento registrado em cartório].

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Coleção de Estudos Museológicos. Vol. 2, FCC Edições, Florianópolis, p. 14-24, 2014.

8.4 – Ancorando quadros de formatura na história institucional, por Flavia Obino Corrêa Werle

Originalmente publicado em:

WERLE, Flavia Obino Corrêa. Ancorando quadros de formatura na história institucional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu. Anais [...]. Caxambu: ANPED, 2006. Disponível em:< http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt-02-322-int_ok.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2019.

ANCORANDO QUADROS DE FORMATURA NA HISTÓRIA INSTITUCIONAL

WERLE, Flávia Obino Corrêa – UNISINOS
GT: História da Educação / n.02
Agência Financiadora: CNPq

> O universo fotográfico está em constante flutuação e uma fotografia é constantemente substituída por outra. Aparecem semanalmente novos cartazes sobre os muros, novas fotografias publicitárias nas vitrines, novos jornais ilustrados, diariamente nas bancas. Não é a 'determinadas' fotografias que estamos habituados. Trata-se de um novo hábito: o universo fotográfico habitua-nos ao 'progresso'. Já não nos apercebemos dele. Se, de repente, os mesmos jornais aparecessem diariamente nas nossas salas ou os mesmos cartazes semanalmente sobre os muros, aí, sim, ficaríamos comovidos. (FLUSSER, 1998, p. 82)

Flusser ressalta a evidência da fotografia no nosso cotidiano e sua posição efêmera, substituível e ao mesmo tempo profusa no mundo atual. A fotografia digital amplia esta característica de constante presença que associa a substituição, a produção e a multiplicidade de imagens com dinâmica e com progresso. Faz parte da ecologia da sociedade atual a abundância imagética e, quanto mais imagens são produzidas, menos importantes cada uma delas se torna. Pela saturação produz-se a descartabilidade. Deletar uma fotografia digital não tem sequer o impacto de *lançar um documento ao fogo ou ao lixo*. A multiplicidade de fotografias não datadas, desordenadas, indica documentos efêmeros tanto para seus autores como para os fotografados.A imagem digital questiona e tende a posicionar a fotografia e o álbum fotográfico tradicional (com fotos coladas numa cartolina, sustentadas por cantoneiras de papel, ou introduzidas em plástico transparente) para o âmbito do superado, do fora de uso.

Cercados pela fotografia, pela imagem e pelo mundo digital em nossa vida pessoal, nas relações sociais e institucionais, percebemos, mais facilmente, a sua banalização como documento.

Flusser (1998) VÊ duas revoluções fundamentais na estrutura cultural, uma decorrente da *invenção da escrita linear* e outra a da *invenção das imagens técnicas*. Este texto inicia nas cercanias da segunda revolução, analisando o impacto da invenção/apropriação das imagens fotográficas e sua composição em cenas/quadro que se congelam e mantém nas instituições escolares, contribuindo para a representação e identidade institucional.

Hoje as fotografias não têm mais a função de representar; funcionam como biombos que mascaram o mundo, uma forma de alucinação, uma nova idolatria, as pessoas passam a viver em função das imagens. Não é incomum acompanharmos, nos dias de hoje, formaturas nas quais, durante o evento, os formandos têm que reter a marcha, entre a

cadeira e a mesa oficial frente a qual diplomam-se, para serem fotografados, interrompendo a fluidez da caminhada, do estar e viver o evento.

A reflexão deste texto inicia por um momento histórico anterior (inicio do século XX), em que a fotografia em quadros de formatura era tratada como ação consciente de cristalização da história institucional escolar, acontecimento ao mesmo tempo único e modelar, congelamento de fatos no tempo, mantida como importante presença na materialidade institucional. Com o progresso técnico, a fotografia se aproxima da documentação ordinária sendo descartável entretanto, neste trabalho, a mesma é discutida, como documento inusual, preservando momentos únicos.

Sendo os quadros e álbuns de formatura polissêmicos e ambíguos, a escrita deste texto indica sentidos que os mesmos podem tomar frente às instituições escolares, procedendo à sua ancoragem (PENN, 2002, p. 322) no contexto. Ancoragem[1] implica contextualização da imagem, atribuição e detalhamento de significados e é isso que realizamos, dando-as a ver, não lhes atribuindo um estatuto menor ou considerando-as como fontes acessórias mas, com capacidade de contribuir para configurar a cultura e descrever subjacentes lógicas institucionais.

> O poder das imagens não reside num valor qualquer que as caracterize a priori (estético, mimético, etc.), mas antes no valor das interpretações a que está sujeita em diferentes momentos por diferentes observadores (PAULO, 1998, p. 126).

Instituições reafirmam-se em quadros

A História das Instituições Escolares é entendida com base em Werle (2004), como uma representação da escola expressa sob a forma de síntese narrativa construída a partir da análise de documentos. As fontes para a realização da história de instituições escolares são de variados tipos, registros que podem ser utilizados como indícios de tal história (SAVIANI, 2004). Discutimos a história institucional a partir dos quadros que agrupam fotografias de várias pessoas que marcaram, em conjunto, a vida da escola. Os quadros de formatura e os álbuns de fotografias serão discutidos como representações de momentos da história institucional e como *monumentos* que atestam seu projeto formativo: a conclusão do curso em sua solenidade de formatura. Esta, a ancoragem a que nos referimos no titulo.

---

1 "o ato de pôr em relação grandezas semióticas pertencentes quer a duas semióticas diferentes (a imagem publicitária e a legenda, o quadro e seu nome), quer a duas instâncias discursivas distintas (texto e título): a ancoragem produz o efeito de transformar uma das grandezas em referência contextual, permitindo, assim, desambigüizar a outra" (GREIMAS, COURTÉS, 1979, p. 21).

A formatura é uma prática ritualizada que expressa a cultura escolar institucionalizada. Como símbolos rituais os quadros de formatura situam-se numa abordagem de história da cultura de instituições escolares. Os símbolos rituais são um instrumental que possibilita modelar a realidade, instrumentos mediadores com sentido subjacente ou de teor subjetivo e que articulam as dimensões normativa e afetiva, podendo "*condensar a representação de muitas coisas através de uma única formulação, de unificar significados discrepantes e polarizar significados ...*" (Turner, apud MCLAREN, 1991, p. 33). Os símbolos integram significados e têm o poder de estruturar a imaginação (Baum, apud MCLAREN, 1991, p. 33).

A abordagem cultural das instituições escolares considera-as como coletividades sociais nas quais as pessoas desenvolvem padrões ritualizados de comunicação (Kreps, apud GONZÁLEZ, 1989, p. 107), são construções sociais únicas pelo partilhar de símbolos, significados, crenças e valores em comum. Tal perspectiva cultural identifica regras e convenções de condutas que formatam processos sociais, o que os torna inteligíveis para as pessoas que constituem a organização e para o mundo exterior.

Uma formatura é um importante momento no funcionamento das instituições escolares, destacada referência por comprovar os atos pedagógicos de sucesso processados em seu interior. Ela é o momento final de um processo de formação, significando uma graduação, um avanço reconhecido publicamente na escala de escolaridade, que diferencia os que a obtiveram das demais pessoas e que, no caso de cursos de formação profissional, marca uma prerrogativa de trabalho.

A conclusão de uma etapa de formação comemorada como formatura é um evento.

> Uma festa se caracteriza sempre, em primeiro lugar, pelo prazer, pela alegria e pela expansão dos sentimentos que nela tem lugar. E sentimentos não são categorias racionalizáveis, de contornos claros e definidos. O campo das emoções e dos afetos, essencial ao mundo festivo, é, por isso mesmo, difícil de delimitar e de abordar (CHAMON, 2002, p. 17)

Diversos elementos compõem a ritualidade da conclusão de curso, articulados a *status* social, condições econômicas das famílias e importância da escola em que o curso foi realizado e do título obtido. São objetos e relações variadas: anéis, solenidades festivas em auditórios com convidados, discursos (CUNHA, 2002; NASCIMENTO, DANIEL, 2002), paraninfos, bailes, missas de ação de graças, roupas especiais – smooking, toga e beca -, homenageados, fotografias, presentes, flores, diplomas, dentre outros tantos aparatos e símbolos que compõem o ato de conclusão de um curso e sua comemoração ritual.

> A formatura escolar é um dos rituais de iniciação ainda exercidos com certa pompa e monumentalidade nas sociedades ocidentais; são mesmo momentos especiais, construídos pelas sociedades e, via de regra, regulados pelas instituições que as promovem. Envolvem solenidades com rituais específicos de celebração: convites impressos, ofícios religiosos, cerimônia de colação de grau/entrega do diploma – onde são proferidos os discursos (CUNHA, 2002, p. 79).

Os quadros[2] que aqui discutiremos têm uma característica marcante: são referidos a escolas, guardam a individualidade das pessoas fotografadas e mantém claro o significado de grupo. Não são uma foto de várias pessoas. Há uma articulação de grupo pelo enquadramento, a moldura.

Material empírico: origens e quantitativo

Os 47 quadros de formatura analisados neste texto, originários de dois colégios[3] masculinos e duas escolas femininas. Os quadros de formatura abrangem o período de 1909 a 2001. Há um quadro de formandos de 2001 – Colégio Sévigné – que foge das características aqui analisadas pois apresenta fotografias de grupo e não individualizadas dos formandos, por isto não o incluiremos nessa análise.

Analisamos todos os dados de cada um dos quadros organizando tabelas, identificando-os por escola, data, lema, curso, demais mensagens escritas, além de forma, moldura e suporte (alguns quadros existem apenas sob a forma de fotografias).

São também material empírico deste estudo 3 álbuns de fotografias de ex-alunas posteriormente descritos. Foram analisados também 4 *Livros de formatura* dos anos 1998 e 99, 2000 e 2001, do Colégio Anchieta.

---

2 Encontramos também a referência a tais quadros (na composição semelhantes aos de formatura) no registro da história de outros tipos de organização - Associações Culturais e Desportivas (EGGERS, 1998, p. 3, 16) – e, quadros de formatura como elemento biográfico (SCHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 1984, p. 25).

3 No Rio Grande do Sul, as ordens religiosas chegaram na segunda metade do século XIX. A Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, em 1876, e a Congregação das Irmãs de São José, em 1898 (VENTURIN, 2001, p.44). Era um momento de desenvolvimento econômico e de disputa do espaço educativo aquele em que se instalam colégios religiosos na região. Caracterizamos nesta nota, brevemente, os colégios onde coletamos a maior parte dos dados discutidos neste artigo. A coleta de dados de quadros e álbuns de formatura, entretanto, é bem mais ampla abrangendo instituições de ensino industrial, de ensino superior e de outros estados. Esta variedade de materiais possibilita comparações importantes. O Colégio São José, situado em São Leopoldo, mantido pelas Irmãs Franciscanas da Penitência e da Caridade Cristã, foi fundado em 1872, tendo sido o primeiro colégio feminino mantido por congregação religiosa no Rio Grande do Sul. O Colégio Sévigné, da Congregação das Irmãs de São José, foi fundado em 1900, em Porto Alegre. O Colégio Anchieta, mantido pelos padres jesuítas, foi fundado em 1890, situa-se em Porto Alegre. A Escola Normal Rural La Salle, masculina, mantida pelos Irmãos Lassalistas, situa-se em Cerro Largo, interior do estado; o curso normal rural funcionou entre 1941 e 1972. Este texto é um produto de um projeto de pesquisa mais abrangente, por isto as referências a entrevistas ao longo do texto.

O suporte dos Quadros

Os quadros de formatura não são apenas fotografias de um conjunto de formandos, mas são *fotografias de um grupo de alunas(os),* concluintes de um curso, *identificados individualmente,* compostas artisticamente em fundos e molduras decoradas, organizados numa totalidade – o quadro - referidas ao momento histórico e às propostas da escola, tendo como finalidade colocar-se como conjunto articulado, em exposição, nas dependências da escola.

As fotografias em suas propriedades – papel plano, em preto e branco – nas quais as pessoas fotografadas – alunos, homenageados, paraninfo – são representados em face e busto, homogeneizados pela iluminação, dimensão, formato – geralmente ovais - pela vestimenta e pela posição, são articuladas, superando a redução aos indivíduos representados em cada uma delas isoladamente, rearticuladas num todo: o quadro de formatura. Tais quadros (início do século XX) são peças grandes - alguns com dois metros de altura -, agregando fotografias sustentadas em madeira pintada ou esculpida em relevo. Quando feitos em madeira pintada – sem esculturas em alto relevo, os mais antigos – portam grossas molduras de madeira esculpida e as pinturas empregam o preto, o branco e variados tons de cinza (Anchieta, 1909) ou coloridos pastel (Sévigné, 1928). Quando feitos de variados tipos de madeira, exploram esteticamente, texturas e tons de espécies diferentes. A ausência de elementos policromáticos não reduz a beleza das peças.

Raramente há um leve colorido nas esculturas em relevo, em especial, nos que representam escudos, bandeiras e emblemas nacionais ou do RGS (São José, 1935 e 1941; Sévigné, 1942). Há quadros com adereços em bronze, em geral letras e algumas imagens.

Não apenas esculturas, mas dizeres compõem a estética dos quadros de formatura. Os elementos escritos são identificadores da instituição escolar, da cidade em que a escola se situa, do ano de conclusão e sempre trazem o nome completo dos alunos, a cidade de origem, bem como dos professores homenageados e paraninfo, ancorando as imagens no social, no institucional, no tempo e no espaço.

Quadros como referência

> Um quadro tradicional é um *original*: único e não multiplicável. Para distribuir quadros é preciso transportá-los de proprietário a proprietário. Os quadros devem ser *apropriados* para serem distribuídos: comprados, roubados, oferecidos. São objetos que têm valor enquanto objetos (FLUSSER, 1998, p. 67)

Embora o autor estivesse referindo a quadros como pinturas, interessa, neste momento, a referência a quadros de formatura como objetos, ou seja, os focalizamos como um traço da instituição, das pessoas, de projetos e temporalidades.

Há quatro características que identificam um quadro: uma *peça apreciável*, um *adorno*, algo *digno de tornar-se visível* e ainda, um quadro denota uma *unidade*. Um quadro proporciona uma visão *apreciável*. Não se expõe qualquer objeto, nem o que é tido como não estético. Mostra-se o que é digno de ser visto, o que causa admiração, o que é apreciável.

Por outro lado, um quadro é também um *adorno* do ambiente, agregando beleza, distinção ao espaço. Uma pintura, uma imagem torna-se um quadro por ser decorativo no espaço em que é colocado, por causar impressão de tranqüilidade, harmonia no ambiente que ajuda a compor.

Um quadro também dá *visibilidade* à obra e seu autor, perdendo as características anteriores se escondido, não exposto à apreciação. Uma aquarela feita sobre papel, se montada em uma moldura torna-se um quadro e adquire dignidade. O quadro a apresenta como imagem e como autoria, dando visibilidade não apenas ao que está desenhado mas a quem o idealizou e compôs. Sendo com fotografias, um quadro dá a ver as pessoas fotografadas.

Um quadro de um casal de noivos torna visível a pessoa de ambos, o ambiente da foto e o casamento como um acontecimento. Mesmo expondo muitos elementos, um quadro é uma *unidade* e, com isto, traz uma mensagem. Da mesma forma, os quadros de formatura dão visibilidade às pessoas que passaram pela escola e ao acontecimento de sua formatura, adornam os corredores da escola e são uma peça apreciável, digna de ser guardada. Eles são um objeto cultural que tem uma intenção determinada: celebrar um fato notável, não cotidiano – a conclusão de um curso -, festejado como uma solenidade – a formatura marcada com vestes não usuais, postura estudada -, importante de ser lembrada.

Homens e mulheres: representando hierarquias, evidências e zonas de sombra

Os quadros de formatura hierarquizam. Alunos são homogeneizados em roupas, cabelos e poses, bem como na regularidade com que as fotos são distribuídas no conjunto do quadro. Em separado, e em fotos de maiores dimensões do que as dos alunos, estão homenageados e paraninfo, figuras ilustres, por isto, maiores, distintas e articuladas, como

grupo, em espaço diferente do de alunos. Esta segmentação destaca-os como admiráveis, ilustres, notáveis. Entre estes não se registra a mesma regularidade que a observada entre os alunos, nem em roupas, cabelos, expressões e posições.

Nos colégios masculinos os homenageados eram, muito comumente, religiosos e tanto seus retratos como o do diretor do estabelecimento, também religioso, figuravam nos quadros. Há casos, em colégio masculino, de homenagem póstuma a um professor da escola registrada no quadro, não apenas referida, em dizeres, mas incluindo a fotografia do falecido. Não há mulheres paraninfando turmas de formandos, ou seja, o lugar de patrono ou protetor de turma estava, na época, reservado a homens. Dentre paraninfos encontram-se o Diretor de Instrução Pública, Prefeito Municipal, embaixador, não sendo usual que professor da escola ocupasse essa posição. Os quadros da Escola Normal Rural La Salle trazem, a imagem do prédio da escola e, como exceção, um dos paraninfos era professor da escola. Na linha do excepcional, no Colégio Sévigné, também um professor figura como paraninfo.

Em colégios masculinos não há professoras mulheres homenageadas, apenas professores homens, religiosos ou leigos. Nestes casos os quadros de formatura reafirmam a exclusividade masculina: homens educando meninos e jovens e, os quadros como objetos que resguardam essa identidade. Entretanto, em nenhum dos quadros de escolas femininas há apenas fotografias de mulheres. Nesses há sempre um ou alguns homens como paraninfos ou homenageados. Não é incomum que, dentre os homenageados esteja uma imagem religiosa (Nossa Senhora Aparecida, Colégios Sévigné e São José, 1942). Os quadros do Colégio São José não mencionam a direção da escola e nem professoras religiosas figuram como homenageadas pois a congregação não permitia que as irmãs fossem fotografadas. Entrevistas com ex-alunas entretanto, referem relações de amizade e atenção de parte das religiosas para com as alunas. Nas entrevistas é evidente a presença marcante das religiosas as quais são referidas afetivamente e não os homenageados. Este detalhe sugere que os quadros que aqui estamos discutindo pertencem ao campo das memórias institucionais referidas a atos formais de um estabelecimento de ensino.

Os quadros Colégio Sévigné, trazem fotos de religiosas de hábito, tanto na posição de diretora como na condição de homenageadas.

Quadro de formatura: exposto ao publico ou uma fotografia

Os quadros de formatura nas instituições estudadas estão, na dimensão de *monumento*, desigualmente tratados. Na época em que foram construídos eram expostos em salas de visitas, em salões reservados para solenidades, em corredores. Hoje, expostos, existem poucos, embora algumas instituições os mantenham em corredores e áreas de circulação e assim asseguram sua funcionalidade de quadro. Outras, os conservam mas já não há atualmente espaço para eles serem admirados cotidianamente. Outras já os eliminaram não apenas da possibilidade de contemplação, mas os destruíram, deles guardando fotografias.

Ora, os quadros agenciam alunos em turmas e, quando expostos, indicam o agenciamento das turmas na instituição; os corredores, articulam, põem lado a lado várias turmas. Do conjunto de quadros pode-se, também inferir o fluxo de alunos da escola.

Os quadros de formatura, quando expostos, permitem aos ex-alunos da escola e às personalidades – homenageados, paraninfos -, se visitarem e contemplarem a si mesmos nos quadros, seja como figuras celebradas por tal ou qual turma, seja como formando(a), o que propicia a retomada da história pessoal no encontro com a história e o espaço institucional. Tais quadros e sua exposição pública explicitam redes de relacionamento pessoal e a importância institucional.

Quadros de formatura como *monumento*

Sendo o *monumento* (LE GOFF,1990, p.535) é uma obra comemorativa ou uma recordação importante a ser perpetuada, os quadros de formatura assumem estas duas dimensões. *Comemoram* a formatura, o alcance e conclusão de um projeto de formação, muitas vezes coincidente com a passagem para uma outra etapa da vida – entrada no mundo profissional, no ensino superior, abandono do internato ou do colégio que, mesmo freqüentado em meio turno, constituiu cenário da meninice e adolescência, parte do cotidiano e das memórias de aluno.

Por outro lado, os quadros de formatura *perpetuam* o grupo que se desfez com a conclusão do curso, mantém a presença do mesmo na instituição escolar, recordam a festividade de formatura pelo conjunto de atores que agrega, pelos trajes com que foram fotografados, pelas autoridades que legitimaram o momento e que também foram perpetuadas no quadro. Mantendo a memória do grupo, constituem uma *forma específica do mesmo estar e*

apropriar-se da instituição escolar. Fixam uma imagem positiva – o sucesso da conclusão do curso, o processo de formação, a educação recebida na escola – cristalizando o percurso da turma na escola. São alunos aprovados que configuram os quadros de formatura pois, entre eles, não há repetentes, nem reprovados.

A esta dimensão designo de *dimensão pessoal/grupal de sucesso,* pela qual os quadros de formatura atestam a performance acadêmica de cada aluno e da turma de colegas. Os alunos que obtiveram êxito, estão no quadro e, por meio dele reafirmam-se como pessoas de sucesso, permanecem na escola, apropriando-se do prédio, fixados em suas paredes, corredores e salas, relembrando à instituição que por ela passaram. Por meio desta dimensão os quadros de formatura transmitem a mensagem de que tais alunos marcaram a escola, tanto que nela permanecem afixados e expostos, mesmo estando dela ausentes.

Os quadros de formatura assinalam um *ato pedagógico* e formativo anterior, sendo também um atestado,, para a sociedade, para as novas gerações e para os que permanecem na escola, o sucesso do empreendimento formativo da instituição, pelo menos junto aos grupos expostos nos diferentes quadros. Esta é outra dimensão, a *dimensão institucional de sucesso.* Assim os quadros de formatura são um indício e um testemunho indelével, da ação institucional e da missão educativa alcançada. Atuam também como exemplo pois fixam uma imagem (sucesso, completude na formação) e, constantemente expostos, instam aos seus apreciadores a também alcançarem seus objetivos. O figurativo dos quadros e o lema que muitos deles portam, atualizam a missão institucional e os compromissos históricos a que o estabelecimento respondeu ao longo do tempo. Refiro-me à presença de marcas de religiosidade e de civismo presentes nos quadros de formatura.

Como *monumento* os quadros de formatura são um sinal do passado.

> O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. (LE GOFF, 1990, p. 536)

Os quadros de formatura operavam, pela exposição no ambiente escolar, como *monumento* para a memória coletiva. Nos momentos de festa escolar ou por ocasião das formaturas, quando os pais e familiares entravam na escola, os convidados usualmente, ao visitar o prédio apreciavam os quadros de turmas anteriores (detalhe obtido em entrevista). Portanto, *os quadros de formatura são monumentos que comemoram a conclusão do curso, perpetuam a memória do acontecimento e do grupo, são uma forma especifica do mesmo*

grupo estar e apropriar-se da instituição escolar - dimensão pessoal/grupal de sucesso –, proclamam a presença institucional na memória coletiva e o sucesso da escola no alcance de seus objetivos e missão pedagógica -, dimensão institucional de sucesso. Assim, os quadros de formatura têm um significado social afirmativo para a escola e para o grupo de alunos formados. Ter sua fotografia incluída num quadro de formatura reafirma o capital cultural adquirido, o processo de formação vinculado à esta instituição, e não a qualquer outra, e o alcance dos objetivos propostos. Não há como negar, se figurante de um quadro de formatura, a filiação institucional.

Por outro lado, estar incluido num quadro de formatura e ter sua fotografia exposta nos corredores da escola é ter um atestado de que foi e é aceito neste estabelecimento de ensino e por ele está amparado e protegido. A identidade aluno/instituição é reforçada no quadro exposto nos corredores da escola. A notoriedade dos nomes dos alunos, do paraninfo e professores homenageados, a variedade de lugares de onde os alunos são naturais, confirmam a importância institucional e a abrangência de sua ação formativa, indicando em quantas cidades ela é conhecida.

Assim os quadros de formatura favorecem a que pessoas de várias gerações e com diferentes papéis introjetem a importância da instituição.

Quadros de formatura: comparações com outros documentos de registro da vida escolar

O quadro de formatura não pode ser reduzido às fotos isoladamente, nem a um álbum de fotografias em si.

Da mesma forma, os quadros de formatura não se reduzem à *ata de notas* ou a quaisquer outros documentos institucionais que registrem a conclusão de curso. Atas fazem parte da história institucional e dos documentos que, na escola, reafirmam a formação e a vida acadêmica dos(as) alunos(as). Entretanto, a ata de conclusão de curso registra o aproveitamento obtido, sem vinculá-lo à fisionomia de cada aluno(a), ou ao seu local de residência/nascimento; poder-se-ia dizer que são mais burocráticas e eficientes, menos estéticas e aristocráticas que os quadros de formatura, embora também a representem.

Os quadros têm maior poder simbólico do que as atas de registro de notas. As origens de cada aluno(a) são marcadamente enunciadas nos quadros pois cada um(uma)

tem nele pronunciado seu nome completo e o lugar de onde é natural – proveniência local e social.

As atas não expõem para a escola e para a sociedade, com imponência e beleza a conclusão do curso, a envergadura do ato final de encerramento da formação escolar e os testemunhos de autoridades e homenageados que presenciaram o evento de conclusão do curso, a notabilidade da pessoa escolhida como patrono, protetor ou paraninfo da turma. Tudo isso, entretanto, permanece articulado no quadro de formatura.

Um *diploma* também atesta a conclusão de curso, mas é um documento eminentemente individual, bidimensional e sem a possibilidade de ser exposto na instituição escolar que o outorgou. Se exposto em quadro, não traz a vinculação ao grupo de colegas nem aos homenageados e paraninfo. Como um documento em papel tem dimensões muito mais reduzidas que o quadro de formatura, embora muitos diplomas tenham ornatos que lembrem os utilizados nos quadros de formatura (livro, mapa mundi, por exemplo) e o texto do diploma indique de onde o diplomado é natural.

Os quadros de formatura, ao contrário, configuram para a memória coletiva a formatura e seu contexto de participantes e papéis.

Quadros de formatura: contextualização de valores da época

Além dos quadros noticiarem a formatura e esclarecerem participantes e papéis, segmentando autoridades de alunos e tornando a estes iguais, a moldura que enquadra as fotografias constituem cenas, denotando ora civismo e ora religiosidade, não sendo incomum que, num único quadro, figurem, integrados, estes dois elementos (Colégios Sévigné e São José, 1942).

Pode-se supor que o significado das molduras, entretanto, supere o do quadro em si. Em dois colégios há preservadas apenas parte de quadros, casos em que as imagens esculpidas eram de tanto impacto e significação para o estabelecimento que, mesmo destruído o quadro na parte que estruturava as fotografias, a escola mantém a parte esculpida. É o caso de um São José com o Menino, no Colégio Sévigné, patrono da congregação, e uma imagem do Padre José de Anchieta na barca, no Colégio Anchieta.

Muito comumente os quadros são decorados com esculturas que lembram instrumentos de estudo e leitura – mapa mundi, esquadro, pergaminho, compasso, livros -, elementos cívicos – bandeira do RGS e do Brasil, escudo nacional, escudo rio-grandense,

escudos, pira da pátria – e religiosos – imagem de santos, Nossa Senhora e Cristo. Chama a atenção o quadro de 1944 do Colégio São José de São Leopoldo composto por uma figura humana de aparência a um só tempo cívica e religiosa, com veste longa e coroa de louros na cabeça, em cujo braço esquerdo, erguido para o lado, deixa ver um grande escudo em cujo interior está o mapa do Brasil no qual estão implantadas as fotografias de homenageados e formandas. Em especial o convite de formatura desta turma mantém o mesmo desenho do quadro, deixando ver o escudo com nitidez. Por outro lado, a imagem do santinho, lembrança da missa de formatura, lembra também a figura esculpida no quadro. Tal como no quadro de formatura, o nome completo de cada formanda estava registrado no verso do santinho.

Um só quadro é decorado flores, muitos são enfeitados com detalhes de folhas de louro. Não os há também com paisagens e com animais. Os quadros de colégios masculinos são mais austeros, menos figurativos em seu conjunto que o de escolas femininas. Foge deste padrão o quadro de formatura do Colégio Anchieta do ano de 1909 no qual há uma mulher sentada de lado, com vestido longo e ombros de fora. Entretanto, de maneira geral, poderíamos dizer que estes quadros, independente do estabelecimento de ensino, apresentam uma aparência ordenada, sóbria e coerente.

Vestimentas

Identifica-se como elementos contextualizadores, ao lado da moldura e suas esculturas, os lemas inscritos nos quadros e a indumentária dos fotografados.

Nos quadros de colégios femininos, as formandas estão sempre de chapéu, o que não se verifica nos formandos de escolas masculinas, os quais vestem paletó e gravata, no mais das vezes gravata-borboleta, mas não trazem a cabeça coberta. As fotos de professores homenageados e paraninfos não mantém um único padrão como as dos formandos(as) que olham para um mesmo lugar, inclinam a cabeça uniformemente e transmitem, em seu conjunto, um significado de alinhamento disciplinado.

Lemas

Um lema é um preceito escrito, figurando no dicionário também como um emblema ou divisa, uma sentença. Os lemas dos quadros de formatura são breves afirmativas escritas em latim ou português, breves mas marcantes em significado e, possivelmente recordáveis por serem diminutos.

Os lemas de colégios masculinos são, na maioria dos casos, em latim. Há cinco focos temáticos que predominam nos lemas dos quadros de formatura analisados neste trabalho: religião, ascese, sucesso, civismo e ciência. Ascese é uma idéia que se estabelece na relação com sucesso e religião.

Os lemas compunham, com as esculturas dos quadros, um contexto simbólico modelar para os(as) formandos(as), alinhados com as propostas formativas da instituição. Por outro lado, pela perspectiva de inspirador de futuro e da vida profissional, os lemas comprometiam os diplomados não apenas no momento da formatura, mas, enquanto o quadro se mantivesse exposto na escola, ele estava a relembrar o compromisso assumido no momento da diplomação. Ou seja, um lema como inspirador, impõe demonstração na vida prática. Um lema inscrito num quadro de formatura, sempre exposto à vista, tem um impacto mais permanente, como que relembrando seu conteúdo constantemente. Ao invés, um lema escrito num convite de formatura seu impacto se faz enquanto tal convite circula entre as pessoas e está à mão do formando. Quando se torna lembrança guardada, pode-se supor que perca seu impacto operativo.

De quadros de formatura a álbuns de fotografia: dissociando o grupo de formandos da instituição, multiplicando o quadro agora transformado em álbum, para consumo privado

Os quadros de formatura foram tão marcantes que sua estrutura permaneceu nos primeiros álbuns de fotografias das escolas estudadas e de outras na época.

Comparativamente, um álbum é uma redução se comparado a um quadro de formatura, apresentando, como vantagem, a acessibilidade não considerada de um ponto de vista institucional, mas privado, bem como pela mobilidade. É uma redução na dimensão, na característica de exposição e no significado de memória escolar. Se os quadros eram a memória institucional exposta nas paredes da escola, quase um relatório anual do cumprimento do papel social da escola, os álbuns, pelo menos os primeiros, afiguram-se como a memória da escola espalhada com as pessoas.

As páginas do álbum, mantendo uma decoração padrão do início ao fim, reduzem e reorganizam, no papel, todos os elementos que os quadros apresentavam. Este é o caso do álbum das bacharelandas de 1936 do Colégio Sévigné que segue a mesma lógica e

seqüência de destaque e hierarquização de homenageados e paraninfos aos quais se seguem as fotos das diplomadas, em tamanho menor e ainda padronizadas. Cada folha encimada com um desenho repetido em todas as demais lembra a imponência dos motivos talhados em madeira dos quadros de formatura. Impresso também era o nome da aluna e o local de onde era natural.

Também o álbum de fotografias das Alunas Mestras da Escola Complementar Espírito Santo, Bagé, RGS, de 1940, segue esta estrutura, embora omita o local de origem de cada diplomada. Composto de fotos individuais coladas com cantoneiras de papel num álbum que intercala folhas de seda e de cartolina, nele apenas um traço em dourado enfeitava, como moldura, cada fotografia; o nome das formanda, em tinta branca, era assinado em cada fotografia. Este álbum chama a atenção por seu caráter artesanal. O Civismo está impresso na capa do mesmo que porta, em cores, o brasão nacional.

O álbum da Escola de Educação da Universidade do Distrito Federal, professoras de 1937, tem as seis primeiras páginas destinadas a paraninfo e homenageados (incluindo professores(as) do curso) seguido de fotos das alunas identificadas pelo nome e terra natal.

É de se supor que tivessem sido confeccionados tantos álbuns quantas fossem as alunas formadas em cada turma. O álbum equivalia, em imagens a um quadro de formatura, mas cada formanda poderia levar o seu para casa e vê-lo, relembrando a formatura e as colegas, sem se deslocar para a escola, como teria que ser feito no caso do quadro de formatura.

A produção em série desqualificava a reprodução que perdia em imponência e poder simbólico. Os primeiros álbuns de fotografia de formatura eram documentos que representavam a turma e a festividade da formatura mas demarcaram o início de um processo definitivo de descaracterização de ruptura da pertença do grupo de diplomados em relação à escola. Os álbuns inauguram a passagem das memórias de formatura para o âmbito do privado. É como se as lembranças daquele momento deixassem de ser possuídas pelas escolas, que mesmo tendo diplomado as alunas, na forma de quadro as mantinha sob seu teto, passando, quando álbum, do âmbito da história da instituição escolar para o âmbito das memórias pessoais.

Os quadros de formatura tinham um efeito instituinte marcante no perfil de formação tanto é que uma foto do Colégio São José registra um grupo de alunas sendo

fotografadas com quadros de formatura de turmas anteriores nas mãos. Este simbolismo não teria a mesma profundidade no caso de álbuns de fotografias.

O destaque aqui referido aos álbuns de fotografias e a quadros de formatura não significa que "fotografias espontâneas do cotidiano" não compusessem o acervo de recordações das pessoas e portanto de alunas na situação de formatura. Entretanto aqui destaco quadros e álbuns de fotografias referentes a formaturas e conclusão de curso como um fato da história institucional. Fotografias do conjunto de alunas no salão no momento de formatura, ou recebendo o diploma, na dinâmica da cerimônia, ou com seus familiares após o evento, existem e são um contraponto, para este estudo, pela abordagem particularizada do evento de formatura que propiciam.

Final século XX: livros, quadros e vídeos como registro da conclusão do curso

Atualmente há colégios em que as turmas de formandos se organizam e produzem recordações materiais para virarem monumento e marcarem a despedida como grupo. É o caso dos vídeos e *Livros de formandos*[4]. Estes livros são um tipo de revista compostos de fotografias individuais e em grupos da turma de concluintes, tiradas informalmente e em vários momentos de convivência. A facilidade da fotografia digital torna os álbuns que marcam as formaturas dos dias de hoje documentos ordinários na aparência, facilmente confundíveis com revistas de mercado. Não registram paraninfos, mas todos os professores que lecionaram para o grupo. Vídeos e livros apreendem elementos idiossincráticos da turma e de cada aluno, registrando-os. Estes livros marcam também um deslocamento progressivo da articulação dos alunos para com a instituição escolar, revelando a prevalência da sociabilidade que desenvolvem entre si na escola em comparação com símbolos e elementos institucionais. O que os jovens levam de recordação hoje da vida escolar é sua convivência e amizade.

Retomando a primeira citação de Flusser que introduziu este texto, " Não é a ´determinadas´ fotografias que estamos habituados. Trata-se de um novo hábito: o universo fotográfico habitua-nos ao ´progresso´" (1998, p.82). Embora os quadros de formatura possam ainda estar em uso, especialmente para comemorar a conclusão de cursos de graduação mais disputados, seu impacto estático e identitário é diferente dos lavrados em

4 Organizamos um quadro detalhando as informações destes Livros de formandos do Colégio Anchieta (tamanho, conteúdo, colorido, símbolos do colégio).

madeira do inicio do século XX, não pelo suporte, mas especialmente pelo " novo hábito de progresso". Uma análise mais aprofundada deverá ser feita proximamente.

Referências

CUNHA, Maria Teresa S. Centelha de Idealismo: *ser professora* nos discursos de formatura do Curso Normal. IN: SCHEIBE, Leda,.DAROS, Maria das Dores (org.) **Formação de professores em Santa Catarina**. Florianópolis: NUP/CED, 2002. p. 71 – 91.

CHAMON, Carla Simona. **Festejos imperiais**: festas cívicas em Minas Gerais (1815 – 1845). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

EGGERS, José Carlos. **Sociedade Orpheu**. São Leopoldo: Sociedade Orpheu, 1998.

FLUSSER, Vilém. **Fotografia: para uma filosofia da técnica.** Lisboa: Relógio D'Agua, 1998.

GREIMAS, A . Julien, COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**.São Paulo: Cultrix,1979

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

MCLAREN, Peter. **Rituais na Escola.** Petrópolis: Vozes, 1991.

NASCIMENTO, Carla D'Lourdes do, DANIEL, Leziany Silveira. Instituto de Educação de Florianópolis e os Intelectuais Catarinenses na década de 40. IN: SCHEIBE, Leda e DAROS, Maria das Dores (org.) **Formação de professores em Santa Catarina**. Florianópolis: NUP/CED, 2002. p. 53 – 70.

PAULO, João Carlos. Imagens e história da educação: propostas de reflexão teórica e metodológica. IN: MAGALHÃES, Justino (org). **Fazer e ensinar história da educação**. Braga, PT: Universidade do Minho, 1998. p. 121 – 146.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. IN: BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 319 – 342.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. IN: LOMBARDI, José Claudinei, NASCIMENTO, Maria Isabel (org). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 3 – 12.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena M.B., COSTA, Vanda R. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

VENTURIN, Teresinha. **Formação religiosa para o século XXI:** freira, mulher, cidadã. Petrópolis: Vozes, 2001.

WERLE, Flávia O C. Historia das instituições escolares: de que se fala? IN: LOMBARDI, José Claudinei, NASCIMENTO, Maria Isabel (org). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 13 – 35.

8.5 – Jornal O Acadêmico, Centro Acadêmico José Boiteux, da Academia de Comércio de Santa Catarina, Ano I, n. 2, de 28 de setembro de 1945, capa; e Edição n. 4, de 13 de dezembro de 1945, páginas 2, 7 e 8.

Disponível em: http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/. Acessado em: 01 nov 2019.

NO BRASIL, A POLITICA ECONOMICO-FINANCEIRA ESTA SENDO CONDUZIDA COM O PROPOSITO DE CORRIGIR E DE ACERTAR, SEM PRECONCEITOS DOUTRINÁRIOS, SEM INTRANSIGENCIAS TEORICAS, SUSCETIVEIS DE FALSEAR A REALIDADE DOS FATOS E DE DESFIGURAR AS NECESSIDADES EMERGENTES

O Académico

REDATORES

Diretor: OSMAR CUNHA — Gerente: EUCLIDES FERNANDES

ANO — FLORIANÓPOLIS, 30 DE SETEMBRO DE 1943 — No. 2

O Curso de Contador no corrente ano

OS NOVOS SÍMBOLOS DOS BACHARÉIS EM CIENCIAS ECONOMICAS

O COOPERATIVISMO

DIA DA IMPRENSA

PALAVRAS QUE ANIMAM

A circulação do papel-moeda

Acervo Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

Assim falou BATISTA PEREIRA, Presidente da A.C.I.

"O "Académico" é um jornal muito bem feito. Otima colaboraçã , caprichosa distribuição da matéria, o orgão dos estudantes da Academia de Comércio é, a meu ver, o melhor de quantos jornais escolares já apareceram no nosso meio. — J. Batista Pereira".

Dr. Wilson Andriani

Dr. Ivo Reis Montenegro

Dr. Mario Laurindo

Dr. Ruben Lyra

Dr. Ernesto Alberto Riggenbach

Dr. Luiz Eugênio Beirão

Dr. José Vieira Dutra

Dr. Nestor Carneiro

Dr. Theobaldo Ulisses Teixeira

Dr. Celio Ferrari

Dr. Oscar Zommer

Dr. Elias Mansur Elias

O Convite dos Bacharéis em Ciências econômicas

Acervo Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

PAINÉIS DE FORMATURA DO ACERVO DO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: patrimônio histórico cultural do estado

A Brilhante Turma de Contadores de 1945

A Academia de Comercio de Santa Catarina é um estabelecimento vitorioso pela multiplicidade de suas realizações.

O Curso de Contador, do educandario tão brilhantemente dirigido pelo professor Fernando Machado Vieira é conhecido e respeitado em todo o país, tendo fornecido um grande contingente de técnicos de escritorio que na industria, no comercio e nas funções publicas tanto honra dando de seus conhecimentos, intervenção e apoio de seus chefes e a administração de seus cofres.

* * *

Os contadorandos de 1945 constituem uma turma brilhante, das mais lucidas que já tiveram a nossa Academia de Comercio.

Maria da Conceição Melo

Estudiosos das ciencias contabeis, ciencias de seus deveres, a turma mais numerosa de quantas já se formaram nesta capital, enriqueceu a grande classe dos contadores. Orgulhara-se sem pares!

* * *

Nada menos que sessenta e um moços colarão grau no dia 23 do corrente.

Entre eles, em sua maioria, vencedores, vamos rapazes que trabalham já, em sua profissão, funcionários, comerciantes e comerciarios, funcionários federais e estaduais, estudando, todos, a seriedade de seus estudos, a consciencia de seus conhecimentos que serão imediatamente aplicados em proveito e a serviço de nossa grande Pátria.

* * *

"O Acadêmico", a portavoz dos estudantes de comercio em Santa Catarina regista, com jubilo e grande folo e congratula-se com a satisfação que vai n'alma de todos eles.

"O Acadêmico" se associa a ilustre brilhante das contadorandos de 1945 porque viveu com eles em todos os instantes.

* * *

São os seguintes os contadorandos de 1945:

Acacio Garibaldi S. Thiago, Aida Afonso Vieira, Alcy Rodrigues de Araujo, Alfredo Bonet, Aline Ulyssea Nicolazzi, Alvaro Silva Gentil, Anna Rita Cabral Machado, Anacleto Entres, Benta Pereira Oliveira, Constantino Alberino, David Gomes Medonça, Dercio Vermes me Pereira, Dilma Damiani, Donatilio Silva, Elisabeth Ribl, Ely-Maria Silva, Estebes Fernandes, Eunice Oliveira, Florivante João Mesmes, Helio Bern da Silva, Helio Moura, Hugo Wendhausen, Ilmeo da Costa Melim, Ilza Cecilia de Lima, João Makowieck, João Ventura, dos Rodrigues de Araujo, Lea Castro, Lenir Maria Brasil, Magali Renée Lebarbenchin, Maria da Conceição Mello, Maria Luiza Figueiredo Campos, Maria Rosa Cherem, Maryida Carneiro da Cunha Luz, Mauricio Fernandes, Noir Ferrari, Nelcia Bregantini, Nesma de Lourdes Santos, Newton Thiers de Almeida, Neyde Maria Pereira, Oscar Carneiro Filho, Oscar Ferreira, Paulo Mally, Rodolfo Fernando Piola da Luz, Ryno von Mors, Sada Rosfald dos Reis, Silvio Orlando Damiani, Theodecio Alfonso, Tulia Mateo, Victor Santos Alberton, Vylma Moritz, Waldemar Busch, Waldemar Werner, Walter Deutsch, Werner Springmann, Yolnery Campos Garofallo, Yone Moreira de Mello.

Prof. Fernando Machado Diretor da Academia de Comercio de Santa Catarina

Prof. Flávio Ferrari, paraninfo das contadorandas

* * *

Os contadorandos de 1945. Os contadorandos de 1945 homenagearam, merecidamente, os srs. Dr. Luiz Galliotti, interventor catarinense, e o Dr. Nerêu Ramos, eminente homem publico e ex-interventor em nosso Estado.

* * *

E paraninfo da turma o Professor Flávio Ferrari, uma escolha feliz dos contadorandos de 1945.

Flavio Ferrari é um nome de valor na Academia de Comercio de Santa Catarina, e que se inspira pelo seu trabalho, pela sua inteligencia e sua força de vontade.

E orador dos contadorandos de 1945, o sr. Euclides Fernandes, unanimemente escolhido pelos seus colegas.

Estudioso, trabalhador, inteligente, Euclides Fernandes honrara qualquer tarefa, por mais brilhante que seja, trabalhando os seus assuntos.

Orador fluente, de grande eloquencia, retorico, será uma garantia de sucesso eloquente na oração de grau marcada para o dia 23.

* * *

Encerrando a nossa crônica queremos prestar a nossa homenagem expontanea e sincera, aos contadorandos de 1945 e a fineza na pessoa de Maria da Conceição Melo, a primeira da turma.

Inteligencia moça e moderna, a senhorinha Maria da Conceição Melo obteve os louros dos seus colegas.

E, ela, bem o padrão da turma brilhante de 1945 e, por isso mesmo, a escolhemos para simbolo do saber e da boa vontade que coroam, no todo, os contadorandos de 1945.

Euclides Fernandes

REGISTRO E DISTRATO DE FIRMAS

LINDOLFO A. G. PEREIRA

O instrumento do contrato de sociedade deve ser registrado na Junta Comercial do Estado, em que a sociedade tiver a sua sede, e na de cada filial, ou sucursal, se a sociedade as tiver (Cód. arts. 10, n. 2 e 301). Nos Estados, onde não existir Juntas Comerciais, o registro deve ser feito no Registro Geral e de Hipotecas (Registro de Imoveis) da comarca em que a sociedade ou qualquer de suas filiais, ou sucursais, tiver a sua sede (Dec. n. 18.542, de 3 de janeiro de 1923, art. 47). O registro se opera pelo arquivamento, e pode ser requerido por todos ou por qualquer dos socios, dentro em quinze dias sucessivos da data do mesmo instrumento (Cód. Com. art. 10, n. 57). Enquanto não registrado, o instrumento do contrato não terá validade entre os socios, nem contra terceiros (Cód. Com. art. 304, 2º parte), e que, entretanto, não impedira que estes ultimos (terceiros) tenham ação contra todos os socios solidariamente (Cód. Com. arts. 301, 2º parte e 304). A sociedade será, então, considerada irregular, produzindo todos os efeitos que a tais sociedades confere a lei.

Observe-se, por último, que o registro pode ser feito mesmo depois de decorrido o citado prazo de quinze dias, caso em que somente será considerada irregular até o dia em que houver sido feito o registro. As sociedades estipuladas em paises estrangeiros, com estabelecimento no Brasil, são obrigadas a fazer igual arquivamento, antes de iniciarem as suas operações na Republica, nas Juntas Comerciais que, para tal fim, forem competentes.

É permitido aos socios, durante a existencia da sociedade, fazer qualquer alterações ou modificações no respectivo contrato, formando-se necessario, para que elas sejam validas, O consentimento expresso de todos eles provado com instrumento passado e revestido das mesmas formalidades do contrato anterior. Assim, não pode ser considerada como legal a cláusula que atribua a um ou a alguns socios, a faculdade de fazer qualquer alterações ou modificações no contrato de pessoas.

O contrato social, desde que haja acordo unanime dos socios, pode, também ser completado ou integrado, sendo, muitas vezes, o meio mais pratico de se fixarem regras gerais e permanentes, normalizadas na vida social. Em tal caso, o pacto é simplesmente interpretativo, tendo por fim prevenir duvidas futuras.

Podemos determinar ainda o seguinte:

1º) — A prorrogação do prazo de duração, o que somente se admite enquanto existir a sociedade, isto é, enquanto não se acha extinto o prazo fixado e estabelecido no contrato para a sua duração. Terminado que seja dito prazo, a sociedade, como facilmente se compreende, não pode ser prorrogada, e sim — renovada, constituindo, assim, com o desaparecimento da antiga, uma nova sociedade, inteiramente independente daquela. Daí a disposição constante da primeira parte do art. 307 do Codigo Comercial, que diz assim: "Se, expirado o prazo da sociedade celebrada por tempo determinado, esta Ouer de continuar, a sua continuação só poderá provar-se por novo instrumento, passado e legalmente com as mesmas formalidades que o da sua instituição".

2º) — A modificação da firma.

3º) — A mudança da sede social. Se a mudança fôr para outra qualquer parte do territorio nacional, dar-se-á, apenas, uma simples alteração do contrato dos estatutos da sociedade. Se fôr para o estrangeiro, o caso já será diferente, porque haverá mudança do objeto da sociedade, uma vez que esta vai ficar sujeita a lei diversa, o que tambem, por completo, a sua situação juridica.

4º) — A dissolução antecipada. Esta, que é tambem chamada "dissolução convencional" tem lugar, quando os socios, por acordo unanime, anteciparam a epoca em que, segundo o contrato, devia ser dissolvida a sociedade, verificando-se, assim, a revogação ou alteração de uma das cláusulas do mesmo contrato. Ha ainda outras alterações, como admissão de novos socios, retirada de outros, exclusão e outras obrigações ou inovações contratuais.

É preciso notar que as obrigações dos socios, nas sociedades, quando comerciais, começam da data do contrato, ou da epoca designada no respectivo contrato, e acabam depois que, dissolvida a sociedade, se acham satisfeitas e extintas todas as responsabilidades sociais (Cód. Com. art. 329). O Código Civil, no seu art. 1.375, contém igual disposição. Qualquer pacto ou cláusula em contrario a êste preceito não tem valor relativamente a terceiros. A pessoa ou pessoas que empreitarem o seu nome como socio, ainda que não tenham interesses nos lucros da sociedade serão responsáveis por todas as obrigações da mesma sociedade, que forem contraidas debaixo de firma social, com ação regressiva contra os socios, mas não responderão a estes por ao e danos (Cód. Com. art. 306).

Deve-se ler em vista, ao que fica às responsabilidades sociais, que se excluem, com ampla razão, aquelas, decorrentes dos impostos devidos à fazenda, ou de quaisquer obrigações para com os cofres públicos. De todo o enunciado, deduz-se:

a) — Se, para os atos constitutivos de uma sociedade, houve-se imprescindivel o "registro" para se obter o caráter de pessoalidade da entidade, da sua existencia jurídica, é certo que, para serem devidas essas obrigações, se torna ainda necessario o respectivo distrato.

b) — Se, para existencia e obrigatoriedade dessa entidade, é necessario o "registro" e se se cuida o seu prazo da data do arquivamento de seus atos, é natural que, para o distrato, não o, para a validade contra terceiros, se conte o prazo a partir da data do arquivamento desse mesmo distrato.

(Continua na outra folha)

O desenvolvimento das vias fluviais brasileiras

Os metodos recentemente aperfeiçoados e a experiencia conquistada pela industria de construções navais dos Estados Unidos poderão construir uma frota poderosa no desenvolvimento do transporte fluvial do Brasil, segundo relata um artigo de Maurice Gilmore, que aparece no "Foreign Commerce Weekly", publicação do Departamento de Comercio.

Pondo em relevo a parte desempenhada pelas vias fluviais brasileiras, como sistema de comunicações internas, o articulista salienta que o governo do Brasil tem-se mostrado liberalissimo na manutenção e melhoria dessa navegação fluvial, conforme evidencia o numero de projetos que estabeleceu. Em tais melhoramentos se salvou outra grande oportunidade para a cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos, cooperação essa que poderá levar a um campo de ação tão vasto quanto o alcance das suas arterias comerciais. "O Brasil" — acrescenta — somente por meio de suas vias fluviais poderá proporcionar à industria norte-americana todo o campo de ação gigantesco ainda inexplorado e, em troca, beneficiar-se-á com tal colaboração".

O articulista prossegue dizendo que muitos grandes rios — mesmo — americanos

Acervo Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

Os Primeiros Economistas de Santa Catarina

Coroa-se o sonho das idealistas de nossa terra — Criação do Curso Superior de Administração e Finanças!

Fins de 1943. Uma grande campanha na Academia. Os professores se reunem, discutem acaloradamente as vantagens e desvantagens. O projeto é votado à Congregação da Academia.

E o Curso Superior de Administração e Finanças, na Faculdade de Ciências Econômicas, de Santa Catarina, se torna uma realidade.

Em 1945 se instala, em finalização federal, o referido Curso Superior.

E aí está a primeira turma de Bacharéis em Ciências Econômicas, pronta para levar avante em nosso Estado, nos serviços públicos, nas industrias e no comercio, a aplicação dos mais modernos principios que regem a economia, mola propulsora do bem estar coletivo.

Conhecemos precisamente de todas dificuldades encontradas, nos seus concursos e comissões, os nossos doutorandos estão aptos para aplicarem a sua inteligencia no bem estar coletivo, tal desenvolvimento da nação.

* * *

Os nossos bacharéis, hoje normalistas, conferiram a sua formatura.

Estão em festas!

"O Acadêmico" se associa à alegria desse grande dia e, despedindo a elevar bem alto o nome do Brasil!

* * *

A primeira turma de Economistas catarinenses homenageou a duas figuras de grande relêvo: o dr. Luiz Galliotti e o dr. Nerêu Ramos.

O dr. Luiz Galliotti ocupa, no momento, o interventoria Federal dum Estado, tem prestigiado os doutorandos de 1945 e com justiça, foi homenageado.

O dr. Nerêu Ramos é o grande amigo da Academia de Finanças. Sempre esteve com ela. Acompanhou todos os momentos felizes e os acontecimentos tristes e solidarizou-se. O grande estadista, o notavel administrador se tornou credor da admiração dos doutorandos de Santa Catarina que assim, estão correspondendo à sua confiança.

* * *

Os economistas catarinenses prestaram, também, merecida homenagem aos seus professores, mestres e orientadores, tão nossos devotados amigos do comercio, do tesouro de finanças, educadores que lançaram uma geração consciente e progressista.

* * *

Os primeiros bacharéis de Santa Catarina não esquecem de saber, dedicam à sua Alma pela mulher "de antes por melhor".

Eles merecem, pois trabalharam de modo que fazem o seu nome. Eles merecem a merecidade gratidão. Eles merecem porque devem vencer! O Brasil e Santa o aguarda!

* * *

São os seguintes os primeiros economistas de Santa Catarina: Abeo Cabral Neves, Alfredo Pinheiro, Celso Ferrari, Cristovão Nunes Pires, Desiderio de Melo Klas Manoel Elias, Ernesto Alberto Riggenbach, Ivo Blat Montenegro, José Vieira Dutra, Luiz Eugenio Bellan, Hela Fanny Kather, Mario Leonardo, Nestor Carneiro Cabral, Procopio Dario Ouriques, Rubens Lyra, Theodolio Ulisses Teixeira, Walter Koenzer e Wilson Schutel. A todos eles as felicitações de "O Acadêmico".

Professor Orlando Brasil

A primeira turma de Economistas em Ciencias Economicas de Santa Catarina não poderia ter escolhido outro paraninfo.

O professor Orlando Brasil foi, e especialmente batalhador intemerato, a ele se deve a grande parte do ideal coletivo da Academia de Comercio de Santa Catarina, onde é professor de todas as cadeiras.

E são esses atributos e mais muito e muitos, dos catarinenses.

Conhecedor profundo das diversas finanças em representado Santa Catarina em todos representantes ao governo.

Contador geral do Estado e Secretario da Fazenda ao governo Nereu Ramos. Candidato à Camara Federal foi substituido pela vontade soberana deste, e, em troca, beneficiado com tal colocação.

O articulista prossegue dizendo que muitos grandes — mesmo — americanos

Dr. Osmar Cunha

Contador e Gerente Financeiro, diplomado em ciencias e letras.

Fundou varios institutos de ensino comercial.

Foi membro fundador da Academia de Comercio de Santa Catarina.

Em 1937 ingressou no Curso Superior de Administração e Finanças.

É contador, professor catedratico, advogado e consultor e técnico.

É tesoureiro do Banco de Brasil, nesta capital.

Dra. Hela Fanny Kather

A primeira bacharela em Ciencias Economicas de Santa Catarina.

Professora de Estatistica e Finanças.

Foi uma das fundadoras do Centro Acadêmico "Oscar Rousseff" e do Diretorio Acadêmico "Celso Ramos".

Foi uma das fundadoras do Centro Acadêmico "Oscar Rousseff" e do Diretorio Acadêmico "Celso Ramos".

Dr. Alfredo Pinheiro

Bacharelou-se em ciencias e letras pelo Ateneu Catarinense. Lecionou ultimamente pelo Estado, no curso de Contador do Ateneu Catarinense, professor catedratico de Finanças.

Em 1945 ingressou no Curso Superior de Administração e Finanças.

Exerce cargo de chefe da Secção de Rendas e A. C. Contagem e Orçamento e outros cargos na Fazenda do Estado.

Dr. Cristovão Pires

Foi vice-cônsul honorário do Paraguai e exerceu cargo de professor catedratico em varios estabelecimentos de ensino.

Bacharelou-se em ciencias e letras pelo Ateneu Catarinense, professor catedratico pelo Curso de Contador do Ateneu Catarinense.

Em 1945 ingressou no Curso Superior de Administração e Finanças.

É fiscal do Imposto de Consumo e Telegrafos.

As palavras do professor Orlando Brasil

O professor Orlando Brasil falou assim: "Será um dos momentos mais gratos de minha vida a hora de formatura da Primeira turma de Bacharéis em Ciências Econômicas.

Fui e serei sempre um entusiasta das ciencias economicas e financeiras e, na minha qualidade de professor, posso afirmar que o Estado de Santa Catarina terá orgulho desses moços de fé e de boa vontade".

Dr. Aécio Cabral Neves

Foi o curso ginasial no Ginasio Catarinense. Formou-se contador pela Academia de Comercio de Santa Catarina, ingressando depois no Curso Superior de Administração e Finanças.

Atualmente ocupa os lugares de fiscal da contabilidade do S. A. Colonial Nacional, que dos mais conceituados, desta capital.

Dr. Procópio Dario Ouriques

Cursou o Ginasio Catarinense, formou-se contador pela Academia de Comercio de Santa Catarina, ingressando depois no Curso Superior de Administração e Finanças.

Em 1945 ingressou no Curso Superior de Administração e Finanças.

É fiscal do Imposto de Consumo e Telegrafos.

Dr. Paulo Scheidemantel

Cursou o Ginasio Catarinense, formou-se contador pela Academia de Comercio de Santa Catarina, ingressando depois no Curso Superior de Administração e Finanças.

Em 1945 ingressou no Curso Superior de Administração e Finanças.

É fiscal do Imposto de Consumo e Telegrafos.

Dr. Walter Kuenzer

Bacharelou-se em ciencias e letras pela Ateneu Catarinense.

Diplomou-se contador pelo Instituto de Comercio de Santa Catarina.

Em 1945 ingressou no Curso Superior de Administração e Finanças.

É tesoureiro do Banco do Brasil S. A., desta capital.

Dr. Dioscórides de Melo

Foi no extinto Tiro-Brasileiro e Capitão, no Academia de Comercio de Santa Catarina.

Em 1945 ingressou no Curso Superior de Administração e Finanças.

Acervo Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

PAINÉIS DE FORMATURA DO ACERVO DO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: patrimônio histórico cultural do estado

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Lourival Pereira. **A evolução dos cursos de contabilidade em Santa Catarina**. CRCSC, Florianópolis, 1ª ed. 1999. 84p.

COELHO JUNIOR, Nelson Maurílio e CUNHA, Maria Teresa. Os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus (1922 -1929): contribuições para o estudo da História da Educação em Santa Catarina. **Acervos para História da Educação** – v. 29, n. 44 (Jun/2016) – ISSN 2175-0173 DO CEOM Revista on-line. Disponível em < http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2979>. Acesso em 22 jun.2019

COELHO JUNIOR, Nelson Maurílio. O elo de veneração: o velho e o novo nos quadros de formatura. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 122 – 151, jan./abr. 2015. Disponível em < http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/198472381630201512 2>. Acesso em 20 mai.2019

_____. **Relicários de um tempo: os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus 1922-1929 (contribuições para o estudo da história da educação em Santa Catarina)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006d/00006dc0.pdf. Acesso em: 26 jul. 2019.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FARIA, Juliano Espezim Soares; SANTOS, Ademir Valdir dos; VALLE, Ione Ribeiro. A Matemática como disciplina da Academia de Comércio de Santa Catarina. **Alexandria**, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 3-21, nov. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/viewFile/38213/29117. Acesso em: 26 jul. 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

MARQUES, Wagner Luiz. **Contabilidade Geral I – Segundo a Lei 11638/2007 das Sociedades Anônimas - Passo a Passo da Contabilidade**. Gráfica Vera Cruz. Cianorte – Paraná e http://books.google.com.br. 2010. Postado no google em Novembro de 2010.

MÜLLER, Glaucia Regina Ramos. **A influência do urbanismo sanitarista na transformação do espaço urbano em Florianópolis**. Florianópolis, 2002. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia.

PETRY, Eduardo. Academia de Comércio de Santa Catarina. In: PETRY, Eduardo. Blog **Santa Catarina antiga**, [s.l.], 30 maio 2013. Disponível em: http://santacatarinaantiga.blogspot.com.br/2013/05/academia-de-comercio-de-santacatarina.html. Acesso em: 26 jul. 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

ROMANOWSKI, Luiz Roberto e PINTO, Neuza Bertoni. Os primeiros cursos superiores de ciências contábeis no Brasil. **Revista Intersaberes**. V. 9, n especial, jul/dez.2014. P. 499-515. Disponível em: https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/844. Acesso em 18 out. 2019.

ROSA, Sandra Regina Coelho da e BRITTO, Rosangela Marques de. Coleção quadros de formatura do Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA): um estudo pelo processo da documentação para acervos museológicos. **3 Seminário Brasileiro de Museologia. SEBRAMUS.** 2017. Disponível em < http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/3sebramus/3Sebramus/paper/view/758>. Acesso em 22 set.2019.

Sacramento, José Antônio de Avila. **Quadro de formatura, ano de 1948, Colégio N. Sra. das Dores, S. João del-Rei – MG.** Disponível em < http://www.patriamineira.com.br/imprimir_noticia.php?id_noticia=1829> Acesso em 29 jul.2019.

SANSON, João Rogério; NICOLAU, José Antônio. Do ensino de técnicas comerciais ao ensino de economia em Santa Catarina. **Análise: Revista de Administração da PUCRS**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 297-312, jul./dez. 2006. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/311/248. Acesso em: 26 jul. 2019.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 152-178.

VIEIRA, Amazile de Hollanda. **O Instituto Polytechnico no contexto sócio-cultural catarinense**. Florianópolis: A&P, 1986.

WERLE, Flavia Obino Corrêa. Ancorando quadros de formatura na história institucional. In: Reunião anual da Anped, 28., 2005, Caxambu. Anais [...]. **Caxambu: ANPED, 2006**. Disponível em:< http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02-322-int_ok.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2019.

_____. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, José Claudinei, NASCIMENTO, Maria Isabel (org.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 13-35.

WEBGRAFIA

Atas das reuniões da comissão nacional convidada para a seleção final das ações concorrentes ao prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade - edição 30ª edição 2017 e edição 31ª edição 2018 .

ClicRBS: Galópolis: uma formatura de corte e costura em 1953, 23 de dezembro de 2015 Disponível em < http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/12/23/galopolis-uma-formatura-de-corte-e-costura-em-1953/?topo=35,1,1,,,35> Acesso em 30 out. 2019

CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS (Florianópolis). Universidade Federal de Santa Catarina. Histórico. [201-]. Disponível em: http://ccj.ufsc.br/historico/. Acesso em: 30 jul. 2019.

Curiosidades sobre os símbolos. Disponível em <https://www.crcpr.org.br/new/content/curiosidades/index.php>. Acesso em 22 mai. 2019

Lei das Doze Tábuas. Disponível em <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=bibliotecaConsultaProdutoBibliotecaSimboloJustica&pagina=tabuas> Acesso em 28 nov 2019.

Jornal O Acadêmico, Centro Acadêmico José Boiteux, da Academia de Comércio de Santa Catarina, Ano I, n. 2, de 28 de setembro de 1945, capa; e Edição n. 4, de 13 de dezembro de 1945, páginas 2, 7 e 8. Disponíveis em: http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/. Acessado em: 01 nov 2019.

MARQUES, Wagner Luiz. Contabilidade Geral I – Segundo a Lei 11638/2007 das Sociedades Anônimas – passo a passo da contabilidade. Gráfica Vera Cruz. Cianorte – Paraná e http://books.google.com.br. 2010. Postado no google em Novembro de 2010.

Museu Histórico da Universidade Federal de Viçosa. Quadros de Formandos da ESAV. Registro. Disponível em <http://www.museuhistorico.ufv.br/?page_id=323>. Acesso em 22 out. 2019

Museu Histórico da Universidade Federal de Viçosa. Quadros de Formandos da ESAV. Mapa de Localização dos quadros no Museu. Disponível em <http://www.museuhistorico.ufv.br/?page_id=323>. Acesso em 22 out. 2019.

Símbolos dos economistas> Disponível em <https://www.coreconpr.gov.br/economista/simbolos-do-economista/>. Acesso em 22 mai.2019 e < http://www.corecon-am.org.br/site/pagina/50/ >. Acesso em 22 mai.2019.

Endereço:
Rua Saldanha Marinho, 196
Centro – Florianópolis – SC
CEP 88010-450

Horário de Funcionamento:
Segunda a Sexta das 13h às 19h.
Sábados das 10h às 16h.

Horários excepcionais sob agendamento.

Entrada gratuita.

telefones: (48) 36648110 – (48) 36648113
e-mail: museudaescola@udesc.br
http://www1.udesc.br/museudaescola